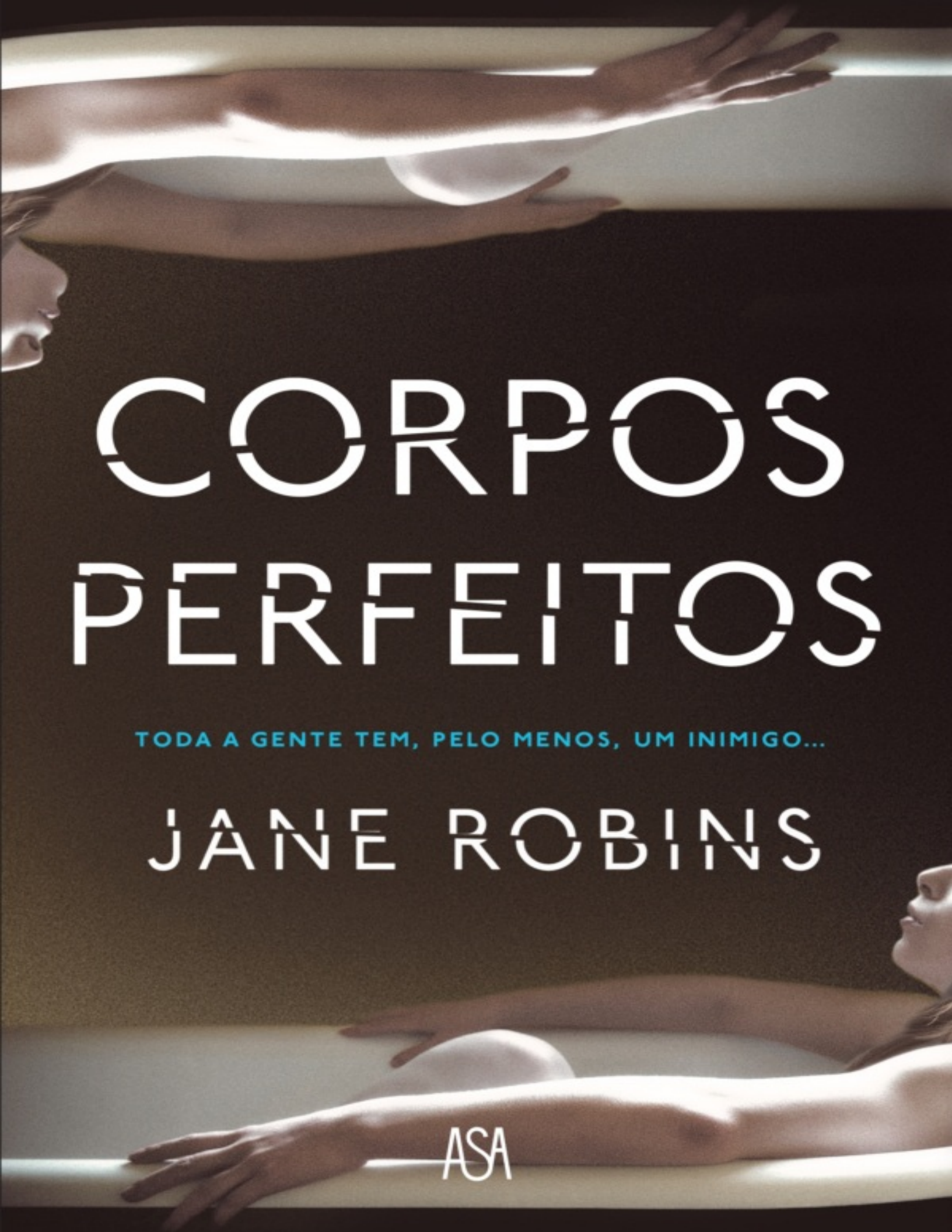




CORPOS PERFEITOS

TODA A GENTE TEM, PELO MENOS, UM INIMIGO...

JANE ROBINS

ASA



Ficha Técnica

Título: CORPOS PERFEITOS
Título original: WHITE BODIES
Autor: Jane Robins
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Raquel Dutra Lopes
Capa: Kirsten Haff
Imagem da capa: Derek Adams / Arcangel Images
ISBN: 9789892340661

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdoba, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2017, Jane Robins
© 2017, Edições ASA II, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
edicoes@asa.pt
www.asa.leya.com
www.leya.pt

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

JANE ROBINS

CORPOS PERFEITOS

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR
RAQUEL DUTRA LOPES*

Para a Carol

OUTONO DE 2017

Tudo indica que o Felix tomou um duche. Para além disso, praticamente nada sei acerca das últimas horas que passou neste mundo. Tudo o que tenho é uma ou outra informação e as impressões vagas de testemunhas – e é como se estivesse no teatro, a olhar para o palco e a ver apenas o elenco secundário, o cenário e a disposição das sombras. Faltam todos os elementos importantes. Não há atores principais, direcções de cena ou guião.

A rececionista disse o seguinte: que a última manhã do Felix foi fresca e fria, que havia geada no relvado diante do hotel e uma névoa ao longe, onde ficam os bosques. Ela viu o Felix sair a correr do hotel, descer pelo acesso de gravilha e virar à esquerda no portão. «Eu estava a chegar ao trabalho e gritei-lhe: ‘Bom dia!’», disse ela. «Mas ele não respondeu; limitou-se a continuar a correr.»

Quarenta minutos depois, estava de volta, de cabeça baixa para recuperar o fôlego, ofegante e a suar. Endireitou-se e, reparando então na rececionista, disse que tinha ido a correr até ao campo de golfe, que o contornara e percorrera o longo caminho pelo bosque de volta ao hotel. Achava que o sol que ia espreitando por entre as árvores tinha estado mágico, como se a vida estivesse apenas a começar (que extraordinário ter dito algo assim!). Depois subiu as escadas até ao seu quarto, dois degraus de cada vez.

Não desceu para tomar o pequeno-almoço, nem pediu que lhe fosse levada alguma coisa, nem sequer o pequeno-almoço continental que estava incluído na diária do quarto. O colega, Julio, disse ter ficado surpreendido quando o Felix faltou à primeira sessão da conferência. No intervalo a meio da manhã, levou-lhe uma chávena de café e um bolo até ao quarto, mas encontrou o sinal de *Não Incomodar* pendurado na maçaneta da porta. Pensou que o Felix não se sentiria bem, que talvez estivesse a dormir, pelo que bebeu ele o café e comeu o bolo. «Demos pela falta dele ao almoço», declarou, «e de novo na sessão da tarde. Às três da tarde eu já lhe tinha ligado várias vezes, mas as minhas chamadas iam diretas para o gravador de mensagens». O Julio teve um mau pressentimento. Era tão pouco típico do

Felix falhar um compromisso que ele tornou a subir as escadas para bater à porta e, não obtendo resposta, chamou o gerente do hotel, que chegou com uma chave.

Os dois homens ficaram impressionados com a quietude artificial do quarto, o seu ar de irreabilidade; o Julio disse que parecia ter sido considerado, ou planeado, como um *tableau vivant* com o Felix como peça central, deitado de barriga para cima na cama, numa estranha pose de *ballet*, o braço direito estendido sobre a colcha, a perna esquerda dobrada, o roupão de banho aberto como uma capa, os olhos cinzentos a fitarem o teto. O braço esquerdo estava caído sobre o lado da cama, com os dedos suspensos sobre o chão, e o gerente do hotel, que era licenciado em História da Arte, lembrou-se do quadro pré-rafaelita do suicídio de Thomas Chatterton. Só que aquilo não parecia um suicídio; não havia frascos de comprimidos, lâminas ou outros sinais.

A Dra. Patel chegou e a rececionista ficou à porta enquanto a médica efetuava o exame. O seu parecer profissional foi que o Felix tivera um ataque cardíaco ou alguma espécie de síncope depois da corrida da manhã. Foi-se embora e foi então que a rececionista tirou algumas fotografias ao Felix e ao quarto – a mesa de cabeceira, a casa de banho impecável, a porta do duche aberta, a vista da janela e, por fim, o tabuleiro de boas-vindas, intocado. «Sei que parece esquisito», justificou-se. «Mas pareceu-me a coisa certa a fazer, registar o momento.» Talvez ela tenha julgado que as suas fotografias poderiam vir a ser importantes, que viriam a sugerir que algo naquela cena estava mal. Mas mais ninguém teve essa impressão. Quando os resultados da autópsia chegaram, confirmaram o parecer da Dra. Patel – a morte do Felix devera-se a doença cardíaca.

Tão simples quanto isso: ele tinha colapsado e morrido – e, durante algum tempo, até parecia que tinha simplesmente desaparecido. O mundo passara por ele como uma maré a avançar.

Mas depois realizou-se o funeral. Saí de Londres nesse dia para chegar a uma bonita aldeia de Berkshire com uma igreja normanda entre lajes e folhas acobreadas sopradas pelo vento. Quando a vi, ocorreu-me que o Felix, nascido e criado na América, estava a ter um momento final muito britânico, embora os enlutados que iam chegando em pequenos grupos solenes refletissem a sua vida internacional. Homens sólidos em fatos de bom corte; mulheres frágeis e elegantes de saltos altos. Observei-os de

longe – na verdade, a partir de um banco partido encostado à parede do adro da igreja, onde estava a tentar acalmar-me. Por fim, esgueirei-me para dentro da igreja e fiquei ao fundo.

A minha irmã, a Tilda, era a pessoa em destaque, e caminhou lentamente pelo corredor da igreja como uma noiva melancólica. Esforcei-me, esforcei-me mesmo muito por tentar perceber o que lhe iria na cabeça naquele momento, e cheguei a um conjunto espetacular de emoções – desde mágoa e perda profundas a libertação e alívio arrebatadores. Mas nada me parecia bem. Como sempre, achei-a confusa e vi-me reduzida a reparar nas roupas caras que ela trazia. O vestido preto de seda, o casaco feito à medida, que sem dúvida custara mil libras, ou mais. E observei-a a ocupar um lugar no banco vazio da frente. À sua direita, em frente ao altar, estava o caixão do Felix, debaixo de uma cascata de lírios brancos; e, à esquerda, num suporte de madeira, uma foto gigante do seu rosto sorridente. Uns minutos depois, os pais do Felix sentaram-se ao lado da Tilda, seguindo-se o irmão, o Lucas. Cumprimentaram a minha irmã com acenos ligeiríssimos de cabeça; ela mantinha-se perfeitamente imóvel, fitando o chão.

O primeiro hino foi uma versão fraca de «O Senhor é o meu pastor» – mas eu percebi que não conseguia cantar. Em vez disso, encostei-me à parede das traseiras, a sentir-me débil e nauseada, assoberbada pela ocasião. Não que estivesse a chorar a morte do Felix, se bem que ver a sua família curvada e enlutada fosse perturbador. Era mais uma questão de estar maldisposta por saber demasiado. No dia da sua morte, eu tinha esperado que a Polícia aparecesse no meu apartamento ou na livraria. Foi igual na manhã da autópsia. E então, no funeral, parecia-me garantido que haveria agentes policiais à minha espera fora da igreja, a baterem com os pés para os aquecer, a fumarem um cigarro ilícito às escondidas, e que, assim que eu saísse da penumbra para o sol outonal, ouviria o meu nome. Callie Farrow? Será que pode dispensar-nos um minuto?

PRIMAVERA DE 2017

1

Os ramos do lado de fora da minha janela são finos e sem folhas e a Tilda, que se encontra com um ar débil no outro lado do quarto, diz:

– Como é que aguentas? Aqueles dedos partidos todos a baterem-te no vidro. – Está a abrir a porta, já de saída. – Seja como for, quero que venhas ao apartamento da Curzon Street logo à noite. Vou encomendar comida tailandesa e um DVD. *O Desconhecido do Norte-Expresso*. É do Alfred Hitchcock.

– Eu sei.

– Vem por volta das oito. Vai lá estar uma pessoa que quero que conheças.

O convite parece inócuo, mas não é. Para começar, a Tilda vem sempre ao *meu* apartamento nas noites de ver filmes. Para além disso, é inédito apresentar-me amigos seus. Na verdade, raramente fala deles, sequer. Só sei o nome de duas amigas dela, raparigas que conhece desde criança, a Paige Mooney e a Kimberley Dwyer. Muito me surpreenderia se ela as visse mais do que uma vez por ano, pelo que fico curiosa e quase pergunto «Quem?», mas ela já vai a sair enquanto fala e desaparece pelas escadas do prédio abaixo.

*

Na Curzon Street, tenho a minha garrafa de sidra na mão, sabendo perfeitamente que a Tilda não beberá sidra. E trouxe *brownies*.

Ela está à espera no primeiro andar, à porta do seu apartamento. Depois cumprimenta-me com um entusiasmo atípico, dá-me beijos nas faces e exclama animadamente:

– Callie!

Atrás dela, na cozinha, está um homem alto e de cabelo claro, com as mangas arregaçadas, ocupado com coisas nos armários. Vem cumprimentar-

me, estendendo uma mão magra e, pela sua postura, pela forma como habita tão firmemente o seu espaço, apercebo-me de que está habituado a estar aqui. A Tilda fita-o com um ar possessivo, observando-lhe o cabelo, os ombros, os antebraços nus. Diz:

– Callie, este é o Felix. O Felix Nordberg.

– Vou abrir uma garrafa de vinho branco – anuncia ele. – Queres um copo?

– Não, fico-me pela sidra.

Mostro-lhes a garrafa de *Strongbow* e levo-a até à bancada da cozinha, enquanto penso que o Felix parece ter as coisas sob controlo. A cozinha, o vinho. Depois ele começa a fazer-me perguntas cordiais numa voz suave e endinheirada que me faz pensar em iates enormes e ilhas privadas. Onde é que eu vivo? Será que gosto do meu trabalho na livraria? Pergunto-lhe pelo seu trabalho, que é para um fundo de capital de risco de Mayfair.

– Nem sequer sei o que isso significa. Só que é uma espécie de apostas.

Ele ri-se.

– Tens razão, Callie. Mas os nossos clientes preferem chamar-lhe investir, por isso fazemos-lhes a vontade.

Pressinto que é isso que ele também está a fazer comigo e observo-o a servir as nossas bebidas com precisão, examinando o rótulo de um *Chablis* francês, verificando que o vinho chega ao nível perfeito no copo. E tem cuidado com a minha sidra, tratando-a como um néctar precioso, embora venha numa garrafa de plástico com um autocolante gigantesco e vermelho a dizer £3.30. Passa um copo à Tilda e ela dirige-lhe um meio sorriso quando as mãos de ambos se tocam. Depois o Felix volta a ocupar-se dos armários da cozinha, de onde tira pratos e tigelas, limpando-os com um pano e organizando-os em pilhas ao mesmo tempo que me explica como se faz uma venda a descoberto.

– Pensa na coisa assim: eu vendo-te este prato pelo preço atual de dez dólares, combinando entregar-to daqui a três meses. Então, na véspera de os três meses se completarem, compro um prato por nove dólares. Estás a ver? Aposto que o mercado de pratos irá descer os preços e consigo um lucro de um dólar.

– É um prato caro.

– O Felix gosta de coisas caras – comenta a Tilda, sentada na ponta do sofá. Dispõe-se de forma decorativa, com os pés debaixo do corpo, a

abraçar uma almofada de veludo com uma mão e a segurar o copo com a outra enquanto nos observa, pensando como estaremos a dar-nos.

Eu olho para o Felix, para ver se dirá algo como *É por isso que gosto da tua irmã*, mas ele não o faz. Limita-se a sorrir como quem diz *Lá isso é verdade!* E abre a gaveta dos talheres, tirando as facas e os garfos, que vai polindo. Não faço comentários. Em vez disso, pergunto-lhe de onde vem e há quanto tempo está em Londres. Diz que a sua família originalmente é da Suécia mas que ele cresceu em Boston, nos EUA, e que se considera um cidadão do mundo. A expressão dá-me vontade de rir e ele declara que anda a tentar adaptar-se a Inglaterra e a Londres.

– A quê? Às filas, à voz do metro que avisa para se ter cuidado e ao facto de passarmos a vida a pedir desculpa, esse tipo de coisas?

– Sim, tudo isso. E à autodepreciação, a que façam uma piada de tudo e ao facto de terem dificuldade em aceitar elogios... Sabias Callie, que esses teus olhos escuros são enigmáticos, carregados de alma?

Simulando uma expressão séria, ele fita-me diretamente e eu sinto-me envergonhada por ele ser tão bonito e estar tão próximo de mim. Mas tenho a impressão de que me inclui na piada, em vez de se rir de mim.

– Se tu achas...

Afasto-me, de faces quentes e, enquanto me sirvo de mais sidra, penso que o namorado da minha irmã é inteligente e divertido e que gosto dele.

A Tilda chama-nos:

– Venham ver o DVD.

Por isso, pego no meu copo e vou para a outra ponta do sofá, com a intenção de recriar as noites de filmes no meu apartamento, em que nos sentamos assim, uma em cada ponta, passando os *brownies* para cá e para lá e fazendo pequenos comentários como «O Keanu Reeves parece triste neste filme», ou «Vê só a chuva lá fora, está a cair na horizontal.» Nada que constitua uma conversa, mas o suficiente para dar a impressão de companhia, como se voltássemos a ser crianças. Mas sou demasiado lenta. Antes que possa instalar-me, já o Felix ocupou o espaço ao lado da Tilda, tornando óbvio que devo considerar-me proscrita para o velho cadeirão. Por isso, deixo-me cair aí e pouso os pés em cima da mesa de centro, enquanto a Tilda carrega no botão do telecomando para o filme começar.

Eu e o Felix nunca vimos *O Desconhecido do Norte-Expresso*, mas ambos gostamos; agrada-nos o efeito assustador do preto e branco, as vozes

entrecortadas e os maneirismos dos anos 50, e todos temos comentários a fazer à medida que o drama se desenrola. A Tilda, por ser atriz, e uma espécie de perita em Hitchcock, intervém mais do que nós. Hitchcock punha as suas personagens malvadas no lado esquerdo do ecrã, conta-nos ela, e as boas personagens no direito. Rio-me.

– Então eu sou malvada, porque estou aqui sentada, e tu és boa.

– Só que, tontinha, no ecrã isso seria invertido. Assim eu sou malvada e tu és boa.

– Eu sou o mais interessante – diz o Felix. – Estou no meio e tanto posso ser uma coisa como outra. Quem sabe o que farei?

– Oh, vejam a Ruth Roman! – A Tilda distrai-se subitamente. – A forma como tem os lábios ligeiramente afastados é tão sugestiva...

Eu respondo:

– Hmm – num tom cético e como que a fazer beicinho, e o Felix arqueia uma sobrancelha. Mas a Tilda não se deixa desencorajar.

– E o Robert Walker é incrível como psicopata. Faz aquela coisa sabida com os olhos... fica com um ar tão calculista. Sabiam que ele morreu logo a seguir a este filme, porque estava bêbedo e o médico lhe injetou barbitúricos?

– O outro tipo está a usar os pulsos – comento. – Está a atuar a pulso.

A Tilda ri-se.

– Gosto do enredo – digo.

– A Patricia Highsmith... Ela escreveu o romance em que o filme se baseia.

A ideia é que dois desconhecidos num comboio pudessem trocar assassínios. O psicopata de olhos calculistas oferece-se para assassinar a mulher que deixou o tipo dos pulsos se, em troca, o tipo dos pulsos assassinar o pai que o psicopata odeia. A Polícia nunca resolveria o mistério porque nenhum dos assassinos teria qualquer ligação à vítima. Não haveria um motivo discernível.

– É uma ideia fantástica para um filme – digo eu –, mas na prática não funcionaria. Quero dizer, se se estivesse a planear um assassinio e se quisesse fazê-lo assim.

– O que queres dizer? – A Tilda aninhou-se no Felix.

– Bem, terias de passar a vida a andar de comboio, planeando começar a conversar com outra pessoa que também quisesse que alguém fosse

assassinado. Isso não acontece.

– Ora, toda a gente quer ver *alguém* assassinado – diz ela.

O Felix rearranja a posição da Tilda, deixando-a com as pernas por cima do seu colo e pousando as mãos nos joelhos magros dela, ao que eu reparo que ambos são pessoas lindas, com belos ossos, pele branca e cabelo louro – *eles* é que parecem gémeos. Põem o filme em pausa para abrirem outra garrafa do mesmo vinho francês e o Felix diz:

– É claro que tens razão, Callie, acerca do enredo, mas hoje em dia não terias de andar de comboio para conheceres outro assassino, poderias simplesmente encontrar alguém na internet, num fórum ou numa sala de *chat*.

– Vou ter isso em conta.

– Suponho que isso seja verdade – diz a Tilda. – É na internet que os psicopatas se encontram uns aos outros.

*

Assistimos às cenas finais e depois eu digo que tenho de ir andando para casa, mas que primeiro vou à casa de banho. É uma desculpa; não preciso realmente de ir. Em vez disso, depois de trancar a porta, começo a espiolhar e descubro que há duas escovas de dentes num copo de plástico e acessórios masculinos de barbear no armário por cima do lavatório. Para além disso, o caixote está cheio de detritos; garrafas de champô vazias, pequenos nódulos de sabonete velho, pedaços de algodão, lâminas usadas, frascos semiusados de creme. Apercebo-me de que o Felix tem andado a arrumar o caos da casa de banho da Tilda, tal como estava a organizar-lhe a cozinha; fico contente por alguém estar a cuidar dela, a ajudá-la. Remexo mais no caixote e puxo um saco de plástico que envolve uma coisa dura. Sentada na sanita, desembrulho-o, à espera de que seja algo vulgar, como um verniz ou um batom velho. Em vez disso, extraio uma pequena seringa usada com uma agulha fina, e fico tão chocada, tão perplexa, que vou direta à sala de estar a brandir aquilo e a exigir saber:

– Que raio é isto?

O Felix e a Tilda entreolham-se, com os rostos a sugerirem um leve embaraço, uma piada partilhada, e a minha irmã responde:

– Descobriste o nosso segredo. Andamos a tomar injeções de vitamina

B12... ajudam-nos a aguentar o ritmo dos dias. Vidas intensas e isso tudo.

– O quê? Que loucura. Deviam ter vergonha!

Não acredito e continuo a segurar a seringa no ar, num gesto de desafio.

– Bem-vinda ao mundo da alta finança – diz o Felix.

– A sério! – A Tilda está a rir-se da minha expressão estupefacta. – A sério... não há motivo para alarme. Montes de pessoas bem-sucedidas fazem isto. Atores... Banqueiros... faz uma pesquisa no Google, se não acreditas em mim. – Depois acrescenta: – Espera lá... por que raio é que me andaste a remexer no caixote do lixo?

Não me ocorre uma resposta, pelo que encolho os ombros e digo que é melhor ir andando. A Tilda faz-me uma careta que quer dizer: *Não tens emenda!* E vai buscar-me o casaco.

O Felix diz que espera voltar a ver-me em breve e, quando estou a sair, dá-me um abraço rápido e afável, do género que homenzarrões que jogam rãguebi dão aos sobrinhos e às sobrinhas.

*

Em casa, abro o portátil e começo a pesquisar informação sobre injeções de vitaminas. A Tilda tem razão, segundo se revela, e fico impressionada com as coisas esquisitas que os profissionais fazem para «alcançar os seus objetivos de vida». Decido não me preocupar e aceitar que a Tilda e o Felix vivem num mundo diferente do meu. Depois começo a tomar notas sobre ambos, a trabalhar no ficheiro a que chamo o meu «dossiê». É um hábito que tenho desde a infância – vigiar a minha irmã, observá-la, verificar que está bem. Escrevo: *O Felix parece ser uma pessoa especial. Tem um talento para nos fazer sentir que somos cúmplices da mesma conspiração, que partilhamos uma piada sobre o resto da humanidade. Estou atónita por ela me ter deixado conhecê-lo e, agora que o conheci, sinto-me satisfeita por ela ter encontrado alguém à sua altura e por ele estar a cuidar tão bem dela.*

Na quarta-feira, a minha irmã telefona-me e convida-me para jantar. Isso surpreende-me, porque julgava que ela era capaz de estar zangada por causa do incidente com o caixote da casa de banho, mas ela nem o refere, e, quando volto ao apartamento da Curzon Street, descubro que o Felix preparou um estufado de veado com bagas de zimbro e vinho tinto, para além de uma tarte de limão.

– És um génio! – exclamo, e ele recompensa-me com um sorriso sensual que diz: *Pois sou!*

– O Felix até fez a massa – diz a Tilda. – Tem mãos frias e dedos compridos, bons para isso.

Ele agita os dedos enquanto nós lhe garantimos que nunca tentámos sequer fazer a massa; compramo-la sempre já feita. Reparo que o Felix tem o hábito de ir limpando a cozinha à medida que trabalha, pelo que, quando me disponho a ajudar depois da refeição, nada há que fazer. As superfícies estão mais límpidas e limpas do que alguma vez as vi, todos os tachos e panelas foram lavados e estão de volta aos armários.

– Como é que fazes isto? – pergunto. – Parece magia.

– É uma coisa natural... Bom, Callie, esquece lá as limpezas e diz à Tilda que seria uma ideia romântica ir andar de barco pelo Tamisa no domingo. Subir em direção a Windsor e Bray, onde estão os cisnes.

– Que tipo de barco?

– Algo simples e de madeira. Assim inglês.

– Está bem – diz a Tilda. – Convenceste-me.

Ela está a olhar para cima, vendo-o através do cabelo com um olhar suave e embevecido, e eu sinto uma pontada de dor ao dar-me conta de que ela está completamente apaixonada por ele. Quando repara que a observo, diz:

– Também devias vir, Callie. Não vai ser maravilhoso?

Este tipo de sentimentalismo não faz mesmo o género da minha irmã, pelo que não consigo evitar meter-me com ela respondendo-lhe:

– Oh, sim, vai ser muito maravilhoso... muito maravilhosamente

maravilhoso.

*

O Felix aluga um *Peugeot* desportivo vermelho e, no domingo, preparamos uma cesta de piquenique para levar para Berkshire. Não é longe, fica a uma hora de caminho e, quando chegamos, estamos noutro mundo – onde o rio é largo e revoltado, onde a vegetação emaranhada ganha vida com botões de flores e as primeiras folhas mínimas da primavera. O barco é tal e qual como Felix queria, uma pequena balsa de madeira pintada de vermelho do lado de fora, com a tinta já a lascar, toda aberta e com um motor atrás.

– É perfeito – digo, admirando a forma como o barco ondula preso à corda, verificando os três bancos, os remos de emergência. Entramos e avançamos pelo rio, virando os rostos para o sol e é glorioso sentir este calor frágil. Num minuto sente-se uma carícia dourada, mas logo desaparece de novo. Debruço-me na amurada, passo os dedos pela água negra e estremeço. – Meu Deus, que fria!

Passamos por campos abertos e depois pelo castelo de Windsor, mansões suburbanas caiadas com relvados que chegam à água, e entrevejo uma garça na outra margem.

O Felix, nas traseiras, dirige o barco; a dada altura, diz:

– Vamos nadar.

Agora estamos numa parte larga do rio, com bosques densos de um lado e um campo plano e vazio do outro. Olho em volta, em busca de gente, mas não vejo viva alma.

– Está demasiado frio! – protesto. – E não é seguro. Não há quem se afogue no Tamisa?

Mas eles não me ouvem. Em vez disso, o Felix amarra o barco a um ramo pendente e os dois começam a arrancar as roupas, freneticamente, como se estivessem a ver quem é o mais rápido. Depois levantam-se, completamente nus, o barco a oscilar desmesuradamente enquanto eles se posicionam para saltar. Dois corpos esguios e brancos, a Tilda agarrada ao braço do Felix e a guinchar:

– Já estou a gelar, caramba! Não sou capaz.

– Ai isso é que és!

Com um movimento radical, ele pega na minha irmã, segura-a junto ao peito com os braços, que reparo agora que são musculados e fortes. Ela grita:

– Não! Não! – E espedeia como se as pernas fossem uma tesoura quando ela a lança borda fora para a água, antes de saltar também. Por um momento brevíssimo e de fazer parar o coração, ambos desaparecem no negrume; depois já estão a nadar e a chapinhar, a Tilda a gritar, sem que eu perceba se está maravilhada ou furiosa. Mas depois chama-me: – Anda, Callie! Está fantástica!

– Tu sabes que queres!

O Felix aproxima-se e puxa a amurada do barco para a água, como se fosse um monstro a querer apanhar-me, agarrando-me o tornozelo.

– Não vou!

Mas tenho a mente a mil, a tentar perceber o que fazer. Não quero despir-me à frente deles: tenho vergonha do meu corpo arredondado e rosado, e tenho medo de que se riam de mim. Ao mesmo tempo, estou a pensar que seria maravilhoso deixar-me afundar até ao leito do rio, engolida pela água gelada. Também me sinto inebriada pelo elogio de ser incluída e, por algum motivo que não sou bem capaz de entender, quero impressionar o Felix. Por isso, sento-me num dos bancos e tiro a parca, a camisola, as calças de ganga e as meias. Mergulho de *t-shirt*, sutiã e cuecas, afundando-me, tal como queria, chocada, entorpecida e gelada, incapaz de pensar, pois tenho a cabeça a latejar. Os meus pés tocam no fundo, um lodo espesso com arestas duras que sobressaem. Estremeço e flutuo até à tona, onde descubro que o Felix está a meu lado, com água até ao peito; ele inclina-se para mim e agarra-me pela cintura.

– Tenho-te à minha mercê – diz ele, erguendo-me para fora da água enquanto eu finjo debater-me, com as mãos nos seus ombros.

Depois ele atira-me de costas; volto a mergulhar e a descer, mesmo até ao fundo. Quando emergo, dou por mim a gritar e a rir tal como a Tilda tinha feito. Tenho vontade de dizer: «Outra vez! Outra vez!», como uma criança faria.

Mas o Felix voltou-se para a Tilda e eu vejo que ele é capaz de lhe levantar o corpo magro muito mais acima do que o meu e atirá-la para a água com muito mais força. Depois, quando a cabeça dela aparece, basta um empurrão ágil com uma mão para a obrigar a mergulhar de novo, tão

facilmente que ela não tem hipótese de protestar, e não há sinal dela, não há braços a remexerem-se, não há águas agitadas, e receio que ele esteja a mantê-la debaixo de água durante demasiado tempo, obrigando-a a enterrar-se no lodo perigoso.

– Para! É demasiado! – grito.

Ele solta-a e ela vem à tona, frágil e a engasgar-se, com os ombros a abanar. Desta vez, ele pega-lhe delicadamente e leva-a ao colo para o barco.

– Não devias ter feito aquilo... – diz ela, tossindo as palavras tão debilmente que mal a ouço, com a cabeça encostada ao peito dele e o braço caído e inerte.

O Felix fá-la passar a amurada, para o fundo do barco.

– Estás ótima. Agora vamos vestir-nos e comer qualquer coisa.

Eu nado até ao barco e iço-me para olhar lá para dentro, para verificar se ela está bem. Os seus olhos fitam os meus e vejo que ela está a pestanejar lentamente, com um ar assarapantado e vazio. Há qualquer coisa de inseto na forma como está dobrada sobre si mesma no canto, algo mutilado. Estou prestes a guinchar de preocupação, mas ela muda de expressão, tão rapidamente que parece um truque de magia, e começa a rir-se a dizer-nos que entremos no barco antes que morramos gelados.

À vez, usamos uma toalha de piquenique para nos secarmos e, enquanto vejo a Tilda a limpar-se, parece-me detetar que continua abalada, mas é difícil ter a certeza.

Pouco depois, estamos aconchegados nas nossas roupas secas, a comer sanduíches e a beber café simples de um termo que vamos passando entre nós. Ela sorri ao dizer-me:

– É assim que é estar com o Felix... incrível. E estou tão contente por te teres juntado a nós.

Ele diz que também está contente por eu ter ido e estica-se no barco para me tocar no tornozelo nu, só por um segundo. Nesse instante, tudo é mais aguçado, mais forte, mais intenso do que alguma vez foi para mim. O céu, as árvores, a água – até o fiambre nas sanduíches.

Mais tarde, quando volto a casa, abro o dossiê e escrevo: *A Tilda está apaixonada pelo Felix e se calhar eu também gosto dele. Como namorado dela, obviamente. É tão elegante, esperto e romântico. Fiquei com a pulsação acelerada quando ele se despiu todo e lhe vi o corpo branco e musculado a saltar para o rio. Fiquei espantada por ele fazer uma coisa*

tão espetacular à minha frente. Não me lembro de alguma vez ter tido um dia tão excitante. Quem me dera só que ele não tivesse obrigado a Tilda a ficar debaixo de água durante tanto tempo.

1997

3

É o dia mais quente e luminoso que alguma vez vi e estamos a correr, tão depressa, precipitando-nos por uma colina íngreme, algures em Kent. Por baixo de nós, a relva cresce em tufos e montes e eu vou tentando manter o equilíbrio ao mesmo tempo que olho para o fundo da colina e para os adultos relativamente longe, reclinados numa manta e a passar uma garrafa de mão em mão. A nossa mãe está ligeiramente afastada do grupo, a beber vinho, a fumar e a ajustar a saia do vestido comprido e amarelo que coseu na noite anterior.

Levanta a cabeça para ver a nossa corrida, protegendo os olhos do sol com a mão que tem o cigarro, e nós corremos mais depressa até irmos aos pulos pelo céu azul e pelo campo, as minhas pernas a tal velocidade que estão descontroladas, fazendo-me *pum-pum-pum* a um milhão de quilómetros por hora, ultrapassando o grupo do piquenique, cujas vozes de repente já ouço. A nossa mãe grita: «Vamos, Tilda!» porque a minha irmã compete pelo primeiro lugar com uma menina chamada Precious, vão taco a taco, a acelerar em direção à meta. O cabelo louro da Tilda vai solto e agita-se e os seus cotovelos lançam-se em golpes para fora, até ela conseguir ficar à frente por uma unha negra e guinchar: «Sou a vencedora! Sou a vencedora!» Por uma fração de um momento, parte-se-me o coração, mas depois a nossa mãe grita: «Muito bem, Callie!» e eu sinto-me feliz de novo embora ouça a nota de consolação na sua voz, porque vou ser a última. No fundo da colina, as outras crianças deixam-se cair umas contra as outras e eu passo por elas a correr, acelerando em vez de parar, até que caio de cabeça no arbusto preto e espinhoso que separa o campo de piqueniques do que fica ao lado, o que tem vacas.

Agora o dia de sol desapareceu e estou de joelhos no arbusto com as mãos espalmadas na terra, a tentar arranjar forma de me levantar, mas não posso porque fiquei presa num emaranhado de ramos que me picam as costas.

Penso que talvez consiga pôr-me de quatro e gatinhar para trás; mexo as mãos para as pôr numa boa posição e é então que a palma da minha mão direita pisa algo duro e nodoso no chão. Quando o agarro, ouço alguém a rir e a dizer: «Vejam a Callie!» e os outros a correrem até ao arbusto para me observarem. Agora sinto-me curiosa quanto ao objeto na minha mão direita e tenho o cuidado de não o largar enquanto esgaravato lentamente para voltar à luz, rebolando para trás até estar sentada na relva. Descubro que estou a segurar uma coisa clara e coberta de terra escura e seca, que afasto com as pontas dos dedos, percorrendo fendas e pontos. Aninhado na minha mão, tenho o crânio de um animal pequeno; os meus olhos começam a arder.

A Precious diz: «Que nojo. Que é isso?», e toda a gente se junta para ver. A Tilda acha que é capaz de ser um crânio de bezerro, por causa das vacas no campo ao lado, e a Precious nota que estou a chorar. «É porque foste a última a chegar», diz ela. Enxugo as lágrimas, mas na verdade não percebo. Talvez esteja triste por ter sido a última, talvez tenha inveja da minha irmã triunfante, ou talvez esteja a pensar no animal morto. O que ainda não mencionei é que estou a recordar o nosso aniversário, meu e da Tilda. Fazemos sete anos.

A Tilda diz: «Não te preocupes com essa coisa, anda para o piquenique, vamos comer o nosso bolo.» Dou-lhe a mão, mas tenho o crânio na outra, encostado ao peito. Quando o dou à nossa mãe, ela inspeciona-o e envolve-o num guardanapo de papel, dizendo que é capaz de ser de um cordeiro e que é uma bela descoberta que um dia incluirá num dos seus quadros, mas que primeiro precisa de uma boa esfrega e que, se eu quiser, posso levá-lo para a escola, para a mesa da natureza. Estendo as mãos enquanto a nossa mãe lhes despeja água de uma garrafa de plástico e depois as seca com a saia. Os outros meninos estão à nossa volta, a ver, e depois toda a gente canta parabéns a você. Deito-me de barriga para cima com a cabeça no colo da nossa mãe, a olhar para cima, para a Tilda, que está de pé, de pernas afastadas e a cara virada para o céu. Ela canta, apesar de ser uma das aniversariantes, e o sol brilha-lhe no cabelo, fazendo-o cintilar como um halo. Nesse momento, a adoração que sinto por ela até me dói. Depois a minha irmã deixa-se cair de joelhos no chão e eu sento-me e, lado a lado, sopramos as velas.

O dia seguinte é segunda-feira, o que quer dizer dia de escola. Levo o

crânio, dentro de um saco de plástico, e estamos a fazer desenhos acerca do nosso fim de semana quando a professora, a menina Parfitt, espreita por cima do meu ombro, dizendo: «Que interessante, Callie, expressivo.» Explico-lhe que os meus rabiscos são o arbusto e o crânio. Depois ela examina o desenho que a Tilda fez de um bolo de aniversário e de uma aranha amarela no céu, que é o sol, e diz num tom distraído: «Que lindo.» O meu desenho é escuro, como o meu cabelo, e o da Tilda é dourado, como o dela.

A menina Parfitt é a minha professora preferida e coloca o crânio no meio da mesa da natureza como se fosse o item mais impressionante em exibição, coisa que é, melhor do que o ninho velho e a desfazer-se, melhor do que os montes de folhas mortas, e superior às cascas de ovo com caras e cabelo de agrião. Sinto-me orgulhosa.

Porém, duas semanas depois, o crânio desaparece e eu choro na aula enquanto a menina Parfitt se põe à frente da turma, de braços cruzados, e diz: «Quem quer que tenha tirado o crânio de ovelha deve voltar a pô-lo na mesa, e não se fala mais nisso.» Passam-se dias e nada acontece.

Não consigo pensar noutra coisa. Tanto a Tilda como a nossa mãe sabem como me sinto triste e que estava a cuidar do crânio em homenagem ao cordeiro morto e à sua mãe. Para me animar, ao fim de um dia, depois do trabalho, a nossa mãe pinta o crânio, mas eu tenho de fingir que gosto da pintura, pois as cores são demasiado garridas e falta-lhe ternura. E, à noite, quando estamos cada uma na sua cama, digo à Tilda que acho que a Precious é a principal suspeita porque não gosta do crânio e não gosta de mim. A Tilda diz que tem vontade de dar um murro na boca da Precious, que a Precious é uma mimada que só quer ser o centro das atenções e que precisa que lhe deem uma lição. «E estarias a defender-me», digo.

«Isso também. Sou o teu anjo da guarda.»

Não percebo pela cara dela se está a falar a sério ou se gosta apenas de se julgar especial.

Durante uns dias, seguimos a Precious pelo recreio a cantarolar: «Nós sabemos, nós sabemos o que fizeste», e eu vou pensando: *E tens verrugas nos dedos e cheiras a peste.* A Precious finalmente retalia com: «Não penses que podes fugir à tua irmã esquisita, a Tilda Farrow.» E nesse momento a Tilda dá-lhe mesmo um murro na boca e eu grito de amor e gratidão enquanto a Precious corre para ir contar à menina Parfitt. (Anos

depois, a Tilda perguntou-me: «Lembras-te de como fomos horríveis para a Precious Makepeace? Procurei-a no Facebook, mas ela não está lá.»)

Nessa noite, sozinha no nosso quarto, pego no caderno cor-de-rosa que me deram pelo aniversário e escrevo na primeira página: *O meu dossiê*. Aprendi a palavra com a nossa mãe, que tem um dossiê sobre os seus artistas preferidos, onde toma notas acerca das técnicas e estilos deles, tentando compreendê-los e (palavras dela) «absorver-lhes a essência» para poder melhorar o seu próprio trabalho. Depois começo a escrever acerca da Tilda, descrevendo tudo o que ela fez nesse dia, o seu ar e o que disse. Todos os pequenos pormenores. Como se riu quando esmurrou a Precious e depois olhou em redor para ver se tinha público. A pena nos seus olhos quando olhou para mim – a sua gémea chorona. *Ela é mais corajosa do que eu*, escrevo. *E é mais forte do que eu*. Depois risco as minhas palavras, apercebendo-me de que, embora idolatre a minha irmã, não a conheço de todo, não a fundo. Se quero *absorver-lhe a essência*, vou ter de escrever muito mais.

Quando acabo de trabalhar no meu dossiê, olho para as páginas e sinto-me profundamente satisfeita, como se, ao escrever sobre a Tilda, passasse a ser menos dominada por ela.

A minha irmã está a incrustar-me no cerne da sua relação – vem connosco aqui, vem connosco ali, anda ao *bowling*, anda ao teatro. É estranho, porque eu dantes só a via de três em três ou de quatro em quatro semanas, e mesmo então era só para passarmos a noite a ver filmes. O último desenvolvimento é um convite para me encontrar com ela e com o Felix no Borough Market, para os ajudar a procurar um queijo francês chamado *Cancoyotte*, que parece que tem de ser servido com champanhe e nozes. Para além disso, ela quer pão lituano de centeio e caramelo com sal marinho, e uma miniestufa que se põe no parapeito da janela e germina rúcula e acelgas. Explica-me a lista de compras ao telefone numa voz que sugere que aqueles ingredientes singulares são uma novidade tremenda, mas eu entendo que o verdadeiro objetivo é que eu passe ainda mais tempo com o Felix. Aceito logo.

A expectativa de o ver devolve-me aquela sensação de um mundo intensificado e, enquanto sigo para o mercado, orientando-me pelas ruas de Londres, tudo parece ter uma claridade esplêndida – as magnólias, os autocarros vermelhos, as pessoas que passeiam *labradoodles* (estão por todo o lado, os *labradoodles*!). Quando chego ao mercado, ainda me encontro nesse estado elevado, com a pele sensível, polida pelo ar fresco – e não tenho de esperar muito, pois a Tilda e o Felix aparecem no passeio, a caminhar na minha direção. Os olhos do Felix estão sorridentes, como de costume, e ele dá-me aquela espécie de abraço, apertando-me com força, antes de seguirmos os três para o meio da gente, avançando até às bancas do mercado, tentando ver, por entre as cabeças, os vegetais que se encontram à venda.

Eles têm os braços à volta da cintura um do outro; comportam-se como pombinhos e, depois de cerca de uma hora no mercado, dou por mim a segui-los, a esforçar-me por fazer parte da conversa deles; e acontece algo – em vez de me sentir energizada, o meu entusiasmo está a esvaír-se e a deixar-me pesada e enfastiada, ocorrendo-me que acabei por cair no papel

de uma ovelha estúpida, que os segue tontamente de banca em banca enquanto eles provam pedaços de chouriço, salame e pão molhado em azeites raros. O Felix faz perguntas acerca dos processos de produção e dos sabores numa voz distante; pela primeira vez, reparo que o seu hábito de falar baixinho obriga as pessoas a aproximarem-se para o ouvirem.

A dada altura, ele faz um esforço especial para me cativar, dizendo:

– Experimenta este, Callie; não tem umas notas intrigantes, salgadas e ácidas ao mesmo tempo?

E mete-me um pedacinho de queijo de cabra na boca, que abro obedientemente.

A Tilda agora deu-lhe o braço, numa posição bonita, e está a fitar-me, à espera de uma reação.

– É amargo – digo. – Não é como o *Cheddar*.

Depois passamos para uma banca que vende sumo de maçã acabado de espremer, onde um tipo calvo está a servir sumo em copos de papel em miniatura.

– Olá, linda – diz ele à Tilda –, prove. – E depois o inevitável: – Eu conheço-a, não conheço?

Onde quer que vá, a minha irmã é reconhecida como a atriz de *Rebeca*. Até quando usa óculos escuros grandes. Prova o sumo, mas não diz nada e, quando devolve o copo de papel, o Felix afasta-a da banca. O tipo calvo inclina-se para mim.

– O que é que ele é? O assistente dela?

Apanhamos um táxi até ao apartamento da Curzon Street e eles vão para a cozinha preparar um almoço com o que compraram no mercado, enquanto eu me sento no sofá a folhear as páginas da revista *Vogue* que está em cima da mesa de centro, cheirando a amostra de perfume e esfregando-a nos pulsos e no pescoço. Levanto a cabeça e reparo que o Felix está a olhar para a Tilda com um ar afetuoso enquanto ela vai dispondo coisas em pratos; observa-a quando ela vai ao quarto. Quando ela aparece outra vez, ele diz-lhe:

– Fica-te bem essa camisa.

Ela vestiu uma blusa larga cor de salmão, quase transparente, e eu tenho a certeza de que foi ele quem a comprou, quem lha ofereceu. Até eu sou capaz de ver que parece ter sido cara.

– Bonita – acrescento.

Ela pavoneia-se pela sala como se fosse a Cara Delevingne na passarela, dizendo:

– *Givenchy!*

– Se tu o dizes...

Vejo-a envolver o Felix num abraço e dar-lhe um beijo delicado de agradecimento antes de se pôr ao lado dele, tão perto que os braços deles quase se tocam, enquanto tratam da comida.

Olho para a *Vogue*, mas não estou a ler. Em vez disso, vou ouvindo a conversa deles, que consiste sobretudo nas perguntas que a Tilda lhe faz – «Então e o Julio?», «Quanto é que correste hoje de manhã?», «Gostas das minhas unhas?», «Que achas destes sapatos?» A opinião dele a respeito de coisas mundanas é evidentemente uma poderosa força que os une, e o ambiente na cozinha é íntimo e exclusivo. Então, do nada, o Felix exclama:

– Oh, foda-se. Não comprei água com gás...

O tom agressivo e a expressão furiosa parecem gelar a sala inteira com o tipo de choque que se sente quando um duche passa subitamente de quente a frio. E são reações completamente desproporcionadas em relação ao problema.

Eu ainda digo:

– Por mim água da torneira está muito bem.

E a Tilda diz:

– Por mim também.

Mas ele já vai a caminho da porta, que bate com estrondo ao sair, e ouvimos outro «Foda-se!» antes dos seus passos a descerem as escadas.

– Mas que foi aquilo?

Levanto-me do sofá e vou ter com a minha irmã à área da cozinha, onde ela está encostada ao frigorífico, como se as palavras dele a tivessem atirado para ali.

– Sabe Deus... parece que para o Felix a água com gás é uma coisa muito importante.

Percebo que ela está a esforçar-se por não chorar, o que também me parece um exagero.

– Então, conta-me... isto não foi por causa da água, pois não?

Ela está a abanar a cabeça e a repuxar as mangas, tapando os pulsos.

– Eu sei que queres que eu goste dele – digo-lhe, tocando-lhe ao de leve no braço e vendo-a encolher-se. – E eu gosto. Acho que é maravilhoso...

mas aquilo foi esquisito. Quero dizer, era só água e ele ficou tão zangado, assim do nada.

– Ele anda com muita pressão no trabalho e isso às vezes deixa-o assim. Passa-se.

– Mas foi bizarro.

A Tilda abana a cabeça, indicando que eu não devia criticar, e, numa voz trémula, diz-me:

– Espera só, vais ver que quando voltar já vai estar bem.

Por instinto, estendo a mão e puxo-lhe a manga de seda da *Givenchy* até ao cotovelo, expondo-lhe a pele branca cheia de marcas amarelas e azuis, como pequenos borrões de tinta esborratada.

Agarro-lhe o braço para o inspecionar melhor.

– Para com isso! – exclama ela. – Caramba!

– Tilda! O que se passa? Por favor, conta-me.

Ela afasta-me com força, fazendo-me ir contra a bancada da cozinha enquanto torna a puxar a manga para baixo. Corre para o quarto e depois para a casa de banho privativa, onde bate com a porta, que tranca.

Estou assombrada com o que acabou de acontecer. O que me terá levado a fazer aquilo? Como terei pressentido que ela tinha os braços magoados? Parece inexplicável. Não tinha nódoas negras naquele dia no Tamisa. Nessa altura, o seu corpo era de um branco leitoso, sem marcas para além do sinal no ombro esquerdo.

Sento-me na cama dela, fitando a porta fechada da casa de banho, a tentar decidir o que dizer em seguida – apesar de sermos próximas, eu sou uma desgraça a comunicar com ela, passo a vida a afastá-la com a minha rudeza, com a minha forma brusca de falar. Delicadamente, pergunto:

– Estás bem aí dentro?

Mas ela não responde. Por isso, deito-me, enfio a cara na almofada dela, respiro o seu cheiro e espero. Vão surgindo alguns sons; água chapejada, passos e, ao fim de algum tempo, a sua voz:

– Não se passa nada, Callie, estou bem.

E sai da casa de banho, com um ar refrescado e feliz, mas ligeiramente louco, com os olhos ainda raiados de rosa. Vou pedir-lhe de novo que fale comigo, mas já não tenho essa possibilidade porque então se ouve um som na outra divisão. É o Felix a voltar (tem uma chave!). Saímos as duas do quarto e vemos que ele se transformou: está a sorrir de orelha a orelha, tem

uma grande garrafa de água com gás na mão e pousa-a na bancada da cozinha juntamente com umas chaves de carro presas a um disco que diz *Porsche*. A minha irmã reage como uma idiota excitada, dando pulos e abanando o cabelo, com um olhar rápido para se assegurar de que eu estou a prestar atenção.

– Não fizeste isso!

– Anda ver.

Ele atira-lhe as chaves do carro e todos saímos, ele com o braço à volta dos ombros dela, eu a segui-los e a comparar o louro dos seus cabelos, a estreiteza das suas ancas, a beleza totalmente moderna de ambos. A Tilda comenta com doçura:

– Então esqueceste-te da água de propósito? Que matreiro!

Umás ruas mais adiante e estamos a admirar o novo *Porsche* desportivo cor de prata do Felix. Este abre a porta, senta-se ao volante e carrega num botão que faz o tejadilho recolher-se.

– James Bond – comento.

Gostava de me sentir tremendamente impressionada, mas ainda estou a pensar nos braços da Tilda. Meto-me nas traseiras e a Tilda senta-se no lugar do passageiro, pegando num envelope branco que tem o seu nome escrito à frente, numa letra apertada e espinhosa.

– Meu Deus! É perfeito.

Começa a beijar o Felix com um entusiasmo desinibido que me faz desviar o olhar.

– Vamos – digo. – Leva-nos lá a dar uma volta.

– Olha, Callie.

A Tilda vira-se para mim, de rosto radiante, e passa-me o postal.

Leio: *Querida T, vem a França comigo.*

Do outro lado do postal há uma fotografia de uma moradia caiada na vertente de uma colina, com uma piscina turquesa a uma distância de bom gosto de um socalco coberto de vinhas.

– Para esta casa mesmo?

– Sim, para essa casa mesmo.

Com uma mão, o Felix leva o automóvel para a estrada, mantendo o outro braço esticado, com os dedos por baixo do cabelo da Tilda, a acariciarem-lhe a nuca.

– Vamos de carro até à Provença – diz num tom orgulhoso. – E, enquanto

estivermos fora, os meus empreiteiros vêm ao teu apartamento fazer alguns arranjos.

– Que tipo de arranjos?

– É surpresa.

– Nada demasiado drástico?

– Não... como hei de dizer... umas afinações... Vais gostar. É uma prenda.

– Que sorte a minha!

Aquela não seria a minha reação – e fico surpreendida por ela aceitar esse esquema. Querer mudar-lhe a casa sem a consultar em relação a *como* parece-me bastante extremo.

– Estás a deixar-te levar por completo – comento.

– Pois estou.

Ela ignora o meu tom reprovador, agindo como se a fuga emotiva para a casa de banho não tivesse acontecido, como se não tivesse hematomas nos braços, e ri-se quando Felix carrega no acelerador. Avançamos trezentos metros pela Regent Street e chegamos a um engarrafamento.

*

No dossiê, escrevo: *Fiquei chocada ao ver nódoas negras nos braços da Tilda. Será que o Felix é responsável? Não sei. Não consigo perceber se ele é uma pessoa realmente incrível – que organiza férias surpresa e melhorias ao apartamento dela – ou profundamente perigosa. Seja como for, a Tilda está apaixonada por ele e eu estou a sofrer. Não sei se ainda sinto a euforia de o adorar ou se isto já é terror de ter sido manipulada.*

Começo a fazer pesquisas no Google. Procuo os elementos perigosos em ligações apaixonadas, e o que acontece psicologicamente à medida que as relações se vão tornando cada vez mais abusivas. Não tardo a deparar-me com um *site* chamado *homenscontroladores.com*, e dou por mim a passar horas a ler centenas de publicações em fóruns intitulados *os primeiros sinais, o romance como controlo* e – o mais interessante de todos – *o que pode fazer para ajudar uma amiga que seja vítima de um homem controlador*. Na verdade, fico tão fascinada que me inscrevo no *site*, crio um nome de utilizador e entro nos fóruns que só são acessíveis aos membros. É viciante e eu passo a noite acordada, a ler, a ler, a ler.

Na noite seguinte, vou à Curzon Street sem telefonar antes. Tenho a cabeça cheia do que li no homenscontroladores.com e espero conseguir ver como se comporta o Felix com a minha irmã quando não está a gerir um evento planeado, pois agora suspeito de que é isso que têm sido os nossos encontros – a noite de filmes, a viagem no rio, a chegada do *Porsche* – tudo isso cenários preparados para o Felix representar o papel do herói amoroso e romântico. Um comentário no *site* anda-me às voltas na cabeça: *Em público, o meu marido comporta-se como se fosse o Príncipe Encantado, muito amoroso e cuidadoso. Em privado, é frio e bate-me, mas nunca na cara. Só onde as marcas não se vejam.*

Como agora estou no papel de investigadora e talvez de salvadora, sinto-me nervosa quando me detenho no passeio em frente à porta da rua e toco à campainha. Passam-se vinte segundos silenciosos e, quando me viro para me ir embora, na verdade até estou aliviada por não ter de levar isto avante; posso voltar para casa e comer o meu jantar de frango agri-doce. Depois, pelo intercomunicador entrecortado, ouço a voz distorcida da Tilda, que pergunta num tom pouco convidativo:

– Quem é?

– Sou eu. A Callie... posso subir?

– O quê? O que estás aqui a fazer...? – Preparo-me para inventar uma desculpa quando ela continua: – Oh, está bem...

E carrega no botão para abrir o trinco.

Ao virar a esquina no cimo das escadas, vejo que é o Felix quem está junto à porta aberta do apartamento, informalmente vestido com uma *t-shirt* cinzenta e umas calças de ganga escuras, conseguindo ainda assim ter um ar elegante e composto – como aqueles norte-americanos impecáveis das TED Talks. Recebe-me com um vislumbre de dentes imaculados e um abraço que, em circunstâncias normais, eu descreveria como caloroso e amigável.

– Entra... Que se passa, Callie? A que devemos este prazer inesperado?

– Oh, trouxe um livro para a Tilda ler. – Procuro na mala o romance que

aí pus como pretexto. – É o *Psicopata Americano* – digo.

Ele desata às gargalhadas. Gargalhadas a sério.

– Que escolha mais louca! – diz ele, de bom humor, enquanto eu lhe observo a postura. Diria que está genuinamente descontraído... eu tinha pensado que era capaz de reagir pelo menos com um certo grau de suspeita ou negatividade.

– Estou a brincar... trouxe-lhe este.

Rio-me com ele e mostro-lhe o livro, que é um policial escandinavo que ando a ler: *O Artista*.

– Onde está a Tilda? – Parece-me estranho que ela me tenha aberto a porta do prédio e agora não esteja aqui para me receber.

– Está a tomar um duche – diz ele, olhando de relance para a porta fechada. – Não vai demorar, tenho a certeza... Posso oferecer-te alguma coisa? Um copo de vinho? Acompanho-te.

– Está bem.

Observo-o a abrir um armário da cozinha e vejo que a coleção de copos desirmanados da Tilda foi substituída por quatro copos bonitos e de pé fino, dispostos em fila; bailarinas mínimas com os pés para fora. Porém, não é a arrumação que me alarma, mas sim o facto de serem só quatro. Obviamente, o Felix não está a planear fazer reuniões sociais no apartamento.

Sentamo-nos lado a lado. Ele está mais ou menos refastelado; um pé grande pousado no joelho contrário, um braço ao longo do espaldar do sofá; e eu estou mais ou menos composta; muito direita a um canto, com o copo de vinho a trepidar-me um pouco na mão. O silêncio temporário indica-me que a minha única opção, até que a Tilda chegue, é conversa de circunstância: não quero desafiá-lo sem que ela esteja aqui.

– Andas com muito trabalho? – pergunto.

– Terrível... – diz ele, como se isso o divertisse em vez de perturbar. – E tu?

– Já sabes... a livraria não é assim tão concorrida. A minha chefe entornou café em cima de um cliente na semana passada. É o máximo de *stress* que temos lá.

Ouçõ sons vindos do quarto, ou talvez da casa de banho privativa, e olho para trás do sofá, para ver se a Tilda aí vem. Mas não.

– O que é que os teus empreiteiros vão fazer ao apartamento? – A voz sai-me um pouco falsa e demasiado interessada, e apercebo-me de que mudei o

tom da conversa.

– Acho que vão atualizar um bocado o espaço. Introduzir um esquema de cores melhor e alguns móveis novos. O espaço não é mau, tem um bom pé direito, está bem proporcionado.

Eu nunca tinha pensado realmente nas proporções, coisa que lhe digo. Então a Tilda aparece à porta, mas não se junta a nós. A única coisa que traz vestida é um robe branco que lhe dá pelos joelhos e tem o cabelo molhado e os pés descalços. A pele por baixo dos olhos está manchada de um preto aguado, presumo que do rímel, mas parecem lágrimas negras, de tristeza e choro.

– Que te deu? – pergunta-me numa voz trémula. – Nunca fazes isto.

O Felix levanta-se e fita-a. Eu fico boquiaberta a mirá-la, por cima do espaldar do sofá. Parece fraca, a ponto de colapsar, encostada à ombreira da porta como se só isso a mantivesse de pé. Tem o rosto mortício, como se não tivesse energia para formar sequer uma expressão, e a palavra que me vem à cabeça é *maltratada*. Uma bola ardente de raiva forma-se-me no estômago e sobe-me à garganta, e, na minha cabeça, a noite insone e nove horas inteiras a ler acerca de maus-tratos doentios amassam-me todos os pensamentos num ímpeto de fúria. Também me levanto e enfrento o Felix.

– Olha para ela! Isto é obra tua... Vais destruí-la!

Ele nada diz; está estupefacto, e a Tilda endireita-se, com a vida a regressar-lhe ao corpo para me gritar:

– Foda-se, inacreditável! Que se passa contigo, Callie? De que raio estás a falar? Deixa o Felix e põe-te a andar daqui, já!

Ela marcha até mim, agarra-me pelo cotovelo e leva-me para fora do apartamento, fechando-me a porta na cara. Enquanto desço as escadas, já vou a censurar-me, a pensar que fui uma grande imbecil e a culpar a privação de sono pela minha explosão; a pensar, então, que se calhar ela estava apenas cansada, como é normal as pessoas sentirem-se de vez em quando.

Sigo para casa de autocarro, telefono-lhe cinco ou seis vezes pelo caminho e mando-lhe uma mensagem a pedir desculpa. Mas ela não responde.

Uma semana depois, a Tilda finalmente atende-me o telefone e aceita o meu pedido de desculpa. Mas mostra-se breve e distante, nada compreensiva; depois de ela desligar, ainda me sinto pior.

*

Tudo muda entre mim, a Tilda e o Felix; não acontece de repente, mas a pouco e pouco. Há uma retração da energia do Felix. Ou, mais precisamente, ele exclui-me do seu campo magnético e intensifica a sua concentração na Tilda. Intuo isto porque já não sou convidada a passar noites no apartamento da Curzon Street, nem a acompanhá-los quando saem. E os nossos telefonemas mudam. Eu e a Tilda costumávamos conversar por telefone com bastante frequência e, no final das chamadas, ela dizia: «O Felix quer falar contigo», e ele perguntava-me como estava a ser a minha semana, ou pedia-me a opinião acerca de alguma coisa que estivessem a discutir, como se azeitonas verdes eram melhores do que pretas, ou se um cómico da TV era engraçado ou só irritante. Coisas de somenos. Mas ele já não pede para falar comigo e ela parece satisfeita deixando passar semanas sem que haja contacto entre nós.

Nas poucas ocasiões em que a minha irmã chega a atender o telefone, o seu único tema de conversa é o Felix – que ele vai levá-la a uma exposição privada numa galeria de arte, a um restaurante novo ou à ópera (que eu saiba, ela antes nunca ia à ópera). Em maio, ela passa duas semanas no apartamento dele, em Clerkenwell, para os empreiteiros poderem dar início aos trabalhos na Curzon Street. Depois, em junho, os dois seguem de *Porsche* para as suas férias na Provença, e a Tilda fica completamente incomunicável – nem sequer manda um postal e não me responde às mensagens. Quando volta, telefono-lhe e sugiro-lhe que venha a minha casa para uma noite de filmes, mas ela arranja desculpas, dizendo apenas que «um dia destes» e que de momento anda ocupada porque o Felix vai mudar-se para o seu apartamento e «estamos a racionalizar os nossos pertences». Tenho a sensação de que fui eliminada do seu mundo e isso assusta-me. O *site* homenscontroladores.com avisou-me que os predadores tentam isolar as presas, separando-as dos amigos e da família.

No final de junho, eu e a Tilda encontramos-nos por breves instantes num café de Regent's Park e é óbvio que algo está profundamente mal. A minha

irmã sempre teve um ar delicado, mas agora parece subnutrida e está nervosa. Assim que nos sentamos, eu entorno o meu chocolate quente, ao que um rio de espuma serpenteia pela mesa, chegando-lhe ao telemóvel. É um acidente, um pequeno percalço, mas ela reage como se fosse a última gota, dizendo:

– Não aguento isto.

E sai mesmo do café, deixando-me a ver-me e desejar-me por limpar a porcaria: estou de gatas no chão quando uma empregada nova se aproxima com papel de cozinha.

– Tome, use isto – diz-me. – Era a Tilda Farrow quem estava consigo...? A atriz?

Uns minutos depois, a Tilda volta e pede desculpa.

– Desculpa, ando uma pilha de nervos.

Deixa-se cair na cadeira, murcha e flácida. Tenho vontade de lhe dizer: «Que se passa contigo? Pareces tão *doente*.» Mas não posso, porque tenho medo de que ela volte a sair desembestada. Por isso, falamos de temas neutros, como as suas últimas saídas com o Felix e como era maravilhosa a casa na Provença. Uma piscina de ozono, diz ela, à temperatura ideal, e um cozinheiro que preparava refeições francesas extraordinárias. Sem demasiadas natas e gordura, mas usando fruta e vegetais frescos do mercado local. O feijão-verde em França não tem nada que ver com o do *Sainsbury's*. É que não há comparação; sabe mesmo a feijão. Ela fala como uma brochura de viagens e, enquanto discursa, há um tremor quase impercetível na sua voz. Decido correr um risco:

– Então a casa e a comida eram perfeitas. E a companhia?

– Referes-te ao Felix? Também foi perfeito. Tinha planeado tudo, todas as nossas saídas, o que comíamos, tudo.

– Gostas disso? Não faz muito o teu estilo, não é lá muito espontâneo.

– Está tudo bem, Callie.

De novo, o tremor na sua voz, um lampejo no olhar, o que me faz hesitar antes de falar, ciente de que estou prestes a levar a conversa para um território mais sombrio... mas tenho de o fazer.

– Devias dar uma espreitadela a este *site* – digo. – Chama-se *homenscontroladores.com* e fala dos sinais de aviso a que deves estar atenta com homens como o Felix. Para poderes estar preparada... e segura.

Mexo no meu telemóvel em busca da página enquanto ela bebe o seu café

olhando em redor com um ar distante, como se não quisesse estar aqui. Quer estar em casa, com ele. Encontro o *site* e mostro-lho.

– Caramba... – Ela começa a descer a página, demasiado depressa para ler como deve ser. – Isto é uma loucura, estás completamente enganada, Callie! – Depois amansa, coisa que me surpreende. – Sei que achas que estás a ajudar... Bom, come lá esse bolo de cenoura, tenho de ir para casa.

Mas eu não estou disposta a ir já embora e pergunto:

– Como é que o conheceste?

– Meu Deus, até em relação a isso estás desconfiada! Inacreditável... conheci-o através do Jacob Thynne, o tipo que fazia de Max no *Rebeca*... Foi perfeitamente normal... Uma noite em que fomos ao Groucho.

Enquanto fala, porém, o tom atraiçoa-lhe as palavras: a sua voz está fraca e nervosa, e eu faço um último esforço.

– Por favor, Tilda, deixa-me ajudar-te. Quero ajudar. Sinceramente, espreita o *homenscontroladores.com*!

– Estás a ser ridícula, Callie – diz ela. – Tens de parar de te comportar assim!

Levanta-se, fita-me com frieza e depois apressa-se a sair do café.

Tiro o portátil da mala e escrevo: *A Tilda parece amedrontada, insegura e nervosa. Falei-lhe do homenscontroladores.com, mas ela não me dá ouvidos. Quando falo com ela, só pioro as coisas. Afasto-a de mim e aproximo-a mais DELE.*

2000

6

A única altura em que sinto que somos parecidas, por dentro e por fora, é quando vamos nadar, o que acontece quase todos os sábados de manhã. A nossa mãe fica sentada à beira da piscina, com as pernas a baloiçar na água, a ler o seu livro e a olhar de vez em quando para verificar que não nos afogámos, enquanto eu e a Tilda mergulhamos por baixo das pernas uma da outra, damos cambalhotas e apanhamos moedas do fundo da piscina. A nossa passagem perto e por baixo uma da outra parece harmoniosa e onírica, apesar de todos os gritos e da água chapinhada à nossa volta, e é uma epifania sentir-me calma e confiante por dentro. Regra geral, a minha irmã ofusca-me e eu fico diminuída pela força da sua energia luminosa. Mas, como nadadora, sou capaz de a acompanhar – embora seja uma nódoa noutras atividades físicas – e suspeito que tenho uns pulmões de campeã. Aguento-me mais de um minuto debaixo de água, e venço a Tilda quando fazemos o pino. Para além disso, temos o cabelo enfiado dentro de toucas brancas de natação idênticas, pelo que, por uma vez, a sua luminosidade dourada fica como que escondida. Eu anseio tanto pelas idas à piscina de sábado de manhã que é costume começar a pensar nisso lá para quarta-feira.

A escola é diferente. Aí, o meu objetivo é ser invisível, o que é o oposto da Tilda, que se esforça para que reparem nela. Quando escolhem o elenco para a peça da escola – *Peter Pan e Wendy* (com canções) – ela abre caminho pela fila das audições e representa com toda a garra, como se fosse a Mary-Kate Olsen na audição para *Sarilhos com as Gémeas*. Não é a melhor atriz da turma, quanto mais da escola, mas é a mais insistente, a sua voz é a que mais se projeta, com um tom desafiante que assombra as pessoas. Quando consegue o papel de Peter Pan, vangloria-se de ter vencido os pobres rapazes e ensaia as suas deixas em alto e bom som no recreio. *A minha adaga! Ai de ti, Gancho!* Quanto a mim, observo-a, pasmada. Como pode ufanar-se assim, com a presunção óbvia e imponente de ser invejada

por todos? Seria de pensar que a sua gabarolice a tornaria impopular, mas não. Os amigos oferecem-se para a ajudar a ensaiar e a praticar esgrima com réguas de plástico.

Por norma, eu observo de longe, sentada num muro de tijolo junto a uma sebe de alfena. Mas, passado algum tempo, decido-me por uma nova rotina para os intervalos e começo a circundar o perímetro do recreio a passinhos de pombo, observando as outras crianças e detendo-me para assistir ao que quer que me pareça digno de atenção, como o túnel secreto que está a ser escavado pelos do Terceiro Ano e o zoo de insetos. Tenho uma rota habitual, no sentido dos ponteiros do relógio, que me leva pelo pomar, contornando o relvado descuidado com estruturas para trepar e o túnel, e ao longo da vedação de ferro, a estrada e o portão da escola.

Para percorrer a última secção, meto-me por uma passagem proibida entre a cantina de chapa ondulada e a lateral da escola, avançando a pisar embalagens rasgadas e amarfanhadas e cacos de vidro. Ali está frio e húmido e cheira a canos, e já me acostumei a encontrar pequenos grupos de crianças escondidas, ou raparigas a selarem amizades bisbilhotando acerca de outras raparigas. Por isso não me surpreendo quando, certo dia, entro na passagem e me apercebo de que há gente na outra ponta. Ao início não vejo as pessoas, porque passei subitamente da luz do dia para a escuridão, mas ouço risinhos, sussurrados e abafados, e o som da voz da Tilda a dizer:

– Não parem, é só a Callie.

Avanço na direção dela e dou-me conta de que está metida no espaço entre as paredes com a Wendy Darling e o Capitão Gancho. A Wendy tem a cara colada à do Gancho e a Tilda está enrolada nos dois, com a cara encostada às deles. O Gancho vira-se para a Tilda e eles empurram-se e beijam-se violentamente, com as costas da Tilda contra os tijolos e a perna dela levantada e apoiada na parede em frente. Ela afasta a cabeça e olha para mim, ali especada, a ver.

– O que estão a fazer? – sai-me num tom acusatório, que não era a minha intenção.

A minha irmã abre a boca e espeta lentamente a língua de fora, com uma goma de morango em forma de serpente, daquelas que se compram na mercearia.

– A passar a serpente – diz ela, com cuidado, para que não lhe caia, ao mesmo tempo que puxa as mangas e a saia para baixo. – Queres?

Abro bem a boca e a Tilda encosta-se a mim e, com as línguas, fazemos a serpente passar da sua boca para a minha. Dou um passo atrás, atônita por me terem deixado participar.

Depois ouvimos um estridente:

– Fora! Saíam já saí! – A professora que se encontra ao fundo da passagem não é a menina Parfitt, mas a assustadora Sra. Drummond. – Sabem que é proibido ir para essa ruela – diz ela, quando emergimos numa fila indiana abatida, e depois: – Estou surpreendida *contigo*, Callie Farrow.

Eu mantenho a boca bem fechada, cheia de serpente, e depois corro para a casa de banho das raparigas em vez de ir para a aula e fico a ver o suor do meu rosto ao espelho enferrujado. Tento fazer a serpente durar. Sem chupar.

Foi essa a origem da minha ideia de comer coisas que pertenciam a Tilda. À noite, ficávamos lado a lado, de pijama, a lavar os dentes antes de irmos para a cama. Mas eu agora lavo-os muito devagar, espero que a Tilda saia da casa de banho e depois, quando tenho a certeza de que ela se foi mesmo embora, tiro a escova de dentes dela do copo e uso-a em vez da minha, lambendo-a e chupando-a como um rebuçado para me assegurar de que apanhei parte do seu cuspido. Noutra ocasião, depois de a nossa mãe nos cortar o cabelo, apanho um tufo dourado do chão da cozinha e levo-o para a casa de banho. É difícil comer cabelo porque não dá para o mastigar e, se tentamos engoli-lo, engasgamo-nos. Por isso, uso um corta-unhas para o reduzir a pedacinhos minúsculos e vou ao andar de baixo buscar um copo de leite; depois, a ver-me ao espelho da casa de banho, bebo o cabelo misturado no leite.

A Tilda tem um diário. Uma vez, vejo-o pousado na nossa cómoda, ao lado dos animais de vidro que colecionamos, rasgo um canto de uma página coberta com a sua letra rabiscada e caótica e como-o. É fácil comer papel; dá para o dissolver na boca, mas a Tilda faz uma birra de todo o tamanho quando vê o canto em falta, acusando-me de lhe ler o diário e de o estragar. «Só li uma página, mas era tão chato que desisti», digo-lhe. Depois disso, ela esconde-o, mas eu sei onde está – enfiado no canto de uma fronha.

De outra vez, vou à despensa da cozinha porque sei que, se me puser em cima de um banco, conseguirei chegar à prateleira que tem a lata vermelha onde a mãe guarda os nossos dentes de leite, os que pusemos debaixo da almofada para a fada dos dentes. Estou empoleirada no banco, a esticar-me e a tocar na lata com as pontas dos dedos, já a puxá-la para mim, quando me

dou conta de que a nossa mãe está a observar-me.

– Que estás a tramar, Callie?

– Só queria ver os nossos dentes.

Ela diz:

– Isso é querido. – E deixa-me continuar, por isso tiro três dentes da lata e corro para o meu quarto no andar de cima, onde os escondo na gaveta da roupa interior.

Decidi comer os dentes mesmo na presença da Tilda, mas sem ela saber, calculando que, se conseguir comer os três, é provável que um ou mais sejam dela. A minha oportunidade surge cerca de uma semana depois, quando chegamos da escola numa tarde nublada e a casa cheira a bolo. A nossa mãe fez uma *Sachertorte* de chocolate; e, quando entramos na cozinha, diz-nos que vendeu um quadro, o que é sempre motivo de grande celebração na nossa casa. Compreendemos que o seu emprego como professora de arte é uma fonte de integridade nas nossas vidas, que paga as contas, mas que os seus quadros são algo especial. Corro até ao quarto para ir buscar um dente; depois junto-me à Tilda e à nossa mãe à mesa da cozinha, onde comemos bolo e bebemos sumo de laranja. Enquanto elas estão compenetradas numa conversa acerca de compota de alperce, meto o dente na boca com um pedaço de bolo e faço força para engolir.

Mas o dente não desce com o bolo e continua na minha boca. Tento de novo com sumo de laranja, mas desta vez engasgo-me, cuspiendo o sumo; e o dente dispara e cai em cima da mesa. Tapo-o com uma palmada no tampo. Elas não veem. Continuam a falar uma com a outra e não deram pelo momento crítico, pelo que pego no dente e saio da cozinha a correr e a tossir, com a nossa mãe a perguntar-me:

– Estás bem? Foi pelo sítio errado?

Depois disso, decido não engolir dentes em público. Em vez disso, faço-o na casa de banho, com a porta trancada. O primeiro dos três dentes lá desce, com um trago enorme de água e, enquanto engulo, reparo que a Tilda não puxou o autoclismo e que o seu chichi amarelo-esverdeado está ali, a fazer lembrar sumo de maçã.

Uso o copo para recolher uma quantidade pequena de líquido, que bebo tão depressa que nem sei a que sabe – talvez seja azedo, como limões. Sinto um arroubio momentâneo de satisfação e contentamento, logo seguido de medo. E se me tiver envenenado? À noite, sonho que estou numa cama de

hospital a ser interrogada por médicos de bata branca que me perguntam: «Como é que esses germes entraram em ti, minha menina? O que fizeste?» E, quando estou prestes a morrer para não revelar o terrível segredo, a Tilda aparece a meu lado, de lágrimas nos seus olhos distantes, dizendo: «Por favor, Callie, conta-lhes e pronto. Isso vai salvar-te a vida.» Mas eu sei que ficarei calada até morrer. De manhã, acordo traumatizada e tomo a resolução de deixar de comer coisas da Tilda.

Durante os dias e semanas que se seguem ao nosso encontro desastroso em Regent's Park, vou telefonando à minha irmã para verificar se está bem, mas o seu telemóvel direciona-me permanentemente para a caixa de mensagens e, com o aprofundar do silêncio, dou por mim a afundar-me, a preocupar-me constantemente com o seu estado emocional. Suponho que ande a ficar obcecada, pois é frequente ser a primeira coisa em que penso quando acordo de manhã. Já estou convencida de que o Felix lhe faz mal, tanto física como psicologicamente, e, enquanto caminho para o trabalho, vou inventando formas de a resgatar dele; depois, a seguir ao trabalho, vou com regularidade ao *site* homenscontroladores.com, para participar nos fóruns e falar de maus-tratos emocionais e comportamentos coercivos. Até sonho com ela, especificamente acerca de a salvar, como mães sonham que salvam os seus bebés de incêndios descontrolados ou de mares furiosos, e dou repetidamente por mim debaixo de água, a agarrar-lhe o cabelo com uma mão e a usar a outra para nadar contra a força descendente de uma corrente poderosíssima. É estafante.

De vez em quando, apanho o autocarro para o centro e passo algum tempo no Caffé Copernicus da Curzon Street, que fica do outro lado da rua do apartamento dela. Não estou propriamente a espiá-la, é mais uma questão de me saber bem estar perto. Fantasio que ela é capaz de precisar de mim nalguma emergência mais grave do que uns quantos hematomas nos braços e sento-me no meu lugar favorito à janela, que tem uma vista desimpedida da porta do prédio e das janelas da sala de estar no primeiro andar. Não que aconteça alguma coisa. As novas persianas mantêm-se cerradas e não há qualquer indício do que se passa atrás delas, pelo que fico entregue aos meus pensamentos que se lançam em direções alarmantes. Dou por mim a congeminar planos bizarros de fuga do apartamento – saltar da janela do quarto nas traseiras, por exemplo, com um telhado de vidro para amparar a queda em vez de arriscar o tombo da sala de estar para o pavimento de cimento.

Não a tenho visto de todo e espero que chegue o dia em que ela me confidenciará os seus problemas e me deixará ajudá-la. Entretanto, mantenho-me concentrada, tomando nota das minhas observações. Vejo-me forçada a reconhecer que o dossiê tem mudado muito. Nos últimos anos, era como um caderno de anotações ocasionais, onde registava apenas uma ou outra coisa acerca da Tilda e a que regressava quando me sentia particularmente avassalada por ela, ou quando ela dizia algo que me perturbava. Mas agora escrevo no meu portátil quase todos os dias, e concentro-me tanto no Felix como nela. Pareceu-me útil fazer um inventário de todos os seus comportamentos esquisitos e sinistros, pelo que escrevi mais acerca da forma como ele estava a arrumar-lhe todos os armários quando o conheci, acerca das injeções de vitaminas, que na altura aceitei, mas que agora me parecem completamente bizarras; da forma como organizou umas férias sem a consultar de todo e mandou os seus empreiteiros fazer-sabe-Deus-o-quê ao apartamento dela. E, pior ainda, os sinais de violência – quando a manteve debaixo de água naquele dia no Tamisa, aquelas nódoas negras nos braços dela, e o ar que ela tem agora. Como que abatida e descarnada. E é isso que estou a fazer hoje – a rever os meus ficheiros e a acrescentar os meus comentários acerca de como ele está a isolar a minha irmã, a separá-la de mim.

Sou a única cliente do café, pelo que não tenho distrações, e trabalho tranquilamente durante cerca de meia hora, fazendo o chocolate quente durar bastante e mordiscando uma banana que trouxe de casa. Depois fecho o portátil e pego no meu livro, o policial escandinavo chamado *O Artista* que levei ao apartamento da Tilda. É sobre um assassino em série que grava pistas nos troncos das vítimas com um estilete e estou absorta na leitura; mas levanto a cabeça, como que impelida por qualquer coisa, um som ou um toque, e vejo que, do outro lado da rua, a porta do prédio se abre. Fico fascinada, pois, ao longo de todas as horas que tenho passado no Copernicus, aquela porta permaneceu fechada, como uma barreira impenetrável a manter-me do lado fora e a manter a Tilda do lado de dentro.

Estou com sorte: é a minha irmã que se encontra no passeio do outro lado da rua, oculta por instantes pelo tráfego em movimento. Espero, perguntando-me se o Felix aparecerá. Mas não. É só a Tilda, a olhar em redor, para um lado e para o outro da rua e a dada altura parece que está a espreitar pela janela do café e a olhar mesmo para mim. Nesse segundo,

vejo que o rosto dela está como que escavado, ainda mais magro do que quando a vi no café de Regent's Park; e que tem o sobrolho franzido. Mas não tenho tempo para tirar quaisquer conclusões, porque ela vai-se embora.

Deixo três libras em cima da mesa, enfio o portátil e o livro no saco de plástico onde está a meia banana que ainda não comi, e corro para a saída, embatendo dolorosamente com a coxa na esquina de uma mesa. À saída, detenho-me de olhos postos na Tilda, que avança pelo passeio até virar em direção a Shepherd Market. Agora vou quase a correr e sigo-a por um caminho estreito até um pátio com piso de paralelepípedos, cheio do sol de fim de tarde e a abarrotar de trabalhadores de escritórios em frente aos *pubs*, a beber e a fumar. A Tilda vai dez metros à minha frente, passando por entre a gente, de cabeça baixa para que ninguém a reconheça, e eu alcanço-a no preciso momento em que ela entra numa papelaria. Espero do lado de fora, junto à porta para que ela não me veja, e, quando sai, toco-lhe no ombro. Ela salta como se tivesse sido picada por uma vespa.

– Por amor de Deus, Callie, que porra é que estás a fazer?

A reação dela não me ofende. Dadas as circunstâncias, é compreensível.

– Vi-te, foi só isso. Por acaso estava na Curzon Street e vi-te a sair de casa... estás bem? Tens um ar preocupado... E se fôssemos aqui a um bar e conversássemos como deve ser?

– Não, não posso. Quero dizer, estou com pressa... precisava de comprar cigarros, mas tenho de voltar.

Perscruto-lhe o rosto e o corpo em busca de sinais. Ela traz vestida uma camisola de manga comprida que não me deixa ver-lhe os braços, e tem um lenço fino de algodão cinzento à volta do pescoço, que também lho esconde, mas vejo-lhe os dedos ossudos e as unhas roídas. Parece-me que traz o cabelo mais esgadelhado e sujo do que é habitual e estou a ficar muito ansiosa quanto ao seu bem-estar quando ela me surpreende:

– Olha, e se eu amanhã fosse almoçar contigo? Passo pela tua livraria à uma e vamos àquele *pub* de que costumas falar, o que fica na esquina...

– A sério? Podes fazer isso?

– Claro que posso.

– Queres que te acompanhe até casa?

Parece uma proposta inocente, mas na verdade é um teste e a Tilda diz:

– Não. Não faças isso.

Inclina-se para a frente e toca-me na face com os lábios que, a propósito,

estão secos e gretados. Não me agrada o aspeto que têm e tomo nota mental para depois pesquisar a respeito de lábios gretados, para ver se podem ser um sintoma de *stress*.

– Não há problema – insisto. – Posso voltar para trás contigo.

– Não te maces – diz ela num tom firme. – Amanhã falamos. Tenho imenso para te contar.

Ela enfatiza a palavra *imenso* e eu pergunto-me se estará a planear ser sincera acerca do Felix.

– Ok. Vou andando, então.

Dou-lhe também um beijo e sigo por entre a gente, virando na White Horse Street para Piccadilly, de saco de plástico bem encostado ao peito.

Gosto de chegar a casa. O meu apartamento parece um sítio normal depois do massacre mental do Centro de Londres. Fica no primeiro andar e tem um pequeno quarto nas traseiras do edifício, com vista para um jardim negligenciado que não tenho autorização para usar. Não me importa. Posso abrir a janela para o ar fresco entrar e gosto do barulho dos comboios que passam por trás das árvores. Por causa da ligação que tem ao exterior, é a minha divisão favorita e é um bom sítio para pensar.

A outra parte do apartamento é a cozinha/sala de estar, que é escura por causa das paredes verde-garrafa, que quero pintar de outra cor, mas que acabo por nunca o fazer. Tem uma bancada para o pequeno-almoço, um sofá de dois lugares e um televisor (com leitor de DVD), e uma pequena janela que dá para os tijolos da parede da casa ao lado. Nessa divisão, cozinho, assisto a reposições de *Miss Marple* e *Poirot* e a filmes policiais escandinavos. Mas passo a maior parte do tempo no quarto, sentada a uma mesa que encontrei num contentor e que pus debaixo da janela. É aí que tomo as minhas refeições e que uso o portátil – que é o que faço assim que chego a casa depois do meu encontro com a Tilda, pois estou ávida por me pôr *online*. Fiz amigas no fórum da internet de que lhe falei – *homenscontroladores.com*. Chamam-se Scarlet e Belle, e ambas têm experiências de relações abusivas. A Scarlet só se inscreveu há cerca de uma semana – mas parece saber muito. A Belle faz parte do fórum há séculos.

Como a metade que sobra da minha banana, que entretanto ficou esmagada, e entro, vendo que a Belle já está ligada, mas a Scarlet não. A Belle repara logo em mim.

Belle: *Olá, Meninacallie. Bem-vinda de volta.*

Meninacallie: *Olá, Belle. Dia interessante. Preciso de falar.*

Belle: *Eu tb!*

Apercebo-me de que vou ter de ouvir as novidades dela antes de poder falar da Tilda; realmente, num instante a Belle começa a contar-me tudo acerca do seu encontro dessa manhã no Starbucks com a amiga, Lavanda. Tinham pedido *cappuccinos*, disse-me, e barritas de cereais, e acabavam de pousar o tabuleiro numa mesa quando, ainda antes de se sentarem, o marido da Lavanda apareceu «para manter a conversa debaixo de olho», de forma a que a Lavanda não pudesse revelar nada pessoal.

Belle: *Comportamento controlador clássico.*

Meninacallie: *Sem dúvida.*

A Belle é enfermeira de geriatria num hospital de York, e a Lavanda é a sua melhor amiga dos tempos de escola. A Belle partilhou todos os pormenores horríveis da vida e do casamento da Lavanda, cujo marido a obrigou a despedir-se porque tinha receio de que ela conhecesse outro homem no emprego; agora telefona-lhe cinco vezes por dia «só para dizer olá» e acusa-a de gostar mais dos filhos do que dele. A Belle acha que a relação deles está a chegar a um ponto crítico.

Belle: *A Lavanda não pode falar. M eu sei q está PREPARADA p o deixar!*

Ela está muito entusiasmada porque acha que a Lavanda é capaz de fugir com os filhos e ir viver com a mãe.

Todas as nossas conversas são anónimas, por motivos óbvios. Assim, Lavanda é um nome inventado, tal como Belle. Como eu, ela é uma Protetora – a sua função é ajudar uma amiga, apoiá-la como puder. E a Lavanda, como a Tilda, é uma Presa – uma mulher numa relação com um homem perigoso e controlador. As Presas têm nomes de cores e eu atribuí à Tilda o nome Rosa, porque acho que o cor-de-rosa é otimista. E chamamos a todos os homens, os Predadores na nossa linguagem, X. Por isso, *online*, o marido da Lavanda chama-se X, e eu refiro-me sempre ao Felix como o X. Quando a Scarlet está *online*, conversa como se fosse uma Protetora, como eu e a Belle, mas na verdade é uma Presa, aprisionada numa relação com um maníaco do controlo (embora seja complicado – ela gosta dos jogos sexuais bizarros a que se dedicam). Ao início o sistema parece estranho,

mas depressa nos habituamos. E eu sou a Meninacallie porque me inscrevi antes de perceber que devíamos ocultar a nossa verdadeira identidade, mas não contei à Scarlet e à Belle que me chamo mesmo Callie.

Tenho-as bombardeado com perguntas acerca do Felix, acerca da forma como se colocou entre mim e a Tilda, acerca dos braços magoados e do dia em que ele a empurrou para o fundo do Tamisa, com tanta naturalidade, como se fosse a coisa mais normal a fazer. Por vezes penso que sou prisioneira de uma imaginação sinistra, que estou a deixar-me levar, mas a Scarlet é direta e analítica e diz que, no seu conjunto, os sinais são claros – o Felix é um perigo para a Tilda. A Belle também não tem dúvidas.

Por fim, pergunta-me:

Belle: *Q novidades tens?*

Meninacallie: *Hoje vi a Rosa e falei com ela.*

Belle: *!!????!?? Ela está bem?*

Meninacallie: *Nem por isso. Muito magra. Olhar distante, lábios gretados. Tenho medo que o X ande a fazê-la passar fome.*

Belle: *Extremamt provável. Fácil de fazer. Garantir que n há comida NENHUMA em casa. Reter o dinheiro. Tácticas Típicas de Predador!!!*

Meninacallie: *Ela saiu para comprar cigarros.*

Belle: *É fácil as Presas terem as prioridades trocadas. Se calhar a Rosa tem uns quantos tostões e sente + a falta de nicotina do q de comida!!*

Meninacallie: *Ela amanhã vai ter comigo ao meu emprego e vamos almoçar juntas.*

Belle: *!!! Sem o X????*

Meninacallie: *Sim. Pelo menos, ela não o mencionou. Espero que dê para termos uma conversa como deve ser acerca do perigo que ela corre. Acerca de uma Estratégia de Saída. E de como posso ajudar.*

Não é preciso muito para me lembrar do motivo pelo qual prefiro conversar com a Scarlet. As escolhas ortográficas e os sinais de pontuação aleatórios da Belle distraem-me e não posso deixar de pensar como será ela a trabalhar no hospital, nas alas dos idosos. «Então, Meu!!! Está na hora do

supositório????!!!» ou «Nem PENSAR que isto vai MAGOAR o Sr. Rumbelow!!!!????» Mas é uma pessoa amável e está sempre a tentar cuidar da Lavanda, protegê-la, e também nos conta histórias do género: *Cantei a Sound of Music toda à Sra. Prakash, porque era a música preferida dela, e depois ela vai e morre-me!!!* A Scarlet é o oposto – sempre séria, sempre contida, de maneira que nunca sinto que a conheço bem. Precisamente quando estou a pensar isto, ela aparece no ecrã.

Scarlet: *Olá Belle. Olá Meninacallie. Não posso ficar, o X está quase a chegar – quer atenções especiais –, mas podemos encontrar-nos na Zona amanhã às 19.30?*

Belle: *CLARO!!*

Meninacallie: *Sim, por mim pode ser. Vou ver a Rosa amanhã, por isso depois posso contar como correu.*

Scarlet: *Boa. Vejam o noticiário desta noite. Vai ser informativo.*

É típico da Scarlet ter aquele tom autoritário, dizer-nos o que fazer. E reparei que, ultimamente, costuma redirecionar-nos para a Zona, uma troca de mensagens independente que usamos quando não queremos que desconhecidos se juntem à nossa conversa no fórum. Usamo-la quando temos informação privada para partilhar, como os episódios do trabalho da Belle e a vida sexual da Scarlet. Compreendo a sua preocupação, porque é frequente um homem aparecer no *site* para nos dizer que as mulheres também podem ser controladoras, ou para nos chamar nomes e ser agressivo, embora a Mediadora apague os piores insultos bastante depressa. Mas temos de ser *tão* vigilantes... é fácil um Predador infiltrar-se no fórum como espião. Por isso, submetemos novas pessoas a interrogatórios cerrados, para as avaliarmos. Certa vez, uma pessoa que dava pelo nome Destini parecia genuína e participou nas nossas conversas durante semanas, mas depois começou a dizer que, se as Presas fossem mais «femininas» e «agradecidas», os seus «problemas» com os Predadores desapareceriam. Nada subtil. E, quando foi desafiado, atacou-nos com palavrões horríveis.

Os nossos tópicos podem ser específicos, como conselhos dados a Presas e Protetoras em situações desastrosas, e as mesmas histórias velhas e previsíveis passam a vida a aparecer, com Predadores a desconfiarem que as mulheres ou namoradas andam a ser-lhes infiéis, estão prestes a deixá-los

ou lhes faltam ao respeito. O que mais me surpreende são as ideias criativas que os Predadores têm em relação aos castigos. A Violeta tem de «apresentar despesas» quando faz as compras para a casa e guardar recibos de um quilo de tomate ou uma embalagem de ovos. E a Siena contou-nos a história de quando poupou para comprar um vestido de um tecido sedoso e amarelo. Quando o vestiu e deu uma voltinha, o X disse-lhe que ela era uma ovelha disfarçada de cordeiro, abriu-lhe o fecho-éclair e cortou-lhe meticulosamente o vestido em quadrados do tamanho de panos do pó. E todas estamos preocupadas com a Lilás, porque não pode entrar na sala do seu apartamento remodelado. O X pôs uma fechadura com código na porta e passa a maior parte das noites lá dentro, ocupado com algum passatempo misterioso que requer martelar e arrastar mobília. Os pontos de exclamação da Belle enlouquecem quando ela se põe a pensar em todas as possibilidades.

Também falamos de notícias relevantes para o nosso fórum, e há muitas, mesmo só nos últimos meses. Como a de Steve Chase, o taxista de Swindon com «um sorriso conquistador», cuja mulher, Sheree, lhe disse que queria divorciar-se, ao que ele a trinchou com um machado antes de matar os filhos, Lauren, de quatro anos, e Bradley, de dois, e de se enforcar na garagem. São coisas grotescas, mas estão sempre a acontecer, com tanta frequência, na verdade, que os assassinios de Chase nem sequer apareceram nas primeiras páginas dos jornais e, no *site* da BBC News, vinham em sétimo lugar. No homenscontroladores.com, apercebemo-nos de que sempre tinha havido sinais. A irmã de Sheree contou à comunicação social que, ao início, Steve fora um namorado romântico, enchendo Sheree de presentes, levando-a a Amesterdão, aparecendo no trabalho dela com rosas brancas. Depois do casamento, ele mantivera o controlo – comprava-lhe a roupa, ditava quando ela podia ou não ver os amigos, proibia-a de guiar o carro.

E houve o caso do sequestro de Topeka. Nas fotos, Wez Tremaine tinha um ar horrível, com o seu cabelo de louco e uma monumental barriga de cerveja, mas os seus amigos eram iguais, os tipos normais cujos olhos ficavam vidrados e atónitos ao falarem com os repórteres da TV. Wez tinha sido chamado à atenção pela Polícia por bater em Jaynina, a mulher que fugira em 2004 depois de ele lhe arrancar dois dentes e partir seis costelas, e era sabido que tinha um lado sombrio. Mas não passava pela cabeça de ninguém que ele tivesse duas adolescentes acorrentadas na adega. Não

havia margem para respostas tortas de Leeane e Joelle, não havia como fazerem uma radiografia quando ele lhes mostrava quem mandava, não havia pretextos quando ele queria sexo. Wez foi notícia de primeira página, claro, por todo o mundo, porque, ao fim de três anos no buraco do inferno de Tremaine, Leeane e Joelle fugiram, e toda a gente adora quando alguém regressa do mundo dos mortos.

Tenho recebido tanta ajuda da Scarlet e da Belle, bem como de outras pessoas no fórum, dando-me conselhos acerca do Felix, analisando as suas ações para ver como se encaixa no perfil típico de Predador, pois é controlador e preconceituoso. Não me surpreende que haja um consenso geral a coincidir com a minha opinião, que é a de que o Felix está a isolar a Tilda e a controlar-lhe a vida. Tenho a impressão de que ele está constantemente a monitorizar-lhe o comportamento. Para além disso, parece-me suspeito que a Tilda não tenha aceitado trabalho recentemente. Antes do Felix, estava sempre a falar dos novos papéis que andava a considerar; desde que o Felix apareceu, nada.

É claro que me sinto aliviada por ele não a ter convencido a casar-se, nem a ter engravidado. Mas, quando mencionei à Scarlet que esperava que a Tilda arranjasse uma forma de o deixar, ela salientou que, como a minha irmã é famosa, ele vai ter sempre uma boa hipótese de a encontrar. Alguém publicará alguma coisa no Instagram a dizer que a viu num café ou deitada numa praia. A Scarlet tem razão e, às vezes, passo metade da noite à minha mesa debaixo da janela, a tentar encontrar soluções. Pergunto-me se a Tilda estaria disposta a abrir mão da carreira de atriz e a assumir outra identidade – cortar o cabelo e pintá-lo de preto, e mudar-se comigo para o México ou para a Austrália. Ou talvez adotar um nome francês e mudar-se para uma cidade grande como Marselha, ou Bordéus. Depois ponho-me a pesquisar se uma mudança de nome é um documento público, com receio de que o Felix seja capaz de a localizar.

Estou ocupada com este tipo de pesquisa na internet quando me lembro de que a Scarlet nos disse para assistirmos ao noticiário, pelo que vou ao *site* da BBC e vejo que, hoje de manhã, uma jovem chamada Chloey Percival estava a trabalhar na perfumaria do Debenhams, em York, quando um tipo encapuzado entrou e começou a atacá-la, atirando-lhe lixívia para a cara e esfaqueando-lhe o estômago. Um casal de meia-idade que andava às compras, Sandra e Trevor Abbott, esforçou-se por afastá-lo e manietá-lo,

mas ele libertou-se e fugiu da loja para uma rua apinhada de gente. A Polícia anda à procura de um suspeito chamado Travis Scott e Chloey está na unidade de cuidados intensivos de um hospital de York.

Percebo por que razão a Scarlet queria alertar-nos. O namorado dela vive na paranoia de outro homem lha roubar por ela ser tão bonita (ela disse-nos isto de uma forma factual, mas na verdade nunca vi uma fotografia dela). Podia ter sido atriz ou modelo, diz ela, mas o X não a deixou e obrigou-a a desistir de tentar. Tal como Chloey Percival, a Scarlet trabalha num local público, tratando de bronzeados, depilações e manicuras em Manchester. O X aparece com frequência no seu emprego, sem avisar, e a Belle achou que seria engraçadíssimo perguntar: *O X alguma x te apareceu quando tavas A MEIO de uma depilação complicada??!!*

Mas não tem graça nenhuma e desconfio que a Scarlet se sinta assustada com o caso de Chloey Percival, aterrorizada com a possibilidade de a próxima ser ela.

Na escola, assisto a como tudo ganha vida no que diz respeito ao Peter Pan. Nos intervalos, a Tilda passa a maior parte do tempo com o Capitão Gancho, cujo verdadeiro nome é Liam Brookes. Sentam-se os dois no chão de pedra, a um canto do recreio, a abraçar os joelhos e a rever as suas falas. Quando me aproximo, ouço a minha irmã a dizer: «As primeiras impressões são terrivelmente importantes» e a deixa que ela adora e passa a vida a repetir: «Morrer será uma aventura terrivelmente grande.» Depois ela repara em mim e diz:

– Vai-te embora, Callie.

E eu retomo o meu percurso pelo perímetro do recreio.

Em casa, o Liam está sempre a vir à baila. Primeiro é no contexto de *Peter Pan*, que se tornou o principal interesse que a Tilda tem na vida e que lhe permite falar na sua voz de Peter, uma cadência sempre a elevar-se, de tal maneira que parece estar incessantemente a incentivar as tropas, *mais uma vez, meus amigos!* Ouvimos histórias intermináveis das suas cenas com o Capitão Gancho, ela conta-nos que o duelo com espadas entre eles é muito complicado e que requer saltos aterradores das rochas para o navio e de novo para as rochas.

Depois o nome do Liam começa a surgir em tudo o resto, tanto que eu mal me atrevo a dizer o que quer que seja, com medo de o causar, pensando que, se referir que gosto de ervilhas, isso levará a uma longa descrição do quanto o Liam adora ervilhas. Certa vez, enquanto comemos pão torrado com feijão, a Tilda, do nada, conta-nos que o Liam é capaz de nadar vinte e cinco metros debaixo de água, e eu deixo cair a cabeça na mesa e recuso-me a levantá-la.

A nossa mãe ignora o meu protesto e segue o sinal da Tilda. De uma forma descontraída, como se a ideia tivesse acabado de lhe vir à cabeça, diz:

– Bem, ele pode vir nadar connosco no sábado, se quiser.

A Tilda praticamente pula da cadeira.

– Posso telefonar-lhe já a convidá-lo?

Quanto a mim, saio da mesa e subo as escadas a bater com os pés; depois tiro o diário da Tilda da fronha e encontro pequenos «L», beijos e corações nas margens, e vejo que ela tem andado a praticar a assinatura da futura Tilda Brookes. Não consigo evitar: rasgo um canto e como-o.

No sábado, quando tocam à campainha, corro para abrir a porta e deparo-me com o Liam, de toalha às riscas enrolada debaixo do braço nu e moreno, e com uma expressão séria, como um escoteiro preparado para ser inspecionado. Sinto uma vaga inesperada de afeto por causa do elemento indisfarçado de expectativa na sua expressão, como se estivesse à espera de que gostem dele, lhe façam perguntas ou gozem consigo. Para além disso, reparo que o seu cabelo escuro está espetado. Ele mantém-se diante da porta, a olhar para mim, e eu vejo que a toalha que traz está descolorada, ruça e a esfiapar-se, e tem os calções de banho à vista na cintura, como a compota de uma torta.

– É melhor entrares – digo.

No autocarro, a Tilda vai sentada ao lado do Liam, e eu e a nossa mãe vamos nos bancos atrás deles, com todos os nossos sacos. Encosto a cabeça à nossa mãe, que passa o braço à minha volta, e diz: «Piu, piu», porque sabe que isso me faz sorrir.

Depois ficamos caladas, a tentar escutá-los. Mas eles só falam de *Peter Pan* e eu apercebo-me de que qualquer outro assunto seria demasiado esforço. E, na piscina, a conversa é só acerca de nadar.

Afinal, o Liam nada melhor do que eu ou a Tilda; é mais forte, mais rápido e, como previamente anunciado, particularmente bom a sustentar a respiração (a *minha* especialidade!)

– Vejam só! – grita ele, antes de tapar o nariz e de se sentar de pernas cruzadas no fundo da piscina.

Começamos a contar: um, dois, três. Aos trinta, sobem bolhas e, aos setenta e dois, continuamos a contar. Depois ele emerge num grande jorro, parecendo estar quase a explodir. Então nada até ao outro lado da piscina debaixo de água, vira-se e faz metade do caminho de volta antes de vir à superfície. A caminho de casa, pergunta à minha irmã se ela sabe andar de patins, e ela diz que não, mas que gostava de aprender – pelo que calculo que em breve vá receber um convite. Depois de ele se ir embora, a nossa

mãe comenta:

– Aquele rapaz tem uns olhos inteligentes.

Os dias passam, mas o convite para andar de patins nunca chega e, na sua ausência, a Tilda fica irritadiça se o nome do Liam vem à baila, já não querendo que ele seja o tema de todas as conversas à refeição. Seria típico dela insistir e pedir diretamente ao Liam que a ensinasse a patinar, mas ou ele se esquivava, ou ela se mantinha calada. Nas minhas voltas pelo recreio, vejo que ela e o Liam ainda se juntam para se prepararem para *Peter Pan*, mas pressinto um constrangimento na proximidade deles que antes não existia. E, em casa, a Tilda mostra-se arisca e intempestiva comigo e com a nossa mãe, e começa a passar muitas horas no nosso quarto, de porta fechada. Mas há um fim de tarde em que me chama para a ajudar a ensaiar as suas falas e, quando chego, encontro-a enroscada na cama, de olhos raiados de sangue, nariz a pingar e os lençóis puxados até ao pescoço.

– Estás com um aspeto horrível – digo-lhe. – Que se passa?

Ela enfia o dedo na boca e morde-o com tanta força que espero ver sangue a correr. Depois senta-se e começa a bater com a cabeça contra a parede.

– Para com isso!

Afasto-a, a pensar que enlouqueceu, e caímos as duas debaixo das cobertas, a tremer de emoção. Faço-lhe festas no cabelo e tento acalmá-la.

– Então, vai ficar tudo bem. A sério. Lembra-te de que me tens a mim para cuidar de ti... Lembra-te de que somos as amadas.

Ela esboça um sorriso choroso. *As amadas* é o que nossa mãe nos chama, desde que éramos pequeninas.

– E o Peter Pan? – pergunto. – Pensa só na sexta-feira e em como vais ser maravilhosa...

– Eu sei... – Ela parece desesperada. – *Tenho* de ser boa na sexta... tenho...

*

Na sexta-feira à tarde mantenho-a debaixo de olho, receando que se vá abaixo. Quando lhe pergunto se está assustada, ela diz apenas:

– Oh, não, estou bem – como se não houvesse motivo para preocupação, mas eu continuo a preocupar-me até às cinco da tarde, altura em que o

público chega. Às cinco e meia, o salão da escola está a abarrotar, cheio de energia e barulho, mas as conversas esmorecem rapidamente assim que a música começa e as cortinas se afastam para revelar o quarto das crianças adormecidas da família Darling. Uns minutos depois, quando a Tilda aparece, sinto-me mal.

Ela avança tremidamente para o centro do palco, de rosto pálido, olhos perdidos de medo, e eu fico paralisada onde me encontro junto à parede, praticamente incapaz de respirar. Mas, de algum lugar, a minha irmã recupera a coragem e começa a dar largas à voz de Peter Pan, em alto e bom som. Não tarda a dominar o palco, saltando de um lado para o outro como se o piso estivesse a arder, brandindo a espada. E torna-se evidente que é o Liam, e não a Tilda, quem está abalado pela ocasião. Nos ensaios era dinâmico e comportava-se como um verdadeiro espadachim, mas, agora que está no centro das atenções, fica como que diminuído. Em todas as cenas, a atuação da Tilda abafa-o. Por vezes ela dirige pequenos apartes ao público que deixam toda a gente a rir, e a sua representação suscita várias rondas de aplausos espontâneos. No final, quando os pais batem palmas e assobios, é com um ar extático que ela faz vénias, enquanto o Liam olha de relance para ela, num misto de admiração e de perplexidade. Depois, a Sra. Brookes vem ter com a nossa mãe e eu fico surpreendida ao ver que é uma daquelas mães obesas da zona de Peckham, e que tem uma fileira de argolas largas de metal que lhe chegam ao lóbulo da orelha.

– Que bela atriz, a sua Tilda – diz ela, com um sorriso tão rasgado e aberto como o do Liam. – Já estou a vê-la a seguir esta carreira. – Vira-se para mim. – Então e tu? Não querias participar na peça?

Encolho os ombros. O Liam junta-se a nós e a nossa mãe diz que ele deu alma ao Capitão Gancho e que tem de ir visitar-nos um dia destes. Enquanto ela fala, a Tilda chega e vamos para o carro.

– Até segunda – diz o Liam.

E a Tilda sorri de orelha a orelha, como se ele tivesse resolvido tudo entre eles.

Mais tarde, já em casa, subo para o quarto e remexo nas roupas de uma gaveta a abarrotar de *tops* e *t-shirts*. Tenho aqui uma camisola antiga de lã vermelha, que agora é demasiado pequena para mim, bem escondida. Tiro de lá o meu dossiê, que guardo embrulhado na camisola. Já não é o caderno que tinha aos sete anos, mas outro que comprei numa WHSmith, com a

minha semanada. Abro-o e vejo que há seis meses que não acrescento nada. Mas agora ponho-me a escrever, as palavras surgem-me furiosa e duramente, como se eu estivesse debaixo de uma catarata cheia de palavras. Descrevo os pormenores acerca de como a Tilda se apaixonou pelo Liam e de como isso a deixou obcecada por ele. Depois escrevo acerca de como ela se foi abaixo quando achou que ele já não gostava dela, chorando até adormecer à noite e magoando-se com violência, por pouco não enlouquecendo. Tudo tinha melhorado enquanto representava, acrescento. Foi um Peter Pan impressionante e todo o público a adorou; acho que isso até fez o Liam querer voltar a ser amigo dela.

A cordo maldispоста, a lembrar-me de que a Tilda hoje vem almoçar comigo. Em parte, estou nervosa, com medo de fazer asneira e de a afugentar. Para além disso, a Daphne deixa-me muito ansiosa, sempre sentada à entrada da livraria, a observar tudo. A minha chefe tem o hábito de irritar as pessoas com a sua personalidade inquisitiva e metediça, pelo que afasto os pensamentos acerca do trabalho enquanto tomo duche e, em vez disso, concentro-me nas perguntas que vou fazer à Tilda. Digo a mim mesma: não a antagonizes. Sê subtil.

A livraria fica a cinco minutos a pé, na Walm Lane, logo a seguir à loja solidária samaritana. É o filhote da Daphne – é assim que ela a descreve – e chama-se Saskatchewan Books, o que causa alguma estranheza no meio de Willesden Green, uma zona internacional, mas a pender mais para a carne *halal*. Mas a Daphne nasceu em Saskatchewan, o que é um bom motivo, e gosta de dizer que o nome é adequado porque a loja é espaçosa e vazia. Não de livros, mas de clientes. Eu não me importo. Gosto do sossego. Trabalho lá três dias por semana, de terça a quinta.

Digo-lhe que hoje vou sair para almoçar, em vez da minha rotina habitual de comer uma sanduíche de queijo no armazém.

– Vais almoçar fora, querida? Que bom. É um dia especial...? Não é o teu aniversário, pois não?

Respondo logo com a verdade:

– Não, vou almoçar com a minha irmã.

– A Tilda? Vem cá? – O tom dela passou de suave a acutilante. Levanta-se e dá a volta ao espaço de uma forma desajeitada, arrumando as prateleiras, reorganizando a mesa dos livros de não ficção. E depois: – O que anda a tua irmã a fazer? Teve tanto sucesso, com aquilo da TV, e depois o *Rebeca*... mas já se passaram séculos desde que ela entrou no que quer que seja, não foi? Um ano ou assim?

O silêncio ocupa a livraria. Por fim, respondo:

– Ela está bem.

– Tens toda a razão em querer manter a discrição. Mas eu cá estou a pensar que uma autobiografia venderia bem. Não me custa imaginar isso a ser publicado. E voltaria a dar-lhe um lugar de destaque.

Ela continua a arrumar e depois instala-se na sua secretária, perto da montra, alinhando o *Moleskine* roxo e a caneca com um retrato de Virginia Woolf antes de abrir o portátil. Parece uma mulher-girafa, tão longa e magra é, com as pernas esticadas por baixo da secretária, os pés a espreitar. Faz sempre o mesmo – inala o seu cigarro eletrónico com um pequeno som resfolegado e depois começa a atacar o teclado para escrever um romance chamado *As Senhoras Especialistas do Crime*, que é uma sequência de *Os Assassínios de Primrose Hill* e *Uma Morte Antes do Pequeno-Almoço*. Chama aos seus livros «policiais aconchegantes», e estes têm bastantes leitores, o que subsidia a livraria. A Daphne diz que outras pessoas têm negócios para financiarem as suas publicações fúteis, mas que ela escreve livros para poder ter um negócio fútil. A mim parece-me que ela passa metade do tempo a escrever e a outra metade em *sites* de encontros amorosos, na sua malograda busca por um namorado.

Cabe-me atender quaisquer clientes que entrem – como o Sr. Ahmed, que compra um livro de capa dura de P. G. Wodehouse por mês, para a coleção que está a fazer e que quer deixar ao filho em testamento. E o Wilf, que trabalha na agência imobiliária do outro lado da rua e gosta de *thrillers*, sobretudo de Harlan Coben. Quando ele vem à livraria, parece sempre deslocado; é grande e ruivo, caminha com passos largos e irregulares e está sempre com o ar de quem quer fazer uma grande declaração, mas sem saber bem acerca do quê. A Daphne chama-lhe «a saca de batatas» e diz que é um «patego», mas eu percebo que gosta dele. Comenta sempre quando ele passa alguns dias sem aparecer.

Quando a loja está vazia, trato das encomendas e das devoluções e sirvo café à Daphne; ela gosta do café forte e simples, sem açúcar. Por vezes, ela levanta-se e dá voltas a pensar no que vai escrever a seguir, e eu gosto dos sons que faz com os tacões dos sapatos no piso de madeira. Depois detém-se subitamente e diz algo como: «Macacos me mordam, não faço ideia. Apetece-te um pãozinho doce?» E eu acompanho-a à pastelaria. Nesta manhã, porém, ela mantém-se sentada, de pernas estendidas, a fitar o monitor como se desejasse que o romance se escrevesse a si mesmo. Tem cerca de cinquenta anos e usa minissaias e um blusão de cabedal à

motoqueiro, pelo que acho que ela é que é mesmo uma ovelha vestida de cordeiro. O que lhe fica bem, refira-se.

Talvez seja por saber que a Tilda me vai visitar que o tempo passa tão devagar. Não recebemos mais de meia dúzia de clientes, e três desses não compram o que quer que seja, pelo que, tecnicamente, nem sequer são clientes, e um compra apenas um postal a dizer *Boa Sorte Para o Teu Novo Emprego*, que temos no mostrador ao lado da caixa. Os clientes passam pela Daphne como se ela não estivesse ali, o que, tendo em conta a sua altura e presença óbvia, me leva a pensar que passariam por um babuíno sem repararem nele. Mas a Daphne fica satisfeita por não ser interrompida. Gosta da combinação de atividade e anonimato e sente que comprou o seu próprio café. Mais agradável do que o Starbucks, por causa dos livros, e sem migalhas no chão.

Mesmo antes da uma, o Wilf entra na livraria para me dizer que acabou de ler *Não Contes a Ninguém* e para me perguntar se tenho mais recomendações. A Daphne exclama:

— Já cá estás outra vez.

E ele limita-se a encolher os ombros e a dizer que lê depressa. Depois diz-me que gostaria de conhecer outros autores e pergunta-me se alguma vez li John Grisham. Olha para mim de uma forma algo intensa e depois observa-me o cabelo, antes de desviar o olhar com um ar triste. Eu dou por mim a corar e a fitar-lhe o peito em vez da cara, e a sentir-me horivelmente envergonhada. Mas tento agir com normalidade, dizendo-lhe que devia experimentar ler alguns escritores escandinavos. Enquanto lhe falo de *O Artista*, a sineta da porta toca e a Tilda entra, vestindo um casaco comprido de fazenda, que me parece ser de homem, pois fica-lhe largo nos ombros, e um chapéu de abas estreitas, também masculino. Em quaisquer circunstâncias, isto dar-lhe-ia um ar ridículo, mas, com o calor deste verão, parece louca. Como eu e o Wilf estamos embrenhados na nossa conversa, ela começa a passar os olhos pelos livros e pega num da secção de autoajuda, embora não seja mesmo do género de pessoa que leia o *Comer, Rezar, Amar*. Como eu receava, a Daphne fita-a intensamente, como um cão que tivesse entrevisto uma lebre, e depois levanta-se, dizendo:

— Olá, eu sou a Daphne, a dona da livraria.

A Tilda não sorri, mas estende educadamente a mão e diz:

— Olá.

A Daphne começa a falar numa voz demasiado aguda, dizendo-lhe que sou uma excelente funcionária, sempre pontual e empenhada no negócio livreiro, e acrescenta:

– Eu tenho muita *estima* pela Callie, faço sempre questão de me assegurar de que ela está bem e cuidada.

Detesto este efeito que a Tilda tem nas pessoas, fazendo-as esfalfar-se para a impressionarem ou para se mostrarem dignas de afeto, o que até acontece com alguém como a Daphne, que é uma pessoa confiante. É típico falarem de mim numa voz condescendente e partirem do princípio de que a Tilda é a irmã mais velha. E nem lhes passa pela cabeça que sou eu quem cuida *dela*.

– Anda – digo. – Vamos.

Tenho noção de que deixei o Wilf sem uma decisão quanto à sua próxima leitura, pelo que balbucio um pedido de desculpa enquanto pego na minha mala, reparando num ar abandonado no rosto dele que tem algo de canino, como um grande cão esguedelhado a quem se diz que não vai sair com o dono.

– A Daphne pode ajudar-te – digo-lhe, a pensar que, assim que nos formos embora, a Daphne vai começar a falar da Tilda, que era fabulosa numa série televisiva qualquer e que agora está tão estranha. E que recentemente não tem aparecido em nada. Tenho a certeza.

Dou o braço à minha irmã e oriento-a rapidamente pela rua em direção ao Albany. Fica a poucos minutos da livraria e nada tem de espetacular: um chão de madeira simples, mesas instáveis que balançam até que lhes pomos uma base para copos debaixo de uma perna. Encontramos uma vazia a um canto.

– Ofereço eu – digo. – O que vais querer?

Ela olha para o bar.

– Meu Deus, não sei. – A sua voz parece desgastada, como se o *pub* e a comida que oferece não correspondessem aos seus padrões elevados. – Quero um daqueles queques de mirtilo e um copo de vinho branco.

Estranha escolha para almoço, mas não a ponho em causa e peço isso, juntamente com uma tosta de queijo com *marmite* e uma cola para mim; depois volto para a mesa, equilibrando tudo cuidadosamente num tabuleiro, enquanto a Tilda se mantém sentada, apoiada num cotovelo e a olhar nervosamente em redor. Pousou o chapéu de homem numa cadeira livre,

mas não despiu o casaco e as mãos tremem-lhe quando as passa pelo cabelo; reparo em como estão magros os seus pulsos, como está pálida e baça a sua pele. Tenho vontade de lhe puxar as mangas para cima para ver se tem marcas nos braços. Mas não o faço e percebo que, apesar de tudo, do rosto magro e dos lábios gretados, ainda tem um ar de estrela. Tem aqueles olhos azuis bem espaçados de que as pessoas gostam e uns malares altos. Para quem não a conheça como eu, a sua palidez poderia até passar por chique ou romântica.

– Então, Callie, como vai tudo?

– Já se passaram dois meses.

– Eu sei. Tenho andado tão encafuada em casa. A ler guiões reles. Não fazes ideia da merda que me mandam, e tenho de atravessar metaforicamente descalça todo esse lodaçal. É cansativo.

Lanço-lhe um olhar cético.

– Como está o Felix?

Ela fita o queque e a sua resposta, quando vem, é de uma forma sincopada, como se estivesse a escrever-me um telegrama.

– Está bem. Recebeu um bónus brutalíssimo no trabalho e estamos a pensar ir a algum lado para celebrar. Ando desesperada por sol. Somos capazes de ir à Martinica... onde ninguém me conhece.

Não faço ideia de onde fica a Martinica e comento que Londres está a passar por uma vaga de calor. Mas não quero ser desviada do meu objetivo e digo:

– Porque é que nunca mais me convidaste para ir ao teu apartamento? É o Felix, não é? Ele não gosta que estejamos juntas.

Lá se vai a subtileza.

Agora ela fita-me e altera o tom de voz para uma espécie de súplica.

– A sério... Não é nada pessoal. Ele perdoou-te o desaforo maluco... mas acha que foi prejudicial para mim e para ele. A sério, é só que ele trabalha tanto que não lhe sobra energia para socializar. Não temos feito grande coisa ultimamente... nem festas, nem concertos, nem nada. Na verdade, tornámo-nos mesmo enfadonhos. É só trabalhar, dormir, trabalhar, dormir.

Só que, no caso dela, não há trabalho.

– Ele sabe que hoje vieste ver-me?

Ela agora está a desfazer o queque em pedaços mais pequenos, que faz andar pelo prato com a ponta do dedo.

– Não, não lhe disse que vinha ver-te... E, para ser sincera, por que havia de lhe dizer...? Não olhes assim para mim, Callie, prefiro só ter uma vida simples.

Ela tem o telemóvel em cima da mesa e, neste instante – como que propositadamente –, começa a tocar. Carrega numa tecla para ignorar a chamada, mas eu sei quem é, a querer saber dela. Cheguei ao ponto, mas estou nervosa, a pensar que já fui demasiado longe a sondá-la acerca do Felix. Se não for cuidadosa, vão passar-se outros dois meses até tornar a vê-la... Mas não consigo controlar-me.

– Estou preocupada... Andas tão isolada, ultimamente. E porque não estás a trabalhar? A BBC não te queria para qualquer coisa em *A Prima Raquel*?

Ela ri-se.

– Sim, para fazer de Raquel. O papel principal. Mas não há nada de sinistro. Estou só a dedicar tempo aos guiões, para não aceitar coisas que não sejam as certas. E, com todos estes papéis, é costume haver muita conversa (oh, serias tão perfeita a fazer disto ou daquilo) e depois não dar em nada. E, sim, o Felix ajuda-me com os guiões e é ótimo...

– Só que, se a decisão é do Felix, nenhum guião alguma vez será suficientemente bom...

– Callie! É por isto que não é assim tão bom ver-te... Tens de aceitar o Felix, ele faz parte da minha vida e vai continuar a ser uma parte dela. A longo prazo. Compreendes?

Agora, apesar do calor que faz, sinto-me tão arrepiada quanto a Tilda parece estar. *A longo prazo* enche-me de pavor. Passo algum tempo a mastigar a minha tosta, ponderando como poderei transmitir-lhe a ideia de que a apoio e, o que é muito importante, de que sou razoável.

– Tenho noção de que não estás a contar-me tudo – começo, num tom comedido e racional –, e só quero que saibas que compreendo os homens como o Felix e que sei que podem ser perigosos. Por isso, se alguma vez precisares de mim, estou aqui. Vou cuidar de ti...

– Oh, não suporto isto! O Felix é maravilhoso... adorável, não perigoso. Não preciso nem quero que *cuides de mim*. Consegues enfiar isso no teu cérebro minúsculo como uma ervilha? Se não consegues, não vou passar tempo contigo. És demasiado tóxica...

Ela está a mandar abaixo o que lhe resta de vinho e a agarrar no chapéu, o que me faz entrar em pânico.

– Por favor, por favor, Tilda. Encara os factos. O Felix envenenou-te contra mim. E é violento. Tens de o deixar!

Ela fita-me os olhos e, por um segundo, julgo que vai chorar; depois abana ligeiramente a cabeça antes de verificar as horas no telemóvel e de dizer que não quer café e precisa de ir para casa. Por isso, agarramos nas nossas malas e vamos embora. Reparo que ela deixou o queque num estado de devastação espalhado pelo prato. Enquanto ela avança para a porta, pego numas quantas migalhas e guardo-as no bolso.

No Metro, ela põe o chapéu e uns grandes óculos de sol e, quando nos despedimos, ela acalma-se e diz:

– Por favor, não te exaltes. Isso só existe na tua cabeça, sabes?

Volto para a livraria e a Daphne comenta:

– Que rápido. Foi bom o almoço?

E depois retomamos o nosso dia normal, só que para mim está longe de ser normal. Estou revirada por dentro, aterrorizada pela possibilidade de, por ter discutido com a minha irmã, o abismo entre nós ser ainda maior e a situação dela ficar muito pior. Num dos muitos momentos de acalmia, como as migalhas do seu queque.

*

Quando chego a casa, preparo o jantar, um risoto de *bacon* de aquecer no micro-ondas, e escrevo no dossiê acerca da minha reunião com a Tilda, dando vazão a toda a frustração e ansiedade. Não estou preparada para falar com a Scarlet e a Belle sobre isto, mas mal posso esperar por saber notícias delas quando entro na Zona às 19.30. Para me preparar, pesquiso na internet o caso de Chloey Percival, mas não há grandes novidades. Continua nos cuidados intensivos por causa do esfaqueamento, e Travis Scott continua a monte. A Polícia diz que a população não deve aproximar-se dele e que tem uma tatuagem distintiva que lhe cruza o pescoço – na foto, parece que tem a cabeça segura por arame farpado. Os únicos detalhes novos são totalmente previsíveis. Travis Scott é identificado como ex-namorado de Chloey e ela tinha-o deixado quando ele se tornou demasiado «possessivo». Travis nunca tivera uma namorada tão bonita como Chloey e a sua página de Facebook estava cheia de fotos de casal dos dois – a partilhar um pacote de batatas fritas, com água até à cintura no mar revolto, a gritar na montanha-russa

«Nêmesis Inferno». A outra novidade é que a mãe de Travis, que não o vê há dois anos, está a fazer um «apelo desesperado» para que ele se entregue.

Entro na Zona e encontro uma mensagem já publicada pela Scarlet. Diz só *cliquem neste link*. É um desabafo *online* de Travis Scott, de um mês antes de ter atacado Chloey, publicado num *site* chamado AmigosdaVingança, que permite que os membros fantasiem acerca de planos de desforra para todo o género de comportamento, na maioria triviais – deixar sacos de caca de cão no passeio, usar auscultadores que deixam passar o som, colar um sinal de «bebé a bordo» no carro –, mas com uma secção dedicada a ameaças violentas contra feministas que publicam mensagens no Twitter. Os comentários de Travis encontram-se na secção das relações amorosas.

Ainda tem uma ortografia pior do que a da Belle, mas isso não é o mais importante. O que se destaca é a força da sua mensagem – a dor que sente, o desespero. Só conseguia pensar em Chloey.

*

A minha Chloey é mais bunita do que qualquer modelo. A belesa dela vem de dentro ela é uma rapariga PERFEITA e o nosso amor é PERFEITO e sem ela eu não cria viver mas eu Sei que ela às vezes pensa noutra pessoa e sei quem é. Chamasse Cameron e devia ser meu amigo não vou ademitir isto acreditem ela está a cometer um erro. Continuava assim durante imenso tempo e, um dia depois, quando Chloey o deixou, acrescentou: *Acreditem eu nunca maguaria a Chloey ela é boa rapariga mas o amor é maior do que os sentimentos só de uma pessoa, vai porfundo como uma faca e controla-nos por isso temos de fazer o que temos de fazer não se pode evitar. Um dia ela vai sentir dor como eu e vai entender.*

Este vómito é horrível, escreve a Scarlet. *A linguagem dele é tão ameaçadora. O meu X diz as mesmas coisas – que não quer viver sem mim, que sou a única mulher que ele poderia amar, que acha que eu quero deixá-lo. E tem razão, quero mesmo – mas vocês sabem que não posso. Haverá sangue derramado, a menos que assumamos o controlo e façamos alguma coisa.*

Não estava à espera disto. Costuma ser ela a acalmar-nos e a dizer-nos para não fazermos tempestades em copos de água. Para além disso, não

consigo perceber a que está a referir-se – porque o que define as Presas é não terem qualquer controlo, estarem numa situação impossível. Por isso, escrevo no dossiê que a Scarlet está apenas a expressar frustração, sobretudo quando usa aquela palavra feia – *vômito*.

O Wilf vem à livraria a segurar o seu Jo Nesbø, mas não menciona o livro, nem diz estar à procura de outro para ler. Em vez disso, limita-se a ficar junto à caixa, concentrado na prateleira de itens reservados acima da minha cabeça. Observo-lhe os braços. Arregaçou as mangas da camisa e eu inspeciono-lhe os pelos ruivo-escuros sobre a pele branca, as pontas quadradas dos dedos, a sujidade debaixo das unhas. Estou quase a dizer o meu «Em que posso ser útil», ciente de que isso será demasiado formal – trata-se do Wilf, afinal – mas, antes que as palavras me saiam, ele diz:

– Estava aqui a pensar, Callie, gostavas de almoçar comigo hoje? No Albany?

Não tenho a certeza de o ter percebido bem, pelo que balbucio:

– O quê? Disseste almoçar?

Mas *tinha* ouvido perfeitamente e combinamos encontrar-nos à uma.

Olho de relance para a Daphne, que está a espreitar-nos do seu ponto de observação junto à porta da rua, recostada na cadeira para ver melhor. Quase espero que me pisque o olho ou me mostre um polegar levantado e, quando o Wilf se vai embora, ela pergunta:

– Romance?

– Claro que não.

Não sou um interesse amoroso evidente para alguém como o Wilf. Para começar, não me visto com esse propósito, nem uso maquilhagem.

– Não me venhas com *claro que não* – diz ela. – Vocês são perfeitos um para o outro. Os dois tímidos como texugos; ele só disfarça melhor do que tu. E olha para ti! Essas curvas todas, esse cabelo lustroso, não admira que o rapaz passe a vida aqui... não acredito que ele leia tanto quanto diz ler.

– Ele não é um rapaz.

Voltamos a concentrar-nos nas nossas tarefas. Sinto-me humilhada pela insinuação dela de que as formas redondas e voluptuosas do meu peito e traseiro (demasiado grandes) funcionem como chamariz para os homens da zona. Enquanto ela chupa o seu cigarro eletrónico, a fitar o teclado, eu

decido organizar a secção de papelaria.

*

À uma da tarde, o *pub* está cheio e barulhento, como se a hora de almoço fosse um pretexto para se fazer uma festa. Eu e o Wilf avançamos a passo de caracol por entre as pessoas e encolhemo-nos numas cadeiras altas de madeira ao fundo do bar, ao lado de um grupo de jovens estridentes que desatam a guinchar sempre que mais uma rapariga se lhes junta. Do outro lado temos um tipo mais velho, sozinho, que não bebe a sua cerveja porque está a jogar no telemóvel. Imagino que trabalhe nas obras, porque está coberto de pó.

– Eu vou pedir o *ploughman's*¹ – diz o Wilf, sem cerimónia. – O que queres?

Peço uma tosta de queijo e *marmite*, o mesmo que comi quando cá vim com a Tilda, mas desta vez com sidra. Ele pede uma caneca de cerveja, à qual bebe logo um trago, limpando a boca com as costas da mão, e vai comendo com dentadas enormes e esfomeadas. Fico a vê-lo, sem saber o que fazer ou dizer, a tentar perceber o que se passa, sem saber se isto é ou não um encontro amoroso. Há quase um ano que não saio com ninguém e estou tão nervosa que não consigo comer a tosta. Para além disso, está demasiado quente.

Aos gritos para que eu o ouça, o Wilf diz:

– A Daphne parece fixe. Como chefe.

– Sim. É boa – grito também.

– O que é que ela passa o dia todo a fazer, a escrever...?

– É romancista.

– Ah, pois... Já sabia. Que género de coisas é que ela escreve?

– Policiais.

– Ah. Boa.

Ficamos assim sentados durante algum tempo, um vórtice de silêncio no meio da barulheira. E depois:

– Eu estava só a tentar fazer conversa, Callie.

Não digo nada, limito-me a sorver o que me resta de sidra enquanto me preocupo com a minha capacidade de comunicar com as pessoas sem as alienar. O Wilf tenta outra vez:

– Seria agradável saber alguma coisa acerca de ti...

– Não vejo porquê... não tenho nada de especial.

Oh, céus!

Ele quase parece zangado e eu pressinto que é capaz de desistir de tentar falar comigo. Não posso julgá-lo e tenho vontade de me explicar – *não consigo evitá-lo; estou a dar o meu melhor* –, mas ele experimenta outra abordagem.

– Conta-me só qualquer coisa acerca da tua vida. Como é ter uma irmã famosa?

– Outra vez isso? Não! – guincho eu, mais alto do que a barulheira.

Ele pousa a cerveja e apoia a cabeça na mão de uma forma que é como se dissesse: *mas que porra*.

Quanto a mim, penso: *esta tentativa de encontro está a correr mesmo mal* e quero dizer algo que remedeie a situação, mas nada me ocorre, pelo que fito o copo vazio enquanto o Wilf examina as garrafas coloridas atrás do bar, de *whisky*, *brandy* e *vodka*. Depois vira-se para mim e eu vejo que tem olhos azul-escuros com laivos de verde.

– Merda. Não queria ser cusco. Suponho que toda a gente te pergunte por ela.

– Sim, é verdade... Torna-se irritante. Na verdade, ela não é só minha irmã. Somos gémeas e muito chegadas. Cuidamos uma da outra.

– Bom. Vamos falar de outra coisa...

Mas eu decidi que vou fazer um esforço sobre-humano para corresponder às suas tentativas de diminuir a distância entre nós, e digo:

– Não faz mal. O problema é que as pessoas querem sempre saber da carreira e da vida amorosa dela, e como é que ela é; mas, para mim, ela é minha irmã e «como é que ela é» é uma coisa privada. Não quero falar disso a qualquer desconhecido. Na verdade, ela às vezes pode parecer mesquinha e egoísta, mas não é. Ajuda-me a pagar a renda e ajudou-me a ensaiar técnicas de entrevista quando me candidatei ao emprego na Saskatchewan Books, por isso faz coisas amáveis. E costumava comprar *brownies* e levá-los para o meu apartamento para vermos filmes antigos... *O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes*, *Instinto Fatal* e *O Silêncio dos Inocentes*. Gostamos de clássicos.

– Dizes isso como se já não o fizessem?

– Não... agora é diferente. Ela tem um namorado ricalhaço que se

intromete entre nós e eu não confio nele. Tem uma personalidade controladora e não gosta que ela esteja comigo, nem que ela trabalhe. Até estou preocupada por ele poder ser violento...

– Caramba, isso parece assustador.

– Sim, parece, não parece? Às vezes acho que ela nunca vai voltar a trabalhar. Às vezes parece...

Uma das raparigas estridentes inclina-se para o nosso lado e pede-me que lhe passe o menu. A interrupção sobressalta-me e faz pensar que passei de ser silenciosa a palradora e indiscreta. Por sorte, o Wilf muda de tema e começamos a falar de livros. Conto-lhe de que autores escandinavos de policiais gosto mais, como Henning Mankell e Camilla Lackberg, e ele fala-me de Jo Nesbø. Também fico a saber que vive em Kensal Rise, num apartamento partilhado com dois tipos chamados Josh e Frank, e que não se imagina a ser agente imobiliário para sempre. Quer criar o seu próprio negócio e projetar jardins. Até me engasgo com a sidra.

– Jardins! Então se os jardins te interessam tanto, porque não trabalhas num viveiro ou assim?

– Para começar, pagam muito mal. E, seja como for, por aqui não há viveiros. De qualquer maneira, o trabalho de agente imobiliário agora convém-me: trabalho à comissão e estou a poupar dinheiro.

– Não sentes falta dos jardins?

– Oh, tenho uns projetos em andamento. Faço-os nos dias de folga e aos fins de semana. Sou muito profissional em relação a isso. Estudei arquitetura paisagista na faculdade. E tu?

– Oh, eu não andei na faculdade. Dei-me mal nos exames e depois trabalhei no supermercado durante um ano, ou talvez mais, e foi então que arranjei o emprego na livraria enquanto calculava o que havia de fazer a seguir. Se repetia os exames ou não. Mas já trabalho para a Daphne há seis anos. Seis anos! Não sei como é que isso aconteceu.

Depois de fazer um esforço tão grande, encolho-me num embaraço profundo acerca de mim e da minha vida sem interesse. Nunca tive um namorado que durasse mais do que umas semanas. Eles acham-me demasiado intensa, penso, e tenho a certeza de que a minha falta de passado deve ser óbvia para o Wilf, como um cheiro mau.

– Tens algum sonho? – pergunta-me. – Alguma coisa que secretamente desejasses fazer, como carreira?

– Não. – Desvio o olhar, fito o homem das obras, as raparigas ruidosas, e balbucio: – Quero dizer, às vezes penso que sou melhor a observar coisas do que a fazê-las. Gosto de observar... Tu tens sorte. Tens uma coisa que realmente te interessa.

– Isso é uma das coisas que me agrada em ti – diz ele. – Reparas em pequenos pormenores que escapam a outras pessoas.

– Acho que seria bom se eu reparasse menos e *fizesse* mais...

– Há muito tempo para isso. A maioria das pessoas faz coisas sem lhes dedicar o mínimo pensamento. Tu és diferente, quando decidires começar a *fazer* alguma coisa, será especial.

Ambos sorrimos e terminamos as nossas bebidas, completamente envergonhados, mas talvez um pouco mais confiantes.

*

Quando saímos do *pub*, caminho ao lado do Wilf e vou apontando para árvores e plantas.

– O que é aquela?

– Um plátano de sombra.

– O que é aquilo?

– Uma sebe de faias.

– E aquilo?

– Adivinha.

– Relva.

Ele dá-me um pequeno encontrão e sorri. E, quando nos despedimos, é com beijos nas faces.

Na livraria, a Daphne pergunta:

– Então como correu o encontro amoroso?

E eu digo-lhe que gostaria que não se referisse ao Wilf dessa maneira. Mas, por dentro, estou surpreendida. Começo a pensar nele a avançar por jardins de galochas, mangas arregaçadas, terra debaixo das unhas. Quero que os comentários da Daphne acerca dele parem, e espero que o Wilf torne a convidar-me para almoçar, mas sinto-me confusa: o almoço foi maravilhoso, mas receio que, quando ele voltar a Willesden Estates, se vá lembrar da minha falta de aptidões sociais, da minha inépcia verbal, da minha vida sem rumo.

Em casa, ao final do dia, vejo que tenho uma chamada não atendida da Tilda. Ela não me telefonou desde o nosso encontro terrível no Albany – nem atendeu das vezes que eu lhe liguei. Sentindo-me subitamente otimista, permito-me imaginar que quer remediar as coisas entre nós e que talvez me vá sugerir o encontro de irmãs que descrevi ao Wilf, oferecendo-se para vir até ao meu apartamento e assistir a filmes, como costumávamos fazer.

Ouçõ a sua mensagem, que é curta e nada revela. «É a Tilda. Não me telefones, eu volto a ligar-te.»

Ouvir a sua voz e o seu tom severo muda-me a disposição, levando-me a rezear ter sido estúpida ao falar com o Wilf à hora do almoço. Ela avisa-me sempre para não fazer inconfidências, por a informação privada acabar na internet, retorcida e exagerada. Já lhe aconteceu várias vezes, rumores acerca de ser anorética ou ter uma relação com algum ator famoso, e espero não ter dito nada demasiado revelador. Preciso de me distrair, pelo que aqueço o meu jantar no micro-ondas, um *korma* de frango e arroz, e sento-me à mesa a comê-lo, enquanto olho para a trepadeira na selva do jardim (este precisa de que o Wilf Baker o dome) e vou pensando em ir entrar no homenscontroladores.com. Mas depois o meu telemóvel toca e é a Tilda. A sua voz soa sussurrada, como se ela não quisesse que o Felix a ouvisse.

– Queria que soubesses que eu e o Felix vamos para fora e queria ter a certeza de que estás bem. Foste tão paranoica quando almoçámos juntas, caramba. Neurótica e agressiva... isso preocupa-me.

– *Eu* estou bem. Não há motivos para te preocupares *comigo*. Onde é que vocês vão?

– Para a Martinica. Lembras-te que te tinha dito? Aquilo lá parece divino, só mar azul-turquesa e praias de areia branca.

Eu penso: *e tubarões, cobras e mosquitos*, mas não o digo. Em vez disso, subitamente a inspiração leva-me a dizer-lhe que há um problema com o fornecimento de água no meu prédio. Vamos todos ficar sem água enquanto os canalizadores vêm resolvê-lo, digo, e seria ótimo se eu pudesse passar uma noite no apartamento da Curzon Street enquanto ela está fora.

Ela riposta de imediato num tom severo:

– Não, Callie, isso está fora de questão... o Felix tem documentos confidenciais do trabalho por todo o lado. Não vai dar...

– Não tenho outro sítio para onde ir... estou desesperada.

Segue-se uma pausa e eu sinto-me terrível porque estou a mentir. E, se a Tilda pensar bem, vai perceber que eu poderia sempre trazer um balde de água, em vez de sair do apartamento. O meu pretexto é tão obviamente falso que dou por mim expectante, a contar que ela me diga que estou a ser idiota. Mas ela surpreende-me, dizendo-me que, se estou mesmo desesperada e se se trata de uma emergência, posso ir buscar a chave à mulher a dias, Eva, cujo número de telefone ela me dá.

– Devo dizer-te que não acho nada boa ideia, Callie. Promete-me que se ficares não te vais pôr a espiolar-me as coisas, nem as do Felix. Eu sei como és... sobretudo nesse estado louco em que andas. E não pode haver nem sinal de ti quando voltarmos. Nada! Nada de sutiãs ou cuecas esquecidas. Nem sequer uma migalha ou um cabelo. Percebeste?

– Percebi.

– Mas, a sério, não venhas aqui para o apartamento. A menos que seja uma questão de vida ou de morte...

Eu prometo, a pensar que talvez *seja* uma questão de vida ou de morte. A voz sai-me fraca e tensa, talvez porque estou preocupada por ela ir para tão longe, para fora da minha esfera de influência – tenho de verificar onde fica mesmo a Martinica. Antes de desligar, ela diz «Piu piu» como a nossa mãe costumava fazer e, depois, eu tento concentrar-me nos aspetos positivos, como a oportunidade fantástica que se abriu para averiguar factos.

¹ *Ploughman's lunch*: prato frio típico dos *pubs*, constituído por queijo, pickles, pão e manteiga, acompanhado por cerveja. (*N. da T.*)

Mais tarde, *online*, só se fala de Chloey Percival, a rapariga atacada no Debenhams. Continua em estado crítico no hospital de York e a maior parte das pessoas à conversa no *homenscontroladores.com* acha que vai morrer. Há quem diga que devíamos estar a rezar por ela. A Belle, como de costume, está *online* e a falar das novas fotos de Chloey que a família publicou – do primeiro dia de escola e quando era uma ginasta gorducha e adolescente a usar um *body* e a segurar um troféu de prata. A Belle escreve que Chloey era um anjo inocente. Eu digo-lhe para não lhe chamar *anjo* e recordo-a que numa altura destas ninguém se vai pôr a enumerar os defeitos dela. Então ela diz: *Vamos para a Zona*.

Tem grandes novidades. A amiga Lavanda vai deixar o marido abusador daqui a duas semanas, pelo que o secretismo e o planeamento andam intensos. A Belle e a Lavanda estão ocupadas com questões práticas – a fazer listas do que levar e do que deixar. Também têm falado do lado emocional, por exemplo: como explicar a situação aos filhos. A Belle diz que, no grande dia, a Lavanda fingirá levá-los à escola e voltará para casa depois de o X ter saído para ir trabalhar. A Belle chegará então com uma *Renault Espace* alugada, que vão encher e levar até à casa da mãe da Lavanda, a oito quilómetros dali. *O X vai perceber o que aconteceu e exigir q o deixem entrar, provavelmente violento*, escreve ela. *Por isso a L vai chamar a Polícia*. Faz uma pausa e depois acrescenta:

Voltando à Chloey – Sabiam q vai haver uma vigília COM VELAS em York? É perto de onde vivo, sou capaz de ir. Querem vir? Podíamos CONHECER-NOS A SÉRIO!

Do nada, a Scarlet aparece:

Não, encontrarmo-nos NÃO é boa ideia. Não devemos ser vistas juntas. Não façam isso.

A Scarlet parte sempre do princípio de que é ela quem manda, dizendo-nos o que podemos e o que não podemos fazer. Por impulso, envio uma mensagem de correio eletrónico dirigida apenas à Belle.

Vamos encontrar-nos sem dizer à Scarlet. Não sei porque acha que temos de acatar as ordens dela – isso começa a irritar-me. Para além disso, gostava de conhecer York e posso ir aí ter de comboio na sexta, porque não trabalho nesse dia. Que achas?

Momentos depois, ela responde: Acho que DEFINITIVAMENTE SIM!!! Também não tenho de trabalhar na sexta – por isso posso ir buscar-te à estação. E podemos continuar a manter as identidades secretas – como diz a Scarlet.

*

Sinto-me entusiasmada com a viagem, mas também estou nervosa. Não deixo de pensar no meu encontro com o Wilf e em como foi confrangedor. É típico de mim não ter jeito para socializar – e receio que a Belle também me ache uma companhia difícil.

Na sexta-feira, a ansiedade regressa e, no comboio para York, estou sempre a ir à casa de banho para escovar o cabelo e retocar a maquilhagem. Comprei rímel *Fanomenal Lashes* e *blush Miracle Touch*, da Boots, e aplico-os; depois receio ter carregado demasiado no *blush* e torno a tirá-lo. Tentei vestir-me bem e estou a usar umas calças de ganga simples e uma *t-shirt* nova, branca com uma carinha sorridente. Contei à Belle como era a minha *t-shirt*, para ela me reconhecer na estação, e ela disse que levava um vestido verde e uma mala de juta com um aplique em forma de abelha. Procuro-a pela janela enquanto o comboio avança pela estação de York.

Ao início só vejo grupos de turistas e, quando distingo uma mulher de vestido verde, isolada, fico a fitá-la, porque não é de todo o que eu esperava. Pensava na Belle como uma pessoa grande e exuberante, por causa das suas mensagens *online* cheias de entusiasmo, todos os pontos de exclamação e letras maiúsculas, e tinha imaginado um rosto redondo maquilhado e cabelo louro frisado, como uma boneca enorme. Na verdade, ela é minúscula – tem a pele morena e o cabelo liso e preto, parecendo ser de algum lugar como as Filipinas ou a Indonésia. Avanço na direção dela, cautelosamente, mas então ela vê-me e levanta a sua mala com a abelha, ao que eu aponto para a carinha sorridente na minha *t-shirt*. Quando nos encontramos, é confrangedor porque nenhuma de nós sabe que gesto fazer – ela inclina-se para me dar um beijo na cara, mas depois muda de ideias e, em vez disso,

damos um aperto de mão.

Enquanto saímos da estação de comboios, reparo que ela tem o hábito nervoso de coçar as mãos e os braços. Para além disso, tem uma vozinha chilreada, com que me conta, alvoroçada, que a vigília à luz de velas era no hospital, mas agora passou para um parque pequeno perto da catedral de York.

– Podemos ir lá depois – diz-me. – Que sorte teres vindo hoje, porque o irmão da Chloey vai falar. Pelo menos, é o que se diz. Já ouviste falar dos Flicks? São uma banda de York e vão tocar a nova canção... Oh, que bom que é ter-te aqui! Perfeito. – Aperta-me um pouco o braço e depois acrescenta: – E podes passar a noite no meu apartamento. Tenho um quarto de hóspedes e não vivo muito longe. É só apanhar um autocarro. É um percurso mesmo curto.

Não me comprometo. Em vez disso, pergunto-lhe pela Lavanda, e não tardamos a conversar acerca dela, de Chloey Percival e da Tilda (ou Rosa, como continuo a chamar-lhe).

Afinal, estar com ela não é de todo difícil, e vamos falando e andando pelas ruas. Depois paramos para almoçar no Pizza Express, que fica junto ao rio Ouse, e, enquanto comemos as nossas bolinhas de massa, ela conta-me que a Lavanda mudou de planos. Em vez de fugir para a casa da mãe com os dois filhos, vai levá-los para o apartamento da Belle, numa área chamada Dringhouses. A Belle comprou-lhes colchões insufláveis e roupa de cama da Argos, para além de presentes para as crianças – uma pistola de água para o Alfie e um *kit* para fazer joias para a Saskia. Ainda penso dizer-lhe que está a estereotipar os miúdos pelo género, e também que revelou os nomes verdadeiros deles, mas não o faço. Limito-me a assentir com a cabeça e a perguntar como lidará com tê-los a ocupar-lhe o apartamento. Ela diz:

– Vai ser *fantástico* tê-los comigo e vamos ter montes que fazer... encontrar uma casa nova para a Lavanda, consultar advogados para conseguir uma providência cautelar para manter o X longe e uma ordem do tribunal para que ele lhe pague uma pensão de alimentos.

– E se o X aparecer no teu apartamento?

Ela inclina a cabeça e o cabelo comprido passa para trás da orelha.

– Por sorte, ele nunca me vê e nem sequer sabe a minha morada, o meu número de telefone, nada. Nem sei se saberá o meu apelido. E a Lavanda

vai trazer o portátil e o telemóvel, portanto ele não vai poder bisbilhotar aí.

– Ainda assim. Ele é violento.

Ela inclina-se para a frente e a sua vozinha fica mais aguda.

– Eu sei. E tem andado a fazer ameaças, literalmente acerca de ir matar a Lavanda, e põe-lhe as mãos à volta do pescoço enquanto lhe grita e a sufoca.

– Oh, meu Deus... ele vai passar-se.

As nossas pizzas chegam e ela começa a cortar a sua *margherita* com grande intensidade. Percebo que está a remoer alguma coisa. Depois baixa a voz e fala num sussurro.

– Na verdade, a Scarlet tem andado a falar comigo sobre isso na Zona. Ela tem umas ideias radicais acerca de como resistir. Anda a acertar os pormenores... Pediu-me que a ajudasse e é o que estou a fazer. Quero fazer a minha parte.

Isto é uma surpresa. Não sabia que elas planeavam coisas sem me incluírem. Arqueio as sobancelhas, encorajando-a a continuar. Mas ela recua.

– Oh, desculpa, Callie, não devia ter dito isto. A Scarlet pediu-me para guardar segredo acerca disto tudo.

– Que se foda a Scarlet! – Parece que a escandalizei. – Desculpa – digo. – É só que a Scarlet é tão mandona...

– É por ser uma Presa, está mais perto do perigo do que nós. É claro que isso a faz ter opiniões fortes.

– Presumo que tenhas razão.

Durante algum tempo, comemos as nossas pizzas em silêncio, olhando pela janela. Seis raparigas de rabo de cavalo remam rio abaixo, com os remos a cortar a água de tal maneira que elas deslizam rapidamente e, por um momento, parece que, do outro lado do vidro, o mundo nada tem de mal. Continuamos a comer, sem que nos ocorra algo para dizer até que a Belle me pergunta pelas férias da Rosa na Martinica e pela minha oportunidade de entrar no apartamento dela.

Tenho a boca cheia de piza, mas isso não me impede de falar.

– Não sei ao certo o que irei encontrar. Mas espero que alguma coisa lá desbloqueie as coisas. Que torne claro o que se passa.

– És capaz de encontrar bilhetes. O marido da Lavanda está sempre a deixar-lhe bilhetes com instruções. Limpa isto, compra aquilo. Lava os

lençóis...

– Não sei se será esse o estilo do Felix.

– O Felix! Callie, não devias...

Ela pestaneja de forma exagerada e coça a mão e o braço esquerdos.

– Oh, porra... escapou-me.

– Bom, agora já está.

Depois do almoço, ela mostra-me York; visitamos várias igrejas antigas e depois vamos às lojas, parando num Marks&Spencer para comprar comida para um piquenique e uma garrafa de vinho *Frascati* que estava em promoção. Quando o sol começa a pôr-se, seguimos para a vigília junto à catedral de York. O sítio já está buliçoso, com pessoas sentadas em grupos na relva, algumas com cartazes com o rosto de Chloey e as palavras *Fim à Violência Masculina* e *Basta!* A maior parte da gente é jovem e está vestida como para um festival de música alternativa ou para um protesto acerca de questões ambientais. Ao nosso lado, um tipo mais velho e magricela, com um cão zarolho e uma guitarra, está sentado num caixote e vai cantando «Hey Jude», enquanto uma rapariga loura de rastas, *piercings* e a barriga à mostra distribui *cupcakes*. A brisa espalha detritos, sobretudo invólucros de comida, que rodopiam pelo chão, e faz com que a fragrância herbal ora venha, ora vá. Viro-me para a Belle.

– O que é que eles pensarão que isto é... uma festa?

Ela ignora-me e diz:

– Olha, aqui está um belo lugar.

Trouxe uma manta de flanela na sua mala de juta. Pomo-la no chão e depois dispomos o nosso piquenique de minissanduíches de camarão com batatas fritas de vinagre e sal e maçãs, e abrimos a garrafa de vinho, que servimos em copos de plástico, enquanto o tipo magricela salta para o palco e tenta incentivar toda a gente a cantar «We Will Overcome». Mas a multidão não se mostra entusiasta, à exceção da rapariga dos *cupcakes*, pelo que ele volta para o seu caixote e para junto do cão, que começou a ladrar e a querer soltar-se da trela. A Belle trouxe revistas para lermos e vamos folheando a *Grazia* e a *Cosmopolitan* até que, pouco depois das sete, um vigário de cabelo desgrenhado vai para o centro do palco com um microfone.

– Amigos! Obrigado por terem vindo expressar o vosso apoio e afeto pela Chloey Percival e a sua família nesta noite gloriosa de verão. Os nossos

pensamentos e as nossas orações estão com todos eles.

À nossa frente, duas jovens abraçam-se.

– Demos as boas-vindas ao querido irmão da Chloey, o Brandon, que teve a amabilidade de vir partilhar algumas memórias da Chloey.

Sussurro à Belle:

– Ela ainda não morreu.

Toda a gente bate palmas e uma mulher grita:

– Deus te abençoe, Brandon!

Vemos que é um adolescente magrinho, de calças de ganga, ténis e uma camisola com capuz. Tem uma palidez de morte, os olhos tão cansados que mal consegue abri-los. Balbucia contra o microfone, a ler de uma folha de papel.

– Eu, a minha mãe e o meu pai gostaríamos de vos contar algumas coisas acerca da Chloey. A minha irmã é uma rapariga normal. Gosta de ir às compras, de sair à noite, de comprar maquilhagem. A música preferida dela é a «Ho Hey Song», dos Lumineers. – Aqui alguém grita «Ho! Hey!» – Gosta da Taylor Swift, mas não liga nem ao Justin Bieber, nem aos One Direction. – Rimo-nos educadamente. – O seu filme preferido é *A Melhor Despedida de Solteira* e o seu James Bond preferido é o Daniel Craig.

Tenho vontade de sussurrar «Previsível». Mas não o faço porque a Belle pode pensar que estou a ser desrespeitosa, o que não é verdade.

– A Chloey é corajosa. Quando o Travis Scott a ameaçou, ela disse que não ia esconder-se como um animal assustado e continuou a sair com os amigos e a ir trabalhar. Mas agora a minha irmã está a lutar pela sobrevivência. Acreditamos que o Travis tem problemas e é perigoso, e gostaríamos de fazer um pedido. Alguém tem de saber onde ele está. Por favor, digam à Polícia...

O vigário passa o braço à volta de Brandon e a parte da vigília começa, com assistentes a distribuírem velas que vamos acendendo umas nas outras. Depois, numa voz pomposa, o vigário lê uma data de estatísticas que eu e a Belle já conhecemos. Por semana, duas inglesas são assassinadas pelos companheiros, diz-nos ele. Na América, todos os dias morrem três mulheres e um homem assassinados pelos companheiros.

Quando termina, a banda The Flicks corre para o palco e um tipo a usar rímel preto começa a cantar acerca de morte e raiva, espetando os lábios junto ao microfone de uma forma que a Belle acha sensual. Já eu não gosto

da música deles, é demasiado ruidosa, e começo a pensar em voltar para Londres. Mas ela diz:

– *Fica*, dorme lá em casa. Comprei comida para o pequeno-almoço, *croissants* e compota de morango e café a sério.

É tão querida e amável que acedo, e avançamos pelo meio da multidão para apanharmos o autocarro até Dringhouses.

No apartamento, ela mostra-me o quarto onde posso ficar, que está preparado para a Lavanda e os filhos. A cama está feita com uma colcha reluzente com lantejoulas nos rebordos, almofadas fofas e toalhas cor-de-rosa dobradas que parecem novas. Na cómoda, colocou frascos de plástico de champô, gel de banho, creme de rosto e água-de-colónia com cheiro a rosas, da *Boots*, dispostos em forma de quarto crescente, e ao lado estão os presentes para o Alfie e a Saskia, embrulhados em papel amarelo e com um laçarote. Digo-lhe que está a ser uma amiga impecável e em seguida assistimos ao noticiário da BBC, ficando a saber que, depois de termos deixado a catedral de York, Travis Scott foi detido. Uma reportagem local mostra um pequeno ajuntamento diante da esquadra de polícia, a gritar insultos. Uma mulher com um bebé num carrinho berra:

– Enforcuem o sacana nojento!

– Não deviam comportar-se assim – comento. – É feio.

A Belle prepara chocolate quente e eu fico impressionada por ela ter uma embalagem de granulado colorido no armário para lhe pôr por cima. A Belle diz:

– Antes de me deitar, rezo a Nosso Senhor para a minha alma guardar.

De manhã, ela tem de sair às 6.30 para ir trabalhar, apesar de ser sábado, e vem ao meu quarto despedir-se. Estou meio adormecida, mas viro-me para lhe agradecer por tudo e vejo-a de farda de enfermeira, imaculada e engomada.

– Tu é que és um anjo – digo, ao que ela se ri baixinho, deixando-me voltar a dormir.

Mais tarde, encontro os *croissants* e a compota na mesa da sala de jantar, elegantemente dispostos em pratos ao lado de um vaso pequeno com tulipas e uns guardanapos brancos de pano. Tomo o pequeno-almoço e depois saio de casa e apanho o autocarro para a estação.

Penso na forma como a Belle está a cuidar da Lavanda e isso leva-me à conclusão de que deveria ser mais proativa a defender a minha irmã. Por isso, assim que chego a casa, telefono à mulher a dias dela.

Obviamente, a Eva não está à espera da minha chamada, pois não para de dizer «Hã? Hã?» numa voz irritada. Parece que a Tilda se esqueceu de lhe dizer que eu era capaz de precisar da chave sobressalente do apartamento, e ao início ela não acredita que somos irmãs porque nem sabia que a Tilda *tinha* uma irmã, e quer enviar-lhe uma mensagem escrita para ter a certeza. Digo-lhe que não o faça, que a Tilda não quer ser incomodada enquanto está a apanhar sol numa praia da Martinica. Por fim, a Eva acede a encontrar-se comigo no apartamento e eu ofereço-me para levar uma foto de nós as duas quando éramos pequenas, para lhe provar quem sou.

– Deixe estar – resmunga ela. – Já estou a lembrar-me de qualquer coisa acerca de uma Callie. (Pronuncia o meu nome como se fosse *Collie*.)

Então sempre sabia de mim e estava só a fazer-se de difícil. Ainda assim, imito a Belle e, quando chego, ofereço-lhe um frasco de gel de banho de lilás. Ela aceita-o sem sequer agradecer, enfiando-o de imediato na mala.

– Hoje não é dia de eu vir cá – diz ela.

Depois dá-me a chave e vai-se embora.

Eu ainda não vi o apartamento da Tilda desde que os empreiteiros do Felix lá foram fazer as suas obras. «Nada de drástico», dissera ele. Mas o sítio está transformado, dificilmente reconhecível e, por um instante, sinto-me desorientada, como se tivesse chegado à casa errada. Antes, a divisão principal da Tilda tinha três partes distintas – cozinha, espaço de refeições e sala de estar –, todas de cores diferentes, com móveis improvisados e desirmanados, adquiridos antes de ela se ter tornado bem-sucedida. Era uma confusão e estava atafalhada. Mas agora o espaço é uma concha minimalista em tons de branco e cinzento-claro. Tem um chão de pedra quase branco, em vez de tábuas de madeira pintada. Dois cadeirões de pele ocupam o espaço do velho sofá com molas estragadas. O cadeirão confortável onde

nos afundávamos desapareceu, juntamente com a mesa de pinho e os armários da cozinha, tudo substituído por mobiliário branco. Suponho que a tinta nas paredes se chame bege suave ou creme claro ou qualquer outra coisa igualmente anémica. As presenças mais animadas são as persianas de um amarelo-pálido e uma orquídea esmaecida, cor de limão.

Estendo-me num dos sofás e ponho os pés em cima de uma mesa de centro de vidro, sem me importar com o facto de ter os ténis imundos, pois sinto-me acometida por um impulso de perturbar a ordem deste espaço. Veria com bons olhos começar a sangrar do nariz, porque estou com vontade de protestar; este apartamento insípido e estéril não faz qualquer sentido. A minha irmã não é assim. Sempre foi uma pessoa caótica e dada à barafunda. Bastar recordar o nosso quarto, quando éramos pequenas, as suas roupas em montes pelo chão, a maquilhagem dela espalhada em cima da cómoda – rímel em grumos que iam endurecendo em pincéis que ela não se dera ao trabalho de voltar a guardar no tubo, lenços usados que ali ficavam meses sem fim. É óbvio que esta arrumação recém-descoberta, toda esta ordem, provém do Felix.

Decido fazer um chá e ponho-me à procura de canecas nos armários da cozinha, mas descubro que basta tocar ao de leve nas gavetas para que deslizem sozinhas, e que depois voltam ao lugar com outro pequeno toque. Ponho-as todas em movimento, para dentro e para fora como uma sinfonia silenciosa de pequenos caixões brancos, e apercebo-me de que dentro das gavetas os talheres estão perfeitamente alinhados – os garfos todos virados para o mesmo lado, as colheres encaixadas umas nas outras. A loiça – toda nova – é de porcelana branco-amarelada e está impecavelmente empilhada. Dou conta da arrumação absurda de tudo, mas o que me parece total e ridiculamente louco é o facto de a loiça estar envolvida em película aderente, de maneira que, sempre que se quer usar uma tigela ou um prato, é preciso desembrulhá-los. Espreito em mais gavetas e encontro mais película aderente, a envolver canecas, copos, panelas e tachos. É óbvio que a Tilda estava a inventar um pretexto quando me disse para não vir aqui. Era esta loucura que não queria que eu visse. A sua vida embrulhada em película aderente. Enquanto faço o chá ocorre-me que o Felix até é capaz de saber quantas saquetas de chá estavam na caixa e perceber que estive aqui e tirei uma. Por outro lado, é provável que a Eva também prepare chá para si de vez em quando.

De caneca na mão, dirijo-me para o quarto. Já vou a tomar nota mental das alterações. Armários novos, persianas novas, cama nova: *king size* e com uma cabeceira de camurça da cor de carne apodrecida. Praticamente sem pensar no que estou a fazer, começo a tirar roupas da Tilda das gavetas e do armário, empilhando-as na cama, uma mescla estranha de coisas – *t-shirts* de algodão puído, nas mesmas cores esmaecidas do apartamento, calças de ganga com nomes de marcas disparatadas: *Paraíso no Parque*, *XXOX*, *Perdidos e Achados*. E vestidos compridos e cintilantes que suponho que use em antestreias de filmes e cerimónias de atribuição de prémios – não que tenha ido a qualquer uma dessas coisas nos últimos tempos. Passo os dedos por eles, sentindo a suavidade e a leveza da seda, o toque duro de lantejoulas mínimas, e depois dispo a *t-shirt* e as calças de ganga e visto um vestido dourado-pálido, fino como teia de aranha, com uma rede de tiras finas que se entrecruzam nas costas. Não é fácil enfiar o vestido, porque visto dois números acima da minha irmã emaciada, e quando o obrigo a descer já nem vale a pena pensar se consigo fechar o fecho-éclair – o vestido fica simplesmente aberto de lado. Faço uma pose em frente ao espelho, com um aspeto absurdo; um pedaço de frango amarrado com ouropele. Para além disso, mal consigo respirar. Mas deixo-me ficar assim vestida enquanto inspeciono o armário ao lado, o que contém roupas do Felix.

Pilhas de caixas brancas, com camisas dentro. Vinte e cinco, na verdade, todas numeradas – oito com tinta azul, para camisas azuis, oito com tinta preta, para camisas brancas, e quatro com tinta vermelha, para camisas do rosa mais claro que se possa imaginar. As outras cinco caixas, os números 21-25 (mais tinta preta), estão vazias – pelo que presumo que tenha levado essas camisas para a Martinica. Imagino-o a verificar que as caixas estão perfeitamente alinhadas, e que as camisas estão imaculadamente engomadas e dobradas, e já sinto que o impulso de amarfanhar as coisas é insuportável.

Então vejo, no parapeito da janela, uma varejeira azul morta, de patinhas estaladiças para cima. Com cuidado, pego-lhe e coloco-a dentro do colarinho de uma camisa cor-de-rosa. Depois abro uma pequena gaveta branca, uma coisa mínima, e lá dentro vejo um relógio e uns botões de punho. Pego-lhes para os inspecionar e descubro que todos são pequenas joias maravilhosas, um par de prata em forma de estrela do mar, outro de ouro como um trevo de quatro folhas. Pego num trevo e reviro-o uma e

outra vez na palma da mão, a pensar na sorte do Felix, com todas as suas coisas perfeitas. Meto o trevo na boca, chupo-o e depois devolvo-o à sua caixa.

Sento-me na cama, entre as roupas da minha irmã, lembro-me de quando costumava comer as coisas dela e fico nostálgica por todo o sustento da Tilda que havia à minha disposição, o cabelo na sua escova, o papel do seu diário, os dentes dela. Aqui nada há assim. Mas, só por via das dúvidas, ponho-me de joelhos para ver se ela recorreu a um velho truque e escondeu alguma coisa prendendo-a à parte de baixo da cama. Rastejo para debaixo do estrado e tato o espaço vazio; estou assim quando se ouve uma pancada na porta da rua – ou, melhor, três pancadas fortes.

Levanto-me e inspeciono a balbúrdia – roupas atiradas para cima da cama e para o chão, gavetas e armários abertos por todo o lado. Começo a arrumar, mas não há tempo, pelo que me sento na beira da cama, instruindo mentalmente o intruso a ir-se embora. Mais batidas ruidosas e zangadas. Mantenho-me perfeitamente imóvel, até que ouço o som de uma chave na fechadura, a porta a abrir-se e passos no chão de pedra, a andar pela casa. Corro para a casa de banho do quarto, agarro num toalhão branco e ponho-o à minha volta, por cima do vestido dourado, e depois corro até à porta do quarto e entreabro-a, só o suficiente para ver lá para fora. A Eva encontra-se ali, de mãos nas ancas.

– Olá. – Passo a cabeça pela abertura. – O que quer?

Ela fita-me com uma expressão desconfiada.

– O que está a fazer?

– Ia tomar banho. E você?

– Vim dizer-lhe para me devolver a chave quando sair.

– Mas não precisa dela. Tem outra chave. Acabou de a usar.

– A responsabilidade é minha. Tem de a devolver.

Está com vontade de discutir.

– Está bem. Escreva a sua morada e deixe-a em cima da mesa.

Bato com a porta do quarto e encosto-me a ela durante uns segundos, atenta aos sons que a Eva vai fazendo, andando pelo espaço; depois ouço-a ir-se embora. Saio, ainda com a toalha à minha volta, e inspeciono o apartamento. Quero ver tudo aquilo que ela viu, e apercebo-me de que deixei metade das gavetas da cozinha abertas, tigelas e pratos sem película aderente e os meus ténis sujos em cima da mesa de centro. Desarrumado,

mas não tão mau quanto o caos do quarto.

Volto à casa de banho, para arrumar o toalhão e inspecionar o armário. A Tilda parece sempre tão perdida que me pergunto se tomará drogas. Até considero a possibilidade de que sejam heroína e *crack* – não que espere que estas se encontrem numa prateleira, ordeiramente expostas e rotuladas. Porém, encontro medicamentos receitados que não estavam aqui na primavera, e agarro em frascos e outras embalagens e levo-os para a sala de estar, onde deixei o saco de plástico com um bloco de notas lá dentro, para além da minha caneca de chá. Escrevo no bloco: *Substâncias que podem estar a contribuir para o declínio da Tilda* – e acrescento *Anafranil*, *Zolpidem* e *Ativan*, pensando que tenho de as investigar quando chegar a casa.

Pelo canto do olho dou por uma luz vermelha a piscar no telefone, e carrego no botão para ouvir as mensagens. São só três. A primeira é dececionante – apenas um lembrete da lavandaria de que a roupa está pronta e se a Tilda pode ir buscá-la assim que lhe for conveniente. A segunda é curta: «Olá, Felix, é o Guy. Telefona-me.» Não faço ideia de quem seja o Guy. Mas a terceira mensagem é interessante – a agente da Tilda, Felicity Shore, pede à minha irmã, numa voz suplicante, que entre em contacto com ela: «Vamos almoçar ou algo assim e vamos rever as suas opções.» Parece estar preocupada. No bloco de notas, escrevo: *Será que a Felicity Shore tem noção de que algo se passa? Terá mais informações?*

Acabo o chá e deixo a caneca no lava-loiça. Depois lembro-me de que a Tilda costumava guardar o diário numa fronha e vou procurar no armário das roupas de cama, na casa de banho. Tal como tudo o resto, está prístino – lençóis de algodão acetinado dobrados em pilhas perfeitas. Tiro as almofadas e apalpo-as uma a uma e, quando chego ao fundo da pilha, deteto um alto num canto. Meto lá a mão e viro na palma algo que é duro e suave, como um pequeno barrote de ouro, mas mais leve do que metal sólido. Puxo-o e descubro que tenho na mão uma *pen* vermelho-viva.

Fico possessa porque não trouxe o meu portátil e agora estou cheia de pressa para sair e chegar a casa. Mesmo sem estar fechado, é um pesadelo sair do vestido da Tilda, porque me fica tão justo, e, enquanto o faço subir pelo corpo e me debato tentando puxá-lo por cima da cabeça, rasgo uma costura. Correndo um risco, volto a pendurá-lo no cabide do armário. Provavelmente ela nunca o usa e não vai dar por isso durante séculos. Em

seguida vou-me embora, sem ligar ao caos, à loiça fora da película aderente, às marcas de sujidade na mesa de centro, às roupas por todo o lado.

Depois de ter estado no apartamento da Tilda, o meu parece uma barafunda desorganizada. Um tapete vermelho com franjas, paredes verdes, mil pequenas coisas por arrumar – canetas, cadernos, *t-shirts* e roupa interior, uma caixa de *Cheerios*, garrafas de sidra e um lava-loiça a abarrotar. Até me parece urgente *destralhar* o espaço, e detenho-me para apanhar uma dúzia de meias sujas do chão do quarto antes de me sentar à mesa junto à janela e de ligar o computador. Este demora uma eternidade a ganhar vida e, assim que o faço, enfio-lhe a *pen* – e então verifico que tenho a entrada barrada. Precisa de uma palavra-passe. Experimento palavras e combinações possíveis, Felix, por exemplo, e Curzon, Callie ou Faith, o nome da nossa mãe. Até tento Liam e Liam Brookes. Mas nada resulta. Grito em voz alta:

– Merda!

E mete-se-me na cabeça voltar ao apartamento da Curzon Street e vandalizá-lo. A ideia é avassaladora e ruidosa, como asas de pássaro a bater em vidro. Parece uma forma de soltar a Tilda, de a libertar.

2006

14

A nossa família muda-se para Harcourt Road, uma rua sem árvores e com casas eduardianas amontoadas em socacos longos, virando para norte, em direção ao rio. Todas achamos que a casa é agradável – tem boa onda. Também gostamos de estar mais perto do Tamisa. Ao fim de semana, a nossa mãe gosta de dizer: «Embora, vamos lá apanhar uma lufada de ar castanho», e caminhamos pelo velho molhe de ferro. As minhas memórias são de um vento húmido e penetrante, de um rio invariavelmente revoltado e cinzento, e de agarrar o braço da nossa mãe, sem nunca a largar, porque por vezes me parece que pode ser mesmo levada por uma rajada. Suponho que isto se deva à saúde dela – diagnosticaram-lhe cancro da mama e anda a fazer quimioterapia. Diz-nos que não nos preocupemos, que vai ficar bem, mas isso não impede que o seu cancro se torne um peso invasivo nas nossas vidas. Imagino que tem voz e diz: *sou a quase morte, sou o que antecede a morte*, e mando-o calar-se.

Costumamos ser só nós as duas nestes passeios de fim de semana, porque a Tilda anda ocupada com interesses diferentes, como a sua nova ambição de ter uma carreira de cantora. Criou uma banda de raparigas com o nome horrível As Irmãs Sussurrantes, e ensaiam no quarto dela, já que a mudança para Harcourt Road foi sobretudo por querermos quartos separados, os quais, como é habitual nas adolescentes, se tornaram montras das nossas personalidades. É como se o conteúdo dos nossos cérebros se tivesse esvaído e pespegado nas paredes e nos móveis. O quarto da Tilda é uma barafunda colossal de roupas empilhadas, maquilhagem, parafernália musical, cartazes e revistas de moda. Não lhe faz diferença ter embalagens de *Tampax* espalhadas, com tampões a transbordar, ou que as suas escovas estejam a transformar-se em bolas de algodão e cabelo velho. O meu quarto não está propriamente um primor, mas tem um ar solene de organização, com os meus policiais alinhados numa prateleira de madeira e os cadernos

empilhados na secretária. Vejo-o como um refúgio, enquanto o quarto da Tilda é um centro de atividade, um lugar a visitar.

Certo sábado de manhã, vou para lá passar o tempo até ser hora de almoço, deitando-me na sua cama por fazer a ler Agatha Christie, enquanto a minha irmã fica diante do toucador a depilar as sobrancelhas. Levanto a cabeça para a ver e ela repara em mim pelo espelho, a encolher-me ao mesmo tempo que ela diz:

– Anda cá, vamos fazer alguma coisa por ti.

– De que estás a falar?

Ela levanta-se e faz uma pose de rainha da beleza.

– Deixa-me tratar-te do estilo.

– Eu não quero mudar de estilo.

– Vá lá. Senta-te na minha cadeira.

Então suspiro, para sugerir que tudo isto é muito enfadonho, e pouso o livro, aberto para não perder a página em que vou.

Ela põe-se atrás de mim, de pernas afastadas e pés voltados para fora como uma bailarina, e afasta-me o cabelo da cara. Por norma, tenho uma franja comprida, pelo que é um choque ver uma superfície de testa branca, salpicada de crateras de acne. Os meus olhos expostos são pequenos seixos pretos e as minhas sobrancelhas parecem grossas e desgrenhadas.

– Eeei! – Tento voltar a baixar o cabelo.

– Não, deixa-me experimentar... confia em mim.

Rendo-me, permitindo que se dedique às minhas sobrancelhas com uma pinça e que me cubra as marcas com um batom de corretor. Segura-me pelo queixo, atacando-me com *blush*, lápis de olhos e um enrolador de pestanas, antes de dar um passo atrás para admirar a sua obra. Os movimentos dela são rápidos e ligeiros, mas também têm intensidade, determinação. Quando escolhe um batom entre as pilhas espalhadas no toucador, parece estar a tomar uma decisão importante, como um cirurgião a seleccionar o bisturi perfeito. Dá-me toquezinhos nos lábios com um lenço, acrescenta outra camada e diz-me que me veja ao espelho.

Eu não costumo gostar do meu rosto, porque é demasiado grande e como que plano, a fazer lembrar a lua cheia. Mas a tentativa de mudança de visual da Tilda só o piorou; agora tenho uma cara que parece o desenho grotesco de uma criança. Sobrancelhas pretas arqueadas, linhas pretas à volta dos olhos, manchas rosadas nas faces. Pondero a possibilidade de ela ter sido

intencionalmente malvada. Perscruto-lhe a cara, em busca de pistas – e vejo que está a suprimir o riso.

– Sua cabra.

– O que foi? Estás muito mais bonita. A sério.

Isso não me elimina a desconfiança. Ela lá consegue sentar-se a meu lado na cadeira, fita o seu próprio rosto com uns olhos distantes e sonhadores e começa a cantar uma das suas composições. *A rapariga no espelho, tão triste e tão pequena, sabe quem vai matá-la, conhece toda a cena...* As palavras não fazem sentido, mas a melodia é triste e ela canta com um tom melancólico, abanando o cabelo de um lado para o outro. Interrompo-a.

– Achas que és uma pessoa especial?

Ela cala-se de imediato, como se tivesse sido atingida.

– O que achas tu?

– Sim, és.

Digo isto porque acredito honestamente que a minha irmã é diferente. As pessoas sentem-se atraídas por ela por ser tão bonita e empenhada nos seus talentos, e tem aquela forma encantadora de passar num instante de sonhadora e etérea a séria e concentrada. Mas apercebo-me de que se preocupa demasiado com ser especial e que o conceito de normalidade lhe causa repulsa. Pior do que isso – caso se julgasse normal, seria capaz de se magoar ou até de se suicidar. É isso que julgo, seja como for, e é o que tenciono anotar no dossiê.

*

Depois do almoço, a Tilda desaparece e eu tiro a bicicleta do barracão e vou até ao rio, com o meu livro na mochila. Como experiência, deixo ficar o cabelo apanhado e a maquilhagem. O percurso é rápido, uns cinco minutos, e encontro um banco onde me sento. À minha frente, o rio é vasto e de um cinzento-pardacento, e há uma lancha de plástico sujo a ondear, presa a uma corda viscosa.

Ponho o capuz do casaco na cabeça e começo a ler Agatha Christie. Não tardo a ficar imersa na história, apenas com uma vaga noção dos guinchos e gritos que chegam ao molhe vindos da paragem de autocarro, comentários tontos e agudos abafados pelo vento. «*Que disparate...*» «*O quê?*» «*Põe-te a andar, cara de cu...*» Mas um ruidoso «*Para com isso, Robbie, estás a*

magoar-me» faz-me olhar para lá. Não reconheço os rapazes, mas as raparigas são a Tilda e a Paige Mooney, a sua Irmã Sussurrante preferida e leal aia de companhia. A Paige é como a Tilda num espelho deformador, as mesmas feições pálidas, o mesmo cabelo comprido e louro, mas tem peso a mais – a Tilda chama-lhe obesidade mórbida – e um elemento de desespero. Está incessantemente a tentar impressionar a Tilda, que vai alternando: num minuto absorve a adoração, no seguinte já a ignora. Estão aos beijos e amassos com os rapazes, e eu fico curiosa. Nunca vi a Tilda tão flagrantemente *em ação*. Depois a Paige foge, de mão dada com o namorado, para se esconderem atrás da banca de *fish & chips*, deixando a Tilda a retorcer-se com o outro rapaz no banco. Aproximo-me, a puxar a bicicleta.

Quando os alcanço, digo:

– Olá.

E ela liberta-se com um ar que deixa claro que não sou bem-vinda.

O rapaz está a fitar-me com um rosto franco, curioso e interessado, e eu reconheço de imediato o Liam Brookes, apesar de não o ver há cinco anos. Tem o cabelo mais escuro, quase preto, mas ainda espetado e com o mesmo aspeto crespo. O seu rosto alongou-se e o corpo mudou: tem ombros largos e é alto.

– Já conheces a minha irmã? – pergunta a Tilda.

– Olá, Callie – diz ele.

– A cara dela não costuma ser assim. Houve uns problemazinhos com a maquilhagem antes do almoço.

Embato no banco com a bicicleta. Não com dramatismo, só o suficiente para que a Tilda saiba que estou zangada com ela.

– Disseste que eu estava bonita – silvo.

– E estás, sem dúvida. Só não tive tempo para te deixar tão perfeita quanto queria.

– O que estás a ler? – O Liam está a olhar para o livro que me espreita do bolso e depois, expectante, fita-me o rosto; percebo que quer retomar a amizade comigo.

– Oh, ela anda sempre a ler histórias de gente assassinada – riposta a Tilda. – Adeus, Callie, vamos andando.

– Onde vão?

– Para casa do Liam. A mãe dele não está em casa hoje à tarde.

Tenho vontade de exclamar: «O quê? Eu vi-vos nesse banco, em público, a apalparem-se e beijarem-se – que raio vão fazer em privado?» Uma pergunta fútil – sei a resposta e suprimo o impulso de a imaginar com detalhes gráficos. Pergunto ao Liam:

– Ainda vives em Peckham?

Ele diz que sim e eu ergo as sobrancelhas arqueadas, olhando para a Tilda, que está sempre a falar mal daquela zona, mas ela ignora-me, levanta-se, agarra nas mãos do Liam, puxa-o para cima e lá vão eles. Ele tem o braço à volta dela e ela aninha os ombros nele, dando passinhos curtos e rápidos a seu lado, com a saia a agitar-se contra as pernas. O ar enche-se de uma chuva rodopiante e eu volto de bicicleta para Harcourt Road, com a novidade de que o Liam agora é o namorado da Tilda.

A nossa mãe ateou a lareira na sala e está sentada no cadeirão confortável ao lado, a trabalhar numa obra de arte. Reparo de novo em como está pequena e frágil, afundando-se no cadeirão e nas almofadas. Parece que a quimioterapia a encolheu, para além de lhe ter feito cair o cabelo. Este já recomeçou a crescer, em caracóis suaves e castanhos, como o pelo de um caniche, mas ainda se veem os contornos do seu crânio e, nalguns sítios, ela tem pequenas peladas redondas, do tamanho de uma moeda de cinco *pence*. Faz uma expressão animada ao ver-me, dizendo:

– Pareces molhada e fria, querida. Queres uma caneca de chá e uma torrada com *marmite*?

Pouco depois, estamos a beber o nosso chá junto à lareira, numa névoa calorosa de fumo de carvão, e eu revelo-lhe a notícia acerca da Tilda e do Liam. Ela diz:

– Ele não tinha ido para outra escola?

– Sim, para a St Christopher's. Não sei como foi que ela o encontrou outra vez...

– Acho que *tu* gostavas muito do Liam, não gostavas? Quando ele e a Tilda andavam a ensaiar para o *Peter Pan*?

Sinto o rosto a corar.

– Nem por isso.

Tenho vontade de acrescentar que ele é demasiado bonzinho para a Tilda, porque ela costuma preferir rapazes que causam sarilhos: irrequietos nas aulas e desobedientes. A nossa mãe não insiste, pega nas cartas para jogarmos *gin rummy*, o que fazemos durante uma meia hora. Depois fico a

ver o meu DVD preferido – *As Mulherzinhas*, com Winona Ryder a fazer de Jo – enquanto ela prepara o jantar.

*

Uns dias depois, a Tilda chega da escola, encharcada pela chuva. Chegou tarde e pousa a mochila com estrondo em cima da mesa da cozinha, enquanto se desenvencilha do casaco molhado e diz:

– A Paige não foi à escola. Adivinhem porquê.

– Intoxicação alimentar? – pergunto eu, a fingir-me enfastiada.

A nossa mãe está a mexer qualquer coisa ao fogão com uma colher de pau, deixando a cozinha a cheirar a carne e molho. Levanta a cabeça.

– A Paige Mooney?

– Pois. É a única Paige. Bom... está grávida, treze semanas!

A Tilda fita-nos de olhos arregalados. Está à espera de um «Oh, não!!!» chocado, de um «Mas que idiota!» ou de um pesaroso «Pobre Paige». Mas o que recai sobre a cozinha é um silêncio nefasto. A nossa mãe limpa as mãos a um pano.

– Como é que sabes?

– Toda a gente anda a falar disto... o irmão contou aos amigos e agora toda a escola sabe.

A mim ninguém me disse... mas eu não sou representativa.

– Deve ser traumático – diz a nossa mãe com seriedade. – Ela é tua amiga, por isso apoia-a e não espalhes rumores.

– Não o farei.

A Tilda pega nuns biscoitos e serve-se de um copo de leite; depois sobe para o seu quarto. A nossa mãe segue-a, pedindo-me que tome conta do guisado, e eu parto do princípio de que irá fazer-lhe perguntas sobre o Liam, assegurar-se de que ela anda a ter cuidado. Quem me dera poder ouvir a conversa delas – morro por saber se a minha irmã tem uma vida sexual ativa a sério. Tenho lido artigos em revistas para adolescentes que dizem que o sexo é divertido, que falam de descoberta e de «explorares o teu corpo». Mas para mim é óbvio que isso são meias-verdades; que há um lado emocional devastador.

A nossa mãe volta para a cozinha, recupera a colher de pau com um gesto algo brusco e eu pergunto-lhe de chofre se a Tilda anda a ter relações

sexuais.

– Isso é lá com ela – responde-me com um sorriso carinhoso para que eu não fique triste.

Fito o guisado, a pensar que agora ela e a Tilda partilham um conhecimento secreto que me exclui; pressinto que, doravante, a minha irmã irá afastar-se ainda mais de mim, como se estivesse a velejar para bem longe num oceano enquanto eu fico em terra.

*

No dia seguinte, as Irmãs Sussurrantes, sem a Paige, estão a ensaiar no quarto da Tilda; por algum motivo, ou talvez por distração, ela deixa-me ficar a assistir, sentada no chão a um canto. As três sentam-se na cama, a murmurar ruidosamente por causa da seriedade do assunto: a gravidez da Paige.

– Meu Deus – diz a Tilda –, deu cabo da vida dela... toda a gente vai julgar que é uma vadia e ainda por cima tonta. O Liam acha que ela fez de propósito.

Ela põe-se de pé em cima da cama e começa a entoar uma das canções das Irmãs Sussurrantes e a fazer a coreografia, abanando as ancas, que espeta de um lado para o outro, ao mesmo tempo que faz as outras miúdas saltar. Depois volta a deixar-se cair no colchão e, em tom de confiança, diz:

– O problema da Paige é que tem baixa autoestima. Vocês devem ter reparado. Acho que estar grávida a vai fazer sentir-se importante. Mas ela não tem noção de como tudo aquilo é mau... Quer ser o centro das atenções e acho que até vai querer ficar com o bebé, como se isso a fosse tornar *alguém*. Mas nunca conseguirá alcançar nada e não há de ser famosa. Nem sequer vai ser cantora... o que é uma pena, porque tem uma voz bonita.

Está empolgada com o drama da situação e com o seu próprio papel de melhor amiga da protagonista condenada, agindo como se guiasse Paige rumo a um destino trágico – ela *teria* o bebé e depois cairia num abismo de obscuridade. Pelo contrário, o destino da própria Tilda envolverá fama, *glamour* e o reconhecimento que lhe é devido. Tomo nota mental disto para registar depois, quando escrever as minhas observações.

Por fim, a Kimberley e a Sasha vão-se embora e eu volto ao quarto da

Tilda. Ela está deitada na cama, a mandar mensagens, e levanta a cabeça.

– Não fiques aí à porta a pairar, entra. – E depois: – Estás preocupada com o bebé da Paige?

– Acho que sim.

– Não estejas. Eu conheço-a, não vai fazer um aborto. Ela quer ser mãe. É a vocação dela.

– E qual é a *minha* vocação?

– Anda cá. – Dá umas palmadinhas na almofada em cima da cama e deitamo-nos lado a lado. – A tua vocação é seres boa, cuidares de outras pessoas e protegeres coisas.

Isso parece-me entediante.

– De certeza que sirvo para mais alguma coisa.

– Não há nada mais sério do que a tua vocação! – Fita-me com um ar zangado. – Tu és capaz de amar o que os outros não são. Foi isso que revelou o dia da caveira de ovelha. E não te preocupes. Imagino-te um futuro feliz. Vais ser mãe. Vais viver numa velha casa de campo com uma família que te adora. Terás lareiras com lenha e cães, e campos de ovelhas à volta, e eu vou visitar-te mesmo quando for famosa.

Mentalmente, começo a pôr o Liam Brookes no papel de marido nessa casa de campo, mas a Tilda põe fim a isso, dizendo:

– Sabes por que não posso ver o Liam no sábado? Porque ele vai estudar para a biblioteca. Eu acho que é porque não tem pai e quer cuidar da mãe quando ela for velha. Diz que vai ser médico. Imagina! O Liam, médico.

– E a tua vocação? Vais ser a mulher de um médico?

– Hmm. Talvez. Imagino o Liam a trabalhar para os Médicos Sem Fronteiras. É uma organização francesa de que ele fala, que trabalha em zonas de guerra em África e sítios assim. Vou com ele e componho canções.

– Não vais ter medo de estar numa zona de guerra?

– Estarei concentrada nas minhas canções. E acho que a parte da vocação faz o medo desaparecer.

– A sério?

Depois ela começa a falar-me de ter reencontrado o Liam, numa festa três meses antes.

– Eu não o via desde a escola primária – diz ela. – Desentendemo-nos nessa altura, lembras-te?

– Nunca percebi ao certo o que se passava convosco. Lembro-me de que

vocês discutiram ou algo assim quando estavam a ensaiar para o *Peter Pan*. E tu não saías do quarto e depois começaste a fazer aquela coisa maníaca, a bater com a cabeça na parede.

Estou deitada de lado, virada para ela, com o braço por cima da sua barriga.

– Irritei-o, disse-lhe que estava satisfeita por não viver em Peckham. Depois discutimos quando eu disse que essa zona era reles e perigosa. Isso fê-lo odiar-me e achar-me empertigada e preconceituosa.

– Mas depois fizeram as pazes? Depois do concerto?

– Só durante algum tempo. Essas coisas que eu disse fizeram demasiados estragos. – Depois beija-me o alto da cabeça e canta uma canção assim: – *Estou tão apaixonada, tão apaixonada por ele...*

Custa-me acreditar que ela tem andado a encontrar-se com o Liam há três meses inteiros sem me contar, e apercebo-me de que metade das suas saídas para ensaiar com as Irmãs Sussurrantes eram, na verdade, escapadelas românticas. Sinto o velho impulso de comer alguma coisa dela – mas tento reprimi-lo. Em vez disso, quando ela se levanta para ir à casa de banho, puxo o edredão roxo para baixo e meto-me mesmo dentro da sua cama, enterrando a cara na almofada dela. Inspiro o seu cheiro, que é denso e estonteante e, quando volto a sentar-me, reparo num longo cabelo louro em cima da almofada, mas consigo não o comer e, em vez disso, levo-o para o meu quarto e guardo-o dentro da fronha da minha almofada. Depois escrevo as minhas notas.

*

No sábado, pego na bicicleta e vou até à biblioteca. Encontro um lugar à janela, espalho os livros na mesa e começo a ler, tentando ignorar uma velhota de cabelo tresloucado na cadeira à minha frente, a ressonar debaixo de um monte de roupas sujas e castanhas. Também emana um cheiro a contentor do lixo, o que explica os lugares vagos perto dela. Abro a janela e retomo a leitura.

Meia hora depois, o Liam chega mas não me vê, passando mesmo pela minha mesa, de casaco pendurado num ombro e uma mochila a abarrotar de livros. Enquanto anda, sussurra ao ouvido de uma rapariga, que também leva o casaco ao ombro – reparo no cabelo curto e escuro dela, nas suas

costas direitas. É alta, bem mais alta do que eu ou a Tilda, de tal maneira que a sua cabeça e a do Liam ficam lado a lado, simetricamente inclinadas uma para a outra. Ela está a usar uma saia curta de xadrez com *collants* pretos e opacos e umas sabrinas pretas, e parece mais elegante do que a Tilda e as amigas. Mas eu só os vejo por um momento, pois desaparecem para uma mesa por trás de uma estante, fora do meu ângulo de visão.

Levanto-me e finjo estar a pesquisar nas prateleiras atrás da sem-abrigo, muito atenta, a tentar ouvir o Liam e a rapariga do outro lado. Mas os únicos sons são os de cadeiras a raspar no chão, de páginas a serem viradas e de livros a serem mexidos. Por isso, espreito depois de chegar ao final da prateleira e vejo-os sentados juntos, de costas para mim. Enquanto os observo, reparo na mão esquerda da rapariga, que está decorada com uma tatuagem de hena de flores espinhosas que lhe serpenteiam do dedo médio até ao braço – ela puxou as mangas da camisola até aos cotovelos para a mostrar. As suas unhas condizem com a hena, pintadas de um vermelho-escuro, quase preto, e ela afigura-se-me misteriosa. Nada faço durante algum tempo, limito-me a observá-los a lerem os seus livros, notando que parecem extremamente cientes um do outro – estão tão artificialmente imóveis. Então a rapariga escreve qualquer coisa num papel, que desliza sobre a mesa para que o Liam o leia, e ele sorri e escreve outra coisa antes de lho passar; depois ela encosta a cabeça ao ombro dele, só por um instante.

Tiro um livro ao calhas da prateleira e levo-o para o lugar em frente ao Liam, do outro lado da mesa. O livro chama-se *Armários de Cozinha: Faça Você Mesmo*, e o primeiro capítulo é «Projetar o seu Armário». Ainda mal comecei a ler quando o Liam diz num sussurro ruidoso:

– Olá, Callie. O que estás aqui a fazer?

Não respondo.

– Esta é a minha amiga Mary. Estamos a rever a matéria juntos.

– Olá. – A Mary mira-me com uma expressão vaga e altiva. Como um camelo.

– A Callie é irmã da Tilda.

A Mary assente com a cabeça, como quem diz: *Ai, é...*

– Andas na escola do Liam?

– Sim. Somos da mesma turma.

O seu tom é seco e arrogante, e ela volta ao seu *Madame Bovary*,

deixando claro que não mereço o seu interesse. Fecho o meu *Armários* e levanto-me.

– Mas que rápido – comenta Liam.

– Até à próxima.

Parece que demoro séculos a chegar a casa de bicicleta. Estou praticamente em brasa com a excitação de ser a portadora de más notícias, esbaforida com a urgência da minha missão. Largo a bicicleta em frente à porta e, assim que entro, ouço a cantoria no andar de cima:

– *Atormentada... lamentada... alucinada num domingo.*

Subo as escadas a bater com os pés e entro de rompante no quarto da Tilda. As Irmãs Sussurrantes (sem a Paige) param de cantar e eu pergunto:

– Vocês conhecem uma Mary que conhece o Liam?

– Mary Strickland?

– Alta, de cabelo escuro assim mais para o curto, que fala devagar e é um bocado emproada?

– Sim, é a Mary Strickland – diz a Sasha, a olhar para a Tilda.

– O que é que ela tem? – A Tilda fala numa voz tensa e passa as mãos pelo cabelo, despenteando-o.

– Está na biblioteca com o Liam, e eu vi-os a sussurrarem um com o outro e a trocarem bilhetinhos...

– E então? – pergunta a Sasha. – Eles são amigos, nada mais. Estás a tentar arranjar problemas, Callie?

– Vão-se embora! As duas! – A Tilda parece prestes a começar a hiperventilar. – Estou a falar a sério, vão! Preciso de pensar. E não se ponham a bisbilhotar. A sério. O Liam disse-me que a Mary ia com ele à biblioteca...

A Kimberley e a Sasha saem, amuadas, e a Tilda senta-se na cama, de cabeça entre as mãos.

– Ele disse-te mesmo?

Ela fita-me de olhos duros como gelo.

– É claro que não. Conta-me o que viste. Tudinho.

Falo-lhe da coisa da cabeça, de quando ela se encostou ao ombro dele, e a Tilda diz que a Mary é uma cabra e que o Liam é ingénuo.

– Porque é que *tu* não foste à biblioteca com ele?

– Ele disse que queria concentrar-se! Anda tão focado em tirar notas altas nos exames, isso é tudo o que lhe interessa. Ela deve-se ter colado a ele,

deve tê-lo seguido, praticamente... O pai dela é advogado, ou juiz ou qualquer coisa assim e ela acha que isso a torna uma pessoa superior. É tão egocêntrica... acha que pode impor-lhe a presença quando ele quer *concentrar-se*!

– O que vais fazer?

Ela esboça um pequeno sorriso ácido.

– Vou a casa do Liam ao final do dia e vou ser muito querida com ele, não vou deixar de todo que saiba o que penso acerca da Mary Strickland. Nada de queixas, nada de explicações... é a melhor política.

Eu concordo. Não vejo como é que discutir com o Liam poderia melhorar o que quer que fosse e, horas mais tarde, observo a minha irmã a preparar-se, a tirar toda a maquilhagem e recomeçar, a mudar de roupa várias vezes, a arranjar o cabelo com ferros e a pôr perfume. Desejo-lhe boa sorte e ela sai.

Passo três horas ou mais sentada à janela, a experimentar palavras-passe diferentes para desbloquear a *pen*, fazendo pausas para preparar chá, esticando as pernas às voltas pela sala. Tento tudo. Até escrevo Gancho, TildaeLiam, LiameTilda, IrmãosSussurrantes e um milhar de outras possibilidades, embora tudo isso me pareça uma caça aos gambuzinos e já só me apeteça desistir e pôr-me *online* à conversa com a Scarlet e a Belle. Depois, sem pensar, digito AsAmadas e, sentindo-me fraca e tonta, vejo o ecrã a passar de um preto proibitivo para um cor de laranja acolhedor, lindo e luminoso. Lembro-me daqueles filmes de pétalas de flores a abrirem-se milagrosamente com a luz do sol e penso – claro! Claro que usa AsAmadas como palavra-passe, faz todo o sentido.

Mas depois sinto uma vaga de desilusão, pois só há um ficheiro no ecrã – um documento do Word com o nome sensaborão de Notas de Guiões. Não era o que eu esperava. Porém, quando o abro, vejo logo que a informação nada tem que ver com guiões; em vez disso, estou a olhar para uma carta que me é dirigida:

Querida Callie,

Sabe Deus o que terá acontecido para estares a ler isto, porque estes são os meus segredos, maninha, e só os partilharás se alguma merda terrível tiver acontecido. Devia ser mais direta – estás a ler isto porque morri e porque quero que saibas, finalmente, o que aconteceu entre mim e o Felix.

Antes de começar – eis algumas coisas que precisas de saber acerca do Felix – presta atenção!

Estou inebriada por ele.

Estou viciada nele.

Ele faz-me sentir *curada*. Deixei de me sentir ferida por dentro.

Em resumo, Callie, ele é o amor da minha vida – e foi por isso que resisti às tuas intromissões e bisbilhotices constantes, que recusei falar-te dele apesar das tuas perguntas metedizas – *tens a certeza de que ele é a pessoa certa para ti, Tilda? Deixas-me ajudar-te, Tilda?* Percebi qual era a tua, era tão óbvio, caramba. Tinhas ciúmes do Felix e estavas decidida a afastar-nos, a destruir-me a relação – alguma vez o admitiste perante ti mesma?

Mas não podias, porque eu adoro-o. Adoro não poder mandar nele como se fosse a Rainha

do Sabá. Tantos dos meus ex-namorados eram acólitos obedientes... Eu dizia-lhes «senta» e eles sentavam-se. Dizia «apanha» e eles apanhavam. Mas, desde o início, o Felix foi diferente. Ele ditava as regras e eu alinhava – dizia-me para usar o meu vestido *Oscar de la Renta*, eu usava; dizia que não gostava do meu perfume, eu deitava-o fora. Tu não suportavas esse comportamento, pois não? Fez-te sentir impotente e excluída. Depois, querida irmã, a exclusão tornou-se paranoica e alimentou essa obsessão com os homenscontroladores, que te deu a volta ao juízo.

Já te vejo agora, no teu quarto, a ler isto e a gritar: *Mas eu tinha razão! Morreste, Tilda!* Bem, é muito mais complicado do que isso, de formas que escapam à tua imaginação. É difícil explicar-te, porque somos pessoas tão diferentes, mas deixa-me tentar.

Pensa nisto: tu passaste a vida inteira a tentar perceber a que pertences. Queres deitar raízes profundas na terra, como uma árvore, procurando água e nutrientes – sustento. Eu sou o oposto, quero voar como um pássaro, fugir e partir para outra. Sinto-me maravilhada quando algo é novo e perigoso. Adoro o risco. Estás a ver aonde quero chegar com isto? É o que o Felix me dá: risco infinito. Com outros homens, tenho uma noção dos seus limites, mas com ele não – o que se passa por trás daqueles olhos cinzentos é inescrutável. Dou por mim só a olhar para ele e a perguntar-me se será o meu destruidor ou o meu salvador. Neste momento, sou da opinião de que o mais provável é que seja meu salvador. Mas – para o caso de me enganar – estou a pôr por escrito como sucedeu a minha morte. Cabe-te decidir o que farás com a informação.

A primeira vez que ele foi violento foi apenas cerca de um mês depois de o ter conhecido. Nessa noite, estávamos numa exibição de *Rebeca* num pequeno cinema do Soho e, quando o filme começou, eu estava praticamente orgástica de medo – era tão importante para mim que ele gostasse da minha representação, e já sabia que tinha padrões elevados como tudo. Ele segurou-me a mão com força durante o filme e, de poucas em poucas cenas, dizia-me que eu estava linda, sensual ou bela... Ao início, senti-me agradecida e excitada mas, ao fim de algum tempo, reparei que os seus elogios diziam todos respeito à minha aparência, não à minha competência. Por isso, tentei que me dissesse algo mais profundo, perguntando: «Gostaste da cena na praia?» ou «Achas que aquele confronto final com o Max resultou? Teve integridade emocional?» E ele fazia algo afetuoso como afastar-me o cabelo da cara ou morder-me os dedos e respondia com chavões como: «A câmara adora-te» ou «Essa cena foi só tua.» Nunca nada específico acerca do ofício puro e duro da representação, e eu pressentia uma nota fria subjacente nas suas palavras.

Depois, quando as luzes se acenderam, um par de *hipsters* jovens e barbudos aproximou-se para me dizer que a minha representação tinha sido maravilhosa e aconteceu uma coisa estranha – o Felix parecia estar a desfrutar da situação, dizendo «Sim, ela é incrível... estou tão orgulhoso dela.» Mas eu percebia que, no fundo, estava zangado. Era qualquer coisa na tensão do corpo dele, e na forma como estava em piloto automático com os seus modos encantadores oh-tão-perfeitos.

Quando voltámos para o meu apartamento, ele estava mal-humorado e recusava-se a dizer o que se passava. Depois agarrou-me e, sem falar, empurrou-me para a cama e fodeu-me, pondo-me em posições impossíveis e horríveis, agarrando-me os braços com tanta força que a dor era quase insuportável. Depois adormeceu de imediato, enquanto eu fiquei acordada, estupefacta, a tentar perceber o que tinha acontecido. Acho que, de certa maneira, me sentia violentada, mas também estava extasiada, verdadeiramente viva. E não te convenças de que foi uma violação, Callie, porque não foi. Eu não lhe disse «não». Não tentei afastá-lo. O meu consentimento foi óbvio. Na verdade, senti-me mais próxima dele do que nunca, por causa da noção de que, como eu, ele se sente impelido a experienciar os extremos da vida. Nos dias seguintes, eu olhava para as nódoas negras que ele me tinha feito nos braços e prezava-as, como se fossem emblemas da

nossa paixão, medalhas de honra. Fiquei triste quando, ao fim de uns dias, desapareceram.

Umas três semanas depois, eu e o Felix estávamos a jantar no Caprice e um dos colegas dele por acaso estava a jantar lá também, um tipo mais velho, chamado Julio, que veio ter connosco e lhe pediu que nos apresentasse. Gostei logo dele – tinha uma cara assim grande e enrugada. Cabelo branco e espesso. E estava bronzeado, como se passasse metade da vida sentado num miradouro de Barcelona a bebericar bons vinhos. Ri-me com as histórias dele. Algumas eram à custa do Felix, mas de uma forma muito benigna. Com um sotaque espanhol fabuloso, quase afetado, dizia que a secretária do Felix no trabalho era a sua «residência Bauhaus» e que ele via o «bom gosto como um imperativo moral». O Felix riu-se e eu também. Quando nos despedimos, deu uma palmada no braço do Julio, um gesto o mais amigável possível. Mas, por dentro, estava a ferver e, quando regressámos a Clerkenwell, estava pálido de raiva, a andar de um lado para o outro, furioso com as piadas do Julio, que era «aquele sacana – dinossauro patético – não há de durar muito na firma». Depois começou a atacar-me. Como me atrevera eu a flirtar com o Julio? Não percebia que só me expunha ao ridículo? Protestei – «Limitei-me a ser *simpática*.» Disse-lhe que ridículo era o que ele estava a ser e comecei a ir-me embora. Mas o Felix agarrou num vaso de vidro, uma coisa roxa e pesada, e atirou-mo. Ou talvez tenha feito pontaria ao lado da minha cabeça para me assustar. Seja como for, não me acertou e foi contra um espelho, que se estilhaçou, e o vaso espalhou-se por todo o chão da cozinha, num milhar de cacos minúsculos.

Como se nada de mais tivesse acontecido, ele mandou-me sair da cozinha «enquanto limpo esta porcaria», numa voz distante e cansada; parecia irritado comigo e – isto é estranho – quando fui para a sala de estar, ia a pensar que *estava* em falta, que devia ter-me comportado mal com o Julio, e sentia-me satisfeita por ele se importar tanto. Agradava-me a ideia de os seus sentimentos por mim serem tão fortes que o tinham levado a perder o controlo e dar cabo de alguma coisa. Os danos não eram terríveis, apenas um espelho rachado e um vaso partido. Voltei para a cozinha, peguei-lhe numa mão que tremia e levei-o para a cama. Ele agarrou-me os braços, marcou-me, bateu-me, fodeu-me. Mas eu não o desconsidere por isso, Callie – ameio mais.

Portanto, esta é a verdade. Ele é perigoso, mas eu pactuo com esse perigo e encorajo-o. Ele nunca me magoou contra a minha vontade. E, em muitos sentidos, é bom para mim. Ajuda-me a analisar a miríade de guiões televisivos que me enviam. A maioria dos papéis não presta, reduz-se a velhos clichés gastos – a patologista forense sensual, o interesse amoroso de algum ator antigo a tentar ressuscitar a carreira em declínio. Estou praticamente a gritar que ando desesperada por algo original. E o Felix ajuda-me a peneirar tudo isso. É genial nos comentários que faz nas margens, sendo o tema geral «consegues melhor do que isto, Tilda». Ele tem razão. Eu *devia* esperar até que algo espetacular ou desafiador surja, algo em que valha a pena investir. Tinha esperanças de fazer de Raquel em *A Prima Raquel*, mas o Felix achou o guião medíocre.

Ele também é generoso. Está sempre a comprar-me roupas lindas e joias, e até se ofereceu para pagar a psicoterapia de que tu precisas. Temos falado da tua mente patologicamente desconfiada e da tua obsessão connosco, e eu contei-lhe como costumavas ser comigo e com o Liam. Que ficavas na tua bicicleta em frente à casa do Liam quando eu estava lá, a vigiar a janela do quarto. O Liam dizia que eras *a nossa pequena perseguidora* – sabias? Eu na altura sentia-me muito mal, porque sabia que estavas infeliz e não podia ajudar-te. E acontece o mesmo agora, enquanto escrevo isto. Vejo que és patética, com tão pouca vida própria que precisas de te fixar na minha – e quero ajudar-te, Callie. A sério que quero.

A carta dela deixa-me sem fôlego. Ando de um lado para o outro no apartamento, de pernas a fraquejar e a cabeça às voltas; depois vou à cozinha, em busca de álcool, pois quero embebedar-me. Não fazia ideia do desprezo que a Tilda sentia por mim, não tinha a menor suspeita de que me via como um parasita digno de pena, dependente e obcecada pela sua espetacularidade. Nem me tinha dado conta de que julga que tenho problemas e se sente culpada por não poder consertar-me, de que se apieda de mim. Encontro uma garrafa de vinho tinto ao fundo de um armário e, de mãos a tremer, tiro-lhe a rolha, sirvo-o num copo grande e bebo-o, desejando que ela estivesse no meu quarto agora mesmo, aqui ao meu lado, para poder ripostar. Dir-lhe-ia que se engana, que percebe tudo ao contrário. Dir-lhe-ia: «Tu é que tens problemas! Olha só para ti, precisas tanto dos holofotes, não és nada sem a adoração das outras pessoas. E o teu comportamento com o Felix não é normal. És doente... lembra-te do teu passado!»

Recordá-la-ia do Liam e daquele dia há tanto tempo, quando foi a Peckham determinada a não ficar zangada por causa da Mary Strickland. Saiu de casa, cheia de atitude, com as suas calças de ganga justas e cor-de-rosa, a dizer «Não é nada, caramba, tenho a certeza... eles são só amigos», enquanto eu ficava no quarto dela, metendo-me debaixo da colcha roxa e a sentir-me como se estivesse debaixo da pele dela. Estava tão confortável que adormeci ali e, quando acordei, foi com o telefone a tocar e a Tilda a chorar do outro lado da linha:

– Diz à mãe que me venha buscar, *já*, não consigo andar.

Esperei enquanto a nossa mãe fazia o percurso de três minutos de carro até à casa do Liam e, a contar com problemas, desci para preparar chocolate quente para nós as três.

Quando voltaram, a nossa mãe acompanhou-a até ao piso de cima, com o braço a envolver-lhe os ombros num gesto protetor, enquanto a Tilda parecia incapaz de se manter de pé sozinha. Já na cama, enroscou-se,

agarrada ao estômago, de lágrimas cheias de rímel a colarem-se-lhe às faces. Nem queria olhar para o chocolate quente, que arrefeceu na sua mesa de cabeceira.

Foi o início do seu esgotamento. Depois desse dia, habituámo-nos a ouvir uma tosse dura e violenta vinda da casa de banho, quando ela se obrigava a vomitar depois das refeições; e, nos meses seguintes, começou a cortar-se nos braços, golpes curtos e irregulares feitos com as facas da cozinha ou com lâminas da casa de banho. Na escola era o centro das atenções, as amigas a rodearem-na enquanto ela exibia as suas feridas e elas tentavam consolá-la condenando a Mary Strickland, a cabra desleal, e o Liam Brookes, o cretino, recordando-a como era linda e que em breve arranjaría outro namorado. Mas a Tilda manteve-se inconsolada e, na verdade, ainda deteriorou mais, até as amigas se fartarem da sua autocomiseração e ousarem sugerir que era capaz de estar a exagerar. A nossa mãe dizia que todos os adolescentes passavam por aquilo – serem rejeitados – e que o que era preciso era seguir com a vida e tirar o melhor partido possível da situação. Até usou a expressão «há muito mais peixe no mar». Mas eu achava que a intensidade dos sentimentos da Tilda era compreensível. Ela tinha amado o Liam e achava que ele faria parte da sua vida para sempre.

Aos poucos, ela tornou-se incapaz de completar até as tarefas mais simples. Perdeu a capacidade de escrever, a menos que fosse numa letra grande, incerta e infantil, e já não conseguia fazer contas; mal conseguia escrever os números, quanto mais calculá-los. Eu, a Tilda e a nossa mãe frequentávamos obedientemente sessões de «aconselhamento familiar», com um especialista chamado Gary Moyse, que se vestia de bombazina e ocupava um cadeirão sem forma que cheirava a cigarros. A Tilda costumava ficar em silêncio e, quando conseguia dizer alguma coisa, saía-lhe num sussurro intenso:

– Não serve de nada, isto tudo, vocês não podem curar-me.

E o Gary Moyse disse:

– É a isso que chamamos pensamento maniqueísta, Tilda. Vamos ver se conseguimos pensar nos aspetos positivos. Nessas coisas que nos dão calor à alma.

– Gatinhos – respondi eu, tão farta dele quanto a minha irmã.

Só a nossa mãe fez um esforço sério, falando das primeiras magnólias da primavera, dos seus feitos criativos com tinta, de umas férias que tivéramos

uma vez em Maiorca. Mas eu tinha vontade de chorar por ela, ao vê-la esforçar-se tanto por melhorar as coisas para a Tilda quando tinha o seu próprio cancro com que se preocupar.

Víamos o Gary de quinze em quinze dias, mas a Tilda recusava-se a melhorar. Agarrava-se à mágoa e à desolação, e a automutilação e a bulimia só pioravam. Enquanto as amigas da escola se ocupavam com os exames finais, ela foi internada numa unidade para adolescentes com dependências, num hospital vitoriano do Sul de Londres, onde os médicos tornavam a sua personalidade um caso clínico, sem nos oferecerem respostas que fizessem sentido. Falava-se da sua codependência, da sua personalidade propensa à dependência, de algo chamado transtorno de personalidade limítrofe; um médico mencionou a palavra narcisismo. Parecia que cada especialista queria recrutar a Tilda para a sua própria comunidade de doentes – e eu ficava orgulhosa quando ela se recusava a cooperar. Aos dezoito anos, ela já tinha estado hospitalizada duas vezes e adquirira uma aura permanente de fragilidade e debilidade. Mas, de alguma forma, mantivera o antigo encanto – a capacidade de passar, num instante, da intensidade a uma imaterialidade bela e vaga, e de novo à intensidade. Para além disso, conseguiu recuperar o corpo, deixando de ser esquelética para ser apenas magra.

A sua vida começou a melhorar quando, depois de um período intenso a estudar em casa, passou em três exames finais do secundário e dois de admissão à faculdade, os requisitos mínimos para estudar representação na Escola Central de Discurso e Artes Dramáticas de Londres. Teve uma boa prestação na sua audição e, quando lhe ofereceram uma vaga, celebrámos com espumante *rosé*, que bebemos no jardim das traseiras de Gravesend. Estávamos tão felizes (ninguém referiu o meu desempenho medíocre nos exames, um ano antes), todas as flores que eu tinha plantado com a nossa mãe estavam a florir, as rosas, os gerânios e as ervilhas-de-cheiro, e eu e a Tilda embebedámo-nos e dançámos juntas, descalças na relva seca, de ervilhas-de-cheiro no cabelo, cantando a sua canção de maior sucesso, «Desvairada num Domingo». Em setembro, ela saiu de casa, arrastando uma mala de viagem vermelha e enorme até ao comboio. Eu disse à nossa mãe:

– Ela podia viver em casa, se não gostar do alojamento – enquanto lhe acenávamos.

Acho que ambas tínhamos receio de que ela regredisse assim que ficasse

longe da nossa influência, mas aconteceu o oposto. Na Central, voltou a ser ela mesma – a rapariga que fora um Peter Pan estonteante, que chamava a si os holofotes. Ouvíamos histórias dos seus novos amigos – o Henry, «a estrela do nosso ano», e a Lottie, «a rapariga dos meus sonhos». Contávamos que os professores a inspiravam e dizia que representar era a sua paixão.

No final do primeiro ano, eu e a nossa mãe vimo-la a fazer de Ofélia em *Hamlet*, e apercebemo-nos de que tinha crescido; a sua representação era subtil e chamativa. Por esta altura, eu vivia em Willesden Green e a nossa mãe tinha-se mudado para Gales, pelo que o simples facto de estarmos juntas tornava a ocasião especial, e depois a Tilda apresentou-nos o elegante Henry, que fazia de Hamlet, e apontou para o outro lado do bar cheio de gente, indicando-nos uma rapariga séria de tranças escuras cruzadas e apanhadas no alto da cabeça – a Lottie. Esta olhou para nós e acenou-nos. Parecia que a Tilda tinha encontrado a sua tribo e, de alguma forma, estava instalada. Mas, por causa do seu colapso em adolescente, nunca podemos tomar isso por garantido, teremos sempre de estar alerta em relação aos sinais. Como digo, ela é que tem problemas.

Não acredito que a sua carta não o reconheça, que seja tão cheia de si e insultuosa, de tal maneira que a releio, na esperança de que me tenha escapado alguma coisa; de poder encontrar alguma mensagem positiva soterrada nas palavras. Mas, na segunda leitura, sinto-me ainda pior; agredida, tristíssima e incrédula. Sirvo-me de mais vinho, emborcando-o como se água fosse, e abro o dossiê no portátil para tomar nota de todas as minhas novas preocupações. *A Tilda está a começar a delirar*, escrevo, *e formou a ideia ridícula e perigosa de que controla a relação com o Felix*. Anoto que a confiança que deposita nele é indevida e transcrevo o incidente com o vaso roxo. Que tipo de pessoa faria algo assim? Trata-se de um ato tão zangado, cheio de ódio. E assegurar-se de que o sexo é incrivelmente doloroso para ela, deixando-a com marcas. A brutalidade emocional e física é horrenda. Também escrevo acerca do isolamento cada vez maior a que o Felix a sujeita, separando-a de mim e da nossa mãe, e ainda do seu trabalho, da representação. Tenho vontade de lhe dizer: não podes fazer isso! A representação é a alma dela, não podes tirar-lha. Depois registo que a carta da Tilda se encontra óbvia e propositadamente incompleta. Não mencionou o que quer que fosse que explicasse realmente o seu estado psicológico – a forma como anda tão nervosa e assustadiça, parecendo sempre à beira de

um precipício. Possivelmente, prestes a ter outro esgotamento nervoso – provocado pelo Felix, e explorado por ele também. Decido pôr-me *online* para discutir a situação com a Belle e a Scarlet. Desta vez, é a Scarlet quem já está na Zona.

Scarlet: *Olá, Meninacallie. Viste a última notícia acerca da Chloey Percival?*

Meninacallie: *Não. Que aconteceu?*

Scarlet: *O estado dela deteriorou-se. Dizem que é crítico. A cada dia, mais uma morte, talvez a Chloey, talvez a Rosa, talvez eu. Estou exausta e farta de me sentir assustada. E, Callie, já não posso com esta estupidez de lhes chamarmos X. A partir de agora vou referir-me ao meu namorado pelo seu nome próprio – pelo menos contigo e com a Belle –, por isso deixa-me apresentar-to: eis o Luke. Já vos falei dos jogos sexuais encenados de que gostamos, mas isso tornou-se demasiado violento. Da última vez enfiou-me uma gravata até à garganta e amarrou-me o pescoço, a fingir que me enforcava. E às vezes tranca-me em casa, amarrada, sabendo que não vou poder ir à casa de banho quando precisar. Gosta da porcaria quando chega a casa.*

A Scarlet nunca tinha sido tão reveladora e faz-me sentir enojada. Para a travar de imediato, mudo a conversa para a Tilda.

Meninacallie: *Scarlet, preciso do teu conselho. Há alguns paralelos entre a tua relação e a da Rosa. Não propriamente em relação aos jogos sexuais encenados. Refiro-me só a que a situação dela com o Felix (seguindo o teu exemplo) está a aprofundar-se e a tornar-se mais perigosa. Roubei uma pen da casa dela, onde encontrei uma carta para mim, a dizer que tenho razão em relação ao Felix. Ele está a isolá-la, a impedi-la de trabalhar e a ser violento por vezes. Atirou-lhe um vaso e ela tem os braços marcados. Mas não me dá ouvidos. É difícil assistir e não fazer nada.*

Espero, mas a Scarlet demora muito tempo a responder. E então:

Scarlet: *Meninacallie, sabes que tenho andado a trabalhar num projeto, numa coisa que poderá ajudar-me a fugir ao Luke e talvez também salve a tua irmã do Felix. Ambas enfrentamos perigo de morte e precisamos de agir antes que seja demasiado tarde. Já informei a Belle e ela anda a ajudar-me. Agora acho que está na altura de te envolver também, mas não posso dar-te já todos os pormenores e não quero fazê-lo online. Pensei melhor e acho que vamos ter de nos encontrar. A propósito, sei que foste ter com a Belle a York. Ela contou-me.*

Eu sabia que a Belle não conseguiria guardar segredo. Escrevo:

Meninacallie: *Adorei estar com a Belle e também gostaria de te conhecer. Mas quando? Tenho de ir a Manchester?*

Scarlet: *Não, eu vou a Londres, talvez para o mês que vem. Vamos a algum lugar anónimo – talvez um parque, ou um Starbucks. O Luke está quase a chegar... tenho de ir...*

Assim que saio do fórum, vou até à Curzon Street para devolver a *pen*. Espero voltar a roubá-la dentro de uma ou duas semanas, para ver se a Tilda acrescentou algo à sua carta. Depois dou um jeito ao apartamento, limpando as marcas de sujidade da mesa de centro, devolvendo as roupas aos armários e tornando a envolver a loiça em película aderente. Quando me dou por satisfeita com os meus esforços, vou-me embora, decidindo não apanhar o autocarro até casa da Eva para lhe devolver a chave.

Estou em casa, a arrumar, quando o meu telefone toca. É o Felix, cujo tom de voz me obriga a desligar a rádio e a concentrar-me em ouvi-lo.

– Voltámos da Martinica – diz ele. – Devíamos encontrar-nos para tomar um copo. Champanhe, se quiseres, ou sidra. Ou preferes jantar?

– Eu, tu e a Tilda?

– Eu e tu.

– Para quê?

Uma risada serena.

– Para reestabelecer boas relações. Lembras-te de como nos dávamos tão bem? Vamos recuperar isso. Eu gostaria, e a Tilda ficaria agradada. Levo-te a um sítio especial. Que tal jantar no Wolseley?

– Estás a gozar...

– Não, não estou. Vem.

De repente, sinto-me tonta, avassalada pelo medo, mas também estranhamente entusiasmada. Pressinto que ele tem um objetivo oculto, que isto não é apenas uma demonstração espontânea de amizade. Mas não me parece que vá ser capaz de me comportar normalmente na presença dele, agora que li a carta da Tilda, e não nos imagino a acabar a noite sem ser comigo a perder a cabeça e a entrar nalgum confronto catastrófico. Por outro lado, quanto mais informação conseguir extrair-lhe, mais capaz serei de proteger a minha irmã. Durante imenso tempo, nada digo, depois acedo a ir e, assim que pouso o telefone, volto ao dossiê para preparar uma lista de perguntas para lhe fazer.

*

No dia seguinte, na livraria, estou a embalar as devoluções e a telefonar a clientes para os informar de que as suas reservas chegaram, mas só penso no Felix e dou por mim a ficar absurdamente fixada na dificuldade de me integrar no Wolseley. Não me parece que seja um sítio onde se vá de calças de ganga e *t-shirt* e, num abrir e fechar de olhos, já estou a pedir conselhos.

– Daphne, vou ao Wolseley, podes dar-me um conselho em relação ao que vestir?

Ela resfolega de uma forma que a nossa mãe diria ser «pouco feminina» e pousa a sua caneca da Virginia Woolf.

– C’um caraças, querida – grita ela do outro lado da livraria. – Então?

– O namorado da minha irmã vai levar-me lá. Aquele de quem eu não gosto... Acho que está a tentar convencer-me.

– Bem, aproveita ao máximo. Não sei se sou propriamente a pessoa certa para dar conselhos sobre estilo... mas que achas disto? Vou comprar-te um vestido. Fecho a loja durante uma tarde e vamos à baixa para escolhermos qualquer coisa.

Então, é isso que fazemos. Ela leva-me aos armazéns Fenwick, na Bond Street, e eu experimento vários vestidos, cada um a custar centenas de libras, todos selecionados pela Daphne «para te realçar as formas». Vai percorrendo as fileiras de roupas, passando os dedos pelos cabides como uma arquivista eficiente, enquanto diz: «Não, não, meu Deus, não, que susto, sim, leva este...» E segue-me até aos provadores, espreitando pela cortina e comentando: «Não, está a esmagar-te o peito» ou «Demasiado descido, precisa de arranjos.» Rendo-me à sabedoria dela, reconhecendo que está a escolher modelos clássicos para mim e a dar-me um ar sofisticado; embora seja bizarro que a sua própria forma de se vestir – minissaias de cabedal e botas de cano e salto baixo – seja tão diferente.

Decidimo-nos por um vestido azulão. Ao início, não me parece que possa usá-lo, pois sinto-me muito exposta. Não é que seja muito decotado, nem demasiado curto, mas o facto de me seguir as curvas é embaraçoso. Quando protesto, a Daphne diz:

– Não vou pressionar-te, Callie, mas ficas mesmo muito bonita. Tens uma figura fantástica... E não fazes ideia de como és linda, o que te torna ainda mais atraente.

Sinto as faces a corar e respondo:

– Pronto, então vou ser corajosa.

– Agora uns sapatos.

– Não. É demasiado! Não podes gastar tanto.

– E tu não podes usar esse vestido com ténis.

– Acho que ia ficar divertido com ténis.

– Não no Wolseley. Anda.

Então, ela compra-me sapatos. Uns botins de camurça cor de fumo, com um pequeno salto fino.

– Adoro-os – digo. – Mas sinto-me culpada.

– Pensa nisto como sendo o teu bónus de verão, uma recompensa por teres persuadido o Sr. Ahmed a comprar todos aqueles P. G. Wodehouses e por teres vendido tantos postais de Votos de Rápidas Melhoras.

Rio-me, porque ambas sabemos que só vendi um postal nos últimos três meses.

No trabalho, na manhã seguinte, uso os botins de camurça com as minhas calças de ganga, e a Daphne comenta:

– Muito bem. Dão com coisas finas e com coisas informais.

O Wilf aparece e eu faço questão de atravessar a livraria para devolver um livro de culinária à prateleira. Ele não repara nas botas, mas fita-me com uma expressão intrigada, a tentar perceber o que tenho de diferente.

– Posso ajudar-te?

– Sim, acho que podes.

– Como?

– Estás disponível no fim de semana? Queres vir fazer um pouco de jardinagem?

– O quê? Contigo?

– Claro que é comigo... tens galochas?

– Tenho.

Ele vai-se embora e eu fico atónita com o que acaba de suceder, fascinada por ele não me ter riscado da sua lista. Olho para a Daphne, que olha para mim.

– Não te ponhas com coisas – aviso.

E ela começa a assobiar a melodia de «Love is the Air».

– Não fazia ideia de que sabias assobiar.

– Eu não fazia ideia de que tu sabias jardinar.

*

No sábado, o Wilf vai até ao meu apartamento e dá-me boleia. O carro dele é um *Volkswagen* velho, todo salpicado de lama. Tira uns quantos jornais velhos, copos de cartão e outros detritos do lugar do passageiro e atira-os para o assento de trás, onde há equipamento de jardinagem

amontoado – pás, forquilha, colheres de pedreiro, sacas de compostagem e gravilha – e eu sento-me ao lado dele. Está calor e eu vesti-me para um dia de jardinagem com uma velha camisa de algodão com flores azuis desbotadas e uns calções que já foram cor-de-rosa, mas que perderam tanto a cor nas lavagens que são mais do tom de um porco. E, conforme as suas instruções, galochas.

– Gosto do cheiro a terra do teu carro.

Sorrio, para ele saber que não estou a ser sarcástica.

– Eu cá adoro terra.

Ele corresponde-me ao sorriso e olha de relance para as minhas coxas pálidas, bem à vista no lugar do passageiro. Também olho para elas e pergunto-me como poderá alguém achá-las voluptuosas, em vez de apenas grandes.

*

Chegamos aos portões de uma mansão caiada na Bishop's Avenue, com pilares, pórtico e tudo. O Wilf tem de marcar um código para que o portão de ferro forjado se abra eletronicamente.

– Presumo que o interior seja feito de mármore e ouro – comento.

– Não te enganas muito. Tem um grande chão de mármore.

– Algum oligarca russo?

– Não... um diplomata do Médio Oriente.

O Wilf diz que o jardim está na «fase de preparação», o que quer dizer que devemos passar o nosso tempo a cortar, limpar e escavar. É trabalho pesado, e agrada-me o esforço físico de enfiar a pá bem fundo e de escavar grandes montes de terra preta, que peneiro entre os dedos, sacando ervas daninhas e pedaços de lixo, fazendo-me lembrar aquele dia há tanto tempo em que encontrei o crânio de ovelha enterrado debaixo do arbusto. Quero contar-lhe isso, mas faltam-me as palavras e tudo o que consigo dizer é:

– Aqui por baixo há todo um mundo. Ervas daninhas, raízes e caracóis... por acaso tenho aqui uma erva daninha monstruosa, nem sei se sou capaz de a sacar.

Ele aproxima-se para me ajudar, escava à volta da erva daninha horrenda e, juntos, puxamos com toda a força até que a arrancamos. Atira-a para o nosso monte de detritos, inspira profundamente e diz:

– Não há nada mais sensual do que uma mulher linda coberta de terra e suor a lutar com a vegetação.

Sorrio e ele volta para a sua área do jardim enquanto eu vejo um pintarroxo aterrar num ramo ao pé de mim e depois mergulhar no solo, para apanhar uma minhoca.

Na maior parte do tempo, o Wilf não fala enquanto trabalha, limita-se a andar de um lado para o outro do jardim com feixes de paus e ramos, limpando um canto para o preparar para ser plantado, e eu fico impressionada pelo quanto ele, na vida real, se assemelha aos meus devaneios – passadas largas, mangas arregaçadas, gotas de suor na testa. Quando fazemos uma pausa, sentamo-nos num muro baixo, partilhando o seu cantil de chá, e ele trouxe um pacote de bolachas *Hobnobs*. Elogia-me o que escavei e fala-me dos seus planos para o jardim, mostrando-me um desenho esboçado a lápis numa folha amarrotada que guarda no bolso traseiro dos calções caquis. A nossa conversa acaba por ir parar à Tilda.

– Continuas preocupada com ela?

Começo a dizer que não, mas depois descaio-me:

– Sabes quantas mulheres são assassinadas pelos companheiros? Duas por semana. É uma coisa corriqueira.

– De certeza que não achas que a Tilda vá ser assassinada?

– Não... mas...

Ele não me dá oportunidade de elaborar, dizendo:

– Agarra lá na pá e põe-te a cavar...

Tudo está bem no mundo do Wilf, e eu deixo-me levar pela sua disposição positiva, cavando que nem uma louca. Arranjo um ritmo para quebrar o solo, espetando, varrendo e peneirando, e fico absorta – apreciando também o espetáculo secundário do pintarroxo, que não para de procurar algo que matar. Mas, ao fim de uma hora, estou exausta e o Wilf diz-me que descanse enquanto ele acaba.

– Vamos seguir para o *pub* – anuncia. – Como recompensa.

E vamos de carro até ao Albany. Desta vez, está menos concorrido, e sentamo-nos lado a lado num banco de uma mesa ao canto, dois trabalhadores braçais com terra por todo o lado, debaixo das unhas, no cabelo, pelas pernas todas: até sinto o interior da boca terroso.

– Fica assim até ao próximo fim de semana? – pergunto. – Ou voltas ao final do dia?

– Tenho uma equipa.

Ele encolhe os ombros, como quem diz *Não é nada de especial*. Mas eu fico impressionada.

– Uma equipa! Do género, és o patrão? Já és um empreendedor...

Sinto-me a encolher por dentro. Se já é tão bem-sucedido, porque estará interessado em *mim*?

– Bem, são dois romenos que trabalham à empreitada – diz. – E vou lá quase todos os dias depois do trabalho para confirmar que estamos a cumprir o calendário e para estabelecer a ordem de trabalhos do dia seguinte. É um ambiente competitivo... demasiadas pessoas a fazerem o que faço e poucos clientes. Mas, quando se é bom, consegue-se.

– Como é que convences as pessoas a contratarem os teus serviços?

– Sobretudo por passa-palavra... mas não tenho jeito para o lado administrativo, garantir o pagamento, tratar dos contratos...

Enquanto ele fala, dou-me conta de que, como temos as mangas arregaçadas, os nossos braços nus estão a tocar-se, a roçar ao de leve um no outro. A sensação provoca-me um aperto no peito e deixa-me as mãos a tremer um pouco. Espero que ele não repare e, quase sem som, ofereço:

– Eu podia ajudar... se quiseres, com a papelada.

O rosto dele contorce-se, como se isso lhe parecesse divertido.

– O que foi?

– Quem diria que a palavra *papelada* podia soar tão... como é que se diz? Atraente.

Ele aproxima-se, põe-me uma mão na nuca e puxa-me a cara para a sua. E beijamo-nos, primeiro apenas pequenos beijos nos lábios, depois um beijo a sério, em que sinto o seu cheiro a madeira, a aspereza dos seus lábios. Separamo-nos e ele pergunta:

– Queres vir ver o meu apartamento?

– Oh, não! Tenho de ir para casa...

Afasto-me, bloqueada por um ímpeto de medo.

– Oh, está bem.

Ele bebe a sua cerveja de um trago, pousando o copo com um baque de finalidade, e eu lá arranjo coragem:

– Não era isso que eu queria dizer. O que eu queria dizer era que sim, gostaria de ver o teu apartamento.

Tento sorrir-lhe, mas tenho a boca seca e não consigo.

– Boa!

Ele encaminha-me para fora do Albany e vamos a pé até Kensal Rise, ele com o braço à volta da minha cintura; paramos duas vezes para nos beijarmos e depois aceleramos, cheios de pressa para estarmos dentro de casa.

Estou a preparar-me para o jantar no Wolseley e ocorre-me que, subitamente, fiquei crescida. Este vestido, estas botas e o facto de ter arranjado namorado. Pinto-me, seguindo o conselho que a Daphne me deu quanto a optar por um efeito esfumado nos olhos, e sigo um método que encontrei no YouTube. Uso um tom «natural» de batom, assim cremoso e brilhante, e penso que até é possível que esteja com um ar sofisticado. A dada altura, saltito pelo apartamento a cantar a canção «I Feel Pretty» do *West Side Story*, mas detenho-me abruptamente quando a realidade me atinge. Uma noite com o Felix, só nós os dois. Agora sinto-me nauseada. Antes de sair entro no fórum homenscontroladores.com para uma conversa rápida com a Belle.

Meninacallie: *Estou tão nervosa. Como hei de conseguir falar naturalmente? O meu instinto vai ser INSULTÁ-LO e ir embora!!!*

Belle: *Mantém-te concentrada. É importante q uses bem o tempo, para descobrires tanto quanto possível. Força!!*

Apanho o autocarro para o Wolseley e, embora chegue cinco minutos antes da hora marcada, vejo que o Felix já lá está, sentado ao balcão, de ombros tensos, costas direitas, a beber algo incolor – gim, vodca, ou, conhecendo-o, água com gás. Ele levanta a cabeça e põe-se de pé, com um olhar surpreendido.

– Estás linda.

Dá-me um beijo na face, pousa a mão nas minhas costas enquanto me leva para a nossa mesa, faz-me pensar naqueles dedos compridos e frios. Quando nos sentamos, explica que já pediu champanhe e não me surpreende quando revê o menu, aconselhando-me quanto ao que pedir. O robalo no forno é «excelente», as iscas de vitela são «muito aceitáveis».

– Gostas de ostras? Recomendo as ostras daqui.

– Nem por isso. Mas gosto de caviar *Beluga*.

Eu tinha lido o preço: 50 gramas por 255 libras.

Ele ri-se.

– Se quiseres. És minha convidada.

– Estava só a pôr-te à prova.

Na verdade, peço um prato de borrego, com um preço razoável, e olho em volta, observando os homens satisfeitos consigo mesmos e as mulheres abastadas, de joias a penderem-lhes em cachos dos pescoços e das orelhas, como fruta. Pergunto:

– Costumas vir cá com frequência?

Estou a tentar agir com naturalidade. Ao mesmo tempo, vou examinando o Felix, os seus pulsos e nós dos dedos brancos, os olhos. A perscrutá-lo em busca de pistas, mas é difícil ir mais além do verniz, do ligeiro sorriso, dos dentes perfeitos.

– Oh, só vimos cá em ocasiões especiais... a Tilda gosta.

– Então porque é que não veio hoje, porque é que somos só nós?

– Eu queria fazer as pazes... e passar algum tempo a conhecer-te melhor.

– Porquê? Eu não tenho nada de especial. – E penso: *tenho de parar de dizer isto!*

– Ah! Aí é que te enganas... és uma pessoa invulgarmente percetiva... és esperta e és divertida. Os teus comentários sarcásticos... tens um sentido perfeito da oportunidade...

– Para que é tanta lisonja, Felix?

Estou demasiado stressada, demasiado nauseada, para me fingir encantada.

Ele afasta uma migalha invisível da mesa.

– Não se trata de lisonja. Estou a tentar dizer-te que gosto de ti, Callie. E quero convencer-te de que sou a pessoa certa para a Tilda. Estou apaixonado pela tua irmã e trato-a bem... custa-me que tu não vejas as coisas assim.

A sua voz é praticamente um sussurro, um murmúrio articulado, e eu inclino-me para a frente, sem querer perder pitada.

– És sempre assim com as tuas namoradas?

– A que te referes?

– Refiro-me a interessares-te a fundo por todos os aspetos da vida dela. Que vestido escolhe, que perfume usa, com quem se encontra, como gere o

seu trabalho, como decora o seu apartamento...

Sirvo-me de uma voz baixa, aspirada, imitando-o, e lembro-me de como os cisnes sibilam antes de se zangarem.

Ele reclina-se na cadeira, inspirando como se contivesse um bocejo; depois, sempre a fixar-me os olhos, avança e pousa a mão sobre a minha. Preciso de toda a força de vontade para não recuar.

– Fazes mal em desconfiar de mim, sabes? Essas características minhas de que não gostas... são inocentes... Não faças esse sorriso trocista. Não é sinistro importar-me com a organização e a ordem... Num espaço limpo e sem tralha é possível pensar, é possível ser quem realmente se é. Acontece o mesmo com as preocupações e as ansiedades, se as controlarmos ficamos livres para sermos bem-sucedidos numa atividade que *importe*, seja a gestão estratégica de capital, seja algo criativo, como representar.

Ele afasta a mão e eu sinto-me aliviada, ao mesmo tempo que registo uma certa mudança nele. Algo que não consigo definir bem.

– A sério? – Sai-me num tom hipercrítico. – *Gostas* que a Tilda seja atriz?

Numa voz condescendente, como se estivesse a tentar acalmar um cão, ele diz:

– Sim, Callie, gosto. Ela é uma atriz de grande talento e eu sinto-me orgulhoso dela. E quanto mais claridade e estrutura tiver em casa, mais capaz será de se concentrar na sua carreira.

– Hã! Suponho que aches que, se eu fosse mais organizada e *estruturada* em casa, não trabalharia numa livraria... seria neurocirurgiã, juíza do Supremo Tribunal ou algo assim.

Ele continua com o tom aplacador:

– Acho que poderias fazer algo mais empolgante do que trabalhar numa livraria... sim.

Tenho vontade de lhe dizer que não me engana. Ao mesmo tempo, não quero interromper-lhe o fluxo, pelo que instigo:

– E a Tilda concorda?

– Ambos sabemos que a tua irmã tende para o caos e para o drama. Poder-se-ia dizer que somos opostos... mas complementamo-nos. Eu ajudo-a a controlar a vida e ela impede-me de me tornar obsessivo em relação a isso. É boa para mim.

Noto um tom suave quando ele fala da Tilda e isso abala-me, pois soa genuinamente carinhoso e afetuoso. Tinha-me fixado tanto no seu sexo

violento com a minha irmã e no controlo que exerce sobre ela que me tinha esquecido de que ele poderia amá-la de facto.

De cotovelo na mesa, apoio a cabeça na mão.

– Ok, então partamos do princípio de que te deixo ajudar-me... O que sugeres, como primeiro passo... que me despeça da livraria, talvez?

– Não, despedirmo-nos nunca é o primeiro passo. Seria muito melhor sentares-te com um papel em branco e começares a tomar nota de todos os elementos da vida que são importantes para ti, e daqueles que facilmente poderias abandonar. Assim podes começar a perceber o percurso que queres seguir...

– Avançando...? – digo eu, ao que ambos nos rimos.

Um empregado enche-nos os copos e pergunta-nos se está tudo bem. O Felix responde:

– Excelente, obrigado.

E eu assinto com a cabeça.

Já falo quase como se estivesse despreocupada:

– Trabalhar com boas pessoas é uma das prioridades... e não andar stressada. Não poderia ter o teu trabalho... arriscar assim o dinheiro de outras pessoas. Mas acho que és capaz de ter razão acerca da livraria, porque, embora eu adore a Daphne, e livros, não quero ficar ali para sempre. Devia tentar decidir o que fazer em seguida.

Enquanto falo, lembro-me de estar no jardim com o Wilf, de como o tempo voou por eu estar tão compenetrada a escavar e a gostar de estar no exterior.

– Gosto do contacto com a natureza... – Sorrio, envergonhada.

– De onde é que isso veio?

– Oh, não sei... Felix, posso fazer-te uma pergunta?

Preciso de voltar às perguntas que tinha planeado fazer-lhe. Não cair na armadilha de gostar dele.

– Claro...

– Tens família? Quero dizer, não passas a impressão de teres raízes, amigos, antigos amores ou seja o que for. És sempre só tu e a Tilda.

– Tu tens graça... É claro que tenho família: uma mãe chamada Alana, que escreve livros infantis, e um pai, o Erik, que ensina economia em Boston. Ainda vivem juntos, pelo que não há traumas terríveis de divórcio a comunicar... telefono-lhes todas as semanas e acabo sempre o telefonema a

dizer-lhes que gosto muito deles... Que tal? Não é assim que me vêes, Callie, pois não? O bom filho.

– E irmãos?

– Tenho um irmão, o Lucas. Nem sempre nos damos bem... somos muito diferentes e um bocado competitivos. Enquanto eu negoceio instrumentos financeiros estranhos e imateriais, ele trabalha com tijolos e betume, materiais sólidos...

De alguma maneira, percebo que o Lucas não é agente imobiliário, como o Wilf.

– O Lucas é um arquiteto bem-sucedido – explica com secura. – Vive e trabalha em França, perto de Nice, e levei a Tilda a conhecê-lo quando estivemos lá de férias... Ele tem uma ex-namorada que vive na zona... a Sophie. E teve uma bebé com ela. A Lily.

– Ela não me contou isso... Tio Felix... é difícil imaginar... Então e as tuas ex-namoradas? Onde estão, aqui ou na América?

– Eu sabia que ia ser interrogado. – Limpa os lábios com um guardanapo. – E não faz mal. Compreendo que tens esta obsessão de cuidar da Tilda. E eu sei que não costumo falar sobre mim. Sou uma pessoa reservada. Não é o termo que se usa para quem tem dificuldade em partilhar todos os pormenores acerca de si mesmo?

– Eu também sou uma pessoa reservada.

– Então... sim, Callie, tenho uma ex-namorada importante. É americana, como eu, mas vive neste país e chama-se Francesca. Vivemos juntos durante três anos e separámo-nos porque ela queria casar-se e eu não queria casar-me com ela...

Neste momento, olho-lhe para as mãos. É instintivo. Já tinha reparado mais ou menos em algo, mas só agora o registo como deve ser.

– Merda, Felix! Porque é que tens essa aliança no dedo anelar? Usas sempre isso, ou aconteceu alguma coisa?

– Estava aqui a pensar quando irias notar. – Há um certo nervosismo na sua voz. – Quando estávamos na Martinica, pedi a Tilda em casamento e fizemos uma pequena cerimónia numa praia. Nada que tenha valor legal. Mas é uma coisa que *vai* acontecer... em breve.

Por um segundo, fico completamente entorpecida.

– Oh, meu Deus... sabia que as coisas eram sérias... mas isto... não estava à espera.

O que tenho vontade de dizer é: «Isto é horrível.»

– Porque é que a Tilda não me contou?

Ele esboça um sorriso coquete, agradado por estar a dar esta notícia.

– Temos desfrutado do nosso segredo. Sem tornar o facto público. Mas pareceu-me que, como queres saber tudo e mais alguma coisa acerca de mim, era melhor contar-te. Parece justo, dadas as circunstâncias. Agora, endireita-te e respira... bebe um golo do teu vinho.

Apercebo-me agora de que é este o propósito do jantar – que a Tilda disse ao Felix que se entendesse comigo, que se tornasse meu amigo, porque está prestes a tornar-se meu cunhado. Tenho vontade de implodir, aqui mesmo no restaurante, desatar a chorar e a gritar e armar uma cena. Mas contrario os instintos e faço o que o Felix diz: endireito-me, puxo os ombros para trás e ergo o copo.

– À vossa.

– E à *tua*, Callie – diz ele, como se fosse sincero.

Bebo o vinho de um trago, com a cabeça a nadar do champanhe e a sentir-me inclinada a embebedar-me por completo. O Felix também está a beber muito e, à medida que a noite avança, o álcool vai tendo um efeito paliativo em mim e um efeito relaxante nele, tornando-o cada vez mais revelador. Fala-me da Francesca, que ao que parece é jornalista e viciada no trabalho, e que era muito crítica do seu comportamento, não o apreciando como a Tilda. Eu também me abro, falo-lhe das ambições paisagísticas do Wilf e de que ele passa a vida a ir à livraria, enquanto a Daphne é como um falcão, atenta a tudo o que se passa.

Saímos do restaurante já depois da meia-noite, o Felix com o braço à minha volta e dando-me o seu abraço habitual ao deixar-me num táxi, seguido de um pequeno beijo na face. Insiste em pagar-me a corrida e depois despede-se. Refestelo-me no assento, completamente confusa, traumatizada. No dossiê, aponteí que o Felix corresponde ao perfil tradicional dos homens controladores solitários. Não do género que fica sozinho no quarto a contribuir para teorias da conspiração na internet, ou a pesquisar acerca de terrorismo. É mais do género que não tem amigos a sério, significativos, mas que é charmoso e manipulador. E pergunto-me se não terei simplesmente sucumbido à sua capacidade de manipular. Em simultâneo, não consigo deixar de pensar que há uma hipótese minúscula de eu estar enganada em relação a tudo. Ele pareceu-me tão agradável durante

esta noite. Genuinamente. E tenho de reconhecer que a Tilda é a rainha do drama... sempre foi. Talvez tenha exacerbado o lado violento da sua relação com o Felix para corresponder à sua própria autoimagem glamorosa e romântica – *Adoro o perigo. Adoro o risco. «A abrir no caso de eu morrer.»* Na verdade, isso é mais do que possível. Ao longo de toda a nossa vida, sempre foi propensa ao exagero.

Enquanto o táxi sobe a colina rumo a Willesden Green, penso que talvez possa voltar a gostar do Felix; e até me parece possível que ele se torne um membro interessante e estimulante da nossa família.

Em casa, ligo-me à internet e digo à Belle:

Meninacallie: *Socorro! Acho que estou a enlouquecer. Acabei de passar a noite com o Felix e isso fez-me pensar que sou capaz de me ter enganado, sou capaz de ter deduzido demasiado a partir do seu comportamento.*

Belle: *O que queres dizer???*

Meninacallie: *Ele tratou-me bem... mostrou-se interessado. Talvez me tenha equivocado em relação a ele. Talvez me tenha deixado levar, passando demasiado tempo neste fórum. Tornei-me paranoica.*

Belle: *Oh, meninaCallie... não sejas ingénua. Lembra-te de que ele é muito sabido. E não te esqueças dos indicadores importantes – a violência e o isolamento.*

Meninacallie: *Belle, eu percebo o que estás a dizer. Mas estou genuinamente a pensar se não terei percebido tudo mal. Vou manter-me longe do homenscontroladores.com durante algum tempo, para deixar as coisas assentar. E não quero fazer parte desse plano que a Scarlet anda a maquinar.*

Belle: *Callie! Não te vás embora! Vou sentir demasiado a tua falta.*
Bjssssss

Meninacallie: *Tem de ser, Belle. Preciso de pôr ordem na cabeça.*

Belle: *Não posso falar disto agora, porque a Lavanda e os filhos estão aqui!!! Chegaram ontem, e ando tããã ocupada. Mas, por favor, não vás. Escrevo-te quando puder, TENS de te manter em contacto, agora somos amigas a sério.*

Despeço-me com beijos e votos de boa sorte – mas decido fazer mesmo uma pausa.

Na manhã seguinte, acordo de cabeça pesada e ando pelo apartamento à procura de paracetamol. Depois preparo uma caneca de chocolate quente e telefono à Tilda – quero confrontá-la por não me dar diretamente a notícia do seu casamento, incumbindo o Felix disso. E quero perguntar-lhe como vai ser a cerimónia. Mas ela não atende, por isso deixo-lhe uma mensagem e em seguida ligo para a nossa mãe, em Gales: ela agora dedica-se a tempo inteiro à pintura. Acho que o cancro que teve há anos a fez querer dedicar a vida apenas à arte.

– Mãe – digo –, tens tido notícias da Tilda?

– Já há umas duas semanas que não, querida, porquê?

Não quero revelar-lhe os planos de casamento, para o caso de a Tilda querer contar-lhe ou que seja o Felix a fazê-lo. Por isso, respondo:

– Oh, por nada. Estava só aqui a pensar o que acharias do Felix. As coisas entre eles parecem ser bastante sérias.

Segue-se uma longa pausa, e depois ela diz:

– Não sei ao certo. Ele é um pouco estranho. Passaram aqui uns dias há umas semanas, de certeza que a Tilda te contou, e ele andou sempre a arrumar a moradia. E lavou o chão da cozinha. Talvez seja uma coisa de americanos?

– Não me parece. Achas que a Tilda é feliz com ele?

– Quem sabe? Passa-se qualquer coisa entre eles, dava para sentir. A Tilda não parecia bem ela mesma.

– Está apaixonada.

– Sim, deves ter razão.

Não insisto, e a conversa passa para Gales e o grupo de caminhadas dela, depois as noites de copos no *pub* após um dia a percorrer os Brecon Beacons. E que teve uma pequena exposição dos seus quadros num salão de aldeia e que o ricalhaço da casa grande, um «tipo impecável» que usa calças de bombazina castanha, comprou uma das suas paisagens abstratas vermelhas e cor de laranja por 150 libras.

– Acho mesmo que era capaz de estar a arrastar-me a asa! – exclama ela.

Depois diz-me que anda a pensar fazer uma tatuagem, uma pequena tulipa perto do tornozelo: um símbolo de vida. Para celebrar os anos a que está livre de cancro.

– Não arranjas outra forma de celebrar? – pergunto com desdém.

Depois sento-me à minha mesa à janela e ligo o computador. Enquanto estou à espera que reinicie, olho de relance para o telemóvel e vejo que tenho uma mensagem escrita da Tilda. *Mas que merda é esta no Mail? Como foste capaz? Não acredito.* Vou ao site do *Daily Mail* e leio o cabeçalho na barra lateral da vergonha: *Tilda Farrow apaixonada*. O artigo está cheio de insinuações – ao que parece, Tilda Farrow está tão apaixonada pelo seu novo galã, o banqueiro abastado Felix Nordberg, que desistiu da representação para se dedicar à relação. O Felix é bem conhecido pela sua «meticulosa atenção ao pormenor, ao planeamento e à estratégia».

Sinto-me a perder as forças, pensando de imediato no Wilf. Como posso ter sido tão estúpida, tão descuidada? Ou, vendo-o de outro ângulo, como posso ter confiado tanto em alguém que mal conheço? Ando de um lado para o outro, sem saber o que fazer, e depois volto a ligar à minha irmã. Desta vez, ela atende, dizendo:

– Só podes ter sido tu, Callie. *Só de ti é que esta merda pode ter vindo.* Foda-se, com quem é que tens andado a conversar?

Não quero falar-lhe do Wilf, pelo que respondo:

– Lamento imenso, a sério. Não sei como aconteceu. Sou capaz de ter falado com algumas pessoas... talvez com a Daphne ou com mais alguém...

Estou tensa, à espera de que se passe comigo e faça ameaças, mas em vez disso ela faz uma pausa e depois muda por completo de atitude, soando animada e risonha.

– Oh, bem, que se foda. Ignoremos os sacanas. Então é a minha novidade? Não é maravilhoso?! Não sou a mulher mais sortuda do mundo?

Decidi que vou alinhar. Que vou dar ao Felix o benefício da dúvida; e, na voz mais entusiasmada que consigo fazer, digo:

– Parabéns! À futura Sra. Tilda Nordberg... parece grandioso! Posso ser tua dama de honor?

– Nada de damas de honor. Nada dessas merdas. Vai ser só um casamento muito restrito, simples e elegante. É tão excitante!

Falamos de locais para o casamento, de listas de convidados e de outras futilidades, até que o Felix a chama para «desfrutar do meu champanhe ao pequeno-almoço!» e imagino-a a saltaricar sensualmente da sala até à área da cozinha e depois a pôr-se em bicos de pés para beijar o rosto bonito do seu noivo.

Sento-me de novo à mesa, exausta pela minha tentativa de me mostrar entusiasta e alegre, e, no telemóvel, vejo que recebi um *e-mail* da Scarlet. Por isso, viro-me para o portátil e começo a ler e, assim que o faço, todos os meus pensamentos acerca do casamento ou da traição do Wilf ficam obliterados. Releio a mensagem; as palavras da Scarlet instalam-se lentamente no meu cérebro e são completamente devastadoras.

A Belle:

O seu verdadeiro nome é Bea Santos. Agora sei isso. A mãe, Patricia, veio das Filipinas para trabalhar como enfermeira no Serviço Nacional de Saúde Britânico, e a Belle continuou a tradição familiar. Também sei que sabia fazer sapateado e cantar, e que gostava de dançar ao som de «These Boots are Made for Walking» enquanto usava umas botas especiais de pele branca. Fiquei a saber que era uma costureira competente, excelente a fazer ponto de cobertor e a coser casas de botões e fechos-éclair (foi ela quem fez o seu vestido verde). As outras coisas que sei são bastante aleatórias – o seu medo de traças e de rótulos pegajosos, os resultados fracos nos exames do secundário, a sua paixão pelo animal de estimação que teve em criança, um buldogue chamado *Ed*. Apercebo-me agora de que o nervosismo doce que notei nela era adorado pelos colegas e amigos, e de que uma gaveta do seu quarto continha mais de cem postais de agradecimento dos seus pacientes e familiares.

Aprendo tudo isto num dia horrível e chuvoso de junho, quando torno a apanhar o comboio para York – desta vez, para o funeral dela. Aquele *e-mail* da Scarlet fez-me mergulhar num sombrio mundo novo, levando-me a uma notícia do *site* da BBC. Um homem tinha forçado a entrada de um apartamento na área de Dringhouses, em York, e esfaqueara uma mulher chamada Tricia Mayhew, juntamente com a amiga, Bea Santos. Duas crianças pequenas encontravam-se presentes, uma menina de sete anos e um menino de quatro. A Tricia sobrevivera e estava suficientemente recuperada para ir ao funeral da Belle, tendo-se sentado ao fundo da igreja, de rosto inexpressivo, atordoado pelo choque. Segundo os jornais, o seu marido, Joe, encontrava-se sob custódia policial.

A cerimónia é uma missa católica, com latim, incenso e um coro de hinos que me são desconhecidos. Atenho-me sobretudo a olhar para as mãos, mas de vez em quando olho para cima, vejo o caixão e penso: *Antes de me deitar, rezo a Nosso Senhor para a minha alma guardar*. Duas pessoas

falam sobre a Belle – o seu chefe, Kevin Attwood, e uma pessoa que a conhecia da igreja, uma mulher chamada Holly Gracie, que diz conhecer a Bea desde que ela era pequena; tenho noção de que a sua mãe se encontra sentada no banco da frente, protegida por homens grandes de um lado e do outro. Patricia Santos é uma figura minúscula, perfeitamente imóvel, a usar um véu negro sobre os cabelos pretos, sem se levantar quando todos os outros o fazem, sem se ajoelhar, limitando-se a ficar ali sentada. E não comunga.

No final, a congregação passa para um átrio contíguo, um edifício moderno com chão de madeira laminada e tijolos expostos nas paredes interiores. Ofereço-me para ajudar a distribuir sanduíches e refrescos, pensando que assim conseguirei ouvir as conversas e saber mais acerca da Belle. Vou avançando de grupo em grupo e ofereço quiches em miniatura a um homem baixo e corpulento, que a custo me dirige um sorriso triste. Pergunto-lhe:

– De onde conhecia a Bea?

E ele conta-me que ela foi sua namorada durante uns anos depois de saírem da escola de São Xavier. Chama-se Charlie, é paramédico e parece perfeito para a Belle, já que a sua voz é inegavelmente amável.

Avanço, vagueando com os pratos, e ocorre-me procurar a Scarlet. Nas nossas trocas de *e-mails*, ela disse várias vezes que *isto muda tudo*; que *estamos a entrar numa nova fase* e, dada a sensação de urgência da sua linguagem, fiquei surpreendida quando disse que não podia vir ao funeral da Belle. Desconfio que isso era mentira – que ela se encontra aqui, mas não queria que eu soubesse. Por isso, tento verificar quem são todas as mulheres jovens e dou por mim a excluir gente segundo o aspeto que têm – aquela é demasiado chamativa para ser a Scarlet, aquela é demasiado maltrapilha, aquela tem demasiados *piercings* ou uma voz demasiado estridente. Todas as minhas observações se baseiam por completo numa ideia, provavelmente errada, que engendrei acerca dela. Com um prato de sanduíches de pepino, sento-me a um canto, ao lado da mesa das bebidas. Mas ainda nem cinco minutos descansei quando a Tricia se aproxima e se senta ao meu lado.

– Olá – digo-lhe. – Sou a Callie.

Ela olha-me nos olhos, intrigada como se não compreendesse, a sua exaustão pura a contrastar com as roupas formais e o cabelo castanho curto primorosamente arranjado. Responde então:

– Oh, sim... Já me lembro. A Bea falou-me de si... Uma das últimas conversas que tivemos foi acerca de si. Ela adorou que tivesse vindo a York...

Receio chorar, pelo que me mantenho imóvel, tirando do colo migalhas da sanduíche de pepino que me caíram. Recomponho-me e pergunto-lhe que idade tinham quando se conheceram.

– Tínhamos oito anos... é difícil acreditar que ela tinha 34 anos, como eu. Tinha algo de infantil, não tinha? Na sua aparência, na sua personalidade.

– Eu adorei a mala da abelha que ela trazia – digo. – Era tão querida, como ela.

– Foi por minha culpa que ela morreu. – As palavras saem-lhe inexpressivas, como se já não lhe restassem emoções. – Eu não devia ter-me mudado para o apartamento dela... ela falou disso consigo, não falou? De como eu poderia escapar?

O seu tom parece acusatório.

– Ela queria ajudar. – Pouso-lhe a mão no braço, apenas por um segundo. – Tome... – Levo a mão à mala, em busca de uma caneta e de algum papel. – Aqui tem a minha morada, o meu número de telefone e o meu *e-mail*. Se precisar de alguma coisa, gostaria de ajudar.

Não me parece provável que ela aceite a minha proposta – mas estou a tentar ser mais como a Belle, mais generosa e útil.

Apercebo-me também de que a Trícia está prestes a ter de enfrentar o horror do julgamento do Joe, sem a melhor amiga ao lado, a apoiá-la. Quero dizer-lhe algo que a tranquilize, mas nada me ocorre e limito-me a fitá-la, a reparar que, debaixo do seu casaco azul-escuro muito composto, a camisa de seda tem os botões nas casas erradas. Quando aceita o papel, reparo também nas suas mãos, sem anéis, nem pulseiras, nem verniz nas unhas.

– Oh, olhe – diz ela.

E ambas assistimos à mãe da Bea a ser levada para fora do átrio por um homenzarrão de rosto suado e com um fato que lhe cai mal.

– Não falei com ela.

– Não se preocupe... – A Trícia está a tentar falar com normalidade. – Ela não consegue falar com ninguém, nem ouvir. Não está a assimilar as coisas... Envie-lhe um postal, conte-lhe um momento encantador que tenha passado com a Bea, isso é o melhor a fazer. Tome...

Agarra na caneta e escreve a morada da Sra. Santos, bem como o seu

próprio endereço de *e-mail*. Ao passar-mo, levanta-se da cadeira, pega na mala e afasta-se – um fantasma da mulher que foi, estranhamente vestida com roupas de escritório.

Ao final da tarde, apanho o comboio de volta para Londres, miserável, numa carruagem a abarrotar de adeptos de futebol bêbedos e aos gritos. A dada altura, começam a cantar, e é um alívio separar-me deles quando chegamos a King's Cross. Em casa, encho a banheira de água quente, esperando livrar-me assim de alguma da desgraça do dia. Não encontro forças para pendurar as roupas, que ficam caídas no chão do quarto. Não me importa, e estou prestes a entrar para a banheira quando o meu telemóvel toca. É o Wilf.

– Olá, miúda *sexy* – diz ele, de voz arrastada, e ouço barulho em pano de fundo.

– Estás no *pub*?

– ‘Tou. Queres vir cá ter?

Ainda não o vi desde que a Belle morreu; ele não sabe.

– Não... tive um dia muito comprido.

– Está bem... mas tenho andado a pensar em ti... Achei só que devia dizer-te... Encontramo-nos em breve?

Sinto-me exausta. Não é altura para o confrontar com a notícia no *Mail*. A morte da Belle significa que não tenho energia para isso. Ou motivação.

– Falamos amanhã, quando eu não estiver tão cansada. Boa noite.

– Boa noite, Callie. – Ele parece afetuoso e nada incomodado.

*

Não falamos no dia seguinte, nem no que vem depois desse. Não lhe atendo os telefonemas, nem respondo às suas mensagens escritas, pois ainda não estou em condições de o acusar; em vez disso, passo o tempo na livraria, numa espécie de transe. Para tratar das tarefas rotineiras, tenho de me mexer como em câmara lenta. Digo a mim mesma: «Uma coisa de cada vez» e substituo livros nas prateleiras, esvazio a caixa registadora, dou entrada das novas encomendas... o Sr. Ahmed vem à livraria e eu digo-lhe, com tanta clareza quanto me é possível:

– Obrigada, a seguir é o *Jeeves*, Sr. Ahmed, quer que lhe encomende esse?

E ele responde:

– O que se passa, Callie? Constipou-se?

Na maior parte do tempo, não estou a pensar na Belle, mas estou ciente do peso morto que carrego e que significa a sua presença e, quando penso especificamente nela, vêm-me imagens fugidias à mente, ela na estação de York a acenar quando vê a minha *t-shirt* com uma carinha sorridente, ela a pousar a manta no chão para podermos fazer o nosso piquenique e depois a sentar-se primorosamente, com as pernas magras e morenas por baixo do corpo e as costas perfeitamente direitas enquanto se estende para a mala onde traz a nossa comida e o nosso vinho. Não consigo realmente acreditar que tenha morrido e quando, à noite, entro no fórum homenscontroladores.com, quase que espero encontrar uma mensagem dela, cheia de entusiasmo pela nossa missão de Protetoras.

Em vez disso, encontro montes de conversas *acerca* da Bea Santos, sobretudo acerca da sua bravura. Fico a saber que, no dia do ataque, Joe Mayhew chegou à casa dela e desatou aos murros à porta, a gritar às janelas e a exigir que o deixassem entrar. Quando viu a Trícia a espreitar à janela, pontapeou a porta e praguejou, suscitando a atenção dos vizinhos. Como, mesmo assim, não conseguiu nada, afastou-se para a passagem lateral, onde se sentou no chão ao lado dos caixotes, à espera. Foi um azar que a Belle estivesse fora durante este alvoroço, no Tesco, a comprar comida. E, quando voltou, enquanto enfiava a chave na fechadura, o Joe tornou a aparecer, encostou-lhe uma faca ao pescoço e exigiu que ela o deixasse entrar no apartamento. A Belle gritou para que alguém chamasse a Polícia enquanto ele a obrigava a entrar no prédio. Esfaqueou-a várias vezes e levou as chaves dela até ao apartamento, e tinha acabado de destrancar a porta quando a Polícia apareceu de facto, pois tinha sido alertada algum tempo antes por um vizinho preocupado. Os agentes chegaram a tempo de impedir que a coisa fosse além de um lance falhado contra a Trícia, mas para a Belle já era demasiado tarde e ela morreu na ambulância a caminho do hospital de York.

É bom saber estes pormenores. Devo-lhe isso. Mas é estranho ver a discussão febril no *site*, página após página, de gente que não faz ideia de que ela fazia parte da comunidade, que era mesmo uma Protetora. A Scarlet não o dá a entender, e eu também não. Não queremos que a reclamem para si, que manipulem a história dela, que se apoderem dela como mártir.

Os meus *e-mails* privados com a Scarlet são intermitentes e perturbadores. Parecemos divergir por completo, pois a Scarlet está furiosa, possessa, sempre a desejar que o Joe arda no inferno ou, pelo menos, passe o resto da vida na cadeia. Mas eu sinto-me demasiado exausta para querer saber do Joe, demasiado exaurida pela tristeza. E qualquer zanga que desperdice com o Joe parece consumir-me os pensamentos afetuosos que quero dedicar à Belle, como se as minhas emoções fossem finitas e eu tivesse de pensar cuidadosamente quanto a onde dirigi-las. E quando a Scarlet insiste e torna a insistir que nos encontremos, eu ignoro-a, incapaz de reunir a motivação necessária para ter essa conversa. Ao fim de uma semana, porém, quando ela volta ao assunto, pelo menos respondo-lhe.

Scarlet: *Porque é que isto é tão urgente?*

Meninacallie: *A Belle morreu. Não percebes como isto nos afeta, a ti como protetora, a mim como presa? Como vão as coisas com o Luke?*

Arrependo-me da pergunta assim que a escrevo. O que a suscita não é curiosidade, mas antes a dificuldade que tenho em verificar se a situação da Scarlet é como uma doença crónica, apenas uma disfuncionalidade contínua ou a escalada de perigo que ela afirma ser.

Scarlet: *Já te contei. Amarra-me o pescoço e um dia há de estrangular-me. E deixa-me sozinha e amarrada no apartamento. E se eu tivesse uma emergência enquanto ele não está? Podia ter um ataque de asma e não chegar ao inalador.*

É a primeira vez que refere a asma.

O que acontece quando lhe explicas isso?, escrevo com medo, receando ir receber uma resposta cheia de detalhes acerca de jogos sexuais depravados.

Scarlet: *É simples – ele diz «claro, querida», e depois ignora-me por completo. Na verdade, acho que depois sofro por isso... a propósito, tenho queimaduras de cigarro nas costas.*

Meninacallie: *O quê?! Isso é horrível.*

Scarlet: *Sim, tudo isto é horrível. É por isso que TEMOS de nos*

encontrar. Não vou acabar como a Belle... posso ir a Londres na segunda-feira – podes ver-me nesse dia?

Meninacallie: *Talvez... depois digo-te.*

Scarlet: *Por favor, diz-me DEPRESSA. Preciso de fazer planos. E também preciso de inventar uma história para o Luke, para explicar a minha ausência. A sério, é ESSENCIAL que nos encontremos.*

Telefono ao Wilf e ele atende com um tom de riso na voz, como se eu o tivesse apanhado a meio de uma anedota engraçada.

– Olá! Callie. Finalmente... já se passaram séculos, sabes, desde o teu trabalho impressionante com a pá no jardim... e depois... e tudo. Será que consigo persuadir-te a sair outra vez?

Conversas ruidosas em pano de fundo.

– Passas demasiado tempo no *pub* – digo-lhe.

– Não estou no *pub*... é a despedida da Amy Fishwick, que se vai embora do escritório... vem ter connosco. – Depois, num tom mais baixo: – A sério, vem. Adorava ver-te, e se calhar podemos sair depois, comer qualquer coisa ou assim... ou ir só para o meu apartamento.

– Ok.

Apesar de estar tão em baixo, dou por mim a pôr maquilhagem – lápis de olhos, rímel e batom – e a trocar os ténis pelos botins de camurça cinzenta. E como estou nervosa por ir ver o Wilf, por causa da fuga de informação para o *Mail*, bebo um grande copo de *Strongbow*.

Na imobiliária Willesden Estates, parece que a festa de despedida já perdeu o ânimo e está a ficar enfadonha. Pessoas bêbedas encostam-se à montra do lado de fora e há qualquer coisa desagradável espalhada no pavimento. Lá dentro há música *rock* a tocar e os pequenos grupos que ali continuam têm um ar cansado. O Wilf vê-me pela porta e vem buscar-me.

– Já se passou tanto tempo – diz ele. – Ainda tenho direito a um beijo?

– Talvez.

Ofereço-lhe a face, embora seja óbvio que ele estava à espera dos meus lábios.

– Anda. Quero apresentar-te a umas pessoas.

– Era a ti que eu queria ver.

– E aqui estou eu. Mas, por favor, Callie, gostava que conhecesses os meus colegas. Falei-lhes de ti e eles estão curiosos.

Passa o braço à volta dos meus ombros e eu encolho-me. Leva-me para o

escritório, pegando num copo de espumante, e eu bebo um trago, sentindo-me distante e alheada: a minha nova forma de ser.

Ele faz-me andar de um lado para o outro, para me apresentar ao Bruce Oswald, que tem um aperto de mão suado, e ao Tony Craig, o chefe, que aproxima a cara da minha e me diz num tom arrastado:

– Tens de ter cuidado com esse tipo. – E depois: – Esta é a Amy, que se vai embora.

– Olá, Amy que se vai embora. – Estendo a mão e, quando ela a aceita, uma troca fugaz de olhares entre os seus olhos azuis e os olhos azuis do Wilf causa-me um aperto no peito e a pergunta sai-me demasiado direta: – Vais para muito longe?

Ela e o Wilf riem-se, em uníssono.

– Oh – diz ela. – Nunca me afastaria muito do Maravilhoso Wilf... vou para o escritório de Maida Vale.

– O Maravilhoso Wilf?

Olho para ele, com uma expressão louca.

– Caçaram-na – diz o Wilf.

– Estou à espera de ser caçada... por um conglomerado de livrarias.

– Ou uma multinacional de jardinagem?

O Wilf aperta-me a cintura, sobressaltando-me.

Bebo mais vinho e sussurro:

– Podemos ir lá fora?

– Olha, Amy – diz ele –, falamos depois... Surgiu uma reunião urgente...

De novo aquela troca de olhares, e a Amy responde:

– Vão lá.

Na rua, a tarde aqueceu e o Bruce tirou a camisa e está a meio de um desabafo em tronco nu acerca de política.

– O Wilf concorda, não concordas, Wilf? – Está a gritar, como quem procura um confronto.

– Agora não, amigo.

O Wilf leva-me dali.

– Vamos andar – digo. Mas ele não se mexe.

– Passa-se alguma coisa. Tens andado a evitar-me e agora estás um bocado espantadiça... Vais dar-me com os pés, Callie?

Ele está nervoso e, por um segundo, tenho vontade de lhe dizer que está tudo bem e quero que me beije. Mas controlo-me.

- Viste a história que saiu no *Mail*... sobre a Tilda?
- Sim... toda a gente viu. Confirmou aquelas preocupações que tu tinhas, não achas? Falava de ela ter desistido da carreira... insinuava os problemas de controlo do Felix.
- Não havia muita gente a par disso. Eu... e tu. Talvez mais ninguém... Ele está um pouco tocado e a voz sai-lhe demasiado alto.
- Meu Deus... não achas que eu tenha tido alguma coisa que ver com isso?
- Sei que pagam centenas de libras por uma história assim...
- Foda-se... é essa a conta em que me tens? A sério? É essa a merda da conta em que me tens?
- Ele atira o copo de vinho para a sarjeta, estilhaçando-o.
- Porque é que tinhas de atirar isso...? Porquê?!
- Sinto lágrimas nos olhos, lembro-me do Felix a atirar o vaso.
- Afasto-me, enquanto o Wilf grita:
- Não vás... volta, Callie, vamos conversar sobre isto...

Mas eu não me viro, exceto para olhar para trás de relance ao dobrar a esquina, vendo então o Wilf a voltar para a Willesden Estates, para o que resta da festa. Acelero, quase a correr até casa, para ficar longe dele, para voltar ao meu apartamento e à sua solidão tranquilizadora. Fico melhor sozinha. É mais simples e menos doloroso.

Em casa, o meu quarto está impossivelmente quente e húmido. Abro a janela para que o ar entre e ligo o portátil para enviar um *e-mail* à Scarlet.

Sim, escrevo. Pode ser na segunda-feira. Não trabalho à segunda, tenho o dia todo livre – queres que sugira um sítio para nos encontrarmos?

Ela responde de imediato.

Isto é a coisa certa a fazer, confia em mim. Mas é importante que não reparem em nós juntas, por isso devemos encontrar-nos nalgum sítio anónimo, onde ninguém nos preste atenção. Conheces a Kenwood House, em Hampstead Heath? Podíamos encontrar-nos aí fora, nos bancos... aqueles que têm a vista para a charneca e o lago.

Surpreende-me que a Scarlet conheça Londres – tinha partido do princípio de que sempre vivera em Manchester.

Sim, conheço Kenwood.

Bom. Vais achar que estou a ser melodramática... mas vou disfarçar a minha identidade, vou usar um lenço na cabeça como fazem as

muçulmanas, e óculos de sol. Sugiro-te que faças o mesmo.

A sério? Parece um bocado descabido.

Depois vais perceber porquê... Combinamos para a uma da tarde? Levo um lenço vermelho e vou estar a ler um livro.

Ok. Eu tenho um lenço laranja, posso usar esse.

Mais tarde, na cama, estou a pensar no Wilf, e na Belle, e tenho o estômago a ferver com demasiado álcool. Para além disso, faz calor e estou coberta por uma camada fina de suor. Por duas vezes, levanto-me para ir beber água; não durmo como deve ser, o que significa que acordo tarde, em pânico por chegar a horas ao trabalho. Ao espelho, vejo que tenho manchas na cara e os olhos inchados, pelo que passo água fria pela cara e desço. O correio já chegou – um pequeno pacote castanho com a minha morada numa letra solta e fluida que não reconheço, e um envelope branco, retesado e traumatizante com a caligrafia da Tilda. Calo os pensamentos, guardo as duas coisas na mala e sigo para o trabalho, fazendo metade do caminho em passo de corrida.

A Daphne pergunta-me:

– O que se passa? Parece que estás a precisar de um café forte... desculpa, de um chocolate quente.

– Vou fazer. – Sou capaz de ter soado um pouco seca.

– Ultimamente passa-se qualquer coisa, não passa, querida? – Ela levanta-se do seu lugar junto à porta, seguindo-me até à cozinha. – Deixa-me ser eu a tratar das bebidas hoje. – Leva a mão à chaleira elétrica e liga-a à tomada da parede. – E adivinha o que comprei... bolachas *Jammie Dodgers*! De certeza que isso vai animar-te.

Algo cede dentro de mim e digo-lhe:

– Desculpa se ultimamente tenho andado tão inútil... uma amiga minha morreu...

– Oh, caramba... lamento imenso, Callie. – O seu rosto espelha a preocupação. – Vou pôr a tabuleta de fechado na porta e depois sentamo-nos e podes falar-me disso.

É o que faço. Conto-lhe tudo acerca da Belle, do dia que passámos juntas em York, da forma como morreu, a proteger a Trícia. Choro um pouco e a Daphne encontra papel de cozinha no armário e diz-me que está chocada por algo tão terrível poder ter acontecido. Depois faz café e eu conto-lhe tudo o que sei acerca da vida da Belle, do cuidado que dedicava aos

pacientes, dos presentes que comprou para a Saskia e o Alfie, do pequeno-almoço que me deixou na cozinha, com os guardanapos brancos e as tulipas num vaso. Continuo a falar até estar completamente esgotada, e depois distraímo-nos com conversa mais genérica, de uma forma delicada e amigável. Conto-lhe que a Tilda vai casar-se com o Felix e que estou como que em negação em relação a isso, sem querer falar do assunto com ela. Não podia estar mais a borrifar-me em relação ao vestido de noiva, ao plano das mesas do copo-d'água ou à lua de mel. Depois a Daphne confia-me que teve um encontro marcado pela internet com «mais um Sr. Errado. Quando me ofereci para dividir a conta, ele curvou-se sobre a conta, parecia o Uriah Heep² a fazer os cálculos... que pouco atraente».

– Alguma vez houve um Sr. Quase Certo?

Nunca lhe tinha feito uma pergunta tão pessoal, mas abriu-se um espaço íntimo para nós, por causa da minha tristeza.

– Bem, sim. – Ela está a fitar o café. – Há muito tempo... mas ele agora é o meu editor e é casado com a filha de um lorde; ela tem um gosto impecável, uns dentes impecáveis, um cabelo impecável.

– Triste.

– Como vão as coisas com o Wilf?

Não quero um interrogatório, pelo que não lhe digo que acho que acabámos, apenas:

– Não muito bem... acho que não confio nele.

– A sério? Isso surpreende-me... Diria que ele é um rapaz digno de confiança.

– Não é um rapaz! Vamos mudar de assunto.

– Ah – diz ela. – Por acaso tenho uma coisa que preciso de te perguntar. Fui convidada para um festival literário na Dinamarca. É uma coisa de última hora, houve uma desistência. Seja como for, é para a semana... posso deixar-te a tratar da loja?

– Claro que sim... com todo o gosto.

Por vezes isso acontece – a Daphne ausenta-se, e eu gosto de me encarregar da livraria: o ritual de «fazer a abertura», girar as três fechaduras da porta, a sensação de estar ao comando quando os clientes entram. Mas depois lembro-me... segunda-feira.

– Quando é vais?

– Na terça. Terias de vir de terça a sexta, pode ser?

– Vou gostar.

– Eu detesto estas malditas coisas – diz ela –, mas o meu editor... o Sr. Quase Certo... gosta que eu as faça, e acho que vou apreciar a Dinamarca.

– A Escandinávia... a capital do mundo literário policial.

– Sim, claro. Ao menos vou estar entre os meus...

Como estivemos a conversar, esqueci-me da correspondência que tinha guardado na mala; quando a Daphne volta para a sua secretária, tiro o pacote castanho e desembrulho-o e, ao aperceber-me do que está lá dentro, quase desato a chorar outra vez. É a mala da abelha da Belle, com uma nota da Trícia a dizer: *A mãe dela deu-ma, juntamente com muitas outras coisas. Achei que era capaz de gostar de ficar com ela.*

O envelope branco continua na minha mala – e eu sei que estou a evitá-lo, que só pensar nele me faz sentir fria por dentro. Com relutância, estendo a mão; porém, antes de lhe pegar, sou distraída pela entrada do Wilf, que ignora a Daphne e os livros e não faz qualquer esforço por fingir que anda à procura de algo que ler. Em vez disso, vem direto à caixa, onde eu estou. Tem um ar desganhado e cansado, como se tivesse acabado de sair da cama. Estamos frente a frente.

– Três coisas – diz ele. – Um: não suporto estas mudanças de humor. Passa-se alguma coisa e tu não andas a ser honesta comigo. Dois: estou zangado contigo. Zangado. Porque não confias em mim. Três... Não, mudei de ideias em relação à terceira. São só duas.

E vai-se embora, com um breve «Olá, Daphne» ao chegar à porta.

– Macacos me mordam – diz ela. – É melhor que descubras o que era a terceira coisa, doçura. Se não descobrires, isso vai matar-me.

Mas eu pressinto uma horrível finalidade.

– Não sei se vou descobrir... – respondo. – Acho que esta foi a maneira de ele dizer que não vai voltar para levar mais um livro do Jo Nesbø.

– Havemos de ver.

Mordo o lábio, com força, tentando reprimir as emoções, e tiro o envelope da mala. Não quero abri-lo e, quando o faço, é com uma terrível sensação nauseante na boca do estômago, que reflete em parte a noite má que tive, em parte a discussão com o Wilf, mas sobretudo a minha expectativa quanto ao conteúdo. Tilda Farrow e Felix Nordberg, leio, vão casar-se no dia 22 de julho, numa igreja de Berkshire. Sou convidada para a cerimónia e para a celebração que se seguirá numa casa de campo convertida em hotel.

2 Vilão de Charles Dickens, prestamista em *David Copperfield*. (N. da T.)

Estou a enrolar o lenço cor de laranja à volta da cabeça, a tentar dar-lhe um autêntico ar islâmico. São precisas umas quantas tentativas e só consigo pô-lo bem depois de assistir a um vídeo no YouTube a ensinar como colocar um *hijab*. Ponho uns óculos à aviador e vejo-me a partir de todos os ângulos. A Scarlet é um génio – funciona mesmo: tornei-me uma pessoa diferente, e atrai-me a ideia de representar um papel, descendo a rua assim disfarçada. Visto uma camisa azul larga e calças de ganga, calço uns ténis e, antes de sair do apartamento, pego na mala da abelha para a levar.

Sinto-me envergonhada enquanto espero pelo autocarro, apesar de ninguém olhar para mim duas vezes. E preocupa-me que o Wilf possa passar por aqui – embora a paragem de autocarro fique a várias ruas da Willesden Estates e seja possível que, se mantiver a cabeça virada para baixo, ele não me reconheça mesmo que me veja. Também estou nervosa quanto a raparigas muçulmanas poderem detetar que sou uma fraude. Talvez tenha feito algo mal ao enrolar o lenço, ou haja algum detalhe na minha roupa que lhes soe a falso. No autocarro, uma mulher a usar um *hijab* senta-se a meu lado e quase espero que nos entreolhemos, que haja um momento de reconhecimento, mas não, e mantenho-me perfeitamente imóvel, com o braço a tocar ao de leve no dela, enquanto leio o meu livro.

Faço a última parte do trajeto a pé e, quando chego à charneca, um trilho leva-me por uma área arborizada, pontuada por zonas de sombra, folhas secas e galhos que estalam ao serem pisados; e passo por gente a passear os cães, por casais de braço dado, por mães com filhos pequenos; quase sinto que sou um deles – uma pessoa inocente a dar uma volta à tarde. Depois chego à clareira e vejo a Kenwood House, uma mansão branca bem grande numa colina, com uma estufa na ala ocidental e uma biblioteca longa e de teto baixo na ala oriental. Já cá vim muitas vezes, trazendo um livro para me sentar a ler; e, enquanto subo a colina, atravessando o relvado largo, observo os bancos conhecidos em frente ao casarão, esperando distinguir o lenço vermelho que a Scarlet trará na cabeça.

Só a vejo quando já estou bastante perto. No último banco antes do café, de cabeça voltada para baixo, a ler – não está de todo a procurar-me. Forma uma figura tensa, encolhida, concentrada no seu livro, e não lhe vejo a cara. E, no entanto, sei instintivamente que é ela – acho que saberia mesmo que não estivesse de lenço. Sempre a imaginei como uma pessoa intensa, com uma espécie de carga elétrica, e é assim que me parece agora. Aproximo-me e ela levanta a cabeça, dizendo o meu nome num tom severo. Não há um laivo de interrogação, é apenas a constatação de um facto; não há qualquer reconhecimento de haver um elemento absurdo no nosso encontro.

– Vieste de Manchester hoje? – Estou a tentar dar início a uma conversa normal. – Foi fácil escapares ao Luke?

– Sim, cheguei hoje de manhã. O Luke acha que estou numa formação.

Fito-lhe as mãos, que tem sobre o colo, em cima do livro. Tem as unhas roídas e uma certa aspereza na pele; não era o que esperaria de alguém que trabalha num salão de beleza.

– É estranho ver-te ao vivo – digo. – Mas és tal e qual como te imaginei.

Julgava que o meu comentário instigaria alguma reação – talvez um «A sério? A que te referes?» ou algo acerca de mim, como me teria imaginado. Mas ela não parece curiosa de todo e, enquanto lhe observo o rosto branco e sardento e os lábios pintados de vermelho, ela fita o lago e a charneca, e a cidade ao longe.

– Pensava que não virias... Tens andado afastada, ultimamente.

Ela tem razão. Antes de a Belle ter morrido, eu estava com dúvidas em relação ao fórum; desde a sua morte, tenho tido dificuldades em ligar ao que quer que seja – incluindo coisas importantes, como a separação do Wilf e o casamento da Tilda.

– Olha só.

Ela arregaça a manga e mostra-me três queimaduras no braço magro, círculos inflamados e avermelhados.

– E tens mais nas costas?

– Tenho. A cada semana, piora... queimaduras, pontapés, murros. E se eu fugir... quê? Terei de viver com medo de que ele me siga, que enlouqueça como o Joe Mayhew. E de nada serve pensar que a Polícia pode proteger-nos... não pode.

– Eu sei. – E depois: – A minha irmã vai casar-se com o Felix...

As queimaduras da Scarlet estão a inflamar-me a paranoia.

– Foda-se.

– O que vais fazer? – Observo um homem e o seu filho pequeno a atirarem paus para um *golden retriever* ir buscar. – A sério, Scarlet. Tens andado a falar de recuperar o controlo de alguma maneira... mas não sei a que te referes. Parece tão impossível.

O cão salta até ao nosso banco e fareja umas migalhas junto aos nossos pés. Eu afago-lhe o pelo, mas a Scarlet estremece e afasta-se até o cão correr de volta para o relvado e para os paus.

– Tenho uma ideia – diz ela, num tom hesitante, como se ainda não tivesse decidido revelar-ma. – Vai arrepiar-te, Callie. Mas ouve-me. Mantém a cabeça fria... e pensa nas alternativas.

– Conta-me...

Ela inclina-se para a frente e uma madeixa escura de cabelo cai-lhe do lenço. Tira os óculos e vira a cara para mim, ao que vejo como são azuis os seus olhos. Profundos e com pestanas pretas.

– Eu livro-me do Felix – diz ela –, se tu te livrares do Luke. Fazemos um pacto.

– Não compreendo...

– Acho que compreendes. Estou a dizer que estou preparada para destruir o Felix, para salvar a tua irmã... mas tu tens de fazer o mesmo por mim. Ninguém descobrirá, porque eu não tenho nada que me ligue ao Felix, não tenho motivo, nada... e tu estás na mesma situação em relação ao Luke.

A sua voz mudou: soa resoluta, como se estivesse a dizer-me o que fazer, não a pedir-me que o faça. E receio a sua resposta à minha pergunta seguinte.

– O que queres dizer com destruir?

– Quero dizer matar para impedir uma morte. Matar para salvar uma vida. Encosto-me ao banco, desejosa de afastar a cara da dela.

– Isso é de loucos. É um enredo de filme, não é a vida real.

– Pensa bem... todos os dias morrem mulheres por não fazerem nada, por deixarem que estes cabrões assumam o controlo. Não é preciso ser assim, se pessoas como eu e tu forem fortes. – Pousa a mão áspera no meu braço e baixa a voz. – É bom que saibas que a Belle concordava comigo, e olha o que fez por nós.

Baixa-se para pegar numa mala de pele que está debaixo do banco e puxa-a para o colo.

– Olha...

Espreito lá para dentro e vejo várias seringas e embalagens de aspeto clínico.

– Trouxe isto para te mostrar, para que soubesses que a Belle estava empenhada. Roubou este material do hospital de York, para nós podermos usá-lo.

– Não acredito... não acredito que a Belle fizesse isso.

– Tens de acreditar... estas drogas e estas seringas provam-no. Tenho aqui diamorfina: se for injetada numa veia, mata uma pessoa em poucos minutos.

Sinto-me a colapsar no banco, fustigada pelas palavras da Scarlet. É tão exagerada, tão louca... no entanto, quando lhe observo o corpo curvado, o olhar frio, acredito que está decidida.

– Isso não é tudo, Callie... Eu sei quem é o Felix. Deixaste escapar pistas suficientes, trata-se de um nome invulgar e eu leio as notícias.

Está a guardar o livro na mala, a preparar-se para se ir embora, a dizer-me que vai tratar do Felix e que vai arranjar forma de me falar do Luke, e como poderei cumprir a minha parte do pacto.

Vira-se para se ir embora e eu digo-lhe:

– Espera, deixa-me acompanhar-te.

– Não. Era tudo o que tinha para te dizer... não precisamos de falar mais, por ora não. Mas isto fica ao teu cuidado.

Tira um saco de plástico da mala de pele e passa-mo antes de se afastar, passando pelos bancos e seguindo pelo caminho que vai em direção ao parque de estacionamento.

Espreito para dentro do saco e vejo que me deu diamorfina e três seringas. Tiro o lenço cor de laranja e enfio-o na mala da abelha, sentindo que, ao mesmo tempo, me descarto da Scarlet. É evidente que é louca, e pergunto-me se deveria ir à Polícia. Quem me dera que a Belle estivesse aqui, para poder pedir-lhe conselhos. Talvez ela me dissesse para ter calma; que não roubou drogas do hospital de York, que a Scarlet é uma sonhadora e que o melhor a fazer é simplesmente afastar-me dela. Quando torno a descer a colina e atravesso o bosque, de súbito sinto-me sozinha: a Belle morreu, a Scarlet enlouqueceu, o Wilf deixou-me – até a Daphne se vai embora, lá para a Dinamarca.

Chego à estação de autocarros e atiro as drogas e as seringas para um caixote de lixo.

Telefono à Tilda. Estou a afastar pensamentos acerca de agulhas, diamorfina e pactos assassinos; também estou a ignorar a carta histérica que ela me escreveu (é assim que agora a descrevo mentalmente).

Para variar, ela atende o telefone, mas parece distraída, como se não me desse toda a atenção. Tão sinceramente quanto sou capaz, pergunto-lhe pelos preparativos para o casamento e digo que mal posso esperar por ter o Felix como cunhado. Pergunto-lhe se a atitude da nossa mãe está a suavizar-se (tinha-a tratado com alguma frieza, perguntando-lhe se «tinha a certeza» em relação ao Felix e em relação a ir casar-se). A Tilda informa-me que sim, «a mãe está a começar a aceitar a situação».

– Ela há de ficar convencida – digo. – Como eu.

– Espera um segundo. – Percebo pelo silêncio abafado que ela pousou a mão no auscultador; depois volta à linha, com um tom quase amistoso. – O Lucas está cá... o irmão do Felix. Veio de França visitar-nos. Queres vir jantar cá a casa?

– Claro!

Quase rebento de alívio; é como se a Tilda tivesse decidido alinhar com a minha nova abordagem. Uma vida mais normal.

*

Aperalto-me com umas calças de ganga pretas e um *top* de seda verde-maçã (fui a uma loja em voga de Hoxton e perdi a cabeça); volto a usar os botins de camurça, pinto os olhos com um efeito esfumado e aplico um batom claro, e saio. No apartamento da Curzon Street, é o Lucas quem abre a porta, recebendo-me com um aperto de mão descontraído e um beijo no rosto.

– Olá – diz. – Então como é estares a juntar-te ao clã dos Nordberg?

O seu sotaque é mais carregado, mais lasso do que o do Felix – parece realmente americano, pronunciando o «r» de Nordberg, enquanto o irmão parece sempre algo escandinavo, difícil de identificar.

– És o primeiro membro do clã que conheço, para além do Felix, obviamente.

Passo-lhe a minha *Strongbow* (dá ideia de que o anfitrião é ele), e, enquanto me serve um copo, o Lucas comenta:

– Uma escolha ousada.

Observo-o, avaliando-o. Tem o cabelo louro, como o do Felix, mas mais denso e ondulado, e os seus olhos são do mesmo tom de cinzento-metálico. Em termos gerais, contudo, é diferente do irmão: usa roupas artísticas, tem modos rudes e uma barba castanha de *hipster*.

O Felix e a Tilda saíram, foram comprar vinho, e voltam quando eu estou a perguntar ao Lucas:

– Então és arquiteto e trabalhas em França?

O Felix dá-me um beijo e diz:

– Andas cheia de estilo, ultimamente.

Isso faz-me sentir como se fosse a sua miúda especial, tal como no Wolseley. A Tilda faz o costume: reclina-se no sofá, abraçada a uma almofada cor-de-rosa (um dos poucos itens que sobreviveu à remodelação a que o Felix submeteu o apartamento).

– Então? – pergunta ela.

– Então, o quê?

Ela abre o braço num gesto teatral.

– O apartamento, claro... o que achas?

Sento-me a seu lado e ela passa as pernas e os pés descalços para o meu colo.

– Não sei... É um bocado... psiquiátrico. Ou como viver num frigorífico.

– Ai, só tu! – Olha de relance para o Felix, que arqueia as sobrancelhas numa expressão divertida. – Eu acho que está maravilhoso – diz ela. – Tão chique e bem estruturado... a atenção ao pormenor é incrível.

– De certeza que sim... e a tua barafunda toda? As esferográficas velhas, os pedacinhos de cordel, as revistas e os cabos elétricos, essas coisas todas?

Ela gira o pulso como se afugentasse uma mosca.

– Foram-se, Callie... foi-se tudo.

Por um segundo, dou por mim a identificar-me com os pedacinhos de cordel, a sentir a dor deles.

Na área da cozinha, os Irmãos Nordberg estão a preparar um prato com lulas trazidas do mercado. O Lucas agarra numa faca e pousa-as numa tábua

de cortar.

– Posso fazer uma sugestão? – diz o Felix, começando a rearranjar as lulas, a alinhá-las. – Se as puseres assim, será mais fácil tirar os tentáculos.

– Lá vamos nós...

– E depois cortas logo abaixo dos olhos, assim... e tiras a pena...

– Ei, Felix... eu sei, eu sei! – O Lucas sai da cozinha e vem sentar-se connosco, dizendo: – Vou deixá-lo brincar ao cozinheiro-chefe... a cozinha é dele, afinal. – E depois: – Como é que tu aguentas, Tilda?

– Oh, ele não é assim tão mau. – Deteto um tom frágil na sua voz.

– A sério?

– Bem... é verdade que me fez uma apresentação em PowerPoint da nossa viagem à Martinica... antes de irmos! O que faríamos em cada dia...

Rimo-nos, e o Felix encolhe os ombros e diz:

– Está bem, malta, riam-se de mim se quiserem... mas foram umas férias maravilhosas, não foram, querida?

Ela ronrona.

– Sim, querido. E belissimamente planeadas... adorei a tua apresentação em PowerPoint.

Incomodada com os *queridos*, viro-me para o Lucas.

– Fala-me do teu trabalho.

A Tilda pede-lhe que vá buscar os desenhos arquitetónicos ao quarto.

Ele volta com três rolos de papel branco e pesado que abre no piso de pedra, usando livros para segurar os cantos, e eu ajoelho-me a seu lado, ficando imediatamente imersa nas suas linhas fluidas e seguras, nos tracejados delicados, nas pinceladas de aguarela. É o projeto de uma casa numa paisagem de colinas, identificado como *Provença*.

– Que linda – comento com sinceridade.

– Os painéis de madeira são perfeitos para o local – diz o Lucas. – Vão ficando de um cinza-prateado à medida que envelhecem... e enfatizei a relação entre o interior e o exterior... esta ponte interna atravessa a cozinha que tem o dobro do pé direito e dá passagem direta da sala para a varanda. Duas paredes adjacentes são de vidro... a que dá para sul e a que dá para oeste.

– E quem é que tem a sorte de viver aqui? Tu?

– Infelizmente, não. Projetei-a para um casal britânico. – Os seus «t» soam como «d». – É uma casa de férias.

– Outro mundo – digo eu. – Já viste estes desenhos, Felix?

– Oh, sim.

Ele nem olha e eu pressinto que está a ser competitivo – as suas lulas contra os desenhos do irmão.

– É a primeira casa que projeto de raiz. Até agora só tinha feito extensões e alterações, complementando o rendimento a dar aulas. Mas ainda não está construída. Agora estamos a instalar os alicerces...

– Guarda lá os desenhos – diz o Felix. – O jantar está pronto... – O Lucas recolhe os papéis enquanto o irmão pousa o prato no centro da mesa de jantar. – Lulas com *chili* e hortelã...

– Tem um aspeto maravilhoso...

A Tilda está a fazer de mulherzinha, fitando-o com um sorriso admirador. Dá a volta à mesa e endireita as facas e os garfos, coloca os copos de vinho precisamente no sítio certo.

– Oh, vê só, estás a transformar-te no Felix – digo eu, o que me vale um olhar assassino.

Ao jantar, o Lucas entretém-nos com histórias do casal que lhe encomendou o projeto da casa.

– Advogados especializados em direito societário, com mais dinheiro do que sabem como gastar. Ele é monossilábico, guarda o brilhantismo verbal para o tribunal, e ela é uma daquelas mulheres minúsculas e de aspeto frágil que tem uma sessão com o treinador de ténis antes do pequeno-almoço...

– Mas têm bom gosto – digo. – Se te contrataram.

– Pois... Isso é que importa. Mas preocupa-me que a minha linda casa vá passar a maior parte do tempo vazia; ambos estão sempre a trabalhar... É um edifício pensado para ser *usado, vivido*. Ainda assim... sinto-me agradecido; em termos criativos, nunca estive tão empenhado, tão realizado...

O Felix está à mesa com uma postura rígida, a fitar as suas lulas enquanto o Lucas vai tagarelado acerca de França, de arquitetura e das suas ambições, e eu até sinto pena do meu futuro cunhado – não pode propriamente entusiasmar-nos com as maravilhas dos fundos de risco ou as suas ambições pessoais quanto a fazer mais dinheiro. A dada altura, pergunta:

– Quem quer musse de chocolate? Já a tinha feito.

E a Tilda exclama:

– Mnham!

O que me leva a pensar... será este o único tipo de conversa que hoje em dia eles têm, falando como bebês, fazendo comentários banais acerca de comida e de cozinha, talvez falando ocasionalmente sobre férias? E então ocorre-me uma ideia fascinante: se tornar a roubar a *pen* da Tilda, talvez consiga a sua versão desta noite, da reação do Felix ao pavoneamento bem-humorado do irmão. Da atitude dela em relação a mim. E digo a mim mesma: *é isso que vou fazer – e se a noite da Tilda se revelar benigna, sem nada de sinistro, esquecerei tudo, todo o disparate do homenscontroladores.com e a sugestão monstruosa da Scarlet*. Sinto que estou a levar a cabo uma espécie de experiência científica quando pergunto:

– Então, Lucas, como eram vocês os dois em crianças? Sempre foste o mais criativo?

– Como dizê-lo? Em todos os sentidos, eu era o expressivo: desenhava, pintava, jogava basebol e futebol... regra geral, era barulhento. O meu irmão mais velho era o observador da família; sempre atento, guardava os seus pensamentos para si, fazia planos privados.

O olhar do Lucas vagueia ociosamente entre mim e a Tilda, encorajando-nos delicadamente a concordar; só uma vez olha de relance para o Felix, mas, nesse segundo, a sua expressão endurece e o Felix desloca cuidadosamente a garrafa de vinho três centímetros para a direita.

– A Callie é uma observadora – diz a Tilda. – Tu e o Felix são semelhantes, nesse aspeto.

– O quê? Eu, parecida com o Felix?! Não sou nada, nada mesmo...

– Obrigado pelo entusiasmo. – O tom do Felix é mordaz e ligeiramente cómico.

– Não... só queria dizer que, ainda que os dois sejamos observadores... tu és um líder, um fazedor, fazes as coisas acontecer. Eu tendo mais a seguir, como uma ovelha.

– Tu não és uma ovelha – diz o Lucas. – És um lindo pónei preto...

– Que animal sou eu? – pergunta a Tilda.

E, em uníssono, eu e o Lucas respondemos:

– Uma borboleta branca...

– Deve ser verdade, então – acrescento. – Então e o Felix, que animal é ele?

– Uma cobra – replica o Lucas, num tom que indica estar a brincar.

O Felix finge que se ri.

Depois começamos a elogiar a musse de chocolate que ele fez e o Lucas volta ao tema da infância deles. Ficamos a saber que o Felix nunca teve qualquer inclinação para a arquitetura, mas que era um construtor impressionantemente competente e construiu uma casa numa árvore no jardim das traseiras da casa onde moravam.

– Lembras-te? – pergunta o Lucas. – Todo o planeamento que fizeste. Acho que passaste quase um ano a preparar até ao mais ínfimo pormenor e depois a comprar todos os materiais com o dinheiro que tinhas poupado...

– É a isso que me refiro – digo. – Assim é o Felix.

E o Felix comenta:

– E ainda bem.

Volta para a cozinha, mete a loiça suja na máquina e envolve as tigelas limpas em película aderente.

Vejo-o a trabalhar e vou pensando: *Não faz mal que sejas esquisito, Felix. Não vou julgar-te agora. Pelo menos até ter voltado a verificar a pen.*

É terça de manhã e estou encarregada da livraria enquanto a Daphne promove os seus livros em Copenhaga. O espaço parece estranho e tranquilo quando ela se ausenta porque, mesmo quando não está a falar, costuma fazer com que a sua presença seja sentida – martelando no teclado, bebendo café, batendo com os pés nas tábuas do chão. O silêncio invulgar e ligeiramente sinistro permite-me completar umas quantas tarefas – organizo os livros novos e telefono à nossa mãe, que agora está a par de tudo e diz:

– Não sei o que pensar deste casamento... não o *conhecemos* realmente, não como deve ser...

Mas aceita vir a Londres para irmos comprar roupa para ela usar na cerimónia. Depois vou à internet e, apesar da minha resolução de evitar o fórum, espreito-o. Os membros continuam a falar do Joe Mayhew e da Bea Santos – várias pessoas calculam que ele vá tentar que lhe reduzam a acusação de homicídio qualificado para homicídio involuntário, alegando capacidades reduzidas.

Vai dizer que estava deprimido, que por doença mental não foi responsável pelas suas ações, escreve alguém que dá pelo nome Lima-Limão. *Vão vigiá-lo para que não se suicide... a saída do covarde.*

Concordo. Quero que vá a julgamento e que seja condenado por homicídio qualificado.

Estou a descer pelas publicações, a lê-las, quando a sineta da porta soa, indicando a chegada de um cliente; fico surpreendida ao ver que se trata do Lucas. O meu pequeno sorriso descomprometido pretende transmitir que me intriga que alguém tão sofisticado quanto ele se tenha dado ao trabalho de vir a Willesden, e apoio o queixo nas costas da mão, esperando que a minha linguagem corporal indique que o meu trabalho aqui é apenas um passatempo interessante, não uma necessidade financeira. Mas é possível que esteja a desperdiçar os meus esforços. Anuncia:

– Passei por cá para dar uma vista de olhos pela vossa coleção de arquitetura.

– Podias ter ido ao centro de Londres. A uma Waterstones, uma Foyles ou algo do género.

– Mas assim perdia a oportunidade de te ver. E olha o que trouxe.

Traz na mão um saco de papel com duas saladas dentro, em caixas de cartão, com pequenos garfos de bambu.

– Ervilhas e hortelã com queijo *feta* – diz. – A Tilda disse que almoço era capaz de ser complicado para ti... estando a tua chefe fora.

– Tinha trazido uma sanduíche de queijo e *marmite*, mas a tua salada tem melhor aspeto.

Vou buscar-lhe uma cadeira ao escritório; depois sentamo-nos a comer e ele diz:

– Então, agora tens a possibilidade de me fazer perguntas acerca do meu irmão idiossincrático... ontem ao jantar percebi que estavas mortinha por conhecer a história toda, que querias sacar nabos da púcara quando perguntaste pela nossa infância.

De repente, sinto-me nervosa – como se ele tivesse sido enviado pela Tilda ou pelo Felix para me enganar. Mas ele está a comer a sua salada de uma forma que eu descreveria como franca e a fitar-me com um olhar reto e imperturbado.

É claro que ele tem razão. Estou desesperada por mais informação. Passei a semana a saltar entre dois modos extremos – num minuto estou profundamente alarmada pela carta da Tilda e pelos indícios de que o Felix realmente seja perigoso. Aquelas nódoas negras, aquele vaso atirado. E depois penso no bom Felix, esquisito mas simpático, apaixonado. E agora tenho o Lucas com quem falar. O Lucas, descontraído e com uma mente desanuviada.

– Só quero ter a certeza de que a minha irmã está segura. – Decidi ser frontal. – Como é o passado romântico do teu irmão? Ele falou-me da Francesca, a jornalista.

– Porque achas que a Tilda poderá não estar segura?

Agora não me fita, tem os olhos postos na comida, que vai mexendo com o garfo, e fico com a impressão de que, afinal, sempre teve uma conversa séria com a Tilda e o Felix acerca de mim. De que foi enviado por eles.

– Não sei... o Felix tem uma personalidade forte. Tudo tem de ser feito à sua maneira.

– Tens razão quanto a ele ser bastante dominador, acho. E esse é o motivo

para nem sempre nos darmos bem. Viste como ele foi com uma coisa tão simples como umas lulas... simplesmente não foi capaz de me deixar cozinhar à minha maneira... teve de assumir o controlo.

– E tu deixaste...

– É a forma mais fácil de lidar com o meu irmão... deixá-lo assumir o controlo.

– Tenho de fazer a pergunta óbvia...

– O que acontece quando o desafiás?

– Sim... não que alguma vez veja a Tilda a desafiá-lo.

Ele pousa a caixa da sua salada no balcão e fita-me diretamente, como se dissesse: *Já chega de comida, vamos lá falar de coisas sérias.*

– Bem, ele às vezes fica num estado de espírito sombrio, bem profundo. Muita raiva... mesmo à flor da pele, com coisas mínimas. Quando éramos miúdos, podia ser qualquer coisa: uma vez, fui para a casa da árvore sem lhe pedir autorização e mexi nas coisas dele... Ficou danado, durante semanas. Semanas! E cortou-me o equipamento de futebol, a minha *t-shirt* preferida.

Sorri, como se se tratasse de uma memória agradável, não horrível.

– O que aconteceu com a Francesca? Como é que ela lidava com essas mudanças de estado de espírito?

Ele franze o sobrolho.

– Coitada da Francesca. Estava tão apaixonada... O que não é invulgar, a propósito. As mulheres fartam-se de se apaixonar por ele. Sempre foi o irmão mais bem-parecido... tem um certo carisma, acho.

Vejo-me numa posição complicada. Não posso dizer: *Oh, não, Lucas, tu é que és o mais atraente!*, pois isso não é verdade. Apesar de o Lucas ser sofisticado, sorridente e acessível, percebo que as mulheres se sintam mais atraídas pelo Felix, pelas suas feições mais finas, pela qualidade enigmática e insondável que o caracteriza. Pelo simples facto de ele falar menos do que o Lucas.

– O Felix é um bocado como o Max de *Rebeca* – comento. – Quero dizer, é assim intenso...

– A Francesca achava. Estava sempre a tentar agradar-lhe, ser a pessoa que ele queria que ela fosse: perfeitamente vestida, composta, discreta. Mas estava fadada a falhar. A personalidade dela tornava-a desprotegida, teimosa. E faltava-lhe algo que o Felix procurava. É difícil identificá-lo ao certo... acho que o Felix quer que uma mulher seja uma obra de arte, como

um quadro perfeito... E a tua irmã é, sem dúvida, o mais perto que ele chegou de encontrar isso. Ela é extraordinariamente linda. É como... Vénus a emergir das águas...

– Nós somos as pessoas normais, eu e tu... os civis. Eles são de outro mundo...

Apercebo-me de que estamos a falar do Felix como se ele fosse uma personagem interessante de um livro, de que estamos a ser superficiais, sem explorarmos verdadeiramente o lado sinistro da sua psique, e tenho vontade de perguntar: *Mas ele é fisicamente perigoso? Agredia a Francesca? Foi esse o verdadeiro motivo para se terem separado?* Porém, o Lucas é tão bem-humorado e afável que me custa perguntar-lhe de chofre se o irmão é um monstro agressor. Dou-lhe só uma pista:

– Se a Francesca estivesse aqui connosco, o que diria do Felix?

– Diria que ele lhe partiu o coração... que a deixou muito triste e que para ela tem sido difícil partir para outra.

Pega na sua salada e recomeça a comer. Não vou conseguir uma declaração mais forte, pelo que experimento uma tática diferente.

– Costumas vê-la?

– Não, infelizmente. É uma mulher impressionante. Muito inteligente. Eu gostava dela.

– Ainda está neste país? A trabalhar aqui?

– Acho que sim. É correspondente de um jornal americano, no escritório de Londres. Mas viaja com muita frequência. Tem feito a cobertura de histórias na Líbia e na Síria...

Guardo a informação, pensando que haverá uma altura em que precisarei de a localizar para descobrir a verdade.

O Lucas limpa a boca às costas da mão e diz:

– E agora tu podes falar-me da Tilda. E, se vamos interrogar-nos acerca dos nossos irmãos, bem posso seguir o teu estilo... como é o historial romântico dela?

Fico embasbacada. Não me tinha ocorrido que ele pudesse ter dúvidas acerca da Tilda e ouvi-lo a repetir as minhas próprias palavras causa-me um certo choque; têm uma sonoridade antagónica.

– Peço desculpa! Fui grosseira...

– Não há necessidade de pedires desculpa. É legítimo. Quero dizer... o casamento é um passo enorme. É claro que queremos saber...

– Bem, a Tilda teve montes de namorados, mas iam e vinham. Nunca os conheci sequer... nada como o Felix. É o primeiro que ela inclui realmente na sua vida... e é incrível ver como se comporta com ele, como se rendeu ao papel de esposa adoradora. Não a via tão apaixonada desde que teve uma paixoneta enorme, quando era adolescente, por um rapaz chamado Liam Brookes... na verdade, até sei que se manteve em contacto com o Liam ao longo dos anos e sempre esperei que voltasse a ficar com ele. Mas agora que ela está com o Felix, percebo que é *o tal*. Ele é o futuro dela, enquanto o Liam é o passado.

Cruzo os braços à minha frente, em cima do balcão, pouso a cabeça em cima deles e fecho os olhos. Do nada, sinto-me assoberbada – pelo contraste entre as intimações de violência nas confissões da Tilda na *pen* e a insipidez do relato que estou a dar ao Lucas. No fundo, sei que estou a suprimir os meus receios quanto ao Felix e a esperar cegamente que aconteça o melhor.

O Lucas toca-me no braço.

– Então... o que se passa?

Endireito-me, reconhecendo a pena na sua voz e apercebendo-me de que julga que estou com ciúmes da Tilda!

– Oh, não é nada. Como disseste... o casamento é um passo enorme.

– Sim. E é por isso que tenho de te perguntar... todos esses namorados da tua irmã... porque foi que ela não se comprometeu? Será que foge ao primeiro sinal de problemas? Ou continuou sempre apaixonada por esse tal Liam?

– Não me parece, Lucas. Acho que foi mais uma questão de ela querer outra pessoa que não o Liam, mas é muito seletiva. Talvez tenha passado a vida toda à espera do Felix. Precisa da força dele...

– Bom. Suponho que devamos deixar que a Tilda e o Felix vivam as suas vidas... estão bem um para o outro e nunca vi o Felix tão dedicado a uma miúda. Adora-a.

E eu penso: *então sempre vieste a mando do Felix, como parte da sua campanha para me conquistar.*

Ele levanta-se e estica o peito.

– Agora... mostra-me os vossos livros de arquitetura.

Em casa, mais tarde, faço uma busca no Google por Francesca, Líbia e Síria, e descubro que se chama Francesca Moroni. Escreve acerca de política britânica e europeia e por vezes faz reportagens de guerra e conflitos. Penso nos tempos em que a Tilda costumava falar de acompanhar o Liam quando ele se juntasse aos Médicos Sem Fronteiras. Agora sei que não teria tido coragem para isso, que nunca teria a audácia da Francesca Moroni.

Clico em Imagens e encontro uma página cheia de fotos de uma jovem com uma cabeleira castanha e ondulada que, quando se encontra a trabalhar em zonas de guerra, apanha num rabo de cavalo descuidado, e que, em cerimónias de entrega de prémios, permite que lhe caia animadamente à volta do rosto. Tem feições dramáticas – uns grandes olhos castanhos, uns lábios cheios – e uma figura grande mas, na minha opinião, é linda. Nada nela corresponde à imagem que o Lucas me passou de «coitada da Francesca». Uma fotografia de um evento social mostra-a num vestido de noite vermelho cintilante, em conversa animada com um homem que reconheço por ter sido recentemente ministro dos Negócios Estrangeiros. Outra, tirada de um noticiário televisivo, mostra-a de colete militar, numa estrada suja e empoeirada, de bloco de notas na mão, enquanto, atrás dela, três homens encapuzados seguram armas. Quando o Lucas disse que a «coitada da Francesca» era, apesar de tudo, impressionante, eu não tinha percebido a que se referia.

Mas vejo que, tal como ele insinuou, ela nada tem de discreto – que, para corresponder ao conceito de mulher perfeita, teria de mudar. Parece-me estranho que alguém com uma personalidade tão forte tivesse tentado fazê-lo. Se tentou, isso é mais um indício do poder do Felix. Não resisto – abro o portátil e o ficheiro do dossiê, e escrevo acerca da Francesca Moroni. Quem me dera tê-la aqui, poder falar com ela neste instante, assegurar-me de que a Tilda ficará segura ao casar-se com o Felix. Se ao menos eu pudesse ir simplesmente ao apartamento da Curzon Street e falar disto com a Tilda – mas ela não o aceitará. Defenderia o Felix e cortaria relações comigo. Também escrevo: *Gostaria de verificar a pen para ver se a Tilda acrescentou alguma coisa à sua carta. Mas não posso. Ela vai estar no apartamento até ao casamento e, se eu a tirar de lá, ela dará por isso. Vou ter de esperar que vá de lua de mel.*

A Igreja de São Gregório, em Berkshire, é bonita. É normanda, instalada no centro de um cemitério com velhas lajes inclinadas, cujos nomes foram erodidos pelo vento ou parcialmente ocultados pelo musgo. Antes do casamento, dou uma volta pelo espaço, tentando distingui-los, formando imagens de Emily Jane Goode, que morreu em 1830, aos vinte e um anos, e de Henry Watson, que faleceu num campo estrangeiro em 1809, aos vinte e nove. E dos que viveram até à velhice, Ernest Norwood Richardson, de noventa e três, enterrado com uma dúzia de descendentes ou mais e perpetuamente velado por um melancólico anjo de pedra. Sento-me num banco corroído junto a uma parede e dou por mim a sentir a falta do Wilf. Quem me dera que estivesse aqui comigo hoje, que o incidente com o *Mail* nunca tivesse acontecido. A sua grande presença terrosa teria sido reconfortante e estou a precisar de conforto. Encontro-me numa névoa perturbada, praticamente entorpecida pela ocasião, sem conseguir perceber se estou contente pela minha irmã ou se ela se encontra numa rota cujo único destino é a sua própria morte.

A nossa mãe avança por entre as campas para me alcançar, instável nos saltos altos, e eu sorrio-lhe, sentindo-me subitamente afetuosa. Ajudei-a a escolher o vestido de *chiffon* às flores que ela está a usar, com pendentes irregulares na costura, e a echarpe rosa-choque. A tatuagem no tornozelo incomoda-me um pouco, mas não é tão má como eu temia.

– Estás linda.

Reparo que a sua pele parece fresca e jovem. Por vezes fica infundida pelo rubor vivo de demasiado álcool, mas hoje não.

– Tu também, querida.

Estou a usar o vestido azul que a Daphne me comprou e os botins de camurça cinzenta. Não quis comprar nada novo.

– Os pais dele chegaram, vindos de Boston, vem conhecê-los. O Erik e a Alana. Parecem bem simpáticos...

Ela pega-me na mão, puxa-me do banco e, juntas, vamos ao encontro dos

pais do Felix, que estão no átrio da igreja. Ambos me cumprimentam com beijos ligeiros na face, dando-me as boas-vindas à família. O Erik faz um comentário acerca da beleza da igreja e a Alana diz:

– Estamos os dois tão felizes pelo Felix e pela Tilda – numa voz ligeira e vaga que tem uma certa sonoridade majestosa, como se ela fosse a Rainha da Suécia. Traz um vestido simples de seda, sem chapéu, e o marido tem um ar chique, num fato escuro de bom corte. Ambos são altos e magros, e fazem as nossas curvas e o *chiffon* da nossa mãe parecerem provincianos, quase pirosos. O Lucas aparece e acompanha-nos até ao interior da igreja, onde somos mandadas para o lado da noiva, enquanto os Nordberg ficam atrás do Felix, que se vira para falar com os pais, de braço languidamente sobre o espaldar de baixo, sem refletir a tensão que contém nos olhos cinzentos, os quais dardejам pela igreja, verificando que tudo está no seu lugar: as paredes, o telhado, a congregação.

É um casamento minimalista, uma dúzia de pessoas de cada lado da igreja. Reconheço a Paige Mooney (que entretanto ficou mesmo obesa e está vestida com camadas franzidas de poliéster verde) e o Jacob Thynne (de o ver no cinema), mas mais ninguém. Os convidados do Felix parecem pertencer a uma única tribo, a das pessoas endinheiradas, elegantes e compostas. Apoio a cabeça no ombro da nossa mãe, como fazia quando era pequena, e ela diz:

– Piu piu.

– A Tilda vai ficar bem? – pergunto.

– Esperemos que sim...

– Adoro a igreja.

É simples e antiga, e o ar aqui dentro é carregado, infundido pelo cheiro frio a chuva e pedra.

– Vocês foram batizadas aqui. Os meus pais casaram-se aqui...

– A Tilda contou-me... que estranho eu não saber.

Quando a marcha nupcial começa, levantamo-nos e olhamos para a noiva; fico confusa com o que vejo. Está linda, claro, com um vestido simples de cetim branco, de mangas compridas, e traz pequenas flores brancas no cabelo; há algo de *Sonho de uma Noite de Verão* na sua aparência. O meu coração sobressalta-se ao ver aquelas mangas compridas, que tapam sabe-se lá que lesões nos seus braços. Também me impressiona a imagem do homem que se encontra a seu lado, a dar-lhe o braço, e viro-me para a nossa

mãe, a quem pergunto:

– Ela tinha-te contado?

E ela abana a cabeça.

O Liam Brookes está a levar a minha irmã ao altar, com um leve sorriso, e há algo tão confortável e à-vontade entre eles que parece que são família. Ele está tal e qual como da última vez que o vi, há dez anos, de rosto alongado e honesto e andar descontraído. Depois de deixar a Tilda de frente para o Felix, prestes a trocarem votos, senta-se no nosso banco, ao meu lado, e sussurra:

– Olá, Callie.

– Não sabia que tu e a Tilda continuavam tão chegados – sussurro também.

Num tom tão baixo que mal o ouço, diz-me:

– Sempre fui a rede de segurança dela...

Quando a cerimónia começa, eu penso: *É agora*; e ela diz, numa voz límpida e confiante:

– Com esta aliança, desposo-te...

E eu tento alinhar no espírito do dia, ignorando o meu lado assustado, em queda livre. Vou pôr os desejos da minha irmã em primeiro lugar. *Vou ser amigável com o Felix, vou dar-lhe o benefício da dúvida. Pelo menos até ter tornado a roubar a pen, depois do casamento.* A Tilda e o Felix vão passar uma semana a Santorini. Parece que é uma ilha grega.

O vigário diz:

– Declaro-vos marido e mulher.

Pronto – já não há volta a dar – e domino as náuseas e sorrio enquanto a Tilda e o Felix se afastam do altar e vêm para junto de nós, de olhos a brilhar, ela a rir de contentamento, a saltaricar, enquanto o braço dele a aperta com força. É como qualquer casamento normal. Isso até sairmos da igreja e encontrarmos três fotógrafos mediáticos à espera – dois homens de meia-idade e barba por fazer, e uma mulher jovem com bom aspeto, de calças de ganga e *t-shirt* pretas. O Felix exclama:

– Foda-se!

E o Lucas avança e diz-lhes que tirem umas fotos mas que depois:

– Por favor, malta, deixem o Felix e a Tilda gozar este dia.

Ninguém espera que vão realmente embora, mas eles vão, e a jovem até se despede com um aceno enquanto põe a câmara ao ombro e entra num

descapotável desportivo e velho.

– Cretinos – diz o Lucas. – Como souberam?

– Sabem sempre. – Estou a pensar no Wilf.

O copo-d'água é num hotel próximo, uma casa de campo eduardiana de pedra cinzenta, com grandes janelas salientes e paredes acasteladas, e um relvado recém-cortado que se espraia até ao Tamisa. O dia está nublado e corre uma brisa, mas está agradável, e servem champanhe no relvado. Aceito um copo e dou por mim num pequeno grupo com a nossa mãe, os pais do Felix e dois amigos dele, homens de ar dispendioso. Não estão a falar do casamento, nem de como a Tilda está linda, mas da crise internacional de dívida e da conjuntura europeia. Os amigos do Felix questionam o Erik, o economista eminente, enquanto a Alana sorri delicadamente, de uma forma que obviamente foi aperfeiçoada ao longo dos anos. O Erik tem um copo de champanhe numa mão, com a qual vai gesticulando, movimentos largos e baloiçados, à medida que se pronuncia sobre os fracassos do ministro das Finanças da Grécia e do euro. Tem a outra mão nas lombares da mulher, onde um dedo vai andando para cima e para baixo. Pergunto-me se será este o modelo para o matrimónio do Felix e da Tilda, pelo menos o desejado pelo Felix, pois, apesar das suas recentes tentativas de se comportar como uma mulherzinha obediente, não imagino a Tilda a ser submissa a longo prazo. Não está na sua natureza.

Escapulo-me, sem que deem por isso, e sou emboscada pela Paige Mooney, uma imagem gigantesca em tons de lima, em desequilíbrio sobre umas sandálias prateadas com um salto de quinze centímetros. Tem as unhas dos pés pintadas de verde, cuidadosa e profissionalmente, mas pertencem a dedos atarracados e irregulares que cresceram cada um para seu lado.

Dá-me um grande beijo húmido numa face.

– Callie! Estás tão bonita... tão diferente!

– Paige! E tu estás igualzinha! – E não acrescento: *mas ainda mais gorda.*

– Como estão os miúdos?

Ela fala-me, pormenorizadamente, do Harrison, que já tem dez anos e começou a tocar bateria, e da Edie, que tem oito e quer ser atriz como a tia Tilda, e do Frankie, que tem cinco e dificuldades de aprendizagem, mas anda a dar-se espetacularmente bem na escola nova. Tagarela e tagarela, explicando que o Robbie tinha muita pena de não poder vir ao casamento,

mas a irmã faz trinta anos hoje, e ela, a Paige, ficou completamente espantada quando a Tilda a convidou para o casamento, mas tinha pena de que não houvesse damas de honor, teria adorado sê-lo se a Tilda lho tivesse pedido, e sentia-se desapontada por não ver a Tilda com muita frequência, mas está muito, muito satisfeita por ela estar a assentar; já se perguntara se isso faria o género dela...

– ...se é que percebes o que quero dizer...

– Não sei se percebo...

Ela responde numa voz ofegante e excitada:

– Bem! Não teria ficado surpreendida se ela tivesse acabado por ficar com outra rapariga...

Fito-a com um ar zangado e irritado-me, apercebendo-me de que foi este tipo de disparate que levou a minha irmã a deixar de se dar com ela.

– Mas que raio te levou a pensar isso?

– Oh, não sei. – Ela olha para o céu, em busca de inspiração. – Se calhar é só por causa de como éramos nas Irmãs Sussurrantes, ela era toda toques e festas e beijos.

– Mas na altura estava apaixonada pelo Liam...

– Eu sei! E hoje ele levou-a ao altar. O que achaste disso? Eu pensei... que isso só prova que ela não estava *mesmo* apaixonada por ele, que era tudo fachada, ou que se calhar estava apaixonada pela *ideia* dele... o médico heroico e tudo isso.

– Foi sério, Paige. Devias tê-la visto depois de ele a deixar. Teve um esgotamento mental.

– Oh, devo estar enganada... é o costume. Se calhar do que me lembro é de que nós a adorávamos a *ela*.

Já não aguento mais a sua idiotice, pelo que invento um pretexto para me afastar, dizendo que vou procurar a Tilda – mas é o Liam quem quero encontrar. Tenho tantas perguntas para lhe fazer... como estarão a revelar-se os seus sonhos? Gostará de ser médico? Olho em volta, mas não o vejo no meio do nosso grupo. Apercebo-me de que quero que seja ele a dizer-me que a Tilda está bem, que o Felix foi uma boa escolha. O Liam que eu conhecia tinha tanto bom senso, tão bons instintos. Também penso que a minha irmã é capaz de lhe ter feito confidências, de ter sido direta com ele, de uma forma que comigo nunca é.

Avisto-o no terraço, a falar com a Tilda, e mais uma vez impressiona-me

que pareçam tão à vontade um com o outro. Aproximo-me e o Liam diz:

– Lamento, tenho de me ir embora, Callie, mas foi muito bom ver-te. Tenho pena de não poder ficar mais tempo.

– O Liam tem de ir trabalhar.

– Trabalhas num hospital? É por isso que tens de trabalhar a um sábado?

– Isso mesmo.

E despede-se de nós com beijos.

– Meu Deus, Tilda, não o via há tanto tempo. Ele é cirurgião ou algo assim?

– É psiquiatra. – Arregala os olhos num tácito *E esta?! – Disseca gente.*

– Teria adorado conversar com ele.

E não consigo pensar noutra coisa durante o resto do dia – ao jantar, no baile e quando nos despedimos dos noivos: adoraria conversar com o Liam Brookes.

A Tilda e o Felix estão em Santorini e, para variar, ela mantém-se em contacto, enviando-me mensagens escritas que dizem *a relaxar felicíssima e alegremente*, ou *o F hoje obrigou-nos a caminhar seis quilómetros e meio até à lagoa*. Até me enviou uma foto – ela e o Felix sentados ao lado de uma piscina infinita turquesa, de pernas a baloiçar na água, um xaile amarelo sobre os braços dela, que está de cabeça pousada no peito dele; é uma posição que, para mim, representa a sua submissão, a sua placidez artificial. Por trás do casal feliz, tudo é belo; o céu limpo, o azul profundo do mar Egeu.

A imagem deveria parecer-me serena, mas acho-a perturbadora. Talvez seja porque agora, a toda a hora, a Scarlet me bombardeia com histórias de terror: Grace e William Starling foram encontrados mortos na sua casa de Surrey, avaliada em 3 milhões de libras, a Polícia não procura suspeitos relacionados com o caso. Observo uma fotografia tirada no dia do casamento deles. Daria para perceber que algo se passava? Grace olha para a câmara, de olhos meigos, covinhas nas faces, o elegante William fita-a – um olhar delicado e consciente de amante. Nada que sugira o *cocktail* de dor, ressentimento e suspeição que leva a um assassinio. Três dias depois, Jordan Freeman manda um SMS à sua namorada de dezanove anos, Kelly Wallis: *Adoro-te miúda e prometo-te que nunca mais vou voltar a bater-te. És a melhor miúda*. Mas, nessa mesma noite, força a entrada da casa de família de Kelly e estrangula-a com um cabo elétrico. Dois dias depois, Darren Lott manda uma mensagem escrita à namorada de vinte e dois anos, Samantha McFadden, explicando que vai passar o fim de semana à Escócia, mas não sai de Liverpool. Em vez disso, na noite de sábado espera junto ao prédio de Samantha até que esta saia para ir trabalhar num bar da zona e esfaqueia-a dezassete vezes antes de arrastar o corpo dela para a bagageira do carro e arrancar. É praticamente todos os dias, uma narração interminável de mulheres mortas por homens que conhecem.

Estou na livraria a ler tudo isto quando surge a notícia de que, em York,

Chloey Percival morreu. Não sei porquê, mas julgava que sobreviveria, que até se tornaria uma porta-voz contra a violência doméstica. Mas agora sinto-me pesada por dentro, a pensar que a sua morte, afinal, era de uma inevitabilidade doentia, e sinto-me esmagada pela litania constante de ódio – pela morte da Chloey, pela morte da Belle. Desligo o portátil – não suporto ler a sanha e a indignação que vão espalhar-se pelo fórum.

Do outro lado da loja, a Daphne, que voltou da Dinamarca, está esparramada na sua secretária e projeta a voz pelo espaço vazio:

– Então, ontem saí com um tipo simpático que conheci na internet... mas tinha barba, uns sessenta anos, era divorciado, e foi só ele a falar, um bocado intenso, mas interessante...

– E o que é que ele faz, profissionalmente? – Esforço-me o mais possível por parecer interessada.

– Não se calava com isso. Trabalha no departamento de marketing de uma empresa farmacêutica...

– Com barba...?

– Eu sei... Mas, ouve só, leu dois dos meus livros para se preparar para o encontro... e tinha-me pesquisado imenso no Google, até investigou coisas sobre Saskatchewan.

– Cuidado, que é capaz de ser obsessivo. Os homens assim podem ser perigosos...

– Callie, para de te preocupar. Não podes deixar que a morte da tua amiga te torne paranoica. A maioria das pessoas é decente e boa, sabes... as más peças são exceções raras. É importante confiarmos nas pessoas, caso contrário tornamo-nos cínicos e infelizes.

– Daphne! Tens de me dar ouvidos... Sei mais acerca disto do que tu!

E depois não consigo refrear-me e desato a chorar, lágrimas grandes e pesadas como gotas de chuva que me deslizam pelas faces, o nariz a pingar, os ombros a tremer, e não sou capaz de parar.

Ela corre até mim, a dizer:

– Querida, querida... que se passa? O que foi? Espera, deixa-me arranjar-te uns lenços...

– Oh, meu Deus – fungo. – Estou tão preocupada com a Tilda, agora que se casou. Estava a começar a sentir-me melhor, mas está tudo a acumular-se outra vez...

É tudo o que consigo desabafar, porque estou a chiar e a ofegar, enquanto

as lágrimas começam a secar.

– Pronto... – A Daphne passa o braço à minha volta, puxando-me para o seu peito esguio. – É compreensível que estejas assim. Perder a Belle foi um grande trauma... estás a sofrer.

Nesse momento, o Wilf passa pela loja. Passa, sem se deter nem entrar – e vai embrenhado numa conversa com a Amy Fishwick, a rapariga que deixou a Willesden Estates. Pela primeira vez, reparo que ela tem extensões louras e compridas e que é de uma beleza invulgar. Preciso de toda a resolução para não recomeçar a chorar, mas não o faço – e digo à Daphne que já vou ficar bem.

Em casa, ao final do dia, sou novamente atraída para o *homenscontroladores.com* e vejo que a Scarlet me enviou *links* de descrições pormenorizadas de dezenas de outras mortes de mulheres, desta feita de todo o mundo: Estados Unidos, Austrália, Brasil, África do Sul, Itália, França... Fecho o portátil com força, sirvo-me de um grande copo de *Strongbow*, e deito-me na cama, a pensar na Tilda e naquela *pen*. Preciso de tornar a vê-la, urgentemente, antes que eles regressem da lua de mel.

Estou de volta ao apartamento desolado e higienizado da Curzon Street e vou direta ao armário da roupa de cama, de onde extraio o pequeno lingote vermelho. Antes de examinar o conteúdo, porém, dou uma volta pelo apartamento – verifico o armário dos medicamentos, examino as camisas encaixotadas do Felix, maravilho-me com a loiça envolvida em película aderente. Mas nada me suscita interesse, para além de um monte de papéis em cima de uma mesa. Fico chocada – julgava que o Felix *nunca* deixava papéis desarrumados. Folheio-os, encontrando um convite para uma exposição de arte na Dover Street, outro para uma festa em Pimlico. Para além disso, os formulários de inscrição para uma conferência intitulada *Nova Iorque ou Londres?* Vai durar dois dias, ao que parece, e terá lugar no Ashleigh House Hotel, perto de Marlow, em Buckinghamshire. Vejo que o Felix se registou como delegado e dou por mim a tomar nota do hotel e das datas da conferência no dossiê. Depois insiro a *pen* no meu portátil e desço pelo documento. Como esperava, há material novo. A Tilda atualizou a sua carta:

Agora que estamos prestes a casar-nos, há uma mudança no Felix. Sinto uma passagem da paixão para a violência por si só e, admito, Callie, sinto-me menos excitada pelo seu comportamento e mais assustada.

Não sei se terás reparado nalguma coisa daquela vez que o Lucas veio cá jantar, uns dias antes do casamento. Para o Felix, foi insuportável ouvir o Lucas a gabar-se da casa francesa que projetou porque, para o Felix, só há uma coisa pior do que o Lucas desperdiçar a vida em projetos criativos falhados – e isso é que o Lucas tenha sucesso e prove o seu valor como arquiteto. E depois começou a representar-se como uma espécie de criança renascentista... tão talentoso em tudo, enquanto o Felix era o «observador», a avaliar o Lucas em silêncio, sempre a observá-lo. Tenho a certeza de que o Lucas sabia o efeito que estava a ter e que isso o encantava; eu estava perfeitamente ciente. Só tu, Callie, é que parecias não ter noção do que estava a passar-se. E depois começámos a falar de «que animal seria o Felix» e o Lucas disse «cobra» – e tu deixaste escapar uma risada bem alta (não te fica nada bem, a propósito!). É claro que o Felix estava a ferver. Quando te foste embora, desatou a limpar a cozinha (já limpa), com um humor terrível, praticamente sem falar comigo. Tentei ajudar, mas ele sibilou-me: «Sai daqui, que eu faço isto!», enquanto me afastava.

Eu ia obedecer-lhe e sentar-me no sofá, abrir a *Vogue*... mas depois tive uma ideia brilhante –

queria provocá-lo para acabarmos na cama no nosso estado mais arrebatado e frenético, pelo que lhe disse: «O Lucas é um tipo fantástico... e tão dotado. Aqueles esquiços eram lindos.» Voltei ao espaço da cozinha. o Felix estava debruçado, a pôr coisas na máquina de lavar, ignorando-me. E eu afaguei-lhe suavemente o cabelo, dizendo: «Ele sai à vossa mãe? Ela é que é a criativa do casamento, não é? Com os livros infantis?» Ele continuava a ignorar-me, por isso eu disse: «A sério, querido... estou interessada. Como foi crescer com ele? Ele estava sempre a fazer desenhos lindos como aqueles?»

Ele levantou-se, fitou-me com uma expressão intensa e magoada e, com toda a força, atirou-me contra a parede, com um braço a chegar-me o corpo para trás, o outro a pressionar-me o pescoço, a asfixiar-me. Fiquei num estado de rendição total, com a adrenalina a bombear, tonta de repente, numa espécie de estado feliz de transe, e esperava que ele me arrastasse para a cama. Mas ele depois começou a sibilar-me ao ouvido: «Que porra de ideia é a tua? Porque haverias de fazer isto?», e a fazer-me mais pressão no pescoço, tão forte e doloroso que eu nem engasgar-me conseguia, embora o peito arfasse em vão. Pensei que ia morrer, mas depois ele parou e eu deixei-me escorregar para o chão, enquanto ele saía desembestado de casa. Voltou já de madrugada – eram três ou quatro da manhã; eu estava deitada, à espera, e ele limitou-se a meter-se na cama, virar-se de costas e adormecer.

Essa noite foi horrível, mas tenho a certeza de que serei capaz de evitar quaisquer pensamentos sobre ela no dia do meu casamento. Sim, Callie, vou em frente com isso – porque amo o Felix e nunca deixarei de me sentir excitada por ele. Só preciso de ter cuidado com quanto o pressiono e tornar isso uma arte. E a minha carreira? (Estou praticamente a ouvir-te gritar-me essa pergunta.) Acho que terei de ir com muita calma, se é que alguma vez voltarei a representar. Um papel num filme muito badalado agora seria intolerável para o Felix, eu sei. Portanto – logo se vê.

A verdade é que se torna cada vez mais provável que eu venha a ser morta por ele e que tu tenhas de ler esta carta (como hei de fazer? Imprimi-la e deixá-la num envelope selado com o meu advogado – a ser aberto pela Callie, caso eu morra?)

Quero que saibas isto, maninha – que o meu único arrependimento é ir deixar-te sozinha; embora por vezes pense que ficarás melhor sem que eu te roube as atenções e te domine. Se eu morrer, por favor não fiques triste. Lembra-te de que escolhi este caminho e de que, no fundo, sempre tiveste noção da minha relação romântica com a ideia da morte; de que vivo fascinada pela morte, de que parte de mim anseia por ela. Pensa bem – toda a automutilação e bulimia quando era adolescente. E talvez tenha sido por isso que fui um Peter Pan tão convincente, *morrer é uma aventura terrivelmente grande!* Hoje em dia, não a encaro propriamente assim – a palavra aventura é demasiado positiva, demasiado animada. Vejo a morte como algo aterrorizador e também fascinante – imagino o êxtase dessa libertação total e derradeira.

Sem dúvida que já me percorreste o armário dos medicamentos, tomando nota de todas as drogas. Já percebeste? Tenho ali o suficiente para me destruir, e isso é o que importa. Sinto-me nervosa se não tiver à mão os meios, a liberdade, para me matar. Mas não me decido a fazê-lo. Prefiro deixá-lo ao acaso – ou, por outras palavras, prefiro deixá-lo ao Felix. Porque ele anda a tornar-se mais violento e há de matar-me. Já estou convencida disso.

— Ele não parece um selvagem... à vista desarmada, quero dizer.

A Daphne está a observar as fotografias que saíram na *Grazia*, da Tilda e do Felix na sua lua de mel na Grécia. Em espreguiçadeiras, de fato de banho. Eu espreito por cima do ombro dela, tento estudar os braços da Tilda. Não vejo lá marcas – mas a qualidade das imagens é fraca. Também estou a olhar para o rosto da Tilda. A partir da sua expressão serena, ninguém diria que contempla a sua própria morte. E o Felix está ociosamente deitado, uma mão atrás da cabeça, a ler um jornal grosso qualquer. Como diz a Daphne, não parece um selvagem.

– As fotos não querem dizer nada...

– É claro que não, doçura. Foi uma estupidez da minha parte.

Volto à minha cadeira atrás do balcão e estou prestes a enviar mais uma mensagem à Tilda a perguntar-lhe se está bem. Pelo menos nestas férias continua a falar comigo – e o meu objetivo principal é manter aberto o nosso canal de comunicação.

Estou a carregar na tecla de envio quando a sineta da porta soa e um tipo mais velho entra na loja. Tem uma barba grisalha desgrehada e uma camisa largueirona de xadrez, e, ao contrário da maioria dos clientes, não ignora a Daphne. – Fita-a, arqueia as sobranceiras e, com um sorriso hesitante, pergunta:

– Posso distrair-te enquanto trabalhas... só por um minuto? – Ao mesmo tempo, de trás das costas puxa um ramo de flores: rosas cor-de-rosa, cosmos e um rebento rendado de hidrângea branca. – Do meu jardim – diz ele.

A Daphne cora num tom feio e manchado, e levanta-se da cadeira, batendo com a perna na secretária.

– Douglas, és um amor! – Aceita as flores. – Vou pô-las num copo e pousá-las na minha secretária.

Ele vai-se embora, com um aceno animado, enquanto diz:

– Não vou ficar. Só queria deixar-te isso...

E a Daphne comenta:

– Vês, Callie, o romance acontece. A vida às vezes pode ser descomplicada.

– Descomplicada! Tens a certeza? Não tens dúvidas complicadas em relação à barba do Douglas e à vossa compatibilidade?

Ela resfolega.

– Sabes que mais... bom sexo pode resolver tudo... a complexidade desaparece.

– Oh, não fizeste isso!

– Oh, sim, se fiz.

– Vais detestar que te diga isto... Mas e a investigação toda que ele fez a teu respeito antes de te conhecer? Isso foi praticamente uma perseguição cibernética. Não te parece preocupante?

Ela apoia o queixo na mão e fita-me com um ar benigno e sorridente. Entre o amável e o condescendente.

– Nem por isso. Hoje em dia toda a gente investiga toda a gente na internet e... sabes que mais? Ele é mesmo encantador. Divorciado, com três filhos crescidos e uma casa em Somerset... acho que me saí bem.

– Às vezes, a linha entre o romântico e o sinistro é muito ténue.

– Claro que é. Mas esta não é uma dessas vezes.

Apercebo-me de que estou a projetar o meu estado receoso na Daphne, o que é injusto. Por isso, pergunto-lhe:

– Queres um pãozinho com cobertura doce?

Ela diz que sim e eu preparo um chá para tomarmos com os pãezinhos. No momento em que estou a servir tudo, a sineta torna a soar. É a Amy Fishwick, a rapariga de que o Wilf gosta.

– Olá. Callie, certo? Conhecemo-nos na festa da Willesden Estates... Queria comprar um livro para o Wilf... será que podes recomendar-me alguma coisa?

Inspeciono-a, de cima a baixo. Extensões extravagantes de cabelo louro, arrançadas para terem um ar ondulado e despenteado (como quem acabou de sair da cama?), saia lápis branca, justa. Decote visível. Unhas pintadas de magenta, cheias de brilho. Saltos altos. Seria um desastre no jardim da Bishop's Avenue, a cavar e a arrancar ervas daninhas.

– Ele gosta de *thrillers* psicológicos. Leu todos os livros do Harlan Coben e começou a ler o Jo Nesbø. – De mau humor, pego num livro chamado *Némesis* e dou-lho. – Ele vai gostar deste.

Ela lança-me um olhar intrigado, como se achasse que estou a passar-lhe alguma mensagem dissimulada, ou como se o livro fosse uma partida.

– A sério, vai gostar.

– Obrigada, Callie – diz ela docemente, inclinando a cabeça e arregalando os olhos, como se estivesse a falar com uma criança pequena.

Quando ela se vai embora, a Daphne diz:

– Não acredito. Ela não faz o género dele.

– Não sabemos. Quero dizer, não o conhecemos assim tão bem.

Estou a pensar que a Daphne está enganada, que não assistiu aos olharzinhos intensos que o Wilf e a Amy trocam; que não teve em conta as pernas de solário da Amy ou o seu sorriso sedutor.

Mas não quero pensar nela, pelo que me ponho *online* e entro no homenscontroladores.com. Quero falar da carta da Tilda. Escrevo:

A Rosa confidenciou que acha que o X vai matá-la. E que até quer que ele o faça. Que tenta provocá-lo.

Numa questão de segundos, sou bombardeada com conselhos. Dizem-me que a situação é «crítica», «altamente perigosa». Que não é invulgar as mulheres ficarem tão psicologicamente destruídas que se tornam cúmplices da violência. A Lima-Limão está de volta e escreve acerca do «efeito sombra», que é quando um agressor manipula as situações de uma forma tão astuta que a parceira duvida da sua própria sanidade. «Muitas vezes, é o *modus operandi* de um sociopata.»

O Felix é chanfrado, provavelmente sádico, mas não é sociopata. Isso eu sei – a Lima-Limão não entende. Oh, como gostaria de poder falar disto com a Belle! Sinto tanto a falta dela.

Saio do fórum e, na impossibilidade de falar com ela, passo os olhos pelo dossiê, olhando para os apontamentos que tomei depois de conversar com ela *online* e após ter estado com ela em York. Procuro indícios de que a moral e amável Belle estivesse de facto a cooperar com a Scarlet, a participar no seu louco plano homicida. Não quero acreditar que estivesse; mas, à medida que revejo as minhas notas, dou-me conta de que ela estava sempre a referir-se ao estatuto superior da Scarlet, enquanto Presa, pois estava «mais perto do perigo» do que nós. E, no Pizza Express, a Belle disse mesmo: «A Scarlet pediu-me que a ajudasse, e estou a ajudar. Quero fazer a

minha parte.» Com relutância, escrevo: *Acredito que a Belle o tenha feito... que tenha roubado diamorfina, seringas e agulhas do hospital de York.*

Pesquisei diamorfina e descobri que é uma forma purificada de heroína, que é dada a pacientes oncológicos com dores agonizantes, e que, caso se injete uma dose excessiva numa veia, a morte é bastante rápida. Foi assim que o Dr. Harold Shipman assassinou mais de duzentos dos seus pacientes. A Scarlet tinha montes daquilo na mala – talvez o suficiente para aniquilar uma aldeia inteira.

Volto ao fórum, à procura da Scarlet. Encontro-a e passamos para a Zona.

Meninacallie: *Quero fazer-te perguntas acerca do conteúdo da tua mala.*

Scarlet: *Não faças isso. Há coisas que só podem ser discutidas pessoalmente.*

Meninacallie: *Estou preocupada com tudo... contigo, com a Rosa, com o Felix.*

Scarlet: *Para... Precisas de saber que a violência aqui anda a piorar. Em breve vou dar-te mais informação acerca do Luke.*

Meninacallie: *Sai daí, Scarlet. Vai para um abrigo.*

Scarlet: *Não é possível. Hoje em dia não há financiamento para refugiados. Não há espaços disponíveis. Ambas sabemos disso. Que novidades tens acerca da Rosa e do Felix?*

(Mantemos a charada de lhe chamar Rosa.)

Não estão cá, voltam daqui a uma semana.

Não quero voltar a falar da carta da Tilda. Isso é demasiado cansativo.

Scarlet: *E depois vão ficar por aí durante algum tempo? Em Londres?*

Meninacallie: *Sim, vão passar séculos aqui. Acho que não vão viajar – o Felix anda a trabalhar demasiado ultimamente. Mesmo quando vai a algum sítio agradável, é para trabalhar.*

Scarlet: *Oh?*

Meninacallie: *Sim, em outubro vai para um hotel sofisticado instalado numa casa de campo, para uma conferência.*

Scarlet: *Onde?*

Meninacallie: *Berkshire, acho.*

Scarlet: *Como se chama o hotel?*

Meninacallie: *Não tenho a certeza; Ashleig qualquer coisa; uma coisa assim. Porquê?*

Scarlet: *É capaz de ser importante.*

Tenho de ir, escrevo. Estou a trabalhar.

Entraram clientes na livraria e eu vendo um livro sobre Napoleão Bonaparte a um senhor mais velho que se parece um pouco com o Douglas da Daphne, e um livro sobre croché e atenção plena a uma mãe com dois bebés num carrinho. Depois assento o que descobri sobre diamorfina. E tomo nota de que falei à Scarlet da viagem de trabalho do Felix.

A Tilda voltou da lua de mel há dois meses e ainda não a vi. Telefona-me e mantém-me a par de como está feliz e de quão perfeito é o Felix, mas arranja desculpas para não me ver ao vivo, de maneira a poder corroborar a autenticidade das suas alegações efusivas. Então, por fim, sou convidada para assistir a um filme no apartamento da Curzon Street. Estou em casa quando me telefona, a espojar-me no *homenscontroladores.com*, e, como estou em alerta e disposta a reparar em todas as inflexões da sua voz, em qualquer laivo ténue de fragilidade, *encontro-os*. Um elemento de mágoa, sem dúvida, mas outra coisa também – talvez esperança, ou otimismo.

– *Jovem Procura Companheira* – diz ela. – É um filme dos anos noventa sobre duas raparigas, Hedy e Allie. A Hedy vive obcecada pela Allie, morre de inveja dela e tudo se torna deliciosamente sinistro. Vais adorar.

Seguro o telefone com demasiada força contra a minha orelha, atónita. Suponho que esteja a fazer uma insinuação em relação à minha obsessão com ela. Vou protestar que não tenho inveja – não é nada disso, mas ela antecipa-se:

– Callie? Ainda aí estás?

– Sim... lá estarei. Levo *brownies*.

– É um filme especial – diz ela. – E estou ansiosa por que o vejas. Digo-te porquê quando nos virmos.

– Diz-me já.

– Não! Primeiro tens de o ver.

Assim sendo, chego à Curzon Street, segurando o meu pacote de *brownies* (caseiros!) e a minha *Strongbow*, e recordo-me daquele dia primaveril em que conheci o Felix. Agora, como dessa vez, a Tilda vem à porta e o Felix está na cozinha, a arrumar coisas em armários.

Entro com uma atitude tão positiva quanto consigo encenar, exclamando animadamente:

– Bem-vindos de volta, Sr. e Sra. Nordberg!

O Felix recebe a minha sidra e serve-nos bebidas, enquanto eu reparo no

bronze subtil que ganhou com o sol da Grécia – o suficiente apenas para lhe enfatizar os malarres pronunciados e o tom claro dos olhos. Passa-me o meu copo e, quando as nossas mãos se tocam, sobressalto-me, apercebendo-me de como estou nervosa. Balbucio:

– Desculpa.

E o Felix limpa a sidra derramada. Tento dar início a uma conversa sem controvérsia.

– A casa da tua família era assim? – pergunto. – Quero dizer, em tons de branco e imaculada?

– Meu Deus, não. Quando eu era pequeno, a casa dos meus pais era toda forrada a painéis de madeira de carvalho envelhecida, móveis escuros, tapetes da cor de vinho do Porto. Obras de arte impressionantes, loiças e quadros. Parecia um clube de cavalheiros.

– Parece formal.

– Acho que era. Adequava-se mais a festas decorosas de adultos do que a dois miúdos pequenos a correr por todo o lado e a saltar por cima da mobília.

Embora receie o Felix e ache que é desequilibrado, é difícil detestá-lo por completo. Talvez até sinta alguma pena dele – imagino que a infância o tenha traumatizado, passando-a num mundo criado e construído pela Alana com o principal objetivo de fazer o Erik sentir-se importante, uma grande criatura. Imagino, também, que o Erik era capaz de querer que os filhos o tratassem por «senhor» e que, mesmo quando eram pequenos, ele passaria o tempo a dar sermões acerca de taxas de juro e estatísticas de produtividade, alardeando as suas opiniões sobre a economia global.

Passamos para o sofá e eu tenho vontade de perguntar ao Felix como foi ser o filho de um «pensador» de renome. Mas a Tilda diz que tenho de ver as fotos da lua de mel e que depois vamos ver o filme. Abre o seu portátil e eu admiro imagens dela em cafetãs de algodão de cores elétricas, a descontrair na moradia onde se hospedara. Por fim chegamos a umas fotos dela em biquíni, mas está virada de lado, a olhar sedutoramente para a câmara por cima do ombro. De nada serve. Não distingo o que quer que seja.

– Custa estar de volta a Londres – diz o Felix. – Ao trabalho e tudo.

– Conseguieste desligar enquanto estiveram fora?

Eu continuo a tentar uma conversa normal, sem querer que me expulsem

do apartamento. A Tilda ri-se.

– É claro que não conseguiu. Milhões de telefonemas para o escritório e sempre a espreitar a internet.

– Ei! Não me portei assim tão mal. O que quero dizer é que voltei a passar horas longe de ti e agora tenho esta maldita conferência na sexta.

– Quanto tempo vais passar fora? – pergunta-lhe ela.

– Dois dias.

– Vou ter saudades tuas.

– E eu tuas, miúda.

O «miúda» faz-me levantar do sofá, incapaz de suportar estar perto dele; sento-me sozinha num cadeirão. A Tilda carrega no comando.

Ela tem razão. O filme é envolvente e fantástico. A Jennifer Jason Leigh, no papel de Hedy, é uma observadora morena e silenciosa (como eu), e a Bridget Fonda é loura e bem-sucedida (como a Tilda). Poder-se-ia pensar que isso é apenas uma coincidência, mas há outro elemento que me arrepiava – afinal, Hedy é uma gémea, cuja irmã morreu há anos. Por isso, ao início parece que ela está atormentada, em busca de uma alma perdida. Tudo vai ficando cada vez mais sombrio, porque é esse tipo de filme e, no final, sinto que me falta o fôlego – e continuo a desconfiar de que a Tilda quer passar uma mensagem a meu respeito.

– Foi incrível – digo. – A personagem da Hedy é tão intensa, ela era impressionante.

A Tilda e o Felix estão deitados no sofá, ela aninhada no braço dele. Ela desvia-se, endireita-se e passa as mãos pelo cabelo.

– Bem, adivinha só, Callie! Adivinha, caramba!

– Então?

– Vão fazer um filme novo... com os mesmos temas de *Jovem Procura Companheira*... um estudo íntimo de duas mulheres jovens, uma delas ligeiramente desequilibrada, sempre a observar a outra. Uma delas invejosa, a outra glamorosa e bem-sucedida.

Uma pontada de dor no meu peito.

– Mais ou menos como *Rebeca*, também, então?

– Absolutamente. O título provisório é *Inveja*. Duas personagens principais, Evie e Helen. E... este é que é o facto incrível... parece que vou fazer de Helen!

Olho nervosamente ora para o Felix, ora para a Tilda.

– A glamorosa?

Ela bebe o seu vinho.

– Sim, a glamorosa. Fui a uma audição uma semana antes do casamento... e fiquei com o papel!

O Felix está ali sentado, de ar pasmado. Olhos frios, corpo retesado. E eu passo-me, desatando aos gritos agudos:

– Tu não te atrevas a impedi-la! Eu sei que detestas que ela tenha sucesso... mas se fizeres alguma coisa para a magoar... o que quer que seja... vou à Polícia!

Ele levanta-se do sofá e diz num tom zangado:

– Isto é demais. Vou sair. Preciso de vinho.

– Temos vinho... – diz a Tilda, nervosa.

Mas ele está a pegar nas chaves e no casaco e sai, batendo com a porta.

Num instante, tudo mudou. Sei que esta saída repentina é um prelúdio de violência que se seguirá e imagino pressões, murros e asfixia. Por um instante, imagino a morte dela.

– Oh, meu Deus – diz ela tremulamente, esforçando-se por articular as palavras. – Não lhe tinha contado que fui à audição... pensava que quando visse *Jovem Procura Companheira* ia aperceber-se de que é um filme fabuloso e ficaria satisfeito por eu ir fazer algo similar. Uma coisa que podia ser absolutamente fantástica para mim...

Enrola-se em posição fetal, fazendo-se minúscula, e eu tomo nota mental – *ela está a ser honesta*. Pela primeira vez, à minha frente, está a culpá-lo *a ele* e não a mim! Parece-me que agora está a soluçar, em silêncio, de rosto escondido, e custa a acreditar que a noite tenha chegado a este estado; que tenha passado tão subitamente de uma convivialidade fingida à destruição total.

Ajoelho-me ao lado dela, posicionando a cara de maneira a tocar-lhe na nuca. Baixinho, digo:

– Ele não te pode fazer isto. Ainda podes deixá-lo...

Preparo-me para lhe dizer que li a sua carta, que sei que o Felix é capaz de a matar a qualquer momento. Mas ela vira-se, põe-se de pé num pulo e grita comigo; um guincho frenético e penetrante.

– Não vou deixá-lo! Não vou! Cala a merda da boca!

Cambaleia em direção ao quarto e, mesmo neste momento de crise, a sua beleza e a sua fragilidade física partem-me o coração. Aquelas pernas

brancas e magras, as ancas estreitas.

Agora trancou-se na casa de banho e eu sinto que estamos a reviver a cena do início do verão, quando o Felix saiu de casa esbaforido em busca de água com gás. Só que, dessa vez, ele estava a fingir – desta vez, tudo é demasiado real. Encosto-me à porta da casa de banho, sento-me e anuncio:

– Vou ficar aqui. Não vou deixar-te aqui sozinha com ele...

Depois levanto-me, começo a andar de um lado para o outro, desesperadamente em busca de algo da Tilda que possa comer. A minha mão trémula agarra num batom vermelho num estojo dourado; mordo a ponta e engulo. Ao espelho, vejo que sujei os dentes de um carmim sanguinolento.

Duas horas mais tarde, eu e a Tilda estamos deitadas na cama dela. Ela dorme tranquilamente e eu ouço os tons regulares da sua respiração, maravilhada por ela poder parecer tão calma quando a sua vida está a ser desfeita. Como eu, ela está apenas de roupa interior, e puxo o edredão para baixo, tentando verificar-lhe a pele, embora seja difícil ver à luz ténue do candeeiro ao lado da cama. Parece-me que os seus ombros estão bem, sem marcas – a pele de um branco leitoso, os ossos a criarem contornos suaves, como uma pedra lisa. Como os contornos do crânio de cordeiro, há tantos anos. As suas costas também nada têm, à exceção do sinal no ombro esquerdo. Quero inspecionar-lhe os braços e as coxas, mas sem a acordar, pelo que vou baixando o edredão a pouco e pouco e ela não se mexe. Vejo talvez um pequeno hematoma cor de tinta e parece-me que distingo também arranhões, no antebraço, que é magro e sardento e tem pelos finos e louros. Quem me dera conseguir ver do outro lado, a parte interna.

Puxo o edredão para cima, para que ela não tenha frio, acaricio-lhe o cabelo dourado que se espalha pela almofada e tento enterrar a cara nele sem a perturbar. Inspiro o seu cheiro, que é forte e estonteante, e penso na infância, em quando lhe comia o cabelo e os dentes. Com cuidado, moldo o meu corpo de maneira a torná-lo uma concha protetora do dela, seguindo o contorno das suas costas e pernas e, durante algum tempo, fecho os olhos e permito que a minha respiração siga a sua: inspiro, expiro; inspiro, expiro. Depois rebolo sobre mim mesma, afasto-me dela, porque preciso de verificar, de tatear debaixo da minha almofada, ou melhor, da almofada do Felix, ficando tranquilizada quando os meus dedos deslizam pela lâmina fria e dura. Deixei aqui uma faca da cozinha.

Levanto a cabeça e vejo o relógio. São 2.15. Suponho que o Felix não volte para casa esta noite, e viro-me de novo para a minha irmã, sentindo-me calma e sonolenta. Na *pen*, ela escreveu que o Felix a fazia sentir-se ateadada por dentro, como se uma ferida terrível tivesse desaparecido – e é assim que me sinto agora. Ou melhor, não me sinto propriamente sarada. É

mais uma questão de me sentir completa. Só eu e a Tilda juntas. Seguras, com o Felix fora de casa.

Estou a adormecer, a querer ficar assim para sempre. Mas sou arrancada à complacência por um ruído. A porta do apartamento a abrir-se, o Felix a regressar afinal, e sento-me de supetão, com a mão debaixo da almofada. O meu movimento brusco acorda a Tilda precisamente quando ele entra no quarto. Está com um ar pálido e embriagado, e apoia-se com uma mão na parede. Esteve a beber.

– Sai, Callie.

– Não vou a lado nenhum.

– Vai-te embora, foda-se! Deixa-nos sozinhos!

Atira-se a mim, agarrando-me por um braço para me arrancar à cama. Eu puxo a faca, que lhe rasa o flanco, rápida e ligeiramente, como se eu fosse um artista a traçar uma linha a tinta vermelha. Ao ver o sangue a passar-lhe pela camisa, ele agarra-me os braços, segurando-mos acima da cabeça para me fazer ir contra a parede, repetidamente, batendo com a cabeça contra o rebordo do parapeito.

– Larga a faca!

Não a largo, seguro-o ainda melhor: mas ele arranca-ma à força, com um único safanão, e atira-a para o chão. Encosta a cabeça à minha, olhos à altura dos meus, contra a parede, e sibila:

– És louca. Que merda é esta? Põe-te a andar daqui.

A Tilda está a observar, com horror nos olhos claros.

– Por amor de Deus, Callie. Para que é a faca? O que estás a fazer?

– Preciso de te proteger. Olha para ele! Está possesso de raiva... não estás segura.

Cai um silêncio pavoroso e doloroso no quarto – cada um de nós paralisado no seu espaço, a olhar para os outros, incapaz de articular a fúria que sente. O Felix começa a arfar, respirações ruidosas e desesperadas, e obriga as palavras a sair:

– Temos todos de nos acalmar e de conversar... Aconteceu aqui uma coisa terrível e estranha e precisamos de perceber o que foi.

– Tilda?

Quero mais dela. Quero que seja sincera.

– O Felix tem razão.

Ela sai da cama, tapando-se com um xaile de lã e cambaleando pelo

quarto numa angústia exuberante, como se estivesse a representar o papel de Medeia ou de Lady Macbeth. Inspeciona a ferida do Felix, lambendo o dedo e passando-o pelo fio de sangue.

– Estás bem, graças a Deus... só precisas de um penso. Callie, passaste dos limites... temos de falar disto, vamos para a sala.

Agarro no edredão, enrolo-o à minha volta e saímos os três para nos sentarmos nos sofás. O Felix inclina-se para a frente, de cabeça nas mãos. Está a ter dificuldades em controlar as emoções; não posso sequer pensar em deixar a Tilda sozinha com ele. Estou ao canto do sofá, encasulada no edredão, abraçada às pernas dobradas e a pensar como hei de explicar a faca. A minha irmã fita-me como se o meu comportamento a tivesse deixado atónita e eu volto a estar prestes a dizer que li a carta dela. Mas detenho-me, apercebendo-me de que, se confessar, ela me expulsará, horrorizada, sem querer saber das consequências para si. Por isso, finjo um ar confuso e digo:

– Não sei o que aconteceu... não sei porque o fiz...

– Foda-se... tinhas uma faca! – Ela está avassalada pela incredulidade.

– Eu sei... eu sei. Quando o Felix saiu assim zangado, peguei numa faca e pu-la debaixo da almofada. Só para o caso... para o caso de precisar de te defender. Sei que foi uma loucura. A sério. Não tinha intenção de a usar...

Nem a mim me convenço.

– Tu és desequilibrada... tens noção disso, certo? – O Felix parece estar à beira de hiperventilar. – Pensava que podíamos falar disto, mas não podemos. É demasiado extremo, Callie, demasiado bizarro. Tens de sair daqui... não quero ver-te... durante muito tempo. Tens de nos deixar em paz. Tens noção de que eu podia arranjar uma providência cautelar? Sabe Deus o que poderias ter feito! Precisas de apoio psicológico. Eu pago... para poderes resolver os teus problemas. E, honestamente, mantém-te longe e arranja uma vida própria. Está mais que na altura disso... Vou chamar-te um táxi...

Olho para a Tilda em busca de apoio, mas ela diz:

– O Felix tem razão. Tens de resolver os teus problemas.

Ele começa a andar de um lado para o outro, cada vez mais zangado. Vejo o medo nos olhos da Tilda. Mas ela recusa-se a ser desleal e, em vez disso, afirma:

– *Eu* vou chamar o táxi. – E assim faz.

Sou expulsa para a noite e ela fica com ele.

Não tive notícias da Tilda ou do Felix. Não houve qualquer telefonema a dizer que me marcaram uma sessão com um psiquiatra, não houve qualquer proposta de fazermos as pazes. Isso foi uma pena, porque eu queria dizer-lhes que tinha idealizado uma solução para os nossos problemas, sob a forma de terapia de grupo – talvez com o Liam a orientar-nos! Num ambiente seguro assim, talvez pudéssemos, lentamente, debruçar-nos sobre a zanga e a violência do Felix e sobre a convivência da Tilda, o seu desejo de morte, tão retorcido e perverso. Poderíamos arranjar protocolos para nos darmos bem, quem sabe experimentar alguma espécie de troca de papéis. Mas, à medida que os dias foram passando, as minhas ideias de terapia familiar dissiparam-se e o silêncio da minha irmã tornou-se ominoso. Eu temia tanto pela sua segurança que acordava a meio da noite, encharcada em suores frios. Nem sequer tinha a certeza de que continuasse viva, e estava sempre a pensar nas palavras escritas por ela – *ele vai matar-me. Agora estou convencida disso.*

Na livraria, eu andava distraída, com dificuldade em concentrar-me, e dava por mim a regressar ao homenscontroladores.com, consultando as notícias mais recentes, esperando a confirmação de que Joe Mayhew seria julgado por homicídio qualificado e não involuntário. Então, há dois dias, no final de uma rara sexta-feira de trabalho, enquanto estava meio adormecida à caixa e a Daphne estava profundamente embrenhada a escrever o seu romance, o meu telemóvel tocou e vi o nome da Tilda no ecrã. Atendi nervosamente, mas mal consegui compreender as suas palavras sussurradas. Numa voz angustiada e sofrida, ela dizia:

- *Vem cá, Callie. Vem já para aqui.*
- Tilda... o que se passa? O que aconteceu?
- Vem e pronto. Preciso de ti.

Depois desligou.

Fui percorrida por um calafrio. Balbuciei qualquer coisa à Daphne, falando demasiado alto, agarrei na minha mala da abelha, saí da loja a

correr com as pernas a fraquejar e virei para a esquerda, na direção da empresa de aluguer de carros.

Na Curzon Street, toquei várias vezes à campainha até me abrirem a porta e corri escadas acima, deparando-me com a porta escancarada e entrando num estado frenético e assustado, pois esperava uma catástrofe – mas tudo o que encontrei foi a Tilda deitada no sofá, com um ar ligeiramente esgotado e sonolento. A meio da tarde, ela estava a usar uma camisa de noite fina, de seda cinzenta, e tinha o cabelo despenteado e por lavar, mas, para além disso, não parecia diferente da última vez que eu a vira. Quando falou, porém, tornou-se óbvio que estava com medo.

– Oh, anda cá... não consigo levantar-me.

Ajoelhei-me ao lado dela, encostei a cara à dela.

– O que se passa? O que é que ele te fez?

– Não é isso, Callie, desta vez não é...

Ela endireitou-se de modo a ficarmos frente a frente.

– Oh, meu Deus, estou tão preocupada. Passei a manhã a ligar para o Felix e ele não atendia. Ele está no campo, numa conferência num hotel sei lá onde, por isso acabei por ligar para o hotel, e de lá foram tão esquisitos... disseram-me que não estavam «em posição de fazer comentários acerca do Sr. Nordberg», pelo que desatei a gritar com eles para me dizerem já o que quer que tinham a dizer, mas eles responderam que «alguém a informará acerca da situação na devida altura». Não te parece pavoroso? Como se alguma coisa terrível tivesse acontecido?

– Não soa lá muito bem... Há quanto tempo é que falaste com eles?

– Há séculos, há umas duas horas. Tem sido horrível, estar aqui deitada a imaginar coisas hediondas.

Ia sugerir preparar-lhe uma chávena de chá, mas, nesse segundo, a campainha tocou. Entreolhámo-nos, levando simultaneamente as mãos ao peito, e eu fui à porta.

– Boa tarde, é a Tilda Farrow? – Uma voz de mulher, algo rouca.

– É a irmã dela... quem é?

– Ela está em casa?

– Está, sim... quem é?

– Somos da Polícia Metropolitana, podemos entrar?

A sargento Dawn Nokes estava muito constipada e com dores de garganta, mas apesar disso foi ela quem falou, enquanto um agente jovem,

chamado Lyron Wright, se mantinha em silêncio com uma expressão forçada de preocupação. A sargento Nokes assegurou-se de que a Tilda era a Tilda e depois pediu-nos que nos sentássemos; ficámos lado a lado no sofá, petrificadas como duas estátuas, ao passo que ela se sentou no cadeirão de pele branca, que arrastou pelo soalho para se aproximar e inclinar para a frente num ângulo pouco natural. Eu concentrei-me no seu nariz vermelho, em ferida por baixo das narinas.

– Lamento, mas trago más notícias – disse num tom delicado. – Hoje de manhã, o seu marido, o Felix... que estava hospedado no Ashleigh House Hotel... foi correr. Horas depois foi encontrado no quarto. Faleceu, infelizmente, e parece ter tido uma espécie de ataque ou convulsão.

A minha irmã ripostou de imediato, zangada:

– Não. Não. Isso não pode ser. O Felix é extremamente saudável, está em excelente forma... No seu auge... Enganaram-se!

– Lamento imenso.

A sargento Nokes pousou a mão na da Tilda, mas ela afastou-a ao mesmo tempo que o agente Wright dava um passo em frente e dizia:

– Pois, eu também.

Algo nos modos informais dele levou a Tilda a pôr-se de pé num pulo e a atirar-se a ele, a guinchar:

– Não! Não! Como se atrevem... fora daqui!

Ela estava a bater-lhe com os punhos, tentando acertar-lhe na cara, pelo que o agente Wright teve de levantar os braços para se defender. Eu e a sargento Nokes afastámo-la dele e ela cambaleou de volta para o sofá, deixando cair a cabeça entre as mãos. Não lhe víamos o rosto, tapado pelo cabelo. O agente Wright parecia apreensivo.

– Peço desculpa – disse eu.

– Não tem de quê. – Ele encolheu os ombros. – É o que as pessoas fazem.

Sentei-me ao lado da Tilda e tentei assimilar a notícia, mas não conseguia ancorá-la a qualquer contexto imaginável, a qualquer cadeia de acontecimentos compreensível.

– O que quer dizer com um ataque ou uma convulsão? Isso não é possível. Ele tem trinta e dois anos, é demasiado novo para um ataque cardíaco. Não faz sentido.

– Ainda não conhecemos todos os pormenores – disse a sargento Nokes. Em seguida, enquanto tossia: – Vai ser preciso fazer uma autópsia.

– É verdade... pois vai – corroborou o agente Wright.

A Tilda levantou a cabeça, com a zanga a dar lugar ao desespero.

– Não vou acreditar até o ver – disse.

Depois deixou-se cair de novo, no meu colo, e eu abracei-a enquanto a sargento Nokes nos dizia que a Polícia norte-americana informaria os pais do Felix. E em seguida preparou chá para todos.

Os polícias foram-se embora mais ou menos na mesma altura em que os repórteres chegaram. Eu tinha saído para comprar pão e leite e, ao voltar, encontrei três fotografos com mau aspeto encostados à parede do prédio, e ouvi pedaços da conversa deles.

– A carreira dela está fodida, não está...?

– A redação só está interessada porque ela vai ter um ar arrasado...

– Uma celebridade a ir-se abaixo...

Toquei à campainha, enquanto lhes gritava:

– Haja respeito! Deixem-na em paz!

Isso levou-os a sacar das câmaras e começar a tirar-me fotos. A minha vontade era insultá-los aos berros, mas a Tilda abriu-me a porta e eu escapei antes de poder fazer estragos.

Ela não estava na sala, nem na área da cozinha, pelo que espreitei para o quarto e encontrei-a deitada de barriga para baixo na cama, coberta por pilhas de roupas do Felix – camisas brancas, cor-de-rosa e azuis, fatos escuros e camisolas de caxemira, tudo em desalinho. Larguei os sacos e meti-me na cama para a acompanhar e ela virou-se para mim, de pele manchada e vermelha, olhos raiados de sangue.

– Estou a tentar sentir o cheiro dele e não consigo! Tudo cheira à porra do detergente em pó... não aguento.

Como ela, eu também não detetava qualquer cheiro do Felix, só o da Tilda, e quando ela se virou eu encostei a cara às suas costas e ficámos a respirar em uníssono. Eu queria adormecer e tive de resistir para não me render à inconsciência.

– Oh... lamento tanto... – disse-lhe. – Lamento imenso tudo.

E, nesse momento, estava verdadeira e profundamente arrependida por a ter espiado, por ter sido paranoica em relação ao Felix, por me ter obcecado de tal maneira com o homenscontroladores.com. Parecia-me que tinha feito aquilo acontecer, que tinha precipitado a morte do Felix.

Mas depois a Tilda levantou-se da cama para ir à casa de banho e eu vi

nódoas negras novas, manchas amareladas e arroxeadas próximas umas das outras, a misturarem-se, no seu braço esquerdo – e isso de repente devolveu-me a memória da realidade do Felix. E, apesar de estar triste pela minha irmã angustiada, também senti um alívio profundo.

Ela perguntou-me:

– Callie... vens comigo ao hospital, ver o corpo do Felix?

– É claro que vou...

Ela saiu da casa de banho e sentou-se à beira da cama, pegando numa camisa branca, que encostou à cara. Depois despiu a sua *t-shirt* e vestiu a camisa do Felix, debatendo-se com os botões por ter as mãos a tremer.

– Quero ir amanhã – disse ela. – Telefonei à sargento Nokes quando não estavas... e ela disse que temos de ir a Reading. Ele está no hospital... ela está a tratar das coisas para irmos lá às onze.

– Passo aqui a noite – disse-lhe –, para não ficares sozinha.

Ela estava em frente ao toucador e respondeu:

– Isso é querido da tua parte. – Ia-se olhando ao espelho. – Preciso de falar com os repórteres que estão lá em baixo... ia tentar dar um aspeto apresentável à minha cara, mas acho que não vou fazer isso. É melhor que vejam a minha tristeza. Afinal, é a verdade.

Acompanhei-a à porta do prédio. Assim que a abriu, os fotógrafos desocuparam a parede e começaram a tirar fotos. Ela manteve-se silenciosa até dizer:

– Como sabem, o meu marido, o Felix Nordberg, faleceu hoje. Só estivemos casados durante umas semanas e não sei se alguma vez conseguirei aceitar esta tragédia. Peço-vos que respeitem a minha privacidade, por favor.

Depois voltou para dentro e fechou a porta, para logo escorregar por ela abaixo, transformando-se numa pequena bola de mágoa caída no soalho de madeira.

– Deixa-me ajudar-te – pedi-lhe, sentindo-me subitamente mais feliz do que havia meses.

Era tão bom, tão tranquilizante, ser prestável para a minha irmã perturbada. E, ao guiá-la pelas escadas acima, mal dei pela culpa que sentia.

Tinha pensado que o Felix estaria num gavetão refrigerado, numa pilha de cavidades cheias de mortos recentes. Mas não. Em vez disso, tinha sido levado de maca para uma pequena sala na cave, onde estava coberto por lençóis espessos. Uma agente policial apresentou-se, chamava-se Melody Sykes. Depois de perguntar à Tilda se estava preparada, puxou o lençol para baixo para vermos o rosto dele. Tinha os olhos fechados, pelo que nunca mais voltaríamos a ver como eram cinzentos, ou como era alheado o seu olhar; tinha os lábios ressequidos escurecidos e entreabertos, como se fosse dizer alguma coisa quando morreu, palavras perdidas para toda a eternidade. Eu não senti menos do que repulsa ao vê-lo – uma figura de cera grotesca, a amarelecer. Já a Tilda ficou praticamente histérica. Deitou a cabeça no peito dele, afagou-lhe o cabelo, beijou-lhe a testa e depois virou-se para mim e aninhou a cabeça no meu ombro, enquanto dizia:

– Não aguento... não aguento.

Depois, no parque de estacionamento, a Melody Sykes disse que era da esquadra de polícia de Reading e explicou que provavelmente não haveria mais envolvimento policial. A autópsia teria lugar e depois poderíamos realizar o funeral. Ela tinha uma voz forte e profunda, e um sotaque de algures a norte de Newcastle; depois de se afastar no seu *Peugeot* vermelho, comentei com a Tilda:

– Se ela fosse uma árvore, seria um carvalho.

Mas a minha irmã não estava a prestar-me atenção e disse:

– Quero ver onde ele morreu.

Ela tinha lavado a cara e estava com um aspeto apresentável e, quando falou, isso pareceu-me ser algo razoável. Por isso, chamámos um táxi para nos levar ao Ashleigh House Hotel.

No táxi, eu tinha o braço entrelaçado no dela e, enquanto olhava pela janela, ela disse:

– Quando as pessoas veem um cadáver, costumam dizer: «Oh, não era

ele», que é óbvio que o espírito se foi. Mas não foi assim. Para mim, aquele era o Felix, é aquilo em que se tornou... sozinho para sempre.

O carro levou-nos por uma via arborizada e depois virou para o acesso do hotel, um caminho reto de gravilha por entre relvados compridos, até chegar a um edifício branco com uma fachada de estilo georgiano. O átrio era grande, com confortáveis cadeirões de pele dispostos de um lado, o balcão da receção do outro e, logo em frente, uma escadaria larga para os quartos. *Os últimos passos do Felix levaram-no por aquela escadaria*, pensei. Atrás do balcão, uma jovem encontrava-se a trabalhar ao computador; levantou a cabeça e perguntou se podia ajudar-nos; a identificação que tinha ao peito dizia «Agnes» e o seu sotaque sugeria que seria da Europa de Leste, talvez polaca.

– Chamo-me Callie Farrow e esta é a minha irmã, Tilda. O marido dela estava aqui hospedado, para a conferência Londres-Nova Iorque. E morreu cá. Ainda ontem.

– Oh, os meus pêsames. Sim, foi terrível. Eu estava aqui e vi-o sair para ir correr. Parecia tão bem! Lamento mesmo muito.

A Tilda virou costas, como se as palavras a fizessem sofrer.

– Gostávamos de saber se podemos dar uma vista de olhos – disse eu. – Talvez ver o quarto em que ele morreu. Achamos que isso é capaz de ajudar...

– Com certeza. Vou chamar o gerente.

Um minuto depois, o gerente chegou, apresentou-se – chamava-se Otto – e explicou que tinha sido uma das pessoas a encontrar o Felix no quarto. A Tilda agarrou-me o braço para perguntar:

– Onde é que ele estava, ao certo? Tenho uma imagem dele deitado no chão sem que ninguém soubesse que ele estava ali, sem ninguém a ir ajudá-lo.

– Oh, não... não foi assim. Estava na cama. Era como se estivesse deitado com algum conforto. Se me perdoa a expressão, diria que tinha um ar pacífico, como alguém num quadro. Foi um pensamento estranho que me ocorreu, mas talvez a tranquilize saber isto...

– Sim – respondeu a Tilda. – De certa maneira, tranquiliza.

– Eu fui ao quarto depois de ser chamado pelo Sr. Julio Montero, um colega do Sr. Nordberg, segundo me consta.

– Sim... sim, é colega dele – confirmou a Tilda. – Ele ainda cá está, no

hotel?

– Não, infelizmente não. Mas, desculpe, de que forma podemos ajudá-la?

– Gostaria de ver o quarto. O quarto em que ele morreu.

Ficou decidido que seria Agnes a mostrar-nos o quarto e, à medida que nos levava pelas escadas acima, ia-se virando para trás, como que para dizer algo, antes de mudar de ideias.

A primeira impressão que tive foi a de que o quarto era tão luminoso, branco e desprovido de tralha que o Felix teria sido feliz ali. Ambas olhámos para a cama, como se pudesse dizer-nos algo acerca dos seus últimos momentos, mas tinha sido feita de lavado, num estado prístino e imaculado, como se a morte dele tivesse sido um acontecimento de somenos, facilmente apagada com uma mudança de lençóis e um afofar de almofadas. Fui até à janela para admirar a vista que o Felix tivera, de um jardim e um campo de golfe, para além de um bosque prateado lá ao longe. Ao mesmo tempo, a Tilda percorreu o quarto, passando as pontas dos dedos pelas superfícies, para tocar onde julgava que o Felix teria tocado.

– Desapareceu tudo – disse –, mas sinto a presença dele. Vejo-o neste quarto a fazer coisas rotineiras, tomar um duche, vestir o equipamento de corrida.

Tinha os olhos húmidos de novo, e a Agnes disse:

– Eu tirei umas fotos ontem de manhã. Dele e do quarto. Só para o caso de poderem ser importantes... Não sei se a senhora ou outros membros da família quererão vê-las...

A Tilda fitou-a com dureza e a voz saiu-lhe num sussurro forçado.

– O quê? O que está a dizer? Fotografou o corpo dele? Porque haveria de fazer isso?

– Não sei. Lá me pareceu que seria importante registar o momento. Não compreendo realmente porquê.

A minha irmã sentou-se na cama, deixando a cabeça cair como se estivesse demasiado cansada para pensar, mas arranjou forças e disse:

– Gostaria de as ver. Venha cá mostrar-mas.

A Agnes sentou-se ao lado dela, e eu sentei-me ao lado da Agnes, que nos mostrou imagens da casa de banho, do material de fazer a barba e do sabonete usado, do quarto, da bandeja de boas-vindas em que ele não tinha tocado, da vista do campo de golfe e, por fim, do Felix, deitado de barriga para cima na cama, então de olhos abertos, a olhar cegamente para o céu, de

roupão aberto e o braço esquerdo a pender ao lado da cama, dedos suspensos um pouco acima do chão.

A Tilda fitou a fotografia, de rosto branco e expressão petrificada.

– Quero que me envie estas fotos por *e-mail* e que depois as apague.

Na sua mala, procurou um papel e uma caneta, para tomar nota do endereço eletrónico.

– E onde é que estão as coisas dele? As roupas, os produtos de higiene, a aliança, o relógio e os botões de punho? Eu devia ter tudo isso.

– Sim, com certeza. Está tudo guardado... pode levar tudo quando se for embora.

Ao sairmos do quarto e descermos as escadas, vimos o Otto à nossa espera na receção, de braço apoiado numa mala preta com rodas.

– Aqui estão os pertences do seu esposo... Por favor, queira levá-los e, se eu puder ser-lhe útil de mais alguma forma, não hesite em dizer. Coloquei o meu cartão na mala.

Assim, agarrámos na mala, chamámos um táxi para nos levar à estação e voltámos para Londres. A Tilda disse que preferia ficar sozinha no seu apartamento, pelo que voltei para Willesden Green. Embora estivesse acabada, completamente exaurida, liguei o portátil – foi um reflexo, não algo que eu quisesse conscientemente fazer. Fitei o ecrã e vi que tinha recebido uma dúzia de mensagens da Scarlet.

Todos os seus *e-mails* diziam o mesmo. *Fiz tudo o que combinámos. Agora é a tua vez. Ou: Callie, tens de cumprir a tua parte do acordo. Temos de nos encontrar para falar dos aspetos logísticos. Ou: Não me ignores. Tens de agir agora... lembra-te, era o que a Belle queria.*

Eu *tenho* de fazer isto, eu *tenho* de fazer aquilo. Não sugeria o que quer que pudesse incriminá-la, mas as suas palavras eram fáceis de compreender e senti-me tão maldisposta que achei que ia vomitar. As alegações que fazia eram horríficas – e, não obstante, apercebi-me de que as esperava desde o momento em que me inteirara da morte do Felix, que tinha andado a transportar o meu conhecimento venenoso como uma doença, sabendo que a Scarlet se aproveitaria de uma tragédia horrenda. Naquele momento, queria desesperadamente calá-la e afastá-la, distanciar-me dela.

Foda-se, escrevi. Não acredito em ti. És louca. Não quero voltar a ter notícias tuas. Mantém-te longe da minha vida.

Ela respondeu de imediato: *És muito engraçada, Callie. Os indícios não podiam ser mais fortes. A propósito, por favor dá os meus pêsames à tua irmã, coitada. Lamento a sua perda. Ao mesmo tempo, esperemos que a vida dela e a tua possam regressar agora a um estado pacífico.*

Nem menciones a minha irmã! És uma cabra tóxica.

O país inteiro anda a mencionar a tua irmã, quer isso te agrade quer não. Não tens visto a internet? Os jornais amanhã vão estar cheios de coisas sobre ela.

És uma sanguessuga – a sugares-me o sangue numa altura terrível. Como te disse, não acredito numa palavra que escrevas, por isso vai-te lixar e morrer longe.

Não te irrites! Dá-me a tua morada... tenho uma coisa para te mandar.

Não!

Fechei a tampa do portátil com força, enojada com a Scarlet, enojada comigo mesma por ter tido algo que ver com ela. Sentia que esta situação terrível só acontecera porque a minha personalidade fraca tinha sido apanhada, e dominada, pelo caráter forte e prepotente da Scarlet. Para tentar acalmar-me, fui à cozinha e aqueci um *tikka masala* de frango e, ao voltar para o quarto e começar a comê-lo, tentei sentir-me normal. Como uma pessoa comum a tomar uma refeição comum. Olhei para o jardim, um emaranhado massivo de ervas daninhas, e para a linha do comboio mais adiante, a pensar nos comboios que passavam tão rapidamente pela minha casa, cheios de trabalhadores a caminho de escritórios iluminados com lâmpadas fluorescentes e de regresso a casa. Pareciam-me tão distantes, esses milhares de trabalhadores viajantes, e invejei-os. Como era frequente, os meus pensamentos vaguearam até ao Wilf, comigo a desejar poder contar-lhe tudo acerca da Belle, da Scarlet, do fórum homenscontroladores.com e da morte do Felix. Imaginei também que o tinha na minha cama para poder perder-me por completo nele, poder esquecer-me de mim e dos horrores da minha vida. Estava a pensar afetuosa e lamentosamente nele quando terminei o frango e comi uma banana, e depois fiz algo que não tencionava fazer – tornei a ligar o portátil e digitei o nome da Tilda no motor de busca.

Um bombardeamento imediato. Imagens de *a tragédia de Tilda Farrow* a chorar o marido de havia poucas semanas, o banqueiro norte-americano Felix Nordberg. Mostravam-na sobretudo diante da porta do prédio na Curzon Street, a usar uma camisa branca do Felix, com o longo cabelo a tapar-lhe metade da cara, numa pose fraca mas ainda assim bela, como aquelas raparigas emaciadas que se veem em retratos de moda. Alguns *sites* tinham encontrado uma fotografia do Felix, que não se parecia lá muito com ele – era um retrato tirado num estúdio e tinha um aspeto demasiado lustroso, um sorriso demasiado largo, como um anúncio a dentes brancos. Todas as notícias diziam que se suspeitava de que tinha morrido de ataque cardíaco e algumas chamavam a atenção para o fenómeno de morte súbita provocada por doença cardíaca em jovens atléticos do sexo masculino. Outras mencionavam que a Tilda não trabalhava desde *Rebeca*, que tinha sido considerada para o papel de Raquel em *A Prima Raquel*. O *Mail*

declarava que «amigos dizem que Tilda Farrow está de olhos postos em Hollywood». E o *site A List* dizia: «ninguém ficaria surpreso se ela fugisse da Grã-Bretanha para os Estados Unidos para começar de novo depois de tamanha tragédia.»

Gritei para o ecrã:

– Deixem-na em paz! Mas que raio vos dá o direito de escrever esta porcaria!?

Tornei a pensar na Scarlet, recordando a figura curvada no banco em Kenwood House. Se eu acreditasse em auras, como a nossa mãe, diria que a sua aura nesse dia era de um vermelho intenso e ardente, a assinalar perigo. Abri o dossiê e escrevi: *A Scarlet alega que matou o Felix. Não acredito nela. Acho que está a mentir com os dentes todos. Para matar o Felix, precisaria de ter tido acesso ao quarto dele no Ashleigh House Hotel; teria de ter conseguido espetar-lhe numa veia a seringa que a Belle roubou. É demasiado estapafúrdio. E, no entanto, ela está determinada. Isso eu sei. Só me resta esperar que esteja a dedicar-se a jogos mentais, porque tenho a certeza de que não está a brincar. Não é do género de brincar. Acho que espera conseguir que a doença cardíaca do Felix funcione como meio para me fazer assassinar o Luke. Se acha que farei tal coisa, só pode ser desequilibrada. Por ora, estou a tentar manter-me calma, até sabermos os resultados da autópsia.*

Quanto mais pensava no assunto, mais queria uma tranquilização imediata. Por isso, ainda acordada às três da manhã, cansada e elétrica, mandei o meu endereço à Scarlet. Era a minha forma de a desafiar, de lhe dizer *prova o que dizes ou desaparece para sempre*.

No trabalho, no dia seguinte, eu estava arrasada, nervosa e sempre a fazer mal as coisas. Cheguei tarde, para começar, depois parti uma caneca de café e ainda fui ríspida com a Daphne, apesar de ela estar a tentar ser amável. Irritava-me que, embora se mostrasse pesarosa e preocupada, não conseguisse disfarçar o facto de estar tão feliz com o Douglas. Passava o tempo a olhar para o telemóvel, em busca de mensagens dele e, sempre que recebia uma, sorria e desatava a teclar muito depressa para despachar o livro. Não aguentei mais e disse-lhe que precisava de ir dar uma volta e apanhar ar.

Quando voltei, ela disse-me:

– Desencontraste-te com o Wilf. Ele veio cá.

Era a primeira vez, desde que tinha ido dizer-me como estava zangado comigo, e senti-me aliviada por ter saído. Não queria que ele me visse assim, tão deprimida e impotente. Instalei-me de novo atrás da caixa e a Daphne perguntou-me:

– Tens a certeza de que não queres falar sobre as coisas? Anda tudo tão difícil para ti... a Tilda está desesperadamente triste?

– Não faço ideia – ripostei, surpreendida comigo mesma, pois claro que sabia que ela estava angustiada.

Ia mudar de assunto e fazer chá quando o Wilf voltou à livraria, entrando como se quisesse arrasar um espinheiro gigante. Reuni forças.

– Gostaste do livro que a Amy te comprou? O *Némesis*.

– Não o li. Calculo que tenhas sido tu a escolhê-lo, certo?

– Sim. Como é que ela está... a Amy, quero dizer?

– A Amy está bem... passo a vida a ligar-te, mas tu nunca atendes... queria saber se estavas bem. Soube do que aconteceu ao Felix.

– Pois. Tem sido horrível. A autópsia é hoje, provavelmente estão a fazê-la agora mesmo. É demasiado estranho...

Queria contar-lhe como me sentia, tão assustada com a Scarlet e os resultados da autópsia. Mas não contei. Em vez disso, balbuciei:

– Tens estado muito com a Amy? Vieste comprar-lhe um presente?

– Não, Callie. Vim cá para ver como estás. Tenta acreditar em mim, pode ser?

E depois virou-se e foi-se embora. Logo a seguir, o meu telemóvel tocou. Era a Tilda, abalada e chorosa. Demorei algum tempo a perceber que ela estava a tentar dizer-me que a autópsia estava concluída e que, embora os resultados não fossem oficiais, a Melody Sykes tinha telefonado.

– Disseram que morreu de doença cardíaca... uma coisa chamada cardiomiopatia hipertrófica. Podia tê-lo matado a qualquer altura. Imagina... desde que nasceu, viveu com uma doença letal que não sabia que tinha. É mesmo horrível. Atacou-o vinda do nada... As pequenas coisas que encontraram são tão tristes. Passas no estômago, do pequeno-almoço, o que prova que tinha comido o que mais gostava, *pain aux raisins*, nessa manhã. E, adivinha só, tinha alguns danos nos pulmões, causados por fumar. O Felix, a fumar! Nunca me contou. Mostrava-se sempre tão reprovador em relação aos fumadores... há tanto dele que não sei, que nunca saberei.

– Queres que eu vá aí?

O meu alívio era tremendo. Sempre *era* uma doença cardíaca, cardio-qualquer-coisa-híper-qualquer-coisa, e a Scarlet podia ir para o inferno.

– Não. Estou bem. Tenho coisas para organizar. Os pais dele vão voltar... e o Lucas também. Tenho de tratar dos preparativos para o funeral.

– Falaste com o Erik e a Alana?

Ela demorou a responder. Depois, numa voz tensa:

– Brevemente, com o Erik; a Alana recusou-se a atender o telefone. É perturbador.

– Mas compreensível, suponho.

– Depois falamos.

A sua despedida alegrou-me e, durante o resto da tarde, consegui funcionar melhor, lidar com os clientes, incluindo com a mulher que queria o seu dinheiro de volta porque o enredo do livro que comprara era «só sexo com um bocado de assassinio». Tive de lhe explicar que o mercado editorial não funcionava assim.

– Os livros são sempre um risco – disse-lhe. – Isso faz parte do que os torna excitantes.

Fiquei impressionada quando ela compreendeu o meu ponto de vista e, seguindo o meu conselho, comprou um livro do Harlan Coben. Depois de ela sair, a Daphne comentou:

– Passa para a frente da turma, jovem Callie.

Nessa noite, deitada na cama, os meus pensamentos estavam sempre a regressar ao Wilf. Ele tinha razão... eu precisava mesmo de acreditar nele. Precisava de resistir ao estado mental de paranoia em que tinha andado, talvez por passar tanto tempo sozinha, já que a solidão gera paranoia. Amanhã, pensei, vou à Willesden Estates e descubro se ele anda ou não a sair com a Amy. Se não andasse, tentaria ver se era possível reconquistá-lo.

De manhã, sentia-me otimista. Calcei os meus botins de camurça com as minhas melhores calças de ganga cinzentas e um *top* novo e cor-de-rosa que ficava bem com o meu cabelo escuro. Admirei-me ao espelho, desci as escadas com um passo ligeiro e vi que o correio tinha chegado e estava todo espalhado em cima do tapete; era sobretudo lixo. Separei os anúncios a restaurantes indianos de *takeaway* e a faz-tudo locais, e encontrei um envelope castanho e acolchoado com o meu nome. Senti que continha algo pequeno e duro e inspecionei a morada – escrita a preto com uma caligrafia carregada que percebi logo que só podia ser da Scarlet.

Um botão de punho dourado em forma de trevo de quatro folhas. Reconheci-o e virei-o na palma da mão, sentindo o seu peso e a suavidade, como tinha feito daquela vez no apartamento da Curzon Street em que percorrera as roupas do Felix, encontrara os seus botões de punho e pusera a mosca morta no colarinho de uma camisa dele. Durante algum tempo, mantive-me junto à porta da rua, limitando-me a ficar de pé no átrio descuidado, a virar e revirar o trevo de quatro folhas, a pensar no que representava, a pensar de uma forma vaga e flutuante, incapaz de descer à terra. Depois subi as escadas, voltei para o meu apartamento, larguei a mala da abelha no chão e enfiei-me na cama, enterrada debaixo do edredão, sem sequer me dar ao trabalho de descalçar as botas. Meti o botão de punho na boca e suguei-o, tentada a engoli-lo. Mas não o fiz. Cuspi-o, pousei-o na mesa de cabeceira e, porque estava avassalada, fechei os olhos e caí num sono desconfortável e perturbado.

Era meio-dia quando despertei com a cabeça a latejar e vi que tinha duas chamadas perdidas da Daphne, sem dúvida a perguntar-se onde andaria eu. Mas não podia ligar-lhe já. Não seria capaz de lidar com a sua voz reconfortante; em vez disso, fiz a última coisa que queria fazer e obriguei-me a marcar o número da Tilda. Ela atendeu de imediato e eu perguntei-lhe se tinha visto as coisas da mala que o gerente do Ashleigh House Hotel lhe tinha dado.

– Sim, fiz isso hoje de manhã. Foi pavoroso ver as coisas do Felix, as coisas da barba, o champô dele, caramba... mas pelo menos estava lá uma camisa que ele tinha usado e ainda não tinha lavado; se a encostar ao nariz, acho que sinto o cheiro dele.

– Estava lá tudo o que esperavas que estivesse?

– Porquê? Porque perguntas?

– Oh, por nada – menti. – Quero dizer, às vezes o pessoal dos hotéis não é muito honesto... rouba coisas.

– Callie! O pessoal do hotel tratou-nos tão bem... não esperaria nada desse

gênero. Mas realmente faltava uma coisa. Tenho a certeza de que foi um esquecimento.

– O quê?

– Um botão de punho dourado... de um par que lhe ofereci. São lindos, em forma de trevo de quatro folhas. Mas, afinal, o Felix era a pessoa mais azarada que eu alguma vez conheci.

– Oh. – Não fui capaz de dizer mais.

– Callie?

– Tenho de desligar. Devia estar a trabalhar.

Telefonei à Daphne.

– Tenho estado a sentir-me mal, com dores de cabeça, mas já vou para aí.

Tomara a decisão de ser forte e assumir o controlo da minha relação com a Scarlet, começando por desvendar a sua identidade.

Em vez de prestar atenção aos clientes, estava a escrever *e-mails*.

Recebi o trevo de quatro folhas e estou a tentar assimilar o que isso significa. Não compreendo tudo. Não me ocorre como podes tê-lo feito, Scarlet. Não consigo explicar o que aconteceu desde então.

A última frase referia-se à autópsia. Se eu pudesse falar com clareza, diria: «Há aqui uma inconsistência – tu queres que eu acredite que mataste o Felix, mas a autópsia diz que ele morreu de causas naturais. Como explicas isso?» Não podia ser explícita, já que precisava de seguir as regras dela, levá-la a pensar que estava do seu lado. Escrevi:

Estou confusa quanto ao que pensar. Estou impressionada contigo, e estou-te agradecida – agradecida por a minha irmã ter ficado a salvo. Ao mesmo tempo, sinto-me avassalada pelo fardo de saber que agora me cabe cumprir a minha parte. Mas estou preparada, Scarlet. Como tu sugeriste, devíamos voltar a encontrar-nos para falarmos do assunto. Para começar, e se me enviasses informação acerca do Predador?

Li e reli o *e-mail*. Pareceria demasiado artificial? Demasiado incriminador? Imaginei um cenário em que me encontrava a ser julgada por conspiração para assassinar – perguntando-me se poderia ser condenada pelas minhas próprias palavras. Achei que a palavra «Predador» podia ser problemática e, atendo-me à terminologia do fórum, mudei-a para «X». Com um pouco de sorte, a Scarlet acreditaria em mim e enviar-me-ia o nome completo do Luke. Calculei que, depois de saber quem ele era, seria capaz de a identificar.

Preparava-me para escrever mais, mas fui interrompida pela Daphne, a dizer:

– É boa altura para falarmos do balanço?

Eu não podia propriamente dizer «Não, é uma altura terrível», pelo que passámos a meia hora seguinte a planear o balanço anual e a análise das vendas, para vermos que géneros tinham vendido mais e quais menos. Na verdade, eu já sabia que os policiais são os nossos *bestsellers*. Mas a Daphne achava que os livros românticos também estavam a ter resultados bastante bons, para além de que há um público sólido de história militar na nossa zona de Willesden. Quando terminámos, estava na hora do almoço e, em vez de voltar ao *e-mail*, arranjei uma desculpa e dei a volta ao quarteirão até à Willesden Estates. As duas jovens atrás de secretárias fitaram-me atentamente, como se estivessem à espera de uma cena embaraçosa. Uma delas abanou o cabelo.

– O Wilf está? – balbuciei, precisamente quando ele vinha a sair de um gabinete interior. Foi com vergonha que lhe perguntei se queria ir almoçar comigo ao Albany.

– Claro.

Caminhámos em silêncio, nem um nem outro a querer arriscar dizer algo errado.

Tínhamos chegado antes do pico do almoço e escolhemos uma mesa no canto – a mesma onde me sentei com a Tilda no início do verão. Eu pedi uma sanduíche de queijo e *marmite* e uma sidra; o Wilf pediu o costume, um *ploughman's* com uma caneca de cerveja.

A comida chegou e ele começou a comer, virando-se para mim de boca cheia para perguntar:

– O que se tem passado, Callie? Porque tens andado a ignorar-me?

Ele estava a tentar, sem sucesso, parecer descontraído, o que me deu a confiança necessária para fazer a minha confissão:

– Devo-te um pedido de desculpa... desconfiei de que tinhas vendido uma história ao *Mail*. Quando estivemos aqui, no *pub*, contei-te que a Tilda andava a ter problemas com o Felix... depois, passados uns dias, apareceu um artigo feio e cheio de insinuações no jornal. Parecia uma coincidência demasiado grande. Mas agora tenho noção de que me enganei, e lamento... tenho estado a pensar nisso e de certeza que falei em voz alta nesse dia, porque o *pub* estava apinhado, e o tipo das obras que também estava aqui, o que estava coberto de poeira... ele pode ter ouvido tudo. E uma daquelas raparigas aos guinchinhos do outro lado... ela debruçou-se e pediu-me um menu, mas na verdade podia estar à escuta...

– Anda cá. – Pôs a mão debaixo do meu queixo, puxou-me para si e beijou-me. Mas depois disse: – Há uma coisa errada nesse teu pedido de desculpa. Baseia-se em pensares que podem ter-te ouvido aqui no *pub*. E não na conta em que me tens, na fé que tens em mim. Precisas de aceitar que não sou esse tipo de pessoa... nunca faria algo assim. Não percebes?

– Sim, percebo. Também peço desculpa por isso... E há outra coisa, Wilf; aquele dia em que te ajudei no jardim na Bishop's Avenue. Quero dizer-te que, para mim, foi o melhor dia. Estou sempre a viver dentro da minha cabeça. Passo a vida inteira no mundo interior da livraria, ou a ler policiais, ou de olhos postos no portátil, ou a observar outras pessoas. Foi incrível encontrar-me ao ar livre, sentir o ar fresco na cara, cavar a terra e estar contigo.

– Então... quando queiras... Adorei ver-te tão seriamente concentrada a arrancares ervas daninhas, a sujares as mãos. E as tuas coxas enlameadas, claro... Ainda sonho com aqueles calções cor-de-rosa.

– E outro pedido de desculpa... tenho andado desconfiada acerca de ti e da Amy Fishwick...

– Ah! A Amy Fishwick.

– Sim. Estava a ficar com a impressão de que se passava alguma coisa entre vocês. E isso tem andado a dar comigo em doida, não paro de pensar nisso. Não saber a verdade... e depois ela apareceu, assim toda animada e espevitada, e comprou-te o *Némesis*.

– Bom... o *Némesis*, por bom que fosse, não bastou para me comprar o afeto, podes folgar em saber. Tudo o que aconteceu com a Amy foi que lhe resolvi um problema no computador e ela ofereceu-me um livro. Somos colegas e damo-nos bastante bem. Nada mais.

– Mas ela queria mais do que isso, não queria?

– Talvez...

O seu sorriso dizia-me que ele ficava satisfeito deixando-me com alguma incerteza na mente.

Esticou a mão e pegou na minha, não com os dedos entrelaçados nos meus mas a segurar-mos todos com firmeza, com a minha mão apertada dentro da sua. A minha vontade era permanecer nesse momento, com tudo o que prometia. E queria tanto voltar para a cama do Wilf... mas tinha de correr um risco...

– Wilf, tenho umas coisas bastante bizarras que preciso de te contar...

– Está bem...

– Têm que ver com o Felix e com a forma como ele morreu.

– Sim?

– Bem... é capaz de ser mais complicado do que a autópsia sugere... tenho andado na internet, num fórum sobre homens perigosos que são violentos com as companheiras, é um grupo de apoio. Seja como for, tenho frequentado o fórum, o *site*, já há meses. Chama-se homenscontroladores.com... já ouviste falar?

– Não... não ouvi – respondeu num tom reservado, mas eu tinha de continuar, não me restava outra opção...

– Bem, fiz uma amiga nesse *site*, chamada Scarlet. E tinha outra amiga, chamada Belle, que morreu... às mãos de um homem violento que a esfaqueou e vai ser julgado por isso. Seja como for, a Scarlet tem andado a dizer-me que matou o Felix. Que ele não morreu de doença cardíaca coisa nenhuma... Como comecei por dizer, são coisas bizarras.

– Callie, pareces ter perdido o juízo.

Afastou a mão da minha e deu um golo na cerveja.

– Sei que sim... estou tão enterrada neste mundo louco. E estou preocupada com a Scarlet, acho que ela pode ser seriamente perigosa...

– Ok... então tens alguma prova concreta?

– Mais ou menos... ela tem umas seringas que a Belle roubou de um hospital... e doses letais de diamorfina... Mostrou-mas.

Não queria assustá-lo ainda mais, explicando que me tinha dado algumas, que queria que eu matasse o Luke e que eu estava a fingir que alinhava no seu plano.

– E porque é que não foste à Polícia, se isto é verdade?

Já parecia distante, com as palavras a saírem-lhe como que entrecortadas. E tinha-se afastado fisicamente de mim, pelo que as nossas pernas já não estavam a tocar-se.

– Não posso. Tudo isto parece demasiado inacreditável, como se a lunática fosse *eu*. Sobretudo porque nem conheço a verdadeira identidade dela. Scarlet é um nome inventado. Preciso de descobrir quem ela é realmente... e então poderei ir à Polícia. Assim já poderão revistar-lhe o apartamento e talvez encontrem diamorfina e seringas... talvez outros indícios.

Ele estava a fitar-me, de olhos fixos nos meus e a parecer quase

assustado. Examinei-lhe o rosto, apreciando a sua beleza e a desejar com todas as forças que ele se revelasse compreensivo.

– Callie, tens razão. Parece mesmo inacreditável. Parece que a lunática és tu... Desculpa, tenho de voltar para o escritório.

E depois empurrou a mesa com brusquidão, levantou-se enquanto balbuciava numa voz empedernida:

– Eu telefono-te.

Fiquei a vê-lo passar por entre um grupo de jovens de fato e desaparecer pela porta giratória.

Foi uma desilusão tão grande... pensava que ele poderia ser o meu parceiro, estar ao meu lado enquanto eu tentava descobrir a verdade acerca da morte do Felix e do envolvimento da Scarlet. Mas ele tinha-se ido embora e eu continuava por minha conta. Voltei para a livraria Saskatchewan.

A Daphne perguntou-me:

– Foi bom o almoço dos pombinhos? Vi-te com o Wilf a caminho do Albany.

– Para com isso, Daphne! Já chega!

Ela fez uma expressão sentida e regressou à escrita enquanto eu ligava o portátil. Não tinha recebido nada da Scarlet, pelo que tornei a escrever-lhe.

Manda-me informações acerca do Luke! Se vou fazer isto, é para avançar. Não quero perder tempo.

Cinco minutos depois:

Preciso de ter a certeza de que estás empenhada neste projeto.

Estou empenhada a cem por cento, foda-se. Como posso fazer-te acreditar?

Ok. Encontramo-nos e digo-te o nome dele e o que tens de fazer. No mesmo sítio da última vez. Lá te espero à uma da tarde de amanhã.

Voltei a fazer aquela coisa do lenço na cabeça, porque era o que a Scarlet queria, usando o mesmo lenço cor de laranja. E, enquanto seguia para Kenwood, ia a pensar como seria que ela tinha tanto à-vontade a dar ordens às pessoas. Talvez tivesse sido criada assim – uma princesinha levada a acreditar que os seus próprios desejos estavam acima de tudo. Também me perguntava como poderia viajar de Manchester para Londres com tanta facilidade durante a semana, quando deveria estar a trabalhar. Talvez o seu emprego fosse a tempo parcial, como o meu.

Segui pela mesma rota da vez anterior, subindo a colina por entre os bosques e atravessando o relvado e, tal como antes, a Scarlet já lá estava – sentada no último banco, de cabeça coberta pelo lenço vermelho, a mala entre os pés. A mesma mala – onde tinha as seringas e as drogas. À medida que me aproximava, recordei-me que deveria aprender o máximo que pudesse acerca dela, estudar-lhe a aparência e fazer-lhe perguntas que pudessem gerar informação útil.

Ela levantou a cabeça. Olhos azul-claros, sobrancelhas espessas, pretas e modeladas, lábios finos, rosto longo e magro. Não era feia, mas também não era a beleza deslumbrante que afirmava ser. E não havia sequer um vislumbre de um sorriso.

– Olá, Callie, senta-te aqui.

– Vieste hoje de manhã de Manchester? – Tentei manter uma voz natural, não demasiado inquisitiva.

– Sim. O meu comboio chegou às onze. Podes verificar, se quiseres.

– Oh, não era isso que eu queria dizer – menti. – Estava só a pensar que tiveste de faltar ao trabalho.

– Pois tive. Mas isso não tem importância.

Ela continuava a olhar em frente, para o bosque, o lago e o fundo da colina, a cidade cinzenta ao longe, as torres de apartamentos indistintas a quererem chegar aos céus; e eu olhava para ela, a pensar: *É este o aspeto de uma assassina? Tão comum...*

– Scarlet... estou tão impressionada com o que fizeste. Custa-me compreendê-lo... Como foi que mataste o Felix? Sem que ele desse luta? E sem que houvesse sinais disso?

– Não posso contar-te agora. Mas hei de contar... talvez depois do funeral... o importante é que cumpras a tua parte do pacto... tratando do Luke. Presta-me atenção, porque não quero ter de repetir: ele chama-se Luke Stone. Percebeste? Trabalha para uma empresa de produção em Manchester, chamada Hollybank. É investigador lá...

– Tens a certeza de que queres que eu faça isto? Tens mesmo a certeza?

– Absoluta. Lembra-te da Belle e do que lhe aconteceu. Ela ainda estaria viva se alguém tivesse apanhado o Joe Mayhew primeiro... e há centenas de mulheres como ela, *centenas*. E, se eu o deixar, ele virá atrás de mim. Tu sabes, Callie... Não estás com dúvidas?

– Não. Vou levar isso avante... para te salvar e para honrar a Belle.

– Bom. Espero que tenhas as seringas e a diamorfina num sítio seguro...

– Sim, claro.

Isso era verdade. O caixote de lixo era um sítio tão seguro como qualquer outro.

– Ok... eis o que deves fazer: vais ao meu apartamento em Manchester, que fica apenas a dez minutos a pé da estação. Quando chegares, vais encontrar o Luke a dormir profundamente. Vais ter de lhe encontrar uma veia no braço esquerdo, a parte interna do cotovelo é um bom sítio, tenho a certeza de que já viste fazerem isso muitas vezes, e há vídeos no YouTube. Seja como for, vais injetar-lhe sessenta miligramas de diamorfina – é o dobro da dose letal. Percebeste tudo?

– Sim... sessenta miligramas. No braço esquerdo. Terei de lhe dar mais do que uma injeção?

– Provavelmente... Usa daquelas luvas finas de látex dos médicos... compram-se na farmácia. Compra-as em Londres, nalgum sítio com muita gente, como a Oxford Street. De qualquer maneira, quando acabares, assegura-te de que as impressões digitais dele estão a cobrir a seringa toda e depois deixa-a caída perto da mão direita dele. Percebeste?

A implacabilidade dela estava a impressionar-me. Ela decerto estaria a trabalhar quando o Luke morresse, o que lhe proporcionaria um álibi – e eu devia voltar logo para Londres. Era uma versão perfeita de *O Desconhecido do Norte-Expresso*.

– Porque é que ele vai estar a dormir? Não vai acordar?
– Não te preocupes com isso. Eu dou-lhe uma coisa que garante que não acorda.

– O quê... *rohypnol*?

– Isso é comigo. Mas acredita, vai estar KO...

Depois disse-me que ficasse atenta e à espera, pois ia mandar-me uma morada, uma data e uma hora.

– Envio-te isso pelo correio. Lê as instruções, destrói-as e depois age.

Deu-me duas chaves, a da porta do prédio e a do apartamento.

– Agora vou-me embora, Callie. Tens de te manter concentrada. Obviamente, não fales disto a ninguém... ninguém mesmo.

– Scarlet... Antes de ires embora... Posso saber o teu verdadeiro nome? Isso ia fazer-me sentir melhor.

– Não. Claro que não.

Afastou-se e eu reparei que tinha um andar elegante, com estilo – avançando ligeiramente primeiro as ancas, como fazem as manequins. Talvez não tivesse mentido acerca disso, afinal. Fiquei sentada no banco, a pensar no que fazer a seguir. Uma chuva leve começou a cair e as pessoas que passeavam na charneca abriram guarda-chuvas, puxaram capuzes sobre a cabeça, enquanto eu me abrigava melhor na minha parca. Depois voltei para a paragem de autocarro, a pensar que tinha de localizar o Luke Stone. Isso tornara-se crítico.

Em casa, ignorei os pratos e canecas sujos no lava-loiça e preparei um chocolate quente no micro-ondas. Depois escrevi «Luke Stone Manchester» no motor de busca e apareceram-me um rapazinho de onze anos que tinha recebido uma medalha de bravura por salvar um cão de um canal, e um soldado na reserva que tinha estado no Afeganistão. Obviamente, eram outros Lukes, pelo que procurei no *site* da Hollybank – e encontrei perfis de vários trabalhadores seniores, mas nada acerca de um Luke Stone. O Facebook também se revelou um beco sem saída – nenhum dos perfis com o nome Luke Stone correspondia ao que eu procurava. Ocorreu-me então que talvez a Scarlet me tivesse dado um nome falso – afinal, as instruções que me dera eram claras: eu devia ir ao apartamento dela e injetar o homem adormecido. Não precisava de saber como se chamava.

O funeral do Felix foi numa sexta-feira fria de outubro, com o ar límpido e fresco, apesar de o sol estar a derramar uma luz suave na Igreja de São Gregório, no cemitério de lajes irregulares e no chão carregado de folhas acobreadas. Cheguei cedo e, para passar o tempo, revisei as campas de Emily Jane Goode, de Henry Watson e de Ernest Norwood Richardson, após o que me sentei no banco partido junto à parede de pedra, a pensar que me esgueiraria para o fundo da igreja mais tarde, esperando que ninguém reparasse em mim.

Os colegas internacionais do Felix chegaram em pequenos grupos solenes; mulheres de casacos pretos, pernas finas em *collants*, saltos altos; os homens envergando fatos escuros. Vi a Paige Mooney, desta vez de braço dado com o Robbie, a Kimberley Dwyer e a nossa mãe (que não me viu). Ainda não havia sinal do Lucas, da Alana ou do Erik, nem da Tilda. Mas vi o Liam entrar na igreja e tive esperança de poder falar com ele depois da cerimónia. Pensei que seria extremamente calmante e tranquilizador confessar-lhe tudo e seguir o seu conselho. Eu estava tão à deriva, e ele agora era psiquiatra.

Dei por mim a segui-lo pelo interior da igreja, mas não até ao banco. Em vez disso, fiquei ao fundo, encostada à parede, a afundar-me na sombra. O caixão já estava no lugar, em frente e ao centro, com um enorme arranjo de lírios brancos em cima, como um chapéu ridículo cheio de rendas; e, ao lado do altar, num suporte de madeira, uma fotografia gigante do Felix sorria estupidamente à congregação, a mesma foto lustrosa que aparecera nas revistas e nos *sites* quando ele morreu. Estonteada, pus-me a olhar para as nuças das pessoas e dei-me conta de que estava à procura da Scarlet. Achei que ela seria incapaz de se manter afastada, que queria ter algum contacto com a morte que causara. Mas não consegui discerni-la e fechei os olhos, rezando mesmo pelo Felix, para que descansasse em paz e para que os pecados lhe fossem perdoados. Quando tornei a abri-los, vi a Francesca Moroni a entrar na igreja, curvando-se ligeiramente enquanto avançava pelo

espaço entre dois bancos. Era de uma beleza excecional, com a juba castanha a cair-lhe pelos ombros, os olhos escuros a observarem o caixão quando se ajoelhou e uniu as mãos em frente ao rosto, ao que desejei poder examinar-lhe os pensamentos e as emoções. Estaria a chorar pela perda do amor da sua vida? Ou o facto de ter escapado ao Felix fora a sua salvação?

Pensei abandonar a minha posição junto à parede do fundo e avançar até junto da Francesca. Mas depois distraí-me com a chegada da Tilda, a caminhar lentamente pelo corredor, sem cumprimentar quem quer que fosse e ocupando o seu lugar à frente, entre o caixão e a foto. Mantinha-se imóvel, numa pose reverente – e eu esforcei-me por saber o que lhe iria na cabeça. Não conseguia perceber se estaria tão perturbada como no dia em que o Felix tinha morrido, ou se o seu verdadeiro estado era de alívio por poder agora abandonar o terrível jogo de sedução com a morte, o seu jogo doentio – em que incitava e provocava o marido até ele se passar. Fitei-lhe a nuca, o cabelo louro a sair de um chapéu preto elegante que o Felix teria aprovado, e só vi o seu exterior – a atriz a representar o seu papel.

Em seguida chegaram o Erik e a Alana, esta agarrada ao braço do marido, quase a cair para cima dele, com passos fracos e inseguros. Atrás deles, o Lucas caminhava serenamente como um guarda, preparado para apanhar a mãe se esta caísse. Sentaram-se ao lado da Tilda e perguntei-me se a abraçariam. Mas não; limitaram-se a assentir com a cabeça, de forma quase impercetível. Senti o coração a arder-me no peito. A minha irmã e o seu sofrimento mereciam reconhecimento, não um desdém cruel. O Lucas, porém, teve um comportamento diferente – passou o braço à frente dos pais para lhe apertar a mão.

Cantámos «O Senhor é o meu pastor» e, durante todo o tempo, eu estive profundamente ciente da forma como o Erik e a Alana se mantinham, de costas resolutamente viradas para a Tilda, voltados para o filho falecido. Calculei que a culpavam. Talvez culpassem Inglaterra também e os fundos de risco de Mayfair – todas as pessoas e sítios que os haviam privado do filho. A dada altura, o Lucas foi ao altar ler uma passagem da Bíblia e foi difícil não chorar enquanto ouvíamos a sua voz vacilar, recuperar e tornar a vacilar enquanto a Alana enterrava a cara no braço do Erik, incapaz de oferecer qualquer consolo. A cerimónia não foi demorada e em seguida a família mais próxima foi para o crematório. Eu tinha perguntado à Tilda se queria que eu estivesse presente e ela dissera que não, pelo que não pude

ver os últimos momentos antes de o Felix ser cremado.

Em vez disso, partilhei um carro com a Paige e o Robbie até ao salão alugado de um pequeno hotel local, onde nos deram sanduíches triangulares e chá tépido, e onde tentámos conversar. A Paige estava sempre a dizer-me que a Tilda iria precisar do amor e do apoio dos amigos, que tínhamos «de nos unir à volta dela».

O Robbie concordava e disse que aquilo que ajudaria a Tilda seria «arranjar uns papéis desafiantes. É sempre bom mergulharmos em trabalho durante alturas difíceis, afasta-nos os pensamentos dos problemas». Fiquei estupefacta com a sua presunção. Como poderia ele saber o que seria bom para a Tilda? Disse-lhes que precisava de comer e afastei-me. Avistei a Francesca, sentada sozinha a uma mesa perto da comida, e levei algumas sanduíches até lá.

– Quer uma? Há de ovo, maionese e fiambre. É a Francesca?

Ela dirigiu-me um sorriso triste, mas afável.

– É verdade.

– Eu sou a Callie. Irmã da Tilda.

– Ah... coitada da Tilda. Quanto tempo estiveram casados?

– Só umas semanas.

– É impossível compreender uma coisa destas, não é? Algo tão trágico... –

A sua voz era composta e digna.

Eu estava desejosa de lhe perguntar tanta coisa, mas as minhas questões eram demasiado pessoais, demasiado íntimas, para serem ditas em voz alta, pelo que ali fiquei especada, até que me saiu:

– Adoro o seu vestido. – E depois, algo mais adequado: – Há tanto que gostaria de saber acerca do Felix... da vida dele antes de ter conhecido a Tilda.

Ela não respondeu porque, nesse momento, todos olhámos para a porta, por onde entrava o contingente do crematório. O Erik viu a Francesca e ele e a Alana aproximaram-se de nós; quando os três se abraçaram, ela sussurrou:

– Lamento imenso, imenso.

Do outro lado da sala, a Tilda estava a assistir, com uma espécie de assombro espelhado no rosto – mas depois virou costas e falou com o Lucas.

A nossa mãe apareceu, vindo oferecer os pêsames ao Erik e à Alana,

caminhando na direção do nosso grupo num vestido de *chiffon* preto que parecia gótico e um casaco de malha e lantejoulas cintilantes que não batia bem ali. Inclinou-se para cumprimentar a Alana com um beijo, mas esta recuou. A nossa mãe balbuciou:

– O Felix era uma pessoa maravilhosa. Fiquei muito feliz por tê-lo como genro.

Mas a Alana ripostou de imediato, numa voz tão sumida que mal se ouvia:

– É claro que nós gostávamos que ele nunca tivesse saído de Boston.

Eu e a nossa mãe trocámos um olhar e eu calculei que, tal como eu, ela tivesse ouvido: «É claro que nós gostávamos que ele nunca tivesse conhecido a Tilda.»

– Compreendo – disse ela. – É terrível. E não o terem tido convosco nos últimos meses...

A Alana sussurrou ao Erik:

– Tira-me daqui.

E o Erik, numa imitação vazia de quem costumava ser, disse:

– Queiram dar-nos licença. Estamos os dois muito cansados.

Observei-os enquanto se iam embora, vendo como tinham envelhecido, apercebendo-me de que o Erik já não corrigiria o mundo com uma pomposidade desenfreada. Também me apercebi de que nunca mais voltaria a vê-los.

Regressei à mesa das sanduíches – por algum motivo estava faminta e, enquanto me inclinava para pegar numa sanduíche de ovo e maionese, ouvi:

– E como é que *tu* estás, Callie?

– Liam. Que amável teres vindo. Só o conhecestes no casamento?

– Sim. Não o conhecia de todo, para além do que a Tilda falava dele...

– E o que é que ela dizia?

– Bem... contou-me que o amava imenso, claro...

Fiquei com a impressão de que ela lhe teria confidenciado muito, mas que ele não queria falar do assunto. Pelo menos no funeral.

– Será que posso ir ver-te? – perguntei. – Tenho algumas perguntas para te fazer... mas não estamos no sítio certo para isso.

– Claro, vem visitar-me, eu gostaria.

Levou a mão ao bolso do casaco, de onde tirou um cartão de visita no verso do qual escreveu a sua morada de casa. Guardei-o na mala e depois

reparei que ele estava a olhar para o outro lado da sala, para a Tilda e o Lucas, que se encontravam embrenhados numa conversa, sentados lado a lado, ela com a cabeça apoiada no ombro dele.

– Tiveste oportunidade de falar com a Tilda hoje?

– Não... Não, não tive. É melhor fazer isso agora... Daqui a pouco terei de me ir embora.

Algo na sua atitude sugeria que ele estava a avaliar a minha irmã, a verificar como ela estava a aguentar-se; e, mais tarde, no comboio de regresso a Londres, eu não conseguia deixar de pensar que o Liam conhecia segredos e poderia esclarecer-me quanto ao modo como a Tilda realmente se sentia em relação à morte do Felix.

Mas, quando cheguei a casa, esqueci tudo isso, porque fiz o habitual – sentar-me à janela do quarto, ligar o portátil – e vi uma mensagem da Scarlet. Dizia simplesmente:

30 de outubro, 4 da tarde.

Escrevi-lhe:

Manda-me a tua morada.

Mas ela respondeu:

Não. Mando-a no dia 29.

Eu não tinha a menor intenção de esperar. Em vez disso, três dias depois do funeral, apanhei o comboio para Manchester, determinada a descobrir o Luke. Era uma daquelas segundas-feiras mortíferas, com funcionários de escritórios a arrastarem-se do Starbucks de volta para o trabalho, à espera em grupos de olhar vazio para atravessarem ruas movimentadas, e juntei-me a eles, avançando da estação para a Hollybank TV, desejando ter um plano genial.

A Hollybank, afinal, ficava num edifício de escritórios de pedra cinzenta, juntamente com companhias de seguros e escritórios de advogados com nomes sólidos como Mackenzie & Singh, ou Turner & Associados. Sem ideia do que fazer, deixei-me ficar junto das portas giratórias, a ver gente entrar e sair, puxando o capuz da parca para a cabeça para me manter quente. Era quase uma da tarde e eu tinha a noção absurda de que o Luke haveria de sair para almoçar e de que eu, sabe-se lá como, o reconheceria. O que, por incrível que pareça, aconteceu mais ou menos – porque um grupo de cinco jovens apareceu no passeio, de ar menos rígido e mais na moda do que os funcionários de escritório, e eu pensei: *criativos!* Segui-os por duas ruas até um café chamado Red Onion.

Era preciso pedir ao balcão e uma jovem começou a falar com o grupo todo, dizendo:

– O que queres, Lulu? Sanjeev? – E, depois de ter transmitido os pedidos de *lattes* com leite de amêndoa e saladas de quinoa, perguntou: – E tu, Luke?

A pergunta dirigia-se a um jovem magro de cabelo preto e olheiras escuras, que estava a falar com a Lulu acerca das filmagens do dia seguinte. Este coçou a nuca de uma forma que parecia tanto nervosa como encantadora e respondeu:

– Um café e um *panini* de queijo e fiambre, obrigado.

Reparei no seu sotaque de Manchester e na forma como a maçã de Adão subia e descia à medida que ele falava.

O grupo passou para uma mesa e sentou-se, ao que eu pedi um chocolate quente e fui sentar-me à mesa adjacente. Não conseguia ouvir tudo o que diziam, mas percebi que estavam a trabalhar num documentário acerca de plantas perigosas. A dada altura, o Luke pôs-se a falar do «cogumelo *lepiota brunneoincarnata*... a amatoxina destrói o fígado...» Depois a Lulu contou a história de uma família inteira que morreu em Itália depois de a mãe ter posto cogumelos cicuta verde na sopa, presumivelmente por engano, ainda que não se soubesse ao certo se teria sido esse o caso, e então o grupo começou a debater se reconheceria cogumelos venenosos se os encontrasse num bosque ou noutra sítio. Quem me dera que eles deixassem de falar do trabalho e se debruçassem sobre as suas vidas sociais. Mas não o fizeram; a seguir passaram para a beladona.

Quando saíram, segui-os rua afora de volta ao trabalho. O Luke, reparei, tinha um andar desajeitado e irregular, e falava muito, curvando-se por ser mais alto do que os restantes. Como era impossível chamar-lhe a atenção e afastá-lo do grupo, limitei-me a vê-lo desaparecer no prédio de escritórios e, mais uma vez, fiquei à espera na rua. Fazia frio, mas ao menos não estava a chover, e retomei a minha vigia, encostando-me à montra de uma loja vizinha para esperar.

Tive sorte. Vinte minutos depois, o Luke tornou a sair, desta feita sozinho, e eu segui-o rua abaixo até onde ele parou, na fila para levantar dinheiro. Pus-me atrás dele, como se também quisesse usar o multibanco, e depois dei-lhe um toque no ombro.

– Olá... É o Luke Stone?

Ele ficou com um ar pasmado.

– Sim... Desculpe, conheço-a?

– Não... mas eu conheço a sua namorada...

– A Charlotte? Conhece a Charlotte?

Quase me ri em voz alta. A Scarlet, Charlotte. Claro.

– Sim... chamo-me Callie Farrow. Conheçemo-nos há séculos...

Não me ocorria algo específico para dizer. *Conheci-a na internet?* Não soava bem. *Conheço-a dos tempos de modelo e atriz?* Implausível.

– Ah, ok...

Bati com os pés no chão, como se estivesse demasiado frio para se ficar na rua, e perguntei-lhe:

– Luke, será que tem tempo para tomarmos um café? Há uma coisa sobre

a Charlotte de que precisava de falar consigo...

– Como disse que se chama?

Deu um passo atrás, como se estivesse a tentar escapar.

– Callie. Callie Farrow...

– Ela nunca falou de si.

– Oh. Isso não me surpreende... conhecemo-nos nos Narcóticos Anónimos. Não é coisa de que se deva falar.

Depois de ter estado sem ideias, aquela ocorreu-me vinda do nada, e fiquei satisfeita com a minha capacidade de improvisação. Ele havia de se sentir curioso.

– Estou a ver... Muito bem, um café rápido.

Voltámos ao Red Onion e, quando entrámos, ele exclamou:

– Espere lá... não esteve aqui antes? Tem andado a seguir-me?

– Sim. Lamento. É só que há uma coisa muito séria a passar-se com a Charlotte que o Luke não sabe... e que eu acho que *devia* saber.

– Está a agir de uma forma extremamente estranha, Callie. Tem noção de que eu vou contar isto à Charlotte, não tem?

Não respondi.

Pedimos um café para ele e um chocolate quente para mim e levámo-los para dois bancos altos ao lado de uma bancada de madeira junto à janela, ficando virados para a rua, vendo as pessoas passar.

– Tenho de admitir que estou a par de algumas coisas bastante íntimas acerca de si e da Charlotte – comecei, mantendo a voz hesitante e amistosa.

– Sei da violência nas vossas vidas e dos jogos sexuais a que se dedicam...

– Mas que porra?

– Luke... eu sei que isto deve parecer mesmo estranho, mas, por favor, ouça-me. Quero que compreenda que eu conheço os segredos da Charlotte... Que ela acha que a única forma de escapar, de o deixar, é destruindo-o, acabando com a sua vida... – Toquei-lhe no braço. – A sério. Ela é perigosa...

Ele fitou-me com os olhos escuros esbugalhados, tentando interiorizar as minhas palavras.

– Não consigo explicar – continuei. – Mas um de vocês *vai* matar o outro... Isso eu vejo. E o melhor que o Luke pode fazer é deixá-la, depressa. Por favor...

Ele levantou-se, por pouco não atirando o banco ao chão.

– Não sei quem você é realmente, mas só pode ser louca. Mantenha-se longe da Charlotte e de mim. Caso contrário, irei à Polícia. Está a perceber?

Ele estava debruçado sobre mim, a cuspir-me as palavras ao ouvido, agressivo. O tagarela encantador tinha desaparecido e, pela primeira vez, reparei que tinha os olhos vermelhos, raiados de sangue, e a pele de um cinzento-pálido. Tentei voltar a falar, dizer-lhe que me levasse a sério, mas ele saiu do café, passando pela janela sem sequer olhar para dentro.

Fiquei ali sentada, a bebericar o meu chocolate quente e a observar as pessoas no passeio do lado de fora. Não havia dúvida de que a Scarlet iria ficar furiosa comigo, pois eu não depositava a menor fé em que o Luke fosse seguir o meu conselho. O mais provável era que fosse para casa e a acusasse de terríveis pecados, de me ter revelado coisas que não devia, de o ter traído. Sabia Deus quais seriam as consequências.

Ela ficou totalmente possessa, enviou-me uma torrente de *e-mails*, a arengar, praticamente histérica – *Como foste capaz! És uma cabra tresloucada. Não fazes ideia... o preço que tive de pagar!*

O Luke tinha ido para casa e acusara-a de palrar nos Narcóticos Anónimos, de ter segredos. Como se atrevia a falar da vida privada deles a pessoas como eu, que mal conhecia! *Não fazes ideia do que desencadeaste, escreveu ela, ele ficou excitado com o papel que estava a representar – o de um amo a repreender a escrava, obrigado a castigar-me, obrigado a humilhar-me e magoar-me... Se me encontrarem enforcada ou asfixiada com um trapo enfiado até à goela, a culpa é do Luke, e tua!* Depois acrescentou: *Como é que sabias? O Luke é sensível à questão das drogas porque já foi toxicodependente.*

Eu não sabia, claro. Mas fazia sentido, pensando na forma como ela queria matá-lo, com diamorfina no braço, como se tivesse sido ele a fazê-lo. Mas não queria ir por ali – em vez disso, disse-lhe que ela estava a ser injusta e também que precisava de me distanciar. Mas a Scarlet disse que as nossas vidas agora estavam intrincadamente ligadas, que não havia escapatória para mim. Que era mais crucial do que nunca que eu cumprisse a minha parte do pacto. *Não fizemos pacto nenhum!*, escrevi eu. *Isso está tudo na tua cabeça.* Ela respondeu de imediato, dizendo que eu estava iludida. Tínhamos um pacto em vigor – ela agira e eu tinha de reciprocitar. E a data que me tinha enviado ainda funcionaria.

Quando foste ter com o Luke, disse ela, aumentaste a urgência da tua missão. Não percas a coragem. Honra a Belle.

Nem sequer estou convencida de que tenhas realmente feito o que disseste que fizeste, escrevi de volta, nauseada e mentirosa.

Lembra-te do trevo de quatro folhas. De que outra forma eu poderia tê-

lo? Isso é uma prova.

Preciso de mais.

Ok – bom, posso dizer-te o seguinte. Ofereci-lhe o pequeno-almoço nesse dia – um pain aux raisins. O que revelou a autópsia? Foi isso que ele comeu nessa manhã?

Até fiquei tonta. Ela tinha feito exatamente o que eu pedira e apresentara mais um indício... era quase demasiado bom para ser verdade. Já podia ir ter com a Melody Sykes e dizer-lhe: «Veja o que ela escreveu! Como é que a Scarlet podia saber que tinham encontrado passas no estômago dele?» Juntamente com o botão de punho, era quase conclusivo. Algures na minha mente, porém, sentia que faltava uma pequena peça do *puzzle*, um terceiro sinal que colocasse a Scarlet no Ashleigh House Hotel nesse dia – pelo que tomei a decisão de voltar lá, de tornar a ver a Agnes, a rececionista que tinha tirado as fotografias.

Foi fácil: uma pequena viagem de comboio, seguida de uma corrida de táxi, e lá estava eu de volta ao elegante hotel georgiano, com relvados que iam até aos bosques.

Perguntei pela Agnes. O jovem na receção disse que ela estava na sua pausa para almoço.

– Quem devo anunciar?

– Diga-lhe que é Callie Farrow, a cunhada do Felix Nordberg.

Uns minutos depois, ela apareceu, de aspeto cuidado com a sua farda preta e maquilhagem perfeita, o cabelo apanhado num rabo de cavalo impecável.

– Gostava de saber se poderia falar-me do dia em que o Felix morreu – disse-lhe. – E se posso voltar a ver as fotografias que tirou.

– Enviei-as à sua irmã.

Ela parecia desconfiada.

– Não quero incomodar a minha irmã. É uma altura difícil para ela.

A desculpa era fraca, mas não me ocorria uma melhor.

– Ela pediu-me que as apagasse...

– E apagou?

– Na verdade, não. Mas são muito íntimas. Não as mostrei a ninguém.

Ela não cedia, pelo que experimentei uma nova tática.

– É possível que alguém tenha vindo ver o Felix nessa manhã e quero ver se há algum indício disso nas fotografias.

– A sério? Não vi ninguém ir ao quarto dele.

– Mas o hotel não estava muito azafamado? Com a conferência a decorrer...

– Lá isso é verdade. Um colega dele, talvez.

Não era a isso que me referia, mas não havia necessidade de me explicar, e ofereci à Agnes um pequeno sorriso que pretendia dizer: *Então?*; finalmente, ela levou a mão à mala, pedindo-me que a acompanhasse até à sala onde poderíamos sentar-nos. Passou-me o telemóvel e eu fui vendo as fotos – mais uma vez, impressionou-me a natureza prístina do quarto: tudo perfeitamente arrumado. É claro que isso para o Felix era normal. Não obstante, ficava a estranha sensação de a cena da sua morte ter sido orquestrada para ser vista, a forma artística como estava deitado na cama, o braço caído ao lado. Até o roupão de banho parecia estar disposto de uma forma pensada – e lembrei-me da atenção que a Scarlet dava ao pormenor, de como planeava as coisas com tanto cuidado. Vi as fotografias outra vez, na esperança de que algo me desbloqueasse os pensamentos, me fizesse perceber porque me parecia tão importante voltar aqui, ao hotel. Então, algo me chamou a atenção – a imagem da bandeja de boas-vindas intacta. Nada fora bebido ou comido, nem os biscoitos embalados, nem a fatia de bolo inglês envolvido em celofane.

– O Felix pediu que lhe levassem o pequeno-almoço ao quarto nessa manhã?

– Não. De todo. Essa foi uma das razões que nos levou a pensar que algo se passava, depois de ele ter passado o dia inteiro sem sair do quarto. Não tinha comido nada, nem pequeno-almoço, nem almoço. Nada.

Pensei no *pain aux raisins*. Calculava que o Felix poderia tê-lo levado para o hotel... mas porquê? E, se o fizera, porque não haveria pratos sujos ou migalhas que se vissem?

– Obrigada, Agnes. Será que pode enviar-me estas fotografias? Como lhe disse, não quero incomodar a Tilda agora, ela está demasiado abalada.

– Ok...

Não parecia muito certa, mas mesmo assim enviou-mas. Verifiquei que a bandeja de boas-vindas intacta estava na minha caixa de correio e pensei: *Se*

me convence, decerto irá convencer a Melody Sykes. Mas ainda havia um elemento a perturbar-me, que seria difícil de explicar à Polícia: porque teria o Felix deixado a Scarlet entrar no seu quarto? Conhecê-la-ia de algum lado?

– A pessoa que é capaz de ter vindo visitar o Felix era uma jovem, mais ou menos da minha idade – disse-lhe –, de cabelo escuro e bastante alta. Chama-se Charlotte.

– Não me lembro de ninguém assim, e nessa manhã eu fui a única a estar de serviço na receção. Se bem que estávamos com muito trabalho e eu posso ter-me esquecido.

– Então é possível que ela tenha perguntado em que quarto o Felix estava hospedado?

– Sim. Mas nós não damos essa informação assim sem mais nem menos. Ligamos para o quarto e confirmamos primeiro com o hóspede. Disso eu haveria de me lembrar.

– Compreendo.

Talvez o Felix *conhecesse* a Scarlet; talvez ela já soubesse o número do quarto dele. Por um instante, algo me veio à mente. Uma coisa que tinham em comum era o facto de o Felix ser colérico, violento e controlador, e de a Scarlet gostar de jogos sexuais com homens violentos. Mas descartei o pensamento de forma igualmente rápida. Por mais defeitos que tivesse, não o tinha na conta de infiel. Sobretudo estando casado havia apenas algumas semanas.

Tornei a agradecer à Agnes e, quando saí do hotel, chamei um táxi para me levar a Reading, à esquadra de polícia.

Uma rececionista atrás de uma grelha metálica estava descontraidamente a ver coisas no telemóvel e nem levantou a cabeça quando lhe disse que queria falar com a Melody Sykes.

– É relacionado com uma morte que ela investigou. – Uma afirmação um pouco forte demais, mas que pensei que lhe chamaria a atenção.

A Melody apareceu dois minutos depois, com um copo de plástico na mão, segurando a porta com uma anca larga.

– Entre, vamos para um local privado...

Parecia irritada, como se eu tivesse interrompido algo importante, e quase tive de correr para a acompanhar enquanto ela avançava pelo corredor, a abanar o corpanzil de um lado para o outro. Fez-me entrar numa sala pequena e simples, do género que se vê em séries televisivas quando a Polícia entrevista o principal suspeito, e sentámo-nos uma de cada lado de uma mesa.

– Então, em que posso ajudá-la?

– É por causa do Felix Nordberg. O homem que morreu no Ashleigh House Hotel.

– Oh, sim. Doença cardíaca, não foi?

– É por isso que aqui estou. Não acho que tenha sido... acho que houve um erro na autópsia.

– E o que a leva a pensar que sim?

Ela reclinou-se, fazendo uma careta com um ar cético.

– Conheço uma pessoa que diz que o matou. Chama-se Charlotte... e acho que ela foi ao hotel e lhe injetou uma dose letal de diamorfina.

– Mmm-hmm. Vamos lá voltar atrás... Quem é essa Charlotte? Como é que conhecia o Sr. Nordberg? Porque haveria de querer matá-lo?

Fez-me a cortesia de abrir o bloco de notas e de tirar uma caneta do bolso do casaco.

– Eu não a conheço bem... conheci-a na internet e falávamos de homens que fazem mal a mulheres, e as coisas foram escalando até ela dizer que

mataria o Felix por mim, para proteger a minha irmã.

– Porque faria ela isso? É uma proposta bastante extrema...

Hesitei, sem saber quanto haveria de revelar acerca da minha própria cumplicidade, e depois disse-lhe:

– Ela queria que eu matasse o namorado dela, o Luke. Devia ser um pacto. Como no filme *O Desconhecido do Norte-Expresso*.

– Valha-me Deus! – O seu tom era incrédulo e enfasiado. – Isso é uma coisa e tanto. E acha que ela estava a falar a sério? É frequente as pessoas fantasiarem acerca de matarem alguém, percebe... isso não é crime, é só a natureza humana.

– Eu sei... eu sei disso. A sério. E ao início não a levei a sério... mas agora acho que ela é um bocado maluca. Enviou-me uma prova de que esteve lá, no quarto do Felix. Um botão de punho dourado em forma de trevo de quatro folhas. Não percebo como poderia tê-lo, a menos que tivesse estado no quarto de hotel dele. E outra coisa... ela disse que lhe levou um *pain aux raisins* para o pequeno-almoço... e, na autópsia, encontraram passas no estômago dele.

– Também concluíram que morreu de cardiomiopatia hipertrófica...

– É isso que não percebo. Como é que não detetaram a diamorfina?

– Bem... a verdade é que não fizeram um exame toxicológico. Não é o procedimento habitual num caso simples como este.

– O quê? – Eu mal podia acreditar. – Isso é terrível! E ele agora foi cremado!

– Acho que a questão em que temos de nos concentrar, menina Farrow, é a de o caso ser simples... e por isso não ter havido necessidade de ser efetuado um exame toxicológico.

– Certamente pode ter sido uma coincidência... ele ter um problema cardíaco mas ter sido a diamorfina o que o matou?

Ela cruzou os braços sobre um peito grande e protetor, exasperada e nada preocupada.

– Bem, isso era possível – reconheceu. – Mas é improvável... Parece ter-se deixado levar pela relação cibernética com essa Charlotte... – Depois, num tom amável e condescendente: – A internet é uma coisa sedutora, as relações podem tornar-se totalmente envolventes em tão pouco tempo... É possível que tenha permitido que os seus pensamentos se descontrolassem... que a tenham ultrapassado?

– Ponderei isso. Realmente, ponderei... Mas tem de acreditar que estou a falar a sério.

– Então o que gostaria que eu fizesse? Se lhe coubesse decidir?

A sua rispidez fazia com que parecesse que estava a dizer: «Então o que quer que eu faça, minha menina? Faça de conta que a decisão é sua, minha menina!»

– Gostaria que interrogasse a Charlotte.

– Baseando-me em que provas? Tem alguma prova concreta deste pacto à *O Desconhecido do Norte-Expresso* que diz ter feito?

– Pode ver as mensagens que trocámos na internet – disse-lhe. – Está lá tudo, só não numa linguagem direta. Tudo é insinuado.

Eu tinha imprimido as conversas principais e passei-as por cima da mesa. A Melody leu tudo – lenta e cuidadosamente, acompanhando o texto com o dedo, sublinhando excertos com uma esferográfica. Enquanto a observava, senti uma dor, como se tivesse um inseto a picar-me dentro do peito. Sim, a Scarlet tinha-se referido a «o nosso acordo» e «o perigo em que a Rosa está» e «a necessidade de agir» – mas eu já via que a Melody Sykes não ficaria convencida. Não ajudava que eu não tivesse incluído as conversas em que alinhara no plano da Scarlet, dizendo-lhe que cumpriria a minha parte do pacto.

Ela acabou de ler e fitou-me com um sorriso ténue nos lábios.

– Parece cansada, menina Farrow. Acho que precisa de uma boa noite de sono. Compreendo que tem estado a passar por uma fase traumática... com a morte tão súbita do seu cunhado... não sei bem se há aqui mais alguma coisa a que eu possa dar seguimento. Parecem-me só, queira desculpar, mas é a única expressão que me ocorre... uns disparates inconsequentes da internet.

Eu já tinha lágrimas a arder-me nos olhos.

– Mas pode ir ver o Luke Stone... É o namorado da Charlotte... para que ele lhe dê o nome completo dela. É ele que ela quer que eu mate!

– E está a pensar levar isso avante?

– É claro que não.

– Pois. É aí que quero chegar.

Pegou no seu copo de café e levantou-se, dizendo:

– Acho que com isto a nossa reunião chega ao fim. Tomei nota da nossa conversa... sinta-se à vontade para voltar a contactar-me se precisar.

Dava para ver que era a sua forma padronizada de terminar reuniões com

membros do público. Na verdade, ela não queria tornar a ver-me.

*

Em casa, mais tarde, bebi meia garrafa de *Strongbow* enquanto tentava calcular o que poderia fazer para convencer a Melody, e estava sempre a chegar à mesma conclusão – precisava de estabelecer a ligação entre a Scarlet e o Felix. E, quanto mais bêbeda ia ficando, mais disposta me sentia a marcar um número que tinha encontrado *online*, da Francesca Moroni, embora as perguntas que tivesse para lhe fazer fossem impossíveis, absurdas. Não podia propriamente dizer: «Então, o Felix era muito bruto durante o sexo? Alguma vez pensou que pudesse matá-la?» Porém, a cabeça enchia-se-me de uma imprudência turva e otimista, que me levou a servir-me de mais um copo de sidra e a ligar, apesar de tudo.

Apanhei-a num bom momento, ao que parecia. Estava sozinha e podia conversar – e eu expliquei-lhe que queria fazer-lhe perguntas acerca do Felix, que estava a tentar pôr uma pedra sobre o assunto: a expressão incomodou-me, mas prossegui, encorajada pela dicção dela, também entaramelada e com pausas para bebericar.

– Força... – disse ela. – Não vou ofender-me. A sério, sei que quando alguém morre queremos fazer todas as perguntas que desejávamos ter feito quando a pessoa estava viva. Acredite, já estive desse lado...

Assim, interroguei-a acerca da sua relação com o Felix, como se tinham conhecido e porque se tinham separado. Ela não correspondia à «coitada da Francesca» que o Lucas tinha descrito, mas antes a uma pessoa forte que tivera a coragem de se afastar quando o Felix não quisera comprometer-se.

Parecíamos estar a dar-nos bem, pelo que arrisquei uma pergunta mais penetrante:

- Ele queria que a Francesca desistisse da sua carreira?
- Aonde quer chegar? – O seu tom parecia mais severo.
- Quero saber se o Felix foi controlador consigo. De uma forma obsessiva e danosa.

Uma pausa enquanto ela bebia mais um golo da sua bebida. E depois:

- Tal como era com a Tilda? É isso que está a sugerir?
- Sim.
- Não vou falar mal do Felix, Callie.

– Por favor, Francesca. Preciso de saber se o Felix a magoava... é pela minha própria paz mental. Estou a tentar perceber se a Tilda está melhor agora que se livrou dele...

– Pare com isso... É uma falta de respeito. O Felix era exigente, sim... Mas nunca me fez mal. A nossa relação não era assim.

Ela agora estava a falar baixinho e eu não percebia se dizia a verdade ou apenas queria proteger a memória do Felix.

– Preocupa-me a ideia de ele poder andar com mais alguém, com uma pessoa chamada Charlotte... com quem tem relações sexuais violentas.

– Já chega... Isso é ridículo, devia parar de fazer esse tipo de alegações...

– Ok, peço desculpa.

Seguiu-se outra pausa na linha e eu julguei que ela se preparava para se despedir. Em vez disso, ouvi:

– É possível... talvez. Uma vez, apanhei-o a aceder a um *site* chamado encontrosilicitos.com. Mas ficou por aí. Ele nunca foi violento comigo. Nunca.

Vinte e nove de outubro – a véspera do dia em que eu deveria matar o Luke Stone – e, tarde, estava eu a ir para a cama, a Scarlet mandou-me a sua morada de Manchester, recordando-me da nossa *bela conversa naquele dia em Kenwood*. Já não havia qualquer necessidade de fingir que concordava com ela, pelo que respondi: *A nossa conversa foi asquerosa e eu não vou dar seguimento a isso*. Uns minutos depois: *Tens de dar. Foi o que acordámos. Lembra-te do que fiz por ti, a teu pedido, e devolve o favor. Não tens escolha, na verdade. Estás implicada*.

Fiquei nauseada e não respondi. Mas tinha passado uma noite má, estivera acordada a preocupar-me. Pensei que talvez devesse, afinal, ir a Manchester de manhã, ao apartamento da Scarlet. Se encontrasse o Luke inconsciente, poderia telefonar à Melody Sykes. O Luke poderia ser reanimado e a Scarlet seria acusada de o ter drogado. Mas, quanto mais pensava nisso, mais duvidosa me sentia. A Melody provavelmente suspeitaria de *mim*, dado que parecia julgar-me instável. E eu precisava de me concentrar em provar que a Scarlet tinha matado o Felix – os seus jogos doentios com o Luke não eram a minha prioridade.

De manhã, fui trabalhar, apesar de ser segunda-feira. Acho que queria apenas a companhia da Daphne. Ela andava num estado exuberante porque o Douglas ia levá-la a passar férias em Siena.

– Eu limitei-me a dizer-lhe que é um dos meus sítios preferidos... e ele encontrou um hotelzinho cheio de charme onde vamos ficar e vão pôr uma mesa à janela para eu poder escrever enquanto vejo os telhados de terracota e o sol de inverno. E vou fazer pausas para andar pelas ruas, explorar, parar em cafés e bares. Oh, que maravilha.

– Li numa revista que as primeiras férias de um casal podem decidir a relação, para o bem e para o mal – disse eu.

Não queria ser negativa, mas sofria com o contraste entre a sorte dela e a minha vida turbulenta.

– Calculo que tenhas razão.

A minha aspereza não a incomodava, ela estava perfeitamente confiante no Douglas e voltou a martelar o teclado, absorta em *As Senhoras Especialistas em Crime*.

Eu tinha o portátil em cima do balcão da caixa e digitei [encontrosilicitos.com](#) na barra de endereços, disse estar à procura de um homem e logo me apareceram centenas. Homens que publicavam fotos do Brad Pitt e do David Beckham em vez das suas, homens que publicavam fotos das suas barrigas peludas, mostrando que tinham as calças desapertadas, homens que publicavam fotos suas em espelhos de casas de banho escuras e sujas, homens nos mais diversos disfarces – de bebés, de bonecos, de cães, de carrascos, tudo e mais alguma coisa. Uma minoria considerável, porém, ocultava-se por trás da fotografia-padrão do *site*: um cavalheiro cidadão bem-parecido de casaca formal e *cocktail* na mão. Seria impossível encontrar o Felix naquele grupo, pelo que tentei passar por um homem à procura de uma mulher ilícita, e não tardei a estar a avançar por fotografias de mulheres em sutiã e cuecas de renda, meias de ligas e saltos agulha. A maioria das imagens fazia lembrar *As Cinquenta Sombras de Grey* – algemas pretas macias, chibatas de cabedal encostadas a decotes transbordantes, nádegas e coxas. Qualquer coisa mais explícita, aparentemente, só estava disponível contra o pagamento de 120 libras por mês, uma taxa que também permitia que se enviasse uma mensagem à «rapariga das tuas fantasias», tendo em vista encontrá-la em carne e osso.

Cliquei numa mulher magra que se autointitulava Pandora Prazerosa e estava deitada numa cama; pelo menos, a foto mostrava um corpo espojado, praticamente despido, de costelas salientes e pescoço atirado para trás, mas não o rosto, e por um segundo pensei que podia ser a Scarlet. Mas depois vi o que ela tinha anunciado: «42 anos, encantadora e voluptuosa, procura noites marotas com deus mestre do sexo.» Resfoleguei de riso e a Daphne lançou-me um olhar atento. Li mais, ficando a saber que a Pandora gostava mesmo de «*bondage*, s&m, todos os pedidos exóticos são considerados». Quando cliquei noutras fotos, Sexy-sexy, Betsy Beliciosa, Menina Millie (a aliteração era praticamente obrigatória), deparei-me com mulheres de gatas, de traseiros no ar, a fazerem carinhas de *oh tão querida que eu sou* para a câmara e outras que eram o oposto, dominadoras severas envergando roupas justas de vinil ou cabedal e a brandirem tantos tipos diferentes de instrumentos de tortura que me pus a pensar se daria para os comprar no

eBay. Todos os anúncios que vi cabiam no mesmo tema – mulheres a prometer aventuras sexuais que envolviam dor e dominação.

Abri o dossiê e digitei situações hipotéticas. Talvez a Scarlet tivesse ficado a saber, através de mim, que o Felix era violento na cama, e tivesse ido à procura dele no encontrosilicitos.com – que era, evidentemente, o sítio onde se ia quando se queria sexo à bruta. Isso era relativamente concebível, caso ela tivesse desembolsado a taxa de interação de 120 libras. Ou teria acontecido o oposto? Teria a Scarlet conhecido o Felix no encontrosilicitos.com há mais tempo, indo depois ao homenscontroladores.com para ver se ele aparecia lá como Predador? É claro que depressa percebi que isso não funcionaria, já que eu me referia ao Felix simplesmente como X, tornando-o anónimo. Voltei ao encontrosilicitos.com, vendo os perfis, tentando encontrar a Scarlet, e deparei-me com algumas possibilidades, mas nada que fosse verdadeiramente convincente.

*

Quando cheguei a casa do trabalho, liguei ao Wilf. Era a primeira vez que tentava contactá-lo desde que ele se tinha ido embora do nosso almoço no Albany, zangado por eu afinal me revelar louca. Ele não atendeu e a chamada foi para o atendedor, mas não deixei mensagem. Cinco minutos depois, telefonou-me.

– Olá.

– Olá.

– Estou perdoado?

– Por quê?

– Por me ter ido embora... tenho andado a querer ligar-te. Fiquei abalado pelas coisas que disseste, Callie... mas quero saber mais. Quero dizer, parece que foste arrastada para um pântano horrível por pessoas sem escrúpulos na internet e que te faria bem ter um amigo ao teu lado.

Quase me fui abaixo.

– *Foi exatamente isso que aconteceu!* Estou a ter dificuldades em perceber o que é real e o que não é.

– Ajudava se eu fosse aí, te atirasse para a cama e fizesse amor contigo?

– Acho que sim... Não há dúvida de que vale a pena tentar. – Eu estava a

sorrir... a sorrir mesmo, a sério... pela primeira vez em séculos. – Vem cá ter... estou em casa.

*

Fazer amor com o Wilf *ajudou mesmo*. Ajudou muito. Depois de tantos meses a debater-me para alcançar alguma compreensão, algum controlo sobre os acontecimentos na minha vida, foi uma libertação maravilhosa e alegre entregar-me a ele por completo. Estar totalmente boca com boca, pele com pele.

Depois, vesti a camisa dele, saboreando o seu odor terroso, a raízes, e pensei na pobre Tilda, a vestir a camisa do Felix depois de ele ter morrido. Fui até à sala, despreocupadamente em busca do meu telemóvel. Tínhamos decidido que pedir comida tailandesa – um caril verde de frango com arroz e uma cerveja – nos cairia muito bem, e eu precisava de ligar para o restaurante. Tinha o telemóvel no sofá, enfiado num espaço entre as almofadas, e deixei-me cair, com a intenção de procurar o número do restaurante. No entanto, não pude deixar de reparar que tinha recebido um novo *e-mail* da Scarlet. Queria ignorá-lo, fingir que ela não existia, mas a curiosidade era demasiada; e, de súbito, contra a minha própria vontade, voltei à onda sangrenta, a querer saber quão zangada estaria ela por eu não ter aparecido no seu apartamento, e abri o *e-mail*.

Querida Callie,

Que pena não teres podido vir a Manchester. Foi uma desilusão. Mas isso agora não tem importância, porque hoje aconteceu aqui uma tragédia terrível. O amor da minha vida, o Luke Stone, morreu de overdose. Eu há anos que sabia que ele consumia drogas, mas não desconfiava que a sua vida corresse perigo. Cheguei a casa e encontrei-o morto. Vou criar uma página para o recordar em queridosamigosdesaparecidos.com. Achei que gostarias de saber.

*Com afeto,
Scarlet*

O Wilf apareceu à porta do quarto, nu como um urso e com um sorriso desavergonhado, até reparar na minha expressão.

– Olha para isto.

Ele leu a carta da Scarlet, lentamente. Depois releu-a.

– Foda-se. Quero dizer, foda-se... Callie, tens de ir à Polícia.

Fomos para a mesma sala de antes, uma pequena cela de interrogatórios, vazia à exceção de uma mesa e quatro cadeiras.

– Então, o que a traz por cá de novo? – Tinha um tom arrasado. Parecia ter dormido com a roupa que trazia vestida, um casaco bege amarrotado por cima de uma *t-shirt* amarela com uma nódoa cor de café. – Não lhe disse para fazer uma pausa no seu trabalho de detetive amadora? – E suspirou bem alto, como que para sublinhar a frase.

– Aconteceu uma coisa terrível. Lembra-se de eu lhe ter contado que a Scarlet, quero dizer, a Charlotte, queria que eu matasse o namorado dela? Bem, ele morreu. O Luke Stone morreu...

A Melody arrastou a cadeira pelo chão para se aproximar e debruçou-se sobre a mesa, fitando-me com uma expressão de *é melhor que isto não seja mais uma das suas tretas, menina Farrow*.

– É melhor explicar-se – disse ela.

– Veja só. – Passei-lhe uma impressão do *e-mail* da Scarlet. – Quando ela diz: «Que pena não teres podido vir a Manchester», quer dizer que lamenta que eu não tenha ido matar o Luke. Ela tinha-me dado diamorfina e seringas e disse-me que fosse lá e o injetasse... não o fiz, por isso ela mesma o fez. Veja.

Ela leu o *e-mail*, releu-o e o seu tom mudou. Era como se tivesse acordado.

– Gostaria de chamar um colega. Acho que deveríamos ser dois a ouvir isto.

Saiu da sala por instantes e voltou com um jovem de cabelo lasso e escorrido.

– Apresento-vos o detetive Ramesh Sharma. Se não se importa, vou pedir-lhe que se junte a nós e tome notas. Também vamos gravar a nossa conversa.

– Isso agradar-me-ia.

Endireitei-me, como se fosse o meu primeiro dia de trabalho e eu quisesse

causar boa impressão.

– Muito bem. Então voltemos ao início... Diz que a Charlotte... não sabe o apelido dela? Bom, essa Charlotte queria que assassinasse o namorado dela?

Era tão complicado. Ao mesmo tempo, eu tinha de lhe explicar o que acontecera ao Felix – e falei disso tão bem quanto pude. Ao contrário da ocasião anterior, mostrei-lhe as fotografias do quarto do Felix no Ashley House Hotel.

– Está a ver como é esquisito? Tudo parece de alguma forma *arranjado*, tão primoroso e arrumado, e veja que ele não tocou em nada da bandeja de boas-vindas... mas constataram que ele tinha comido passas nessa manhã, o que condiz com o que a Charlotte me contou. É evidente que ela esteve lá, não acha? E como é que ela conseguiu ir ao quarto dele, com pequeno-almoço? Ele não tinha pedido pequeno-almoço. E ela deve ter passado algum tempo lá, para conseguir injetá-lo... Não é óbvio que ele só pode tê-la reconhecido? Descobri que o Felix ia a um *site* chamado encontrosilicitos.com, que é para pessoas que gostam de sadomasoquismo. A Charlotte gosta de sexo violento, isso eu sei. E o Felix também. Será possível que ela o tenha procurado nesse *site*? Que o tenha conhecido por aí? Não vale a pena investigar?

Ela deixou-me falar, e foi uma sensação maravilhosa de libertação passar a minha investigação a uma profissional. Finalmente! Quando me fazia perguntas, era para determinar factos específicos: Como se chamava a rececionista do hotel que tinha tirado as fotos? Teria eu mais comunicações via *e-mail* com a Charlotte? Poderia dar-lhe o endereço da Charlotte?

Felizmente, não me interrogou quanto à minha própria cumplicidade e, quando cheguei ao final do meu relato, ela disse:

– Pronto, Callie. Por agora chega. Vamos tratar de tudo para que entregue as seringas e a diamorfina que a Charlotte lhe deu na esquadra de polícia da sua área de residência.

Enquanto ela falava, senti que as entranhas se me consumiam, como se parasitas estivessem a penetrar-me os intestinos.

– Lamento... deitei isso fora... foi uma estupidez da minha parte...

O olhar que a Melody e o Ramesh trocaram disse-me tudo. A parva da testemunha tinha mandado fora as provas. Ou, pior, era, afinal, uma mentirosa, fantasiosa. A Melody pareceu esvaziar-se nas roupas amarrotadas e manchadas.

– Temos os seus contactos e pode esperar notícias minhas dentro de alguns dias... – A sua irritação voltara, indisfarçada. – Entretanto, suspenda a sua própria investigação. Tem uma imaginação muito fértil... controle-a e será mais provável que cheguemos à verdade.

– Obrigada... Obrigada. Vão ver a Charlotte hoje? Trazê-la até cá para a interrogar?

– Não posso discutir essas questões. Mas acredite que encaramos as suas alegações com seriedade e que as investigaremos a fundo.

O seu cansaço tinha regressado.

– Fico grata.

E estava. Apesar da minha estupidez, parecia possível que a Melody Sykes fosse assumir o controlo. Que eu tivesse descartado um grande fardo.

A Daphne disse:

– Estás com melhor aspeto, Callie. Tens andado com um ar arrasado, mas algo mudou...

– Estou a recompor-me. Depois da morte do Felix...

– Ainda bem. Sabes que mais, avancei tanto no *As Senhoras Especialistas* que vou imprimir o manuscrito e dar-to para que o leias. Gostaria de ter a tua opinião...

Senti-me lisonjeada e passei a maior parte da manhã a ler e a desfrutar do seu romance. Gostei das suas detetives privadas, Maisie Fothergill e Hermione Swift, e das traições discretas do círculo de amigos delas. Havia também grandes casas de campo, comboios a vapor e chá a meio da tarde; o tempo passou depressa até que, mesmo antes da hora de almoço, a Tilda apareceu na livraria. Não me tinha avisado de que viria visitar-me e fiquei surpreendida com o seu ar diferente. Parecia mais energizada do que ultimamente. Tinha os olhos a brilhar de uma forma bastante artificial. As roupas eram melhores – nem o grande casaco de fazenda, nem o chapéu. Apenas calças de ganga de marca (XXOX, Paraíso no Parque?) e um casaco que lhe assentava como uma luva e parecia caro.

– Oh... fiquei muito triste ao saber do Felix. Os meus pêsames – disse a Daphne.

A Tilda foi cordial, mas respondeu a falar demasiado depressa:

– Obrigada. É muito atencioso da sua parte. Só estivemos casados umas semanas... ainda estou a habituar-me.

– Com certeza.

– Gostaria de saber se a Callie pode sair comigo durante uma meia hora ou assim...

– Sim, sim... não estamos ocupadas... não há qualquer problema.

Voltámos ao Albany – apenas para café (ela) e chocolate quente (eu) porque eram onze da manhã, não horas de almoçar. Eu estava a preparar-me para pôr tudo em pratos limpos, confessar que lhe tinha roubado a *pen* e que

lera a carta que ela me tinha escrito. Não sabia exatamente até onde iria – falar-lhe da Scarlet e dos meus medos quanto ao facto de o Felix poder ter sido assassinado parecia demasiado naquela fase, estando a sua mágoa tão à flor da pele... beberiquei o meu chocolate quente e ia lançar-me no meu discurso quando ela se antecipou.

– Callie, tenho andado a tomar decisões... tenho estado tão em baixo, a chorar sem parar, até tenho pensado em tomar uma *overdose* e matar-me...

Ela estava a fazer um esforço tremendo por dizer as palavras depressa, falando com uma urgência superficial e ofegante, sempre a delinear formas na mesa com um dedo.

– Sinto tanto a falta dele...

Ela estava curvada e fitava-me com um olhar intenso.

– E tem sido tão pior quando estou no apartamento da Curzon Street. Ele transformou-o no *seu* espaço... ao escolher tudo, das cores das paredes e do chão aos quadros, a cama, até a loiça e os talheres. Ando por lá e vejo-o em todo o lado... a cozinhar aquelas malditas lulas na cozinha, a ver filmes connosco, deitado na cama, e mal consigo respirar... o fantasma dele está impregnado na casa. E a sua presença não me consola... como aquelas pessoas que deixam os quartos de familiares falecidos tal como estavam quando eles morreram, como um templo. Esta merda atormenta-me... Tudo o que me diz que ele *esteve ali* também me diz que se foi. Para sempre.

Tentou endireitar-se, mas não conseguiu.

– De qualquer maneira, Callie, o que se passa é o seguinte: decidi sair de Inglaterra. Vou para Los Angeles, a ver se consigo ter saída em filmes de lá. Falei com um agente americano que diz que tenho boas possibilidades, por causa dos guiões que já me enviam graças ao *Rebeca*, e o meu papel no *Inveja* também deve ajudar. Lembras-te de que te falei disso? É aquele que me fez lembrar o *Jovem Procura Companheira*. E este agente americano diz que também consegue ajudar-me a encontrar um bom sítio onde morar em Los Angeles!

Ela parecia embriagada e maníaca em simultâneo.

– É a melhor forma de eu seguir em frente... Preciso de seguir em frente. Não de esquecer o Felix, claro. Mas honrá-lo, fazendo um bom trabalho. *Honrá-lo* mesmo. Papéis exigentes em bons filmes... o género de coisa que o teria deixado orgulhoso de mim.

Fiquei tão surpreendida que sentia o cérebro dormente. Por fim, lá

consegui:

– Não percebo... quanto tempo vais estar fora?

– Oh, o tempo que for necessário!

Falou de uma forma que sugeria uma longa incursão no futuro distante. Os meus pensamentos cambaleavam rumo a coisas práticas; obstáculos.

– Não precisas de um visto?

– Não é preciso... o Felix era americano. E eu sou a mulher dele. Seja como for... com a representação é fácil, quando nos oferecem um bom papel. É internacional.

– Então e dinheiro?

– Posso vender o apartamento da Curzon Street, se for preciso. Mas, a curto prazo, podes mudar-te para lá. É muito melhor do que onde moras.

– Queres dizer que te vais embora em breve?

– Sim... não aguento ficar aqui muito mais tempo... Como te digo, está a dar cabo de mim, estar sozinha naquele apartamento.

– Mas vai parecer tão mal. Ele morre e tu vais-te embora.

– Caramba. Que me importam as aparências? Quero lá saber! Estou a ir-me abaixo... e preciso de me salvar.

O seu desespero já era óbvio. Ainda assim, disse-lhe:

– Tilda... por favor, não vás. Vou sentir tanto a tua falta.

Ela levantou-se e contornou a mesa, dando-me o abraço mais profundo e caloroso que eu alguma vez tinha recebido dela. Tive noção da enormidade da sua decisão. Ela queria desvincular-se de tudo, de Inglaterra, da Curzon Street e de mim. Por dentro, eu estava a gritar: *isto não pode acontecer!*

– Eu sei que vais sentir a minha falta, maninha. Mas eu vou dando notícias. E virei a casa de vez em quando... Então... piu piu.

– Posso ir visitar-te?

– Talvez... talvez, sim. – Mais parecia um «não». – Parto para a semana. Peço uma chave sobressalente à Eva e podes mudar-te para lá.

Não lhe disse que já tinha essa chave. Limitei-me a ficar sentada e em silêncio, em choque, a tentar compreender.

A Tilda foi para Los Angeles e eu mudei-me para o apartamento da Curzon Street. Antes sequer de desfazer as malas, fui ao armário da roupa de cama e comecei a tatear, em busca da minha dose. A *pen* estava no seu lugar – o canto da última fronha da pilha. Por isso, tirei-a de lá, liguei-a ao portátil e fui logo recompensada.

Sim, Callie, eu sei que estás a ler isto. Sei que remexes nas minhas coisas, que procuras pedaços meus para comer, que procuras pistas acerca da minha vida; e nunca te escapa o meu esconderijo favorito. Achas que me conheces, que me vês por dentro – mas eu conheço-te melhor!

Tenho uma última mensagem para ti, maninha – deixa o assunto ficar por aqui; põe termo à tua intromissão constante. Tu achas que há um mistério qualquer por resolver na minha vida, mas não há; eu sou apenas uma mulher que perdeu o marido – uma viúva chorosa. Permite-me isso. O Felix era um maníaco do controlo, carismático e com defeitos, que morreu tragicamente por causa de um problema cardíaco fortuito, cruel e idiota. Sim, era perigoso; sim, manipulava-me emocionalmente – agora que morreu, percebo isso –, e era possível que tivesse sido eu a morrer primeiro. Mas tudo isso acabou e eu preciso de seguir com a minha vida.

Tenta apoiar as minhas decisões. Vou começar uma vida nova e novos papéis – o meu agente americano está entusiasmado com as perspetivas que tenho em Los Angeles... Vou conseguir entregar-me ao trabalho e talvez alcançar algum verdadeiro sucesso. Será um alívio tão grande, depois do trauma da morte do Felix. Espero conseguir também dedicar bastante tempo a fazer rigorosamente nada; a descontraír numa moradia nas colinas de Hollywood, a recuperar o sono perdido, a nadar na minha piscina, talvez até experimente meditar!

Quanto a ti, Callie, cuida da tua própria vida agora, pensa nas tuas próprias ambições. Vá... tenta animar um pouco a vida! Tu és capaz! E a minha oferta mantém-se – se precisares de terapia, eu pago; e podes ficar no apartamento da Curzon Street durante o tempo que quiseres – não me importo de suportar os custos. Posso dar-me a esse luxo, já que vou receber o dinheiro do Felix. Ele era demasiado novo para ter obtido os milhões que desejava, mas há que chegar – para nós as duas.

Assim, apercebe-te de que as nossas antigas vidas terminaram – e de que o futuro começou.

Bjs,
Tilda

Enquanto pensava na sua carta, fui vagueando pelo apartamento em busca de algo dela que pudesse comer. Quanto a isso ela tinha razão, pelo menos. Procurei na casa de banho, esperando que ela tivesse deixado alguma coisa

– uma escova de dentes que eu pudesse chupar, ou um batom a que eu pudesse tirar uma lasca. Mas não havia nada. Para além de algumas peças de roupa descartadas, ela limpou o espaço e restava pouco que lhe dissesse respeito – tudo era Felix, Felix, Felix.

Deitei-me na cama dela, a reler a carta e a maravilhar-me com a mudança de tom. A Tilda angustiada tinha desaparecido – ela agora estava a ir ao fundo de si mesma, a tentar ser otimista, a imaginar um futuro novo, e eu devia ter-me sentido feliz por ela. Mas não sentia. Era demasiado cedo. Eu sabia que, na verdade, ela ainda se encontrava nas primeiras etapas da dor, que as suas emoções verdadeiras seriam uma mescla de sofrimento e zanga. A força animada das palavras finais da sua carta só poderia explicar-se se fosse de uma falsidade comovente, e ocorreu-me que, se ela era capaz de fazer um esforço tão admirável e incrível por sobreviver, então eu também devia ser forte. Não devia ceder ou desistir, por mais cansada ou derrotada que me sentisse, e abri o dossiê de novo, descendo pelo texto e parando num lugar aleatório, para ler palavras escritas no início do verão, concentrando-me nas minhas observações acerca da aparência da Tilda, o rosto consumido, os olhos nervosos, o ar descuidado. Depois li uma nota que tinha esquecido por completo: *Será que a Felicity Shore tem noção de que algo se passa? Terá mais informações?* Parecia ter sido há tanto tempo – aquele dia em que eu tinha revistado o apartamento da Curzon Street em busca de pistas e ouvira a mensagem no gravador, da agente da Tilda a implorar-lhe: «Vamos almoçar ou algo assim e vamos rever as suas opções.» E pensei: mais um esforço – pelo bem da Tilda, vou visitar a Felicity Shore.

*

Por acaso, disse ela, podia dispensar-me uns minutos à tarde. Por isso, atravessei a cidade até ao seu gabinete, que ficava no Soho.

– Olá, Callie.

Estendeu-me a mão, com modos calorosos e a palma rechonchuda ligeiramente húmida. Era uma senhora grande, vestida com roupas de senhora grande, uma camisola roxa de mangas de morcego por cima de uma saia comprida de malha verde. E estava profusamente decorada – um colar de prata com pendentes a baloiçar, vagamente africano, pulseiras grossas de

prata, uns óculos azuis enormes.

O seu gabinete estava apinhado de coisas – por todo o lado havia fotografias dos seus clientes, retratos e outras que os mostravam a atuar em peças e filmes; sentei-me na cadeira confortável que ela me ofereceu, ligeiramente distraída pelo cheiro a tabaco e pelas fotos, e também a pensar como haveria de me explicar, como haveria de começar a conversa. Tinha a mente em branco, mas ela depois disse:

– Tenho andado a tentar apanhar a Tilda, mas ela não me atende nem me telefona. Por isso imagino que ande a evitar lidar comigo diretamente... enviou-a como representante?

– Sim, é verdade – menti. – Sabe que ela foi para Los Angeles?

– O quê? Não, não sabia disso. De todo.

Bateu com o punho na mesa, não com força, mas isso bastou para que as pulseiras e braceletes ressoassem ao descerem-lhe pelo braço.

– Oh. – O meu embaraço era óbvio. – Ela acabou de ir embora... só há uns dias.

Ela inclinou-se para a frente, pousando os grandes seios no tampo desarrumado da secretária.

– Estou a ver. Bem, é o que ela sempre quis, não é? Singrar na América? Mas ela sabe qual é a minha opinião: precisa de resolver as coisas aqui primeiro... Sabe que ela alienou algumas pessoas no *Rebeca*? Comportar-se como uma diva quando se está apenas a começar... não é uma jogada inteligente. Isso fez com que fosse mais difícil conseguir papéis.

– Mas tem o da *Inveja* em preparação?

A Felicity riu-se com um ar desdenhoso.

– A sério... isso pode estar muito bem, mas o filme tem um orçamento baixo e o Robert Galloway é um realizador inexperiente. Não vai ajudar... Mas ela não dá ouvidos aos conselhos, ultimamente...

Apesar de estar sentada, a agente parecia sem fôlego.

– Mas ao Felix *dava*...

– A que se refere?

– Ao facto de ele ser exigente com ela. Dizia-lhe que não aceitasse papéis de segunda...

O braço das pulseiras tornou a mexer-se, com efeitos de som de percussão, quando ela pousou o cotovelo na mesa e levou os dedos ao queixo.

– Ai, sim? – espantou-se. – Não me deu essa impressão, quando veio ver-me. Papéis de segunda, como os descreve, eram tudo o que lhe ofereciam, e não com grande frequência. Quando muito, ela parecia ávida por aceitá-los.

Apesar de só me encontrar no seu gabinete havia cinco minutos, pressenti que ela não gostava da Tilda. Para além disso, tinha-me dado a informação que eu pretendia, pelo que já podia ir-me embora. Num tom profissional, disse-lhe:

– Bem, obrigada, Felicity. A Tilda queria que eu a informasse de que vai passar algum tempo fora, mas que voltará daqui a oito semanas para a rodagem de *Inveja* e que nessa altura lhe telefonará.

Enquanto saía, lancei um olhar em redor, observando o gabinete caótico: livros empilhados em cadeiras, cartazes dos seus clientes mal pendurados e colados nas paredes, uma manta sobre um armário. Depois reparei numa fotografia apoiada numa estante – era da Tilda e de uma data de outros atores, dos tempos de estudante. Estudei-a, a Tilda com os braços à volta dos dois melhores amigos da Escola Central de Discurso e Artes Dramáticas, com um ar descontraído e alegre. Os três pareciam tão animados e otimistas – jovens prestes a partir e deixar a sua marca no mundo.

Apressei-me a voltar à Curzon Street e, no dossiê, escrevi: *A Tilda não foi honesta comigo quanto à sua carreira. Não tem andado a correr bem – ela portou-se mal no Rebeca e o único papel que conseguiu desde então – o de Helen, em Inveja – é num filme de baixo orçamento com um realizador desconhecido. Foi para Los Angeles ao arrepio dos conselhos da agente, a Felicity Shore. Parece uma jogada desesperada e receio que ela se encontre numa das suas depressões, a caminho de um esgotamento.*

Eram dez da manhã de um sábado e eu estava na Curzon Street, deitada na cama com o Wilf, com as pernas sobre as dele, ambos a fitarmos o teto e, nesse momento, eu não estava a pensar na Tilda; estava no mundo do Wilf, a sentir-me segura, como num casulo.

– Adoro ajudar-te no jardim – disse-lhe. – Acho que é porque me faz parar de pensar. Na livraria passo o dia a pensar e é assim que fico tão obcecada e paranoica... mas no jardim a minha cabeça desliga-se, é maravilhoso; consigo apreciar a sensação das coisas... sem os meus malditos pensamentos a intervirem e estragarem tudo. Sou capaz de *sentir* apenas. O ar fresco e a terra macia, a vida animal, as minhocas e os pássaros. Aparece sempre um rouxinol quando se começa a cavar... já reparei nisso.

– Fico contente por tu *perceberes* – disse o Wilf. Com um dedo, ia-me seguindo os contornos da cintura, da barriga e das ancas.

– Oh, percebo. Sem dúvida. – Rebolei para cima dele e ele abraçou-me, com o dedo a delinear-me então as curvas das omoplatas e das costas.

– Sabes – contei-lhe –, quando era pequena, na festa do meu sétimo aniversário, fomos para o campo em Kent e eu estava a correr por uma colina muito comprida e caí mesmo em cima de um arbusto. Fiquei ali presa, enfiei a mão na terra e encontrei o crânio de um animal. A minha mãe disse que devia ser de um cordeiro; Aquilo deixou-me tão comovida que chorei.

– Era tudo ao mesmo tempo, nascimento e morte, e tiveste vontade de proteger uma vida que não durou... e uma mãe que perdeu o seu bebé.

Isso fez-me dar-lhe um beijo na face com barba a crescer e então, do outro lado do quarto, o meu telemóvel começou a tocar. Pus uma manta à volta do corpo e bamboleei-me até lá para atender. Era a Melody Sykes, a trabalhar ao fim de semana.

– Callie, espero que a altura seja conveniente... queria atualizá-la acerca da nossa investigação. Falámos com a Charlotte Watts e com amigos e

familiares do Luke Stone e chegámos à conclusão de que não há motivos para investigar mais. A autópsia confirma uma *overdose* e o historial de toxicodependência do falecido sugere que tenha sido autoadministrada.

Virei as costas para a parede e encostei-me a ela para ter apoio.

– Mas se viu os *e-mails* que eu e a Charlotte trocámos... Como pode não compreender o que significam?

– Reconheço que a Callie *julgou* encontrar-se nalguma espécie de conspiração assassina. Mas tenho de olhar para as provas, não para as fantasias que a Callie e a Charlotte tenham sonhado.

Ela desligou e eu transmiti a mensagem ao Wilf, que se sentou na cama e soltou um suspiro longo e gutural.

– Bom, isso é uma excelente notícia! Não podia ser melhor. Agora podes esquecer a maldita Scarlet e os seus jogos mentais venenosos e eu posso reaver-te... por completo.

– A sério? Achas mesmo que acabou tudo? – Saiu-me com sarcasmo; mas depois também suspirei... desejando poder concordar. – Agora sei o nome verdadeiro dela – disse-lhe. – Charlotte Watts.

O Wilf saiu da cama e foi para a casa de banho barbear-se. Ficou diante do lavatório, com a água a correr, e eu pus-me atrás dele, de braços à volta da sua cintura, espreitando para nos examinar ao espelho, para ver como ficávamos juntos, se fazíamos um bom par. E fazíamos, ele tinha o cabelo ruivo despenteado, os olhos cansados e raiados de sangue por causa do sexo. E eu também estava desgrenhada – cabelo revoltado, rosto corado, um robe velho da Tilda com o cinto mal apertado. Reparei num *cocktail* de odores, uma mescla do seu cheiro e do meu, de corpos, e senti-me feliz. Olhei em volta; a casa de banho estava cheia de toalhas usadas, pasta de dentes aberta, produtos de maquilhagem – rímel, batons, as roupas sujas do Wilf no chão. Os dias minimalistas do apartamento tinham chegado ao fim.

– Vamos sair daqui e arranjar um café decente no Copernicus – disse ele.

– Ok. – Eu já estava a beber café.

Sentámo-nos a uma mesa à janela, a que eu tinha escolhido no início do verão quando andava a espiar a Tilda. (Já podia admiti-lo... *era* espiar. Eu tinha sido *a pequena perseguidora*.) O Wilf foi tentando manter uma conversa positiva.

– Vem comigo ao jardim da Bishop's Avenue... vais ver o progresso. Já há coisas plantadas... camélias, hidrângeas e árvores de fruto; e na segunda-

feira pagam-me. Isso vai ser o bastante para eu comprar um veículo novo, com o meu nome na lateral! Vou chamar-me *Wilf Baker Gardens*... não é lá muito criativo, eu sei. O que achas?

– Adoro. Adoro o teu nome.

Apoiei a cabeça na mão, fitando-o com tristeza, querendo ser a pessoa que ele queria que eu fosse.

– O que foi?

– Estou a pensar que vais sair-te espetacularmente bem nisto, nos jardins e nos negócios e tudo... e eu *vou* apoiar-te tanto quanto possa...

– Mas...?

– Wilf, não posso desistir da minha investigação da Scarlet, da morte do Felix... Sei que estou quase a resolver o mistério...

Ele abanou a cabeça.

– Não me parece, Callie. Acho que estás tão longe como sempre... E, seja como for, estás tão preocupada com a Tilda, por ela estar tão inacessível, sozinha e mentalmente instável... O que achas que lhe faria alegares, com fracos indícios, que o Felix foi assassinado? Isso seria devastador...

A forma como ele falava, firme mas não desprovida de amabilidade, fez-me abater na cadeira, como alguém que tivesse sido atingido; obrigou-me a duvidar do meu próprio julgamento. Estaria tão segura de mim própria que me sentisse preparada para correr o risco de perder o Wilf? Fitámo-nos um ao outro, cada um a avaliar silenciosamente a força das suas convicções, ambos a desejar eliminar o abismo entre nós.

– Ok – acabei por dizer. – Não posso prometer nada... mas vou tentar dar um passo atrás durante algum tempo, só até conseguir ver as coisas com mais clareza.

Estou a esforçar-me, tanto, por ser uma boa namorada. Todos os dias tento concentrar-me no futuro e na minha relação com o Wilf, em vez de me obcecar com a Tilda, o Felix, a Scarlet e o Luke. Até apresentei a demissão na Saskatchewan Books e vou ser gerente da Wilf Baker Gardens. De qualquer maneira, estava na altura de avançar e vai ser entusiasmante tentar tornar o negócio um êxito. Para além disso, psicologicamente, vai ser bom para mim *fazer* em vez de *observar*. «Não quero parecer demasiado ‘New Age’», disse ao Wilf, «mas quero estar ligada à terra».

Ontem, a Daphne deu-me um presente de despedida, uma litografia do ilustrador Edward Ardizzone, de pessoas satisfeitas a folhearem livros numa livraria.

– Espero que tenhas sido feliz aqui – disse ela.

– Fui *tão* feliz aqui! Adoro os livros, adoro os clientes e adoro-te a ti.

Demos um abraço longo e desajeitado e prometemos que nos manteríamos em contacto.

– Sempre que precisar de um livro, vou voltar – disse-lhe.

Ela arqueou uma sobrancelha, a assinalar que estava prestes a fazer uma declaração, e depois, numa voz menineira, disse:

– Vou dar o teu lugar ao Douglas... ele vai reformar-se da empresa farmacêutica.

Ri-me.

– Isso é mesmo típico de casalinho!

– Vai ser diferente, isso é certo. Só vou ter a loja aberta três dias por semana, depois vamos estar na casa dele em Somerset nos outros quatro... Sempre quis isso... um homem amável com uma casa no campo. Muito à Jane Austen, eu sei.

Fico tão satisfeita pela Daphne que me sinto pouco à vontade. O seu final (e começo) feliz com o Douglas é tão simples e perfeito, ao contrário da minha situação com o Wilf. Como digo, estou a esforçar-me por que as nossas vidas sejam harmoniosas – mas a verdade é que nem sempre o

consigo. Por vezes volto à internet e à pesquisa.

*

No apartamento da Curzon Street, eu e o Wilf estamos a jantar em frente ao televisor. A ideia era assistirmos ao *Antiques Road Show*, dando palpites acerca do valor de bugigangas, quadros e móveis velhos. Mas eu não estou realmente a concentrar-me no conteúdo dos sôtãos de outras pessoas; tenho a cabeça noutra coisa e, preparando-me para a reação do Wilf, anuncio:

– Amanhã vou a Manchester.

– Oh?

– Vi na internet que um grupo de amigos do Luke Stone vai reunir-se num *pub* para o recordar e beber um copo. A entrada é livre...

Pouso o prato e deito-me com a cabeça no colo do Wilf, mas ele obriga-me a endireitar de novo, agarrando-me os ombros com as suas mãos nodosas de jardineiro, fazendo «grrr» como o urso que é.

– A sério? Queres mesmo agitar as águas? De certeza que é melhor deixar que descanse em paz...

– Não me parece que ele esteja a descansar em paz... Tu sabes disso...

– Mas devias esquecer o assunto... Ganhar alguma perspetiva...

Apesar de detetar a zanga na sua voz, apercebo-me do quanto gosto do seu tom honesto, da ausência de retaliação.

– Eu sei... eu sei. Mas, Wilf, e se for só esta viagem? É capaz de me ajudar a pôr uma pedra sobre o assunto, até.

– *Uma pedra sobre o assunto!*

Ele pega nos nossos pratos sujos e leva-os para a área da cozinha, deita os restos para o caixote de lixo e põe-se ao lava-loiça a lavá-los de uma forma horrível.

– Por favor – digo-lhe. – Apoia-me...

– Não posso. Sabes o que eu acho: que foste arrastada para um mundo sombrio por pessoas venenosas. Precisas de te manter afastada de tudo isso.

– A Belle não era venenosa... Longe disso.

De manhã, eu tinha lido no *site* da BBC que o Joe Mayhew se declarara culpado de homicídio involuntário, alegando responsabilidade diminuída, e que fora condenado a dezanove anos de prisão. Ao lado da notícia estava uma fotografia da Belle, com o seu meio sorriso e a cabeça ligeiramente de

lado, com um ar tão bonito, tão animado.

– Se tens de ir, vai. Não posso impedir-te – diz o Wilf com frieza.

*

O comboio para Manchester está apinhado e atrasado e eu vou stressada ao sair apressadamente da estação, esperando não ter perdido o evento e, com a urgência, viro onde não devo, perco-me e desperdiço outros dez minutos. Quando, por fim, encontro o bar The Green Man, já temo o pior, estou certa de que já terão todos ido embora. Mas depois vejo, a um canto, em pequenos bancos perto de uma lareira acesa, os colegas do Luke, a Lulu e o Sanjeev, juntamente com outros três jovens, que se apresentam como Alistair, Poppy e Jill. Duas garrafas de vinho estão abertas em cima de uma mesa, juntamente com copos usados, sinais de um grupo maior que terá estado aqui antes, o que me leva a pensar se a Scarlet seria uma dessas pessoas.

Digo que vi o aviso *online* e que vim de Londres.

– Isso foi simpático da tua parte... Ainda estamos em choque – diz a Lulu, mirando-me de alto a baixo. – Suponho que tu também estejas...

Cruza as pernas, que estão nuns *collants* de rede gastos mas sensuais, e segura o copo de vinho com uma mão envolta numa luva sem dedos; tem as unhas pintadas de preto e lascadas.

– Não fazia ideia de que ele fosse drogado – digo. – Vocês sabiam? Era óbvio no trabalho?

– Ele às vezes ficava com um aspeto medonho. Emagreceu tanto, e às vezes a pele dele estava quase cinzenta, e os olhos tão cansados... Eu perguntava-lhe: «Mais uma noite complicada?» E ele ria-se, como se não tivesse importância, e dizia: «Sabes como é a Charlotte, não me deixa pregar olho...»

– Ela veio, hoje? A Charlotte, quero dizer...

– Não... – O seu tom parece reprovador. Ela dá um trago no vinho e lança um olhar desdenhoso com os seus olhos com risco preto.

– Que pena... gostava de lhe dar os meus pêsames. Sabes se ela está no apartamento?

– Na verdade, acho que nem sequer está em Manchester. Anda a comportar-se de uma maneira muito estranha. É uma anormal, porra. – A

Lulu e o Sanjeev entreolham-se e ela continua: – Soubemos da morte do Luke pela Charlotte; ela apareceu no escritório para nos dizer. Acho que foi do choque... mas parecia maníaca, a descrever tudo no mais ínfimo pormenor... que o tinha encontrado deitado de barriga para cima na cama, com o braço caído de lado e uma agulha espetada na pele... Foi grotesco. Estava excitada com o drama.

Então a posição do Luke na cama era idêntica à do Felix. Fazia uma espécie de sentido doentio.

– O que te leva a pensar que ela não está em Manchester?

A Lulu cruza as pernas ao contrário.

– Bem, ela não veio ao funeral, e o apartamento está para arrendar. Por isso, calculamos que se tenha ido embora... Conhece-la bem?

– Não muito bem.

– O que se passa, Callie, é que ela não é popular por estas bandas. Não podemos deixar de pensar que foi uma má influência para o Luke... Antes de a ter conhecido, ele estava bem.

– Quanto tempo é que eles estiveram juntos?

– Três anos. E, durante esse tempo, ele mudou tanto. Deves ter reparado! Tornou-se dado a mudanças de humor, andava deprimido e fisicamente exausto, como se tivesse o cérebro consumido pelo *crack*...

Ela inclina-se para a frente, de queixo espetado e a afastar madeixas desalinhadas de cabelo ruivo – uma atitude que sugere que lhe ocorreu, só agora, questionar quem sou.

– Há quanto tempo conhecias o Luke?

– Oh, não muito. – Isso, pelo menos, é sincero. Mas depois acrescento: – Conhecemo-nos nos Narcóticos Anónimos – digo-o e apercebo-me logo de que isso é um erro.

– Pensava que tinhas dito que não sabias que ele era drogado?

Agora o Sanjeev inclina-se para ouvir a minha resposta.

– Oh, queria dizer que não sabia que ele tinha tido uma recaída...

– Bem, se és uma toxicodependente em recuperação, sabes como é importante teres pessoas positivas à tua volta. E a Charlotte nunca foi uma delas... – diz o Sanjeev, parecendo irritado.

– Ela ou o Luke alguma vez mencionaram alguém chamado Felix?

– Acho que não... porquê?

– Oh, por nada... estava só a pensar se o Luke conheceria o meu amigo

Felix...

– Bem, esse nome não é comum – diz a Lulu num tom inexpressivo. – E concordo com o Sanjeev. Acho que o Luke nunca o mencionou.

– Às vezes penso que a Charlotte é capaz de ter tido um caso com o Felix... não que o Luke me tenha dito isso, mas é um pressentimento que me incomoda. – Estou a improvisar e a minha voz ganha um tom desvairado e ansioso.

– Isso é pouco provável – diz a Lulu. – A Charlotte não é desse género... de todo.

Eles trocam um olhar que eu interpreto como: *Ela só se interessava pelo Luke, infelizmente.*

– E vocês não fazem ideia de para onde terá ido?

– Não. Pode ter ido para qualquer sítio. Tanto quanto percebi, não tinha amigos. Pelo menos aqui na zona.

– E o trabalho dela? Não trabalha num salão de beleza?

– Ah, ah! Não. Às vezes trabalha como modelo. Pelo menos, era o que o Luke dizia. E está a tentar singrar como atriz... não com grande sucesso, segundo me parece. Teve uns quantos papéis em peças de teatro, em locais pequenos, e nada mais. Havia de se considerar demasiado boa para trabalhar num salão de beleza... Mas, olha, esta noite não é para falarmos da Charlotte, é para falarmos do Luke.

Os olhos da Lulu ficam vermelhos.

– Desculpem – digo. – Não queria... não era minha intenção distrair-vos. – Percebo que a Lulu estava apaixonada pelo Luke. Inclino-me para a frente e sussurro-lhe ao ouvido: – Não acho que o Luke se tenha matado.

Ela acena com a cabeça, lançando-me um olhar de esguelha. Não se dá o caso de eu estar a dizer algo que a surpreenda. É mais uma questão de estar a refletir o que ela própria pensa.

– Vou encontrar a Charlotte – digo. Estou a ser sincera. – Sei que ela anda escondida, mas eu hei de encontrá-la.

O Wilf anda a evitar-me, a trabalhar até mais tarde, a ir ao *pub* depois; enquanto eu estou a regressar ao que era, passando eternidades *online*, construindo novas teorias para o dossiê. Dou uma última oportunidade ao *encontrosamorosos.com*. Como a Francesca mo mencionou com tanta seriedade, decerto julgava que era significativo. Talvez o Felix fosse mais do que um visitante ocasional; talvez o frequentasse com regularidade.

Vou percorrendo os perfis de cem mulheres ou mais, todas as Mimis Marotas e Sónias Sádicas, e paro para inspecionar uma que se chama Madame Misteriosa da Noite. Na foto está de joelhos numa cama, de joelhos afastados, roupa interior reveladora no corpo ossudo e uma máscara preta a ocultar-lhe parcialmente o rosto, de cabedal, com olhos de gata. Observo-a. Poderia ser a Scarlet, é possível. Pago 120 libras pelo privilégio de enviar uma mensagem:

Adoro a tua foto. Mas sou novo aqui. Não sei como isto funciona.

Olá amor. É fácil. Estou aqui para te ouvir. Fala-me dos teus segredos, das tuas fantasias, e partimos daí, Roxanna bjs

Adoraria contar-te pessoalmente, Roxy.

Eu também preferiria isso. Adoro estreantes. Como te chamas?

Felix. Estás aqui há muito tempo? Conheceste muitos homens?

Digamos que tempo suficiente para saber como te excitar, lindo. Como satisfazer os teus desejos mais profundos. Dar-te o que queres.

Percebo que não é a Scarlet. Ela nunca fala de uma forma tão direta e descomprometida; e nunca chamaria «lindo» a alguém ou escreveria

«suficiente». Sigo em frente, passando por outras mulheres... sem encontrar alguma que me pareça provável ser ela. As fotografias não coincidem – na maioria, as mulheres são demasiado velhas e voluptuosas. É então que algo me ocorre e volto à Roxanna.

Tenho uma pergunta a fazer-te. Alguém daqui alguma vez quis que o injetasses?

Aqui vale tudo. Ahahahah!!! Qualquer coisa. Se quiseres, posso fazer isso.

Já te tinham pedido que fizesses isso?

Sim. Acontece. Heroína ou crack. É isso que queres, Felix?

Talvez.

Ou outra coisa? Há gente que gosta de injeções, ponto. Vitaminas ahahahahah.

Quem? Quem é que gosta?

Oh, clientes... Podemos fazer isso. Não cobro mais.

Que mais? Que mais é que fazes?

Podemos falar disso quando nos encontrarmos. Mal posso esperar por te ver ao vivo. Diz-me como és...

Não respondo... releio a nossa curta conversa e apercebo-me de que já não preciso do encontrosilicitos.com – porque, graças à Lulu e à Roxanna, tudo começa a encaixar-se. As minhas duas breves interações com elas desencadearam algo em mim. A Lulu a dizer que a Charlotte não era «desse género» – agora já sei o que queria dizer, tenho a certeza. E as experiências da Roxanna com injeções de vitaminas fazem-me lembrar de quando remexi no caixote de lixo da Tilda no início da primavera, quando tudo isto

começou, e encontrei aquela seringa. Estas revelações são o catalisador de uma nova clareza de pensamento. Uma capacidade de dar sentido, por fim, a todo o meu trabalho, a todos os meus esforços; é como se um milhão de notas musicais desconexas se tivessem alinhado e formado uma melodia reconhecível. Mas não me sinto iluminada. Pelo contrário, sinto que estou a cair num espaço sombrio e que nunca pararei.

Abro o dossiê, volto atrás, revendo todas as minhas notas desde que a Tilda conheceu o Felix. Já tenho tantas, milhares e milhares de palavras, quase cem entradas, trinta títulos identificados, caramba. Registei *tantos* pormenores – o tom severo dos *e-mails* da Scarlet, a coincidência do início das primeiras conversas que ela teve comigo e com a Belle, os pequenos olhares de esguelha que a Tilda e o Felix trocavam, a sinceridade na voz da Francesca Moroni ao dizer que o Felix nunca tinha sido violento, os comentários despropositados da Paige Mooney acerca da relação da Tilda com as Irmãs Sussurrantes e, acima de tudo, o Liam. Agora sei que o Liam é a chave do mistério.

Vejo as horas. São 22.45. Não me importa que seja tarde – agarro no casaco, corro escadas abaixo, saio de casa e vou até à estação de metro de Green Park. Na mão levo o cartão de visita que ele me deu, com a morada de casa escrita no verso.

Desço as escadas a correr, contra a corrente de gente que vem a subir, e tenho de me esquivar e desviar até chegar à plataforma; depois a carruagem está cheia de rapazes bêbedos a cantarem e a praguejarem ruidosamente, agarrados às barras do teto. Estão a dar comigo em louca, porque vou a tentar pensar no Liam e nas perguntas que preciso de fazer. As perguntas finais antes de ir para Los Angeles.

O Liam fala pelo intercomunicador com uma voz desconfiada:

– Sabes que horas são, Callie? Não podes voltar amanhã?

– Por favor, Liam. Por favor. Não vai demorar muito...

Ele deixa-me entrar para a sala de estar com uma expressão sofrida e diz firmemente:

– Cinco minutos. Nem mais um segundo.

Nem sequer me sento. Ele também não, e ficamos desajeitadamente um em frente ao outro. Ele está a usar uma *t-shirt* velha e umas calças de ginástica, e olha para os pés descalços. Eu tento convencê-lo mentalmente a olhar para mim.

– Preciso de saber – digo-lhe. – Quando tu e a Tilda se separaram e ela teve aquele esgotamento... tu és psiquiatra e compreendes o que aconteceu. Preciso de pormenores, Liam... é importante.

– Callie, tu já sabes o que eu estou prestes a dizer. Sempre o soubeste, no fundo. A Tilda é uma narcisista...

Ele fala lentamente, numa voz carregada.

Fico com os olhos marejados.

– Por favor, Liam, diz-me.

– É básico... Ela tem um ego tão frágil, tão danificado, que tem de acreditar numa identidade inventada... É por isso que sempre insistiu em ser uma estrela. Tem de ser uma pessoa excecional, ou fica atormentada, destruída. A tua irmã fará qualquer coisa, manipulará qualquer um, para manter a ideia inventada que tem de si mesma, para se salvar dessa dor. E, se falhar, bem... preferirá desaparecer. Morrer mesmo.

Então deixa-se cair no seu cadeirão cinzento e confortável, e eu sento-me também, no sofá em frente. Ele parece devastado, como se percebesse quão desesperado isto é – como mudará para sempre a natureza da ligação que me une à Tilda.

– Tens razão – digo. – Eu sei disso... talvez sempre o tenha sabido. O teu pecado foi amares a Tilda real e comum, não a rapariga com potencial de estrela. Ela nunca teria sido capaz de lidar com isso... E que a tivesses deixado pela Mary Strickland... que era tão *normal*, mas tendo o seu eu normal em tão grande conta... Percebo que isso tenha feito a Tilda colapsar... E as Irmãs Sussurrantes? Que me dizes delas?

– A sua claque... umas bajuladoras. Sempre a reforçarem-lhe a fantasia, eternamente sob o seu controlo.

– E eu?

– Tu és complicada... ela está ligada a ti como a mais ninguém. Quer-te como sua bajuladora e, se não acederes, bem, isso para ela é catastrófico. Ela não pode simplesmente rejeitar-te... como tem feito com outros que a desapontam.

– Eu sempre acedi. – Sinto-me triste, carregada de mágoa.

– É melhor não pensares nisso assim, Callie. Confiaste nela, amaste-a. És uma pessoa boa e compassiva, para além de sensível e percetiva. Quando ela estava a sofrer, tu também o sentias e querias desesperadamente eliminar-lhe o sofrimento. São estas qualidades maravilhosas que fazem de

ti uma jovem excepcional e linda... Agora, vou deitar-me – diz ele.

– Achas que a Tilda é perigosa, não achas, Liam? Adoras a minha irmã, como eu. Mas sabes a verdade.

– Está na hora de ires, Callie.

Ele levanta-se lentamente, como se não suportasse mais isto.

Estou tão exausta que nem me sinto em condições de caminhar à chuva até à estação de metro, por isso, quando um táxi preto aparece em Salusbury Road, faço-lhe sinal e deixo-me cair no assento traseiro.

– Está a ter uma boa noite? – pergunta-me o motorista.

Espreito pela janela. A chuva começou a cair em força, chuva brilhante, iluminada por candeeiros de rua, montras de lojas, faróis. Pessoas correm para se abrigar, jovens que passam os braços protetores à volta das namoradas, mulheres que vão em bicos de pés para protegerem os sapatos enquanto tentam não ser encharcadas por carros a passar. Fecho os olhos. Não faço ideia de como dormirei esta noite, mas sei o que tenho de fazer assim que amanhecer.

O Wilf está à minha espera. Faz chocolate quente, que bebemos na cama, lado a lado.

– Já percebi tudo – digo. – Sei exatamente o que a Scarlet fez e porquê. Sei como entrou no quarto do Felix, como o injetou. Demorei tanto tempo, e estou debilitada e arrasada por isso. Mas não posso deixar isto agora... tenho de levar esta história até ao fim.

Ele escuta-me, afagando-me o cabelo enquanto lhe conto aquilo em que agora acredito, aquilo que *sei*, acerca da Scarlet, e também acerca da Tilda e do Felix. E depois fazemos amor e o Wilf diz-me *a terceira coisa*, a coisa que não me disse na livraria naquele dia. Eu digo-lhe o mesmo e então dizemos como estamos gratos por nos termos encontrado um ao outro. Já são duas da manhã e, antes de tentarmos adormecer, o Wilf diz:

– Vou voltar para Kensal Rise e manter-me afastado até isto acabar. É melhor assim. – Concorde e digo-lhe que compreendo.

Não durmo. Nem por um minuto. E, quando me arrasto para fora da cama, às sete, e me visto, o Wilf continua morto para o mundo, com um braço caído ao lado da cama. Não aguento ver aquela pose nauseante e puxo-lhe o braço para cima, ao que ele funga e resmunga: «bom dia» – como se não soubesse ao certo onde está.

Dou-lhe um beijo ao de leve na testa e digo-lhe que vou sair e que o verei

de novo depois de ter resolvido tudo, depois de ter ido a Los Angeles e encontrado a Tilda. Ele agarra-me e puxa-me para a cama para me beijar como deve ser, mas não tenta manter-me ali; sabe que está na altura de me ir embora, e eu encosto a cara ao seu peito, por um breve instante, antes de pegar no portátil, na mala da abelha e no casaco. Espera-me uma manhã atribulada. Preciso de voltar ao gabinete da agente da Tilda, a Felicity Shore, e depois tenho de comprar o meu bilhete de avião.

Vou a pé até ao Soho. A chuva parou e está uma manhã clara, cheia de uma luz prateada, o género de tempo bom para fazer caminhadas, completar tarefas. Avanço rapidamente até à receção e peço ousadamente para ver a Felicity, como se tivesse hora marcada.

– Diga-lhe que é a Callie Farrow, que parto para Los Angeles amanhã e que gostaria de falar urgentemente com ela acerca da Tilda.

Cinco minutos depois, a Felicity acompanha-me até ao seu gabinete. Está outra vez com roupas de asas de morcego e montes de joalharia espalhafatosa, e apanhou o cabelo num rabo de cavalo descuidado com um lenço de seda amarrado à volta, como um turbante. O seu estilo, concluo, pretende transmitir uma nota de criatividade e afabilidade; mas a expressão no rosto dela é de pura irritação.

– Só tenho uns minutos... – diz. – Mas gostaria que transmitisse a seguinte mensagem à sua irmã... diga-lhe que entre em contacto comigo. Ainda não me respondeu aos telefonemas nem aos *e-mails*. Francamente, Callie, neste momento não tenho grande coisa para lhe oferecer. Só migalhas. Mas ela *tem* de se manter em contacto. Isso é que é ser profissional.

– Absolutamente – respondo, enquanto tento pensar nalguma conversa de circunstância apropriada antes de chegar ao verdadeiro motivo que me traz aqui. – Vou para Los Angeles amanhã e achei que era capaz de querer que lhe transmitisse alguma mensagem, foi por isso que passei por cá...

– O que é que ela diz sobre o trabalho do Reino Unido? Está disponível agora, sequer?

– Oh, sem dúvida... – Estou a improvisar. A verdade é que a Tilda também não me tem atendido as chamadas. – E ela vai voltar para o *Inveja*, claro...

– Mas estive ao telefone com os produtores, que me dizem que ela está a desistir do projeto.

Não demonstro como essa notícia me choca.

– Oh, ela ainda não se decidiu quanto a isso.

– Isso é inaceitável, Callie.

– Vou dizer-lhe. – Levanto-me, enquanto digo: – Importa-se, queria só voltar a ver esta foto... – E levanto-me, a fitá-la, com o coração a bater-me contra as costelas. – Quem é esta rapariga, que está ao lado da Tilda?

– Porque pergunta? O que é que isso tem que ver com o que quer que seja?

– Preciso de saber... Acho que a Tilda voltou a entrar em contacto com ela...

– É a Lottie Watts. Em tempos representei-a... Não sei o que foi feito dela.

Lottie, Charlotte. Charlotte, Lottie. «A rapariga dos meus sonhos.» É tudo o que preciso de saber. Vou-me embora à pressa e a Felicity Shore não se dá ao trabalho de esconder a irritação com a minha visita.

Devia ter ido diretamente para casa e comprado o bilhete de avião. Mas não o fiz. Perdi a coragem. Já sabia a verdade, mas não conseguia lidar com ela. Não era capaz de enfrentar a Scarlet e agoniava-me voltar a ver a minha irmã. Apercebi-me disso ali sentada, a fitar o *site* da British Airways e as suas fotos de praias soalheiras de Santa Monica, de piscinas de água turquesa que pertenciam a hotéis caiados. Toda aquela luminosidade me parecia uma escolha impossível.

Pelo contrário, sentia-me atolada na escuridão invernal de Londres; abri o dossiê e comecei a tomar nota de tudo. Aquela observação penetrante e profunda do Liam, a confirmação da Felicity Shore de que a Scarlet era a Lottie, dos tempos da escola de artes dramáticas da Tilda. Estava tudo explicado, todas as pontas soltas se uniam perfeitamente, tal como em *O Desconhecido do Norte-Expresso*. Demorei mais de uma hora a ponderar tudo e a escrevê-lo – e, quando terminei, transferi o dossiê para uma *pen* que depois, com a Tilda em mente, escondi no canto de uma fronha que guardei no fundo de um monte do armário da roupa de cama. E foi aí que permaneceu, mês após mês, enquanto eu me esforçava por reprimir todos os pensamentos acerca da Tilda, do Felix, da Scarlet e do Luke. Só me permitia recordar a Belle, só ela me fazia sentir melhor por dentro.

Distraía-me concentrando-me na minha nova vida com o Wilf – que se sentiu aliviado perante a minha inação e que voltou a instalar-se no apartamento da Curzon Street. Trabalhava muito como gerente da Wilf Baker Gardens, marcando novos projetos, assegurando-me de que nos pagavam a horas, verificando que o pessoal ia para o sítio certo. E, muitas vezes, à hora do almoço ia ver o Wilf a trabalhar, levava-lhe sanduíches de fiambre e um termo de chá forte e sentava-me com ele enquanto me explicava as ideias que tinha para plantar – «Um campo de árvores perenes, blocos de cor, a ideia é essa, com caminhos de gravilha.» Ou: «Rosas brancas e framboesiras – pureza e sangue –, era o que os católicos plantavam há séculos.» Por vezes dava-lhe uma mãozinha, orientada por

ele, e cavava e plantava, como no nosso primeiro encontro a sério, pensando nos tempos de quando tinha sete anos e corria sob o céu azul contra o arbusto e a terra, onde estava o crânio.

No Ano Novo, o Wilf deixou crescer uma grande barba ruiva; eu tornei-me melhor cozinheira; ambos resolvemos sair mais de Londres, fazendo planos para ir visitar a minha mãe a Gales na primavera e depois viajar até à Cornualha para fazer *surf*. Para além disso, saímos do apartamento da Curzon Street. Todas as despesas tinham sido pagas pela Tilda, por débito direto, e durante algum tempo sentimo-nos agradecidos por podermos viver num sítio tão central, diria até glamoroso, a custo zero. Mas eu sempre me senti menos confortável ali do que o Wilf, a ver o Felix por todo o lado – na escolha de mobília, de loiças, até das torneiras da casa de banho. E os meus sentimentos acerca do Felix tinham-se tornado horrivelmente dolorosos. Já sabia que ele, afinal, não era monstro algum. Só gostava de ordem em tudo, era um maníaco do controlo absolutamente vulgar. No apartamento da Curzon Street era difícil afastar tais pensamentos, mas não podíamos voltar para o meu apartamento, que tinha sido arrendado a outra pessoa, pelo que fiquei satisfeita quando, em janeiro, eu e o Wilf vimos um T1 no primeiro andar em Willesden Green. A cozinha era minúscula, e o quarto ficava completamente preenchido pela cama – mas a sala era de tamanho decente, com uma varanda e vista para um jardim. Na varanda, dava para ouvir o som dos comboios.

O Wilf demitiu-se da Willesden Estates para poder dedicar-se aos jardins a tempo inteiro. Trabalhava mais horas do que antes, por vezes desde a aurora até depois de escurecer, e chegava a casa suado, sujo, exausto e sem nunca se livrar do cheiro a jardim, nem mesmo depois de tomar um duche. Deixava-se cair no sofá comigo e ali ficávamos com o nosso chili com carne e cervejas, a assistir a programas como *I'm a Celebrity* ou *Bake Off*, fazendo comentários ocasionais acerca dos concorrentes ou da chuva lá fora, que caía de lado. Não eram verdadeiras conversas, apenas o bastante para nos fazermos companhia. Eu adorava essas noites e percebia que ele também.

Certa vez, eu estava deitada com as pernas por cima dele, a televisão estava ligada e olhei para ele, detetando-lhe uma expressão ligeiramente estonteada. Perguntei-lhe:

– Em que estás a pensar?

Ele sorriu e disse:

– Nunca me pergunte isso. A vida é melhor quando não temos de a explicar.

Absolutamente de acordo, beijei-o, pensando apenas por um segundo no meu dossiê e no seu horrível catálogo de segredos; e apenas por um segundo na Tilda e na sua carreira extraordinária em Hollywood. *Isso acaba aqui*, pensei. *Esta agora é a minha vida.*

Tudo mudou, por causa do corpo de uma rapariga a flutuar, de barriga para baixo, numa piscina da Califórnia. A imagem está tão nítida na minha cabeça. Vejo aqueles braços finos esticados, aqueles dedos afastados; e aquela pele branca inchada a ganhar um tom azul-acinzentado. Também vejo o cabelo comprido a espriar-se como um halo distorcido, a significar algo que não sou capaz de descrever. Algo tóxico. Está a usar o vestido dourado diáfano, aquele com as tiras delicadas que se entrecruzam pelas costas abaixo. É o vestido que experimentei naquele dia no apartamento da Curzon Street, o que despi tão depressa que rasguei a costura. Estará rasgado agora que envolve o seu corpo sem vida e que se enrola nas suas pernas magras?

Quando o Felix morreu, o gerente do hotel disse que se tinha lembrado do quadro que representava a morte de Thomas Chatterton; agora eu penso noutra pintura – a de Ofélia, um belo corpo flutuante, acariciado pela suavidade do seu vestido, parecendo poder estar a infundir-se suavemente. Porém, esta Ofélia está invertida, de olhos brancos a fitarem o fundo da piscina. Tudo o que vejo é a sua nuca, o cabelo radiante, e pergunto-me pelos seus últimos pensamentos. Estaria pesarosa, ou arrependida? Já se passaram duas semanas, mas ainda não parei de pensar na cena, a dar-lhe voltas na mente, a tentar encontrar-lhe sentido.

Vou encostada ao espaldar do banco traseiro do carro que me leva do aeroporto de Los Angeles para a moradia da Tilda nas colinas de Hollywood – para aquele sítio malfadado, aquela piscina. É a primeira vez que visito a América, mas custa-me ter alguma curiosidade em relação ao que me rodeia. A estrada começa a serpentear e a subir e eu tenho uma vaga noção do céu nevoento, da vegetação estranha e cerosa, dos edifícios baixos e caiados afastados da estrada. É apenas um cenário desconhecido para a triste missão que tenho aqui.

– Veio de férias? – pergunta o taxista.

– Não... nada disso. – Ele não me ouve e, seja como for, a minha mente

não está aqui: estou a pensar no dossiê e na parte que escrevi depois das minhas visitas ao Liam e à Felicity Shore.

Antes de deixar Londres, abri-o e reli aquelas palavras finais uma última vez. Queria ter todos os detalhes frescos na mente quando chegasse à América. É claro que trouxe o portátil. Está na mala da abelha, no meu colo, que seguro com força, agarrando-me às minhas palavras pavorosas, à verdade desprezível que pus numa carta que nunca foi enviada.

Querida Tilda,

Sei agora que a conheceste na escola de artes dramáticas – «a rapariga dos teus sonhos», a jovem que é a Scarlet, a Charlotte ou a Lottie. E faziam um casal tão bonito; a tua beleza esguia, a sua intensidade morena. Imagino que na altura *vocês* é que eram as irmãs, as gémeas. Mas depois a Charlotte fracassou como atriz e modelo, enquanto tu ias conseguindo papéis decentes e foste incrível em *Rebeca*. Tinhas o início da carreira cintilante que tanto desejavas, enquanto ela estava atolada em Manchester com o horrível e sádico Luke, conseguindo por vezes um papel numa produção teatral de somenos. O que lhe prometeste, Tilda? Uma vida em conjunto em Los Angeles, onde ela poderia começar do zero?

Mas estou a precipitar-me. Quero voltar ao início – e àquela noite em que me convidaste para ir ao apartamento da Curzon Street e conhecer o Felix. Lembro-me de que, ao saíres de minha casa, me perguntaste: «Como é que aguentas? Aqueles dedos partidos todos a baterem-te no vidro.» Devia ter percebido que não estavas realmente a falar dos galhos que me tocavam nas janelas, estavas a pensar nas dúvidas dolorosas que tinhas em relação a ti mesma, nas agulhas que te picavam o cérebro. Mas, nessa altura, eu não estava a pensar suficientemente a fundo, não como agora, e lá cheguei à Curzon Street, animada e contente, com a minha garrafa de *Strongbow* – notando que o Felix estava ao comando de tudo: do vinho, da cozinha. Mas enganei-me. Percebo isso. Tu é que estavas ao comando – fazendo-nos ver *O Desconhecido do Norte-Expresso...* o filme que foi uma inspiração não apenas para a tua representação mas também para um caminho de vida que tinhas sonhado, um caminho que me envolvia a mim e à Charlotte, e que implicava a morte do Felix.

Deves ter-te sentido orgulhosa, satisfeita contigo mesma, deitada no sofá a observar os inocentes que aceitavam tudo sem imaginar segundas intenções. Lembras-te de que falámos de o Hitchcock pôr as pessoas boas à direita no ecrã, as personagens cruéis à esquerda? E explicaste que isso fazia de ti cruel, devido ao sítio onde estavas sentada. Nós achámos graça à tua piada, mas na verdade estavas a rir-te de nós, da nossa credulidade. E quando o Felix disse que estava «no meio», pelo que tanto podia «ser uma coisa como outra», deves ter pensado: *Ele não faz ideia! Vou assegurar-me de que só vai ser uma coisa!* E, desse dia em diante, foi exatamente isso que fizeste – dedicaste-te a fazê-lo parecer perigoso, sinistro, uma ameaça à tua vida. Apercebo-me agora de que a única vez que, de facto, vi o Felix parecer ser nocivo foi naquele dia no rio, quando te manteve debaixo de água. Quanto tempo terás ficado submersa, pergunto-me. Terá sido o suficiente para o estado em que te encontravas quando vieste à tona? Estavas a arfar, e lassa, e afundaste-te nos braços dele como se estivesses a sucumbir. Mas, Tilda, estavas a representar, não estavas? É isso que eu acho agora. E tenho de reconhecer que tens talento – és uma verdadeira profissional.

A partir daí, tudo se resumiu às nódoas negras nos teus braços, aquelas pintas pequenas. Não

apenas o facto de existirem, mas a forma como exacerbaste o drama, correndo para a casa de banho quando te puxei a manga da camisa, saindo de lá como que em transe, como se estivesse a disfarçar uma profunda angústia. E reconheço agora, Tilda, que sempre foste capaz de medidas desesperadas quando tinhas uma missão, que tens um longo historial de comportamento extremo. O Liam fez-me perceber a verdade acerca da tua automutilação na escola – que o fazias para ganhares a admiração dos teus amigos, para expores a alma perturbada a uma audiência. És uma narcisista – ocultas o autodesprezo com uma exibição frágil e vazia de como és especial, mais profunda do que o resto de nós, em termos emocionais, até espirituais. Bem, isso é uma treta. É o que é. Só patranhas. Estou zangada comigo mesma por ter caído por completo na tua mentira, só de pensar nas vezes que me passei e zanguiei com o Felix, chegando até a atacá-lo com uma faca. Não admira que, no final, ele quisesse manter-me à distância.

Percebo agora que todo o teu comportamento é um embuste. Estás incessantemente a representar. Daquela vez que saíste de casa para comprar cigarros e eu te surpreendi com um toque no ombro. Sobressaltaste-te como se tivesses sido picada por uma vespa, e começaste logo a representar. Parecias tão arrasada, distraída, angustiada – era difícil ter a tua atenção para coisas corriqueiras, e eu culpei o Felix. Sempre o Felix. Não vi o artifício, nem por um momento. E tenho de me perguntar porquê. Eras tu, em parte, e a tua arte, executada com tamanha excelência; mas sobretudo era eu. Eu tinha acreditado na tua narrativa, fraca e ingenuamente, e estava à procura de indícios que a corroborassem. Vivía para isso. Tinha o coração aberto. E, sempre que encontrava algo, sentia-me de alguma forma justificada e motivada para te salvar.

Que afortunado que o Felix tivesse um distúrbio obsessivo-compulsivo, categorizando as suas camisas em caixas brancas, arrumando a loiça e os talheres com tanta perfeição, envolvendo tudo com película aderente. Em tempos, eu poderia ter visto tudo isso e pensado: *Que excêntrico!* Até podia tê-lo achado comovente. Mas, guiada por ti, os hábitos peculiares do Felix tornaram-se sinistros – a tua mensagem era sempre a mesma. *Vê como ele é esquisito. Vê como me controla.* Acrescentaste violência à história e eu fiquei viciada.

Até acho o seguinte – que, quando foste a França e eu te pedi para ficar em tua casa, plantaste a *pen* na fronha precisamente para que eu a encontrasse. Saberias que iria encontrá-la, por causa dos jogos mentais da nossa infância e do teu historial de esconderes coisas em fronhas. E o que descobri? Um relato da tua estranha relação psicosssexual com o Felix, de te renderes ao seu controlo, emocional e fisicamente. De sexo violento. Mas nada disso aconteceu, pois não, Tilda? Estavas a inventar só para mim. A divertir-te. Ele nunca te atirou com um vaso roxo à cabeça. Fabricaste essa história, juntamente com o espelho partido, os milhares de estilhaços. Apercebi-me disto quando falei com a Francesca Moroni, que me disse que o Felix nunca tinha sido violento, e eu acreditei nela. Por isso, querida irmã, cometeste um erro estúpido. Estavas a contar que eu fosse intrometida, que desse a volta ao teu apartamento e encontrasse a *pen*. Mas foi a minha intromissão que me fez ir mais além – procurando a ex do Felix, fazendo-lhe perguntas embaraçosas, o tipo de perguntas que a maioria das pessoas nunca faz. Presumo que fosse possível que ele se tivesse tornado violento apenas depois de te conhecer – mas, pensando bem nisso... não é lá muito provável, pois não?

Tem graça – cheguei à verdade percebendo que eu é que era a obsessiva, bem mais do que o Felix. Quando comia as tuas coisas, era porque sentia uma compulsão não apenas de ser parte de ti, de ser sintetizada contigo, mas também, paradoxalmente, para resistir a ser dominada por ti. Era lógico, pelo menos de acordo com a minha perspetiva – o meu ato de te devorar o cabelo e os dentes demonstrava que me pertencias tanto quanto eu a ti. Hoje em dia substituí o impulso de comer pedaços de ti com a obsessão de te *compreender*. Nunca serei capaz de o fazer

completamente. Brilhas demasiado, e encandeias-me, pelo que nunca consigo ver o que te vai na cabeça. Sei disso e, no entanto, não deixo de tentar – e talvez consegui-lo não importe; talvez a indagação baste, porque me ensinou um facto crucial: que és malévola. Sei o que fizeste, Tilda – e sei como o fizeste.

O táxi contorna uma curva íngreme à sombra e encosta junto a uma parede branca, num espaço ainda iluminado pelo sol rosado do final do dia. Vejo um portão de metal, um teclado de segurança e o número da casa: 1708. O taxista resmunga-me o valor e, depois de eu pagar, vai-se embora sem se despedir – deixando-me na estrada, de parca ao braço e com a mala a pesar-me. Sou uma refugiada de um sítio invernal, desconcertada pela luz do sol e por um inseto estrangeiro qualquer que emite um som agudo e raspado.

À campainha responde um homem com um sotaque norte-americano familiar – como o do Felix, mas ligeiramente mais descontraído, num tom mais conciliatório.

– Lucas? O que estás aqui a fazer?

Ele abre-me o portão e eu puxo a mala por um caminho estreito de terracota com uma cobertura de folhagem densa que só oculta parcialmente a piscina, um vislumbre de azul à minha esquerda, um nível abaixo. Ao fundo do caminho está o Lucas, à entrada da casa, encostado à ombreira com um braço e com um ar estranhamente despreocupado. Traz vestida uma camisa de linho cor-de-rosa e, por um instante, julgo reconhecê-la como uma das do Felix, usada como ele nunca a usaria, ostensivamente desabotoada e desfraldada.

– Queria cumprimentar-te, cunhada – diz o Lucas. – Mas agora és a minha *antiga* cunhada?

– Oh, não sei. – Também não me importa, e largo a mala no chão. – Onde é que ela está?

– No piso de cima. Está a preparar-se, a pôr-se bonita, para a antestreia de um filme. Vai ser mais logo. Pediu-me para te mandar subir, mas não já, porque está a tomar um duche, por isso vem, vamos arranjar-te uma bebida. Deves estar arrasada. O que te apetece, Callie? Uma chávena de chá, ou um refrigerante de lima, um copo de vinho? Só temos espumante... a Tilda gosta.

Reparo no *só temos* – *nós*, como se ele estivesse a morar aqui. E no *a Tilda gosta*, como se ele conhecesse os hábitos dela. Aceito o espumante, numa tentativa de me acalmar os nervos, e sentamo-nos lado a lado num sofá baixo e mais ou menos quadrado, enquanto eu olho em volta, avaliando a nova casa da Tilda. É mais escura do que a da Curzon Street, com mosaicos escuros no chão, armários de madeira na cozinha, árvores e arbustos a avançar pelas portas de correr. Teria o Felix gostado? Não me parece. Não está propriamente atravancada, mas não tem linhas simples, e há almofadas, cortinas com festões, quadros de colinas e pores do sol nas paredes. Não tão loucos como os da nossa mãe, mas também não tão longe disso assim.

– Estavas cá quando aconteceu? – Mais vale ir direta ao assunto.

Pela sua atitude no sofá, percebo que não dá pela minha tensão. Acha que estou apenas curiosa.

– Sim, há umas semanas que estou cá... consegui um trabalho aqui. Outra casa.

– Parabéns.

– Por isso, sim, estava cá. Ela parecia boa rapariga. Um pouco intensa e temperamental, talvez, e calada. Mas, em termos gerais, boa pessoa.

Eu acho que «boa pessoa» é a pior forma possível de a descrever.

– Então o que é que aconteceu ao certo? Quero dizer, só sei que morreu na piscina. A Tilda mandou-me um *e-mail* sobre a histeria da comunicação social e isso, mas não sei pormenores.

– Oh, ok. Bem, ela apareceu aqui, a querer ficar, e acho que a Tilda não estava a contar com ela. Afinal, não se conheciam assim tão bem. Foram colegas na escola de artes dramáticas, segundo percebi, mas isso já foi há muito tempo. A Charlotte parecia pensar que ela e a Tilda tinham uma ligação especial qualquer, e que a Tilda ficaria encantada por a ter como hóspede; a Tilda não teve coragem de a mandar embora... e a Charlotte instalou-se. Até se tornou útil, suponho, indo às compras todas as manhãs, comprando comida, preparando as nossas refeições. E decidia que filmes é que víamos à noite. Achava que podia singrar aqui como atriz... como milhares de jovens antes dela, claro... mas parece-me que não entendia que ela e a Tilda pertenciam a ligas diferentes. A Tilda tem algo de especial. A Charlotte não tinha.

Estou a reparar nas diferenças entre o Lucas e o Felix. Ele pousou os pés

em cima da mesa de centro e está a beber o vinho demasiado depressa. E há algo na forma como fala da Tilda, um elemento de admiração e de súplica na sua voz, que me faz ver que ela o tem sob controlo, o que me leva a sentir pena dele.

– Então, naquela noite... – diz ele. – A Charlotte e a Tilda estavam na piscina. A Charlotte, lembro-me bem, estava a usar um vestido comprido da Tilda, uma coisa de seda dourada... tinha uma costura rasgada, a Tilda disse que já não o queria e que a Charlotte podia ficar com ele. Tinham estado a beber, a Charlotte tinha snifado coca e estavam a nadar. É uma combinação celebrenemente letal, claro. E puseram-se a nadar vestidas, o que, na altura, lhes pareceu divertido. Uma loucura, no bom sentido. Eu estava aqui na casa, a preparar o jantar, para variar. De qualquer maneira, a Tilda veio da piscina, ensopada, com a saia a pingar e a deixar pegadas nos mosaicos. Subiu as escadas para tomar um duche, voltou a descer e ficou surpreendida por a Charlotte não ter aparecido. Fomos à varanda chamá-la, mas ela não veio, por isso fomos juntos até à piscina, eu e a Tilda, e lá estava ela, a flutuar de barriga para baixo, com o cabelo preto espalhado à sua volta e o vestido emaranhado nas pernas. Entrei como que em modo de emergência, saltei para a piscina e, juntos, puxámo-la para fora...

Ficamos sentados em silêncio e eu pousei também os pés na mesa de centro, perto dos dele. Ouço a minha irmã no piso de cima, o baque de uma porta a fechar, uma cadeira a ser arrastada, e pergunto:

– Culpas a Tilda?

Ele demora um pouco a responder.

– Não, de todo. Porque haveria de a culpar?

É nesse momento que ela me chama:

– Sobe, Callie!

A sua voz soa demasiado ligeira, demasiado fresca. Por isso, deixo o Lucas no sofá e subo as escadas, encontrando a Tilda à minha espera, à porta de um quarto, iluminada por uma claridade rosada que vem da porta aberta mais atrás, que dá para uma varanda. Ela está a usar um robe fino de algodão branco sobre o corpo nu e tem os pés descalços. O seu longo cabelo louro, acabado de secar, cintila nas pontas, tal como partículas mínimas de pó no ar. Tem uma expressão doce, uma espécie de desconcerto terno.

– Eu disse-te que não viesses, maninha. Há demasiadas coisas a acontecer e teria sido melhor esperares... Tem sido difícil...

Puxa-me para si e beija-me a face, não da sua forma habitual e corrida, mas fazendo pressão, demorando-se, como se tivesse sentido a minha falta, o que me deixa sem saber se hei de sentir-me prezada ou usada.

Seja como for, não quero afastar-me. Ela cheira a gerânios e laranja, que presumo que seja o aroma do seu gel de duche ou champô, e eu encosto a cara ao pescoço dela para o inspirar mais, enquanto a abraço e digo:

– Mal dormi... Isso faz-me sentir esquisita, como se não fosses a sério, como se esta casa não fosse real.

– Los Angeles é um bocado assim... um mundo de fantasia.

– Não é a isso que me refiro... Acho que é mais uma questão de tu seres uma personagem inventada por ti mesma aqui, num ambiente artificial. – Algo que eu nunca poderia ter dito antes de o Liam o ter dito em voz alta e revelado como era verdade.

Olho em redor, vejo o seu quarto de madeira escura, a mesa com maquilhagem dela por cima, batons, rímeis e bases descuidadamente espalhadas, sem tampa; olho para a cama, que é estranhamente baixa, com as cobertas atiradas para trás, os lençóis e as almofadas marcadas; as portas de vidro abertas, a varanda, por onde apenas se vê folhagem profunda e cerosa e uma nesga mínima da piscina.

– Tens graça, Callie... – diz ela. – Se estás assim tão cansada, que tal deitares-te na cama? Eu até posso fazer-te companhia...tenho tempo antes de o pessoal do cabelo e da maquilhagem chegar, mais vale descansar.

Desata o cinto do robe, deixa-o cair no chão e eu fico a fitar-lhe o corpo nu, dando por mim cheia de vergonha, mas incapaz de desviar o olhar. Para além de um relance rápido naquele dia no Tamisa, não a via sem roupa desde que éramos crianças, desde que éramos pré-pubescentes e partilhávamos o banho da noite, e não consigo falar enquanto ela atravessa o quarto na direção da cama; reparo em tudo nela como se pela primeira vez: as ancas estreitas salientes, a curva suave dos seus seios, a pele depilada entre as pernas. É demasiado para assimilar, mas quero tocar-lhe na pele branca, tão branca – já sem pequenas marcas, apenas algumas sardas agrupadas aqui e ali e o sinal no ombro.

Ela mete-se na cama, puxa o lençol para cima e eu descalço-me, dispo as calças de ganga e junto-me a ela.

– Posso abraçar-te?

– Claro.

Ela abre os braços e eu aproximo-me, encostando a cabeça no seu ombro, praticamente no peito, e, por uns escassos segundos felizes, fecho os olhos e imagino como seria a vida se a minha irmã fosse uma pessoa inocente. Remexo-me até ficar confortável, passo um braço por baixo das suas costas, o outro por cima da barriga, entrelaço as pernas nas dela, até nos tornarmos um ser amorfo e a Tilda dizer:

– Somos como crias selvagens.

– Eu sei tudo.

Acaricio-lhe a barriga com o dedo e depois a anca ossuda.

– A sério? – Lá está aquela atitude terna. – Isso é bom. Tu és eu e eu sou tu... por isso acho que é importante que saibas.

– Nem sempre pensaste assim...

– Não... mas nessa altura não tinha noção de como iam correr bem os meus planos.

– Tiveste sorte.

– Sou uma pessoa com sorte, Callie.

– É assim que eu vejo a coisa... – Subo a mão pelo seu corpo, acariciando-lhe o seio de lado e depois afagando-lhe o rosto e o cabelo. – Tiraste a ideia de *O Desconhecido do Norte-Expresso*... a ideia de trocar assassínios. Se conseguisses que alguém te matasse o Felix, matarias em troca...

Ela ri-se delicadamente, uma risada mínima e cintilante.

– E porque haveria eu de fazer tal coisa? Porque queria o Felix morto? O meu querido menino.

– Oh, tu nunca amaste o Felix. Querias o dinheiro dele... a tua carreira estava a afundar-se... a Felicity Shore contou-me... andavas a portar-te mal em Londres, como uma *prima donna*, a perder papéis, e estavas desesperada por um novo começo aqui em Los Angeles. Por isso, casaste-te com o Felix, asseguraste-te de que herdavas o dinheiro...

– Estou orgulhosa de ti, sabes? Sempre estive, na verdade. Vês coisas que os outros não veem. É a tua sensibilidade...

Beija-me o cocuruto e afasta-me o cabelo da cara, com um gesto quase brusco.

– Mas não te importaste de me usar, pois não? – pergunto. – És implacável, Tilda... quando te farei do *homenscontroladores.com*, viste como podias enredar-me... disseste à Charlotte que criasse uma conta e se tornasse minha amiga, que me levasse cada vez mais longe na minha

obsessão com homens perigosos e mulheres vulneráveis. Assim, eu ia calar-me acerca da morte do Felix... e tu achavas que seria persuadida a matar o Luke pela Charlotte. Estavas a delegar a tua parte do acordo na estúpida da tua irmã.

– Oh, essa parte não percebeste bem. – Já está a sussurrar. – A Charlotte era praticamente psicopata... Estava desejosa de matar, achava que isso era excitante... Por isso, eu sabia que, se tu não concretizasses o assassinio do Luke, ela própria o faria. Não havia qualquer motivo real para o Luke morrer, sabes, para além de a Charlotte estar convencida de que, se ambas estivéssemos de luto e a partilhar um segredo letal, ficaríamos unidas de vez. Ambas teríamos carreiras espetaculares, partilharíamos o sucesso. Era o que ela queria. Ela era uma tola, Callie.

Recuo para poder ver-lhe a cara e ela fita-me com um sorriso dulcíssimo.

– A Charlotte falou-te da Belle, contou-te que era enfermeira – digo –, e tu tiveste a ideia das injeções.

– Sou tão esperta, não achas?

– Depois apresentaste a Charlotte ao Felix... disseste-lhe que era uma profissional de saúde que podia administrar-vos as injeções de vitaminas. E depois? Ela foi umas quantas vezes ao apartamento da Curzon Street... imagino-a de bata branca de algodão e com o cabelo apanhado num rabo de cavalo, com um ar muito profissional... e vocês os dois tomavam injeções inócuas, não importava o que continham... Estavas só a habituar o Felix à ideia de que a Charlotte estava autorizada a injetá-lo. E quando ele disse que ia ter uma conferência naquele hotel, aproveitaste a oportunidade. Disseste-lhe que a Charlotte estava por perto, que ela podia passar por lá para lhe dar a injeção, que seria bom para ele, que o manteria em grande forma.

– Tens razão. Até usei esse cliché: *Vais manter-te em grande forma, querido*.

Deito a cabeça na almofada para ficarmos voltadas uma para a outra, tão perto que os nossos lábios quase se tocam, as nossas pestanas quase roçam umas nas outras.

– Foi tudo tão perfeito – diz ela. – Quando o Felix morreu, a Polícia não suspeitou de nada. Aquela estúpida da Melody Sykes telefonou-me e perguntou-me pelas marcas da injeção e eu disse-lhe: vitaminas, ambos tomávamos injeções de vitaminas. E ela aceitou... eu mal conseguia acreditar. E depois revelou-se que o Felix até *tinha* um problema cardíaco

qualquer. A Sykes disse-me que determinam a causa da morte fazendo um cálculo das probabilidades... nada mais. Isso pareceu-me absolutamente hilariante.

Recordo-a a representar o papel da viúva chorosa, a pele acinzentada pelo sofrimento, praticamente incapaz de se levantar, com dificuldade em articular palavras. Lembro-me da sua postura no funeral, a noiva melancólica, de mágoa insuportável. A Tilda é uma atriz genial, tenho de lhe conceder isso.

Agora estamos tão próximas que lhe sinto a respiração na cara e apercebo-me de que este momento é raro, especial, porque, por uma vez, não está a representar, está a ser sincera.

– É um alívio tão grande – diz –, estar contigo... Podia adormecer nos teus braços, tão descontraída e feliz me sinto.

Mas eu não vou deixá-la escapar-se assim e pergunto:

– O que aconteceu com a Charlotte? Mantiveste-a debaixo de água... foi difícil?

Ela beija-me os lábios e sussurra:

– Foi tão, tão fácil, Callie... Ela estava passada, drogada e bêbeda, e acho que queria que eu o fizesse. No fundo, sabia que não podíamos ficar juntas, que ela seria sempre inferior... que ia sempre sentir-se amargurada, até traída. E eu não a queria por perto, a recordar-me do nosso segredinho sórdido.

Aproximo-me mais ainda, apertando-a com tanta força que ela arqueja, e depois solto-a e deito-me de barriga para cima, a fitar o teto enquanto penso no que fazer.

– Então e eu? – Não olho para ela ao falar. – Não te recordo do teu segredo? Não ficas ressentida comigo por causa disso?

– Não, maninha. É claro que não. Tu és uma extensão de mim... sabes disso.

– Estou a pensar se hei de ir à Polícia. Se telefonasse à Melody Sykes e lhe contasse tudo, todos os pormenores... ela teria de acreditar em mim.

– A sério? Achas? – Está a sair da cama e a avançar para as portas abertas, dizendo: – Vê só isto... isto vai dizer-te o que precisas de saber.

Ela não pega no que quer que seja para se tapar e avança para o exterior, para a varanda. Já escureceu, só há uma luz ténue, prateada e artificial, que deve vir de um candeeiro no jardim. Também saio da cama, atrás dela. Ao

canto um poste fino liga a lateral da varanda a um telheiro – e a Tilda sobe para uma cadeira, agarra o poste e põe-se em cima da amurada metálica que contorna a varanda. Segurando-se com uma mão, balança-se para fora, em direção às árvores negras e à folhagem, e fica ali num equilíbrio precário. Automaticamente, dou um passo em frente para olhar para baixo e vejo que a queda seria longa, que há betão lá em baixo e nada para amparar uma queda.

– Preferia que me empurrasses – diz ela –, em vez de ires à Polícia. Como vês, não tenho medo... fico excitada quando penso na morte... *gosto* realmente de flirter com a morte, como te disse na *pen*... Essa parte era verdadeira.

Ela agora está a baloiçar-se para a frente e para trás, imprudentemente, parecendo não se importar que basta escorregar um pouco para morrer.

Não me sinto alarmada enquanto observo os seus movimentos tresloucados, o seu corpo branco a abanar; pelo contrário, sinto-me reconfortada. Esta é a Tilda que eu reconheço, tão profundamente como reconheço a noite, relva ou o céu, algo que me faria morrer se me fosse tirado. Esta é a rapariga impulsiva e louca que é capaz de nos fascinar quando quer, que passa do etéreo para o intenso num segundo, que julga ter um direito divino a ser uma estrela.

Ela ri-se enquanto regressa à segurança da varanda, desce para a cadeira e para o chão, e diz-me:

– Bom, já chega! Acho que percebes a ideia... Agora, vai-te embora, Callie. A maquilhadora deve estar a chegar. Vai lá conversar com o Lucas.
– Pega no seu robe de algodão, tapa-se e repete: – Vai!

Por isso, assim faço. Deixo-a sozinha para que possa pavonear-se e embelezar-se, criar a personagem que tanto admira.

Estou na rua, esmagada no meio de uma multidão, a esforçar-me por ver as estrelas que avançam pela passadeira vermelha e posam para as câmaras, iluminadas e santificadas por *flashes* brancos. Poses dominadas, olhos brilhantes, um menear do cabelo e um olhar para trás, uma e outra vez, um desfile de deusas em vestidos diáfanos e sapatos impossíveis. A Tilda aparece e, como os restantes, tem aquele sorriso cheio de si, sempre para as câmaras, mal dando pelos fãs apinhados atrás da barreira metálica, os civis desprezíveis.

– É a Tilda Farrow – diz a mulher obesa a meu lado, cujo hálito cheira a pastilha elástica. – Apareceu nos jornais... uma rapariga qualquer morreu na casa dela, e ela agora vai ter um grande papel num filme chamado *O Estranho...*

A Tilda não me tinha contado, mas não me surpreende. É claro que o seu sonho se tornou realidade. Era inevitável, suponho, por causa da sua determinação, da sua força. Ponho-me em bicos de pés, para ver melhor, na esperança de que ela me veja. Mas não o faz, está concentrada a dar uma entrevista a um homem de *smoking* e microfone. Não a ouço, mas imagino o que estará a dizer: «Sim, estou entusiasmada com este novo papel. É desafiante, vou trabalhar com gente incrível.» Todos os lugares comuns da sua profissão declamados com à-vontade e ensimesmamento. Depois vira-se para entrar no edifício e só então reparo que está a usar o vestido dourado com as tiras entrecruzadas a descerem-lhe pelas costas. Resgatou-o da piscina e mandou arranjar a costura.

Viro as costas à cena revoltante e volto para trás por entre a multidão. Vou para casa, para Inglaterra, para o Wilf e os jardins, para a nossa mãe e os seus quadros maus, para a Daphne e Willesden Green, até para o Liam. Agora que o encontrei, não vou perdê-lo. Planeio viver a vida que a minha irmã imaginou para mim há tantos anos, lá em Gravesend, quando identificou a minha «vocaçào». Um dia estarei numa casa com um bom homem, que talvez seja o Wilf, com filhos e cães, e entregar-me-ei a coisas

comuns, a amores quotidianos.

Mas sei – como poderia não saber? – que sou guardiã de um segredo que coloca o pecado no meu cerne, que estou maculada para sempre. Terei de viver com isso, porque não vou trair a minha irmã. Matá-la-ia se o fizesse; ela cairia daquela varanda, encenaria uma bela morte. Não posso permiti-lo. Em vez disso, escolho acreditar que já fez o mal que tinha a fazer; que agora seguirá em frente. Descartará o Lucas, claro – é uma muleta temporária – e, graças ao dinheiro do Felix, tornar-se-á uma estrela de cinema, sobrevivendo com o meu silêncio, com a ausência de uma vida normal, ansiando incessantemente pela adoração que a sustenta nas trevas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha editora genial, Lisa Milton, e à fabulosa revisora de texto, Sally Williamson, pelas suas contribuições editoriais perspicazes. E também ao revisor de *Corpos Perfeitos*, Jamie Groves, pelo seu toque leve e pelos comentários irônicos. Como sempre, gostaria de agradecer à minha agente, Natasha Fairweather, pela sua sabedoria e orientação, a Lucy Kellaway pelo encorajamento e conselhos, e a Kate Wilkinson pelos muitos ajustes editoriais vitais. As outras Wilkinson e Molly Robins, acompanhadas de copos de *prosecco*, ajudaram-me a escolher um título e a rejeitar vários outros, incluindo O Comboio na Rapariga, Não Devia Ser e O Que Eu Não Sabia; Agnes Makar foi uma assistente pessoal e uma leitora de primeira categoria; o Dr. Stuart Hamilton deu-me conselhos preciosos sobre problemas cardíacos e patologia forense; e Paula Southern e Andy Banks permitiram-me, mais uma vez, que escrevesse na sua sala com uma vista espantosa. Este é o meu primeiro romance, e eu não poderia ter feito a transição da não-ficção sem uma bolsa atribuída pelo Royal Literary Fund. Em casa, onde a maior parte do romance foi escrita, Tom McMahon ajudou-me a continuar, com o seu amor, inteligência, humor e amabilidade.